



TRAVESSIA

"Crossed"

ALLY CONDIE





TRAVESSIA

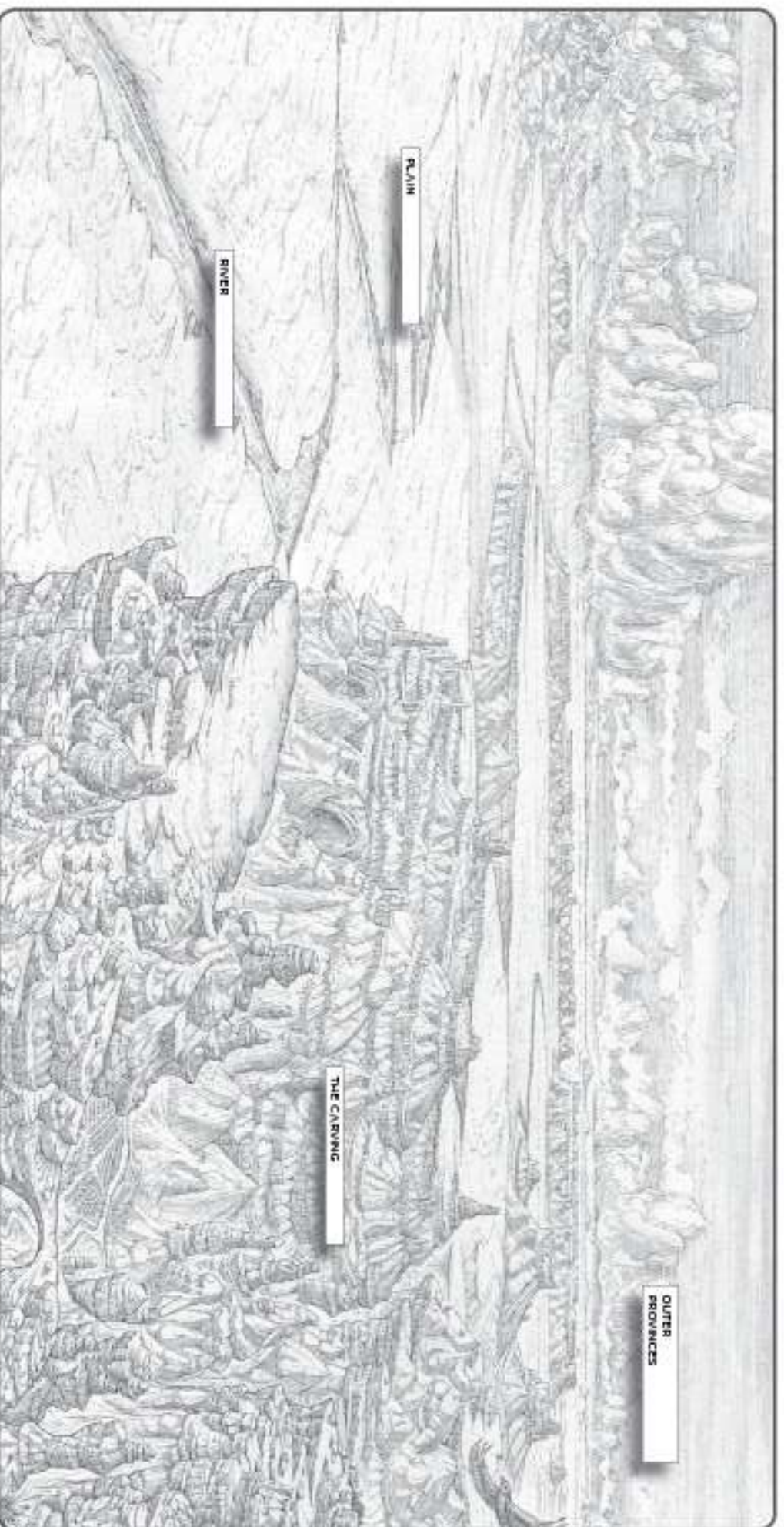


ALEM DA SOCIEDADE

ALLY CONDIE



BACK TO THE SOCIETY



TO THE RISING

BEYOND THE SOCIETY



Capítulo 1

ky

ESTOU DE PÉ DENTRO DE UM RIO. ELE É AZUL. Azul-escuro. Refletindo a cor do céu noturno.

Eu não me movo, O rio, sim. A água empurra meu corpo e passa sibilando entre o capim na beira do rio.

— Saíam daí — diz o Oficial. De sua posição na margem ele aponta a lanterna para nós.

— Você disse pra colocar o corpo na água — respondo, preferindo fingir que não entendi a ordem do Oficial.

— Eu não disse que você precisava entrar na água — o Oficial retruca.

— Deixem o corpo aí e saíam. E tragam o casaco dele. Ele não vai precisar disso agora.

Eu olho de relance para Vick, que está me ajudando a carregar o corpo. Vick não entra na água. Ele não é daqui, mas todo mundo no campo de trabalho conhece os boatos sobre os rios envenenados nas Províncias Exteriores.

— Tá tudo bem — digo baixinho para Vick. — Os Oficiais e Funcionários querem que a gente sinta medo deste rio, de todos os rios, porque assim a gente nunca vai tentar beber a água deles e muito menos tentar atravessá-los.

— Você não quer uma amostra de tecido? — pergunto com um berro para o Oficial parado na margem do rio, enquanto Vick hesita. A água gelada bate nos meus joelhos e a cabeça do menino morto pende para trás, os olhos abertos encarando o céu. Os mortos não veem, mas eu vejo.

Vejo coisas demais. Sempre vi. Na minha mente palavras e imagens se conectam de maneiras estranhas, e onde quer que esteja eu reparo em

detalhes. Como agora. Vick não é nenhum covarde, mas o medo cobre seu rosto. Nos braços moles do menino morto as mangas do casaco estão esfiapadas, e alguns fios roçam a água. Seus tornozelos magros e pés descalços brilham pálidos nas mãos de Vick à medida que ele se aproxima da margem. O Oficial já nos tinha feito tirar as botas do corpo. Agora ele as balança pelos cadarços, um pêndulo negro marcando o tempo. Com a outra mão ele aponta o facho arredondado da lanterna bem nos meus olhos.

Eu jogo o casaco para o Oficial. Ele é obrigado a soltar as botas para pegá-lo.

— Pode deixar — aviso a Vick. — Não está pesado. Eu dou conta sozinho.

Mas Vick entra na água também. Agora as pernas do menino morto estão molhadas e suas roupas comuns pretas estão encharcadas.

— O Banquete Final não foi grande coisa — Vick comenta em voz alta para o Oficial. Há ódio em sua voz. — Foi ele quem escolheu o jantar? Se foi, ele merece mesmo estar morto.

Já faz tanto tempo desde a última vez em que me permiti sentir raiva que simplesmente não consigo mais. Ela reveste a minha boca e eu a engulo, o gosto é cortante e metálico, como se eu estivesse mastigando uma chapa de alumínio. Esse menino morreu por causa de um erro de julgamento dos Oficiais. Eles não lhe deram água suficiente, e agora ele está morto antes do que devia.

Precisamos esconder o corpo porque ninguém deveria morrer nesse campo de trabalho. Deveríamos esperar que nos mandassem para os vilarejos, para que lá o Inimigo tomasse conta de nós. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa forma.

A Sociedade quer que a gente tenha medo de morrer. Mas eu não tenho medo. Meu único medo é morrer da maneira errada.

— É assim que termina a vida das Aberrações diz o Oficial, em tom impaciente. Ele dá um passo na nossa direção. — Vocês sabem disso. Nada de última refeição. Nem de últimas palavras. Soltem-no e saiam.

É assim que termina a vida das Aberrações. Olho para baixo e vejo que a água ficou tão negra quanto o céu. Mas não solto o corpo de imediato.

Cidadãos terminam com banquetes. Últimas palavras. Armazenamento de amostras de tecido, para que eles tenham a chance da imortalidade.

Nada posso fazer sobre a comida ou a amostra de tecido, mas tenho palavras. Elas estão sempre passando na minha mente, junto com as imagens e os números.

Então eu sussurro algumas, que me parecem apropriadas para o rio e a morte:

“E do nosso riacho de Tempo e Lugar

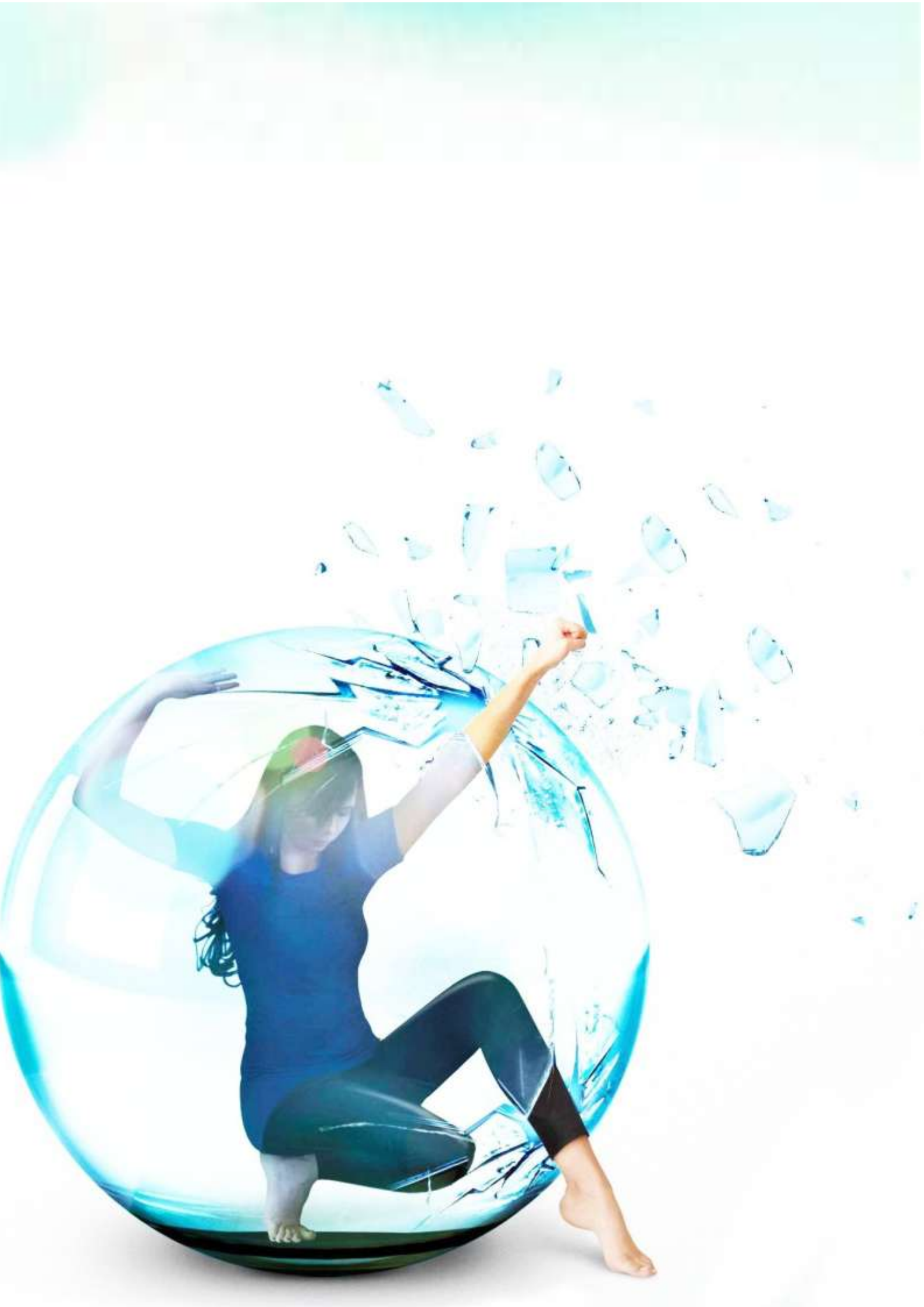
A torrente pode me levar para longe, mar afora,

Mas espero ver meu Piloto cara a cara

Quando a margem eu cruzar.”

Vick olha para mim, surpreso.

— Solte — eu digo a ele, e nós dois largamos o corpo ao mesmo tempo.



Capítulo 2

Cassia

A TERRA FAZ PARTE DE MIM. A água quente da pia escorre pelas minhas mãos e elas ficam vermelhas, o que me faz pensar em Ky. Minhas mãos agora estão um pouco parecidas com as dele.

É claro que quase tudo me faz pensar em Ky.

Com um sabonete da cor deste mês de novembro, esfrego meus dedos uma última vez. Em certo sentido eu gosto da terra. Ela penetra em todas as dobras e poros da minha pele, desenhando um mapa na palma das minhas mãos. Uma vez, quando eu estava muito cansada, olhei para a cartografia da minha pele e imaginei que ela podia me mostrar como chegar até Ky.

Ky se foi.

Tudo isto aqui — províncias distantes, campo de trabalho, mãos sujas, corpo cansado, mente dolorida — é porque Ky se foi e porque eu quero encontrá-lo. E é estranho que a ausência seja tão parecida com a presença. Uma ausência tão completa que, se deixasse de existir, eu constataria, perplexa, que o quarto está vazio afinal de contas, quando antes havia pelo menos alguma coisa — se não ele próprio.

Eu viro as costas para me afastar da pia e olho de relance para o nosso dormitório. As pequenas janelas no teto estão escuras, pois a noite já caiu. É a última noite antes da transferência; minha próxima incumbência será a última. Depois disso, já fui informada, serei encaminhada para a Central, a maior cidade da Sociedade, para realizar minha última tarefa em um dos centros de classificação de lá. Um cargo de verdade, não esse trabalho braçal, esse constante escavar da terra. Por três meses minha missão de trabalho me levou a diversos campos, mas até agora todos na Província de Tana. Eu tinha esperança de conseguir, de alguma forma, chegar às Províncias Exteriores, mas não estou mais perto de encontrar Ky do que estava quando comecei a procurá-lo.

Se vou mesmo fugir para encontrar Ky, tem de ser logo.

Indie, uma das outras meninas do dormitório, me dá um encontrão e passa por mim a caminho da pia.

— Você deixou alguma água quente pro resto de nós? — ela pergunta.

— Deixei — respondo. Ela resmunga alguma coisa quase inaudível enquanto abre a torneira e pega o sabonete. Algumas meninas estão de pé, em fila, atrás dela. Outras estão sentadas, cheias de expectativa, na beira dos beliches que lotam o dormitório.

É o sétimo dia, o dia em que chegam as mensagens.

Cuidadosamente eu desamarro o saquinho do meu cinto. Todas nós temos um desses saquinhos, que devemos carregar o tempo todo. O saco é cheio de mensagens; como a maioria das outras meninas, eu guardo os papéis até que fiquem ilegíveis. Eles são como as frágeis pétalas das rosas novas que Xander me deu quando deixei o Bairro, e que também guardei.

Enquanto espero, leio as mensagens antigas. As outras meninas fazem o mesmo.

Não demora muito para que os papéis fiquem amarelados nas bordas e comecem a se desintegrar — o papel deteriora rápido de propósito, para que as palavras sejam consumidas e finalmente desapareçam. A última mensagem de Bram me informa que ele está trabalhando com afinco nos campos e é um aluno exemplar, que jamais se atrasa para as aulas. Isso me faz rir, porque sei que ele está floreando a verdade e aumentando um pouco as coisas, pelo menos nesse último ponto. As palavras de Bram também me deixam com lágrimas nos olhos — ele diz que viu o microcartão do Vovô, o que estava na caixa dourada durante o Banquete Final.

O historiador leu um resumo da vida do Vovô, e no finalzinho tem uma lista das lembranças favoritas dele, escreve Bram. Ele tinha uma pra cada um de nós. A minha foi quando eu falei a minha primeira palavra: “mais”. A lembrança favorita dele sobre você foi o que ele chamou de “dia no jardim vermelho”.

No dia do Banquete eu não dei muita bola para o microcartão. Estava distraída e absorta demais nos momentos derradeiros do Vovô para dar

atenção ao passado dele. Sempre quis ver de novo o cartão, mas jamais o fiz, e agora me arrependo. Mais que isso, eu gostaria de conseguir me lembrar do dia no jardim vermelho. Eu me lembro de ter passado muitos dias sentada no banco conversando com Vovô em meio a botões vermelhos na primavera, rosas novas vermelhas no verão ou folhas vermelhas no outono. Deve ser disso que ele estava falando. Talvez Bram tenha se esquecido de acrescentar um s — o Vovô se lembrava dos dias no jardim vermelho, no plural. Aqueles dias de primavera, verão e outono que passamos sentados juntos, conversando.

A mensagem dos meus pais parece cheia de alegria; eles tinham recebido a notícia de que o rodízio de posto de trabalho da semana seguinte seria a minha última mudança.

Não posso culpá-los por estarem contentes. Eles acreditaram no amor o suficiente para me darem a chance de procurar Ky, mas não estão tristes por verem que essa chance chegou ao fim. Eu os admiro por me permitirem tentar. Poucos pais teriam feito esse tipo de coisa.

Eu misturo os papéis um atrás do outro, pensando nas cartas de um baralho, pensando em Ky. E se com essa transferência eu conseguisse chegar até ele, se ficasse escondida na aeronave e depois me deixasse cair feito uma pedra nas Províncias Exteriores?

Se eu fizesse isso, o que ele pensaria ao me ver, depois de tanto tempo? Será que me reconheceria? Sei que estou diferente. E não são apenas as minhas mãos. Apesar das porções de comida, todo esse trabalho me fez emagrecer. Meus olhos têm olheiras, pois não consigo mais dormir, embora aqui a Sociedade não monitore nossos sonhos. Ainda que me preocupe o fato de eles não parecerem ligar muito para nós, eu gosto da nova liberdade de dormir sem os sensores de sono. Fico deitada acordada, pensando nas palavras novas e velhas e no beijo que roubei da Sociedade quando não havia ninguém olhando. Mas eu tento pegar no sono, juro que tento, porque é nos meus sonhos que melhor vejo Ky.

A única ocasião em que podemos ver pessoas é quando a Sociedade permite. Na vida, no terminal, no microcartão. Houve uma época em que a Sociedade permitia que seus cidadãos carregassem fotografias dos entes queridos. Se a pessoa tivesse morrido ou ido embora, pelo menos dava para lembrar como era seu rosto. Mas já faz anos que isso foi extinto. E agora a

Sociedade também aboliu a tradição de dar fotos aos novos Pares depois do primeiro encontro. Soube disso por uma mensagem que não guardei — uma notificação enviada pelo Departamento de Pares a todos os que haviam optado por ter um Par. A mensagem dizia: *Os procedimentos para a escolha dos Pares estão sendo aperfeiçoados visando a máxima eficiência e a otimização dos resultados ideais.*

Fico me perguntando se já houve outros erros.

Fecho novamente os olhos e sinto vontade de ver o rosto de Ky na minha frente. Mas cada imagem que eu evoco parece incompleta, borrada em diferentes lugares. Fico imaginando onde Ky está agora, o que está acontecendo com ele, se conseguiu guardar o retalho de seda verde do meu vestido que dei a ele antes que fosse embora.

Se conseguiu me guardar em sua lembrança.

Pego outra coisa, abro cuidadosamente o papel sobre a cama. Uma pétala de rosa nova sai com o papel, e sob meus dedos a sensação é de uma página, a cor rosada amarelando nas bordas também.

A menina na cama ao lado percebe o que estou fazendo, então desço para o beliche de baixo. As outras meninas se reúnem ao meu redor, como sempre fazem quando exibio essa página específica. Guardar isso não vai me trazer nenhum problema — afinal de contas não é contrabando nem nada ilegal. Foi impresso em um terminal de regulação. Mas aqui não podemos imprimir nada além de mensagens, então esse retalho de arte tornou-se algo valioso.

— Talvez essa seja a última vez que a gente olha para ela — eu comento.

— Está se esfacelando.

— Nunca pensei em trazer uma das Cem Pinturas — diz Lin, olhando para baixo.

— Nem eu — respondo. — Foi um presente.

Foi o Xander quem me deu, no Bairro, no dia em que nos despedimos. É o Número 19 das Cem Pinturas Cânion do Cobrado, de Thomas Moran —, uma vez fiz uma apresentação sobre a tela na minha aula de Cultura na escola. Na ocasião eu disse que era a minha pintura favorita, e mesmo muitos anos

depois Xander ainda se lembrava disso. A pintura me assustava e me empolgava de uma forma estranha — o céu era tão espetacular, a paisagem tão linda e perigosa, tão repleta de cumes e profundezas. Eu tinha medo da vastidão de um lugar como aquele. Ao mesmo tempo, lamentava o fato de que jamais veria aquele cenário: árvores verdes junto a rochas vermelhas e pontudas, volumosas nuvens azuis e cinzentas, correndo e flutuando, tudo coberto por negro e dourado.

Eu me pergunto se um pouco desse anseio era perceptível na minha voz quando falei da pintura, se Xander notou e se acaso ainda se lembrava. Xander ainda joga o jogo, de uma maneira sutil. Essa pintura é uma de suas cartas. Agora, toda vez que olho a pintura ou toco uma das pétalas de rosa nova, lembro o quanto ele me parecia tão familiar e sabia tanto, e dói pensar em todas as coisas das quais tive de abrir mão.

Eu estava certa quando disse que era a última vez que olharíamos para a reprodução da pintura. Assim que eu a seguro entre os dedos, ela se desfaz. Todas nós suspiramos ao mesmo tempo, e a brisa da nossa exalação simultânea move os fragmentos.

— A gente pode ver a pintura no terminal — proponho. O único terminal no campo de trabalho paira zunindo sobre o salão principal, enorme e atento a tudo.

— Não — diz Indie. — Está muito tarde.

É verdade. Depois do jantar a ordem é ficar dentro do abrigo.

— Então amanhã, na hora do café — insisto.

Indie rejeita a ideia e vira o rosto. Ela tem razão. Não sei por quê, mas não é a mesma coisa. No começo, eu achava que o fato de ter uma cópia da pintura era o que a tornava tão especial, mas não é isso. É olhar para alguma coisa sem ser observado, sem receber instruções de como vê-la. Era essa a sensação que a cópia nos dava.

Não sei por que antes de vir para cá eu não carregava o tempo todo poemas e cópias de pinturas comigo. Todo aquele papel nos terminais, todo aquele luxo.

Tantas obras cuidadosamente selecionadas, tantos exemplos de beleza, e mesmo assim não olhávamos com a devida atenção. Como eu podia não ver que a cor do verde junto ao cânion era tão nova que quase dava para sentir a maciez da folha, a viscosidade, como a das asas de uma borboleta se abrindo pela primeira vez

Com um movimento rápido, Indie recolhe os pedacinhos de papel da minha cama. Ela faz isso sem nem olhar para eles. É assim que percebo o quanto ela se afligi com a perda da cópia. Porque ela sabia exatamente onde estavam os fragmentos.

Com lágrimas nos olhos, levo tudo para a incineração.

Tá tudo bem, digo a mim mesma. Você ainda tem outras coisas, escondidas debaixo dos papéis e das pétalas. Um recipiente de comprimidos. Uma caixa de prata do Banquete do Par.

A bússola de Ky e os comprimidos azuis de Xander.

Geralmente não guardo a bússola e os comprimidos na bolsa que carrego comigo. São valiosos demais. Não sei se os Oficiais revistam as minhas coisas, mas tenho certeza de que as outras meninas o fazem.

Então, no meu primeiro dia em cada campo novo, dou um jeito de esconder muito bem a bússola e os comprimidos azuis, e mais tarde volto a eles. Além de serem ilegais, são presentes valiosos. A bússola, dourada e brilhante, pode me dizer a direção em que preciso ir. E a Sociedade sempre nos fez acreditar que, engolido com água, o comprimido azul contém nutrientes em quantidade suficiente para nos manter por um ou dois dias; Xander roubou vários deles para mim; eu poderia viver por um bom tempo. Juntos, esses presentes são a combinação perfeita para a sobrevivência.

Se pelo menos eu conseguisse chegar até as Províncias Exteriores para usá-los.

Em noites como a de hoje — que antecedem uma transferência —, preciso voltar até o lugar em que escondi as coisas, na esperança de ainda me lembrar do local exato. Hoje fui a última a entrar, minhas mãos sujas da terra de uma parte diferente do campo. Por essa razão fui correndo lavar as mãos; só pero que os olhos de águia de Indie — que estava bem atrás de mim — não tenham percebido nada. Espero que da minha bolsa não caia nenhum

vestígio de terra e que ninguém ouça o tilintar musical, o som da esperança, da caixa de prata batendo na bússola e no recipiente de comprimidos.

Nesses campos, procuro esconder dos outros trabalhadores que sou uma Cidadã. Embora a Sociedade mantenha em sigilo as informações sobre nosso status, já ouvi conversas em que algumas meninas diziam terem sido obrigadas a devolver seus recipientes de comprimidos, o que significa que, de alguma maneira por causa de erros cometidos por elas mesmas ou seus pais —, tiveram de abrir mão de sua Cidadania. Elas são Aberrações, assim como Ky.

Só existe um nível mais baixo de classificação do que as Aberrações: as Anomalias. Mas quase não se ouve mais falar delas. Aparentemente foram extintas. E agora me parece que, depois do desaparecimento das Anomalias, as Aberrações ocuparam seu lugar — pelo menos na consciência coletiva da Sociedade.

Ninguém falava das regras de Reclassificação em Oria, e eu vivia com receio de causar a Reclassificação da minha família. Mas agora entendi quais são as regras, tanto com a história de Ky quanto em conversas entre as outras meninas, que ouvi em momentos de descuido.

As regras são as seguintes: se o pai ou a mãe de alguém é Reclassificado, a família inteira também é.

Mas se uma criança for Reclassificada, sua família não sofre punições. A criança arca sozinha com o peso da Infração.

Ky foi Reclassificado por causa do pai. E depois foi levado para a Província de Oria quando o primeiro filho dos Markham morreu. Agora eu percebo o quanto a situação de Ky era realmente rara — como ele só pôde voltar das Províncias Exteriores porque alguém foi assassinado, e como Patrick e Aida podiam ocupar uma posição ainda mais alta na Sociedade do que imaginávamos, O pensamento me deixa gelada.

Mas faço questão de lembrar a mim mesma que ir embora para procurar Ky não vai destruir a minha família. Posso até causar a minha Reclassificação, mas não a deles.

Eu me agarro a esse pensamento — de que a minha família e Xander também estarão sãos e salvos, não importa para onde eu tenha que ir.

— Mensagens — anuncia a Oficial, entrando no dormitório. Ela tem uma voz estridente e olhos bondosos. Depois de fazer um leve gesto com a cabeça, começa a ler os nomes.

— Mira Waring.

Mira dá um passo à frente. Todas nós observamos e contamos. Ela recebe três mensagens, o mesmo número de sempre. A Oficial imprime e lê as páginas antes que a gente as veja, o que economiza o tempo que levaríamos para fazer fila no terminal.

Não há nada para Indie.

E apenas uma mensagem para mim, uma conjunta dos meus pais e Bram.

Nada de Xander. Ele nunca deixou passar uma semana sem me mandar notícias.

O que aconteceu? Aperto a minha bolsa com mais força e ouço o papel sendo amassado lá dentro.

— Cassia — diz a Oficial. — Por favor, venha comigo até o salão principal. Temos um comunicado para você.

As outras meninas me encaram, surpresas.

E então sinto um calafrio percorrendo meu corpo. Sei quem deve ser.

Minha Funcionária me inspecionando lá do terminal.

Em minha mente posso ver nitidamente o rosto dela, cada traço glacial.

Não quero ir.

— Cassia — repete a Oficial. Olhando para as meninas, para o dormitório que subitamente parece confortável e aconchegante, me levanto para segui-la. Ela me conduz por um caminho que leva ao salão principal e de lá até o terminal. Mesmo do outro lado do hall eu já podia ouvir seus zumbidos.

Mantenho os olhos abaixados por um momento antes de erguer a vista e encarar o terminal. Tranquelize o rosto, as mãos, os olhos. Olhe além deles para que não vejam dentro de você.

— Cassia — uma outra pessoa diz, uma voz que eu conheço.

Então eu levanto os olhos e não acredito no que vejo.

Ele está aqui.

O terminal está vazio, e ele está de pé na minha frente, real.

Ele está aqui.

Inteiro, são e salvo, ileso.

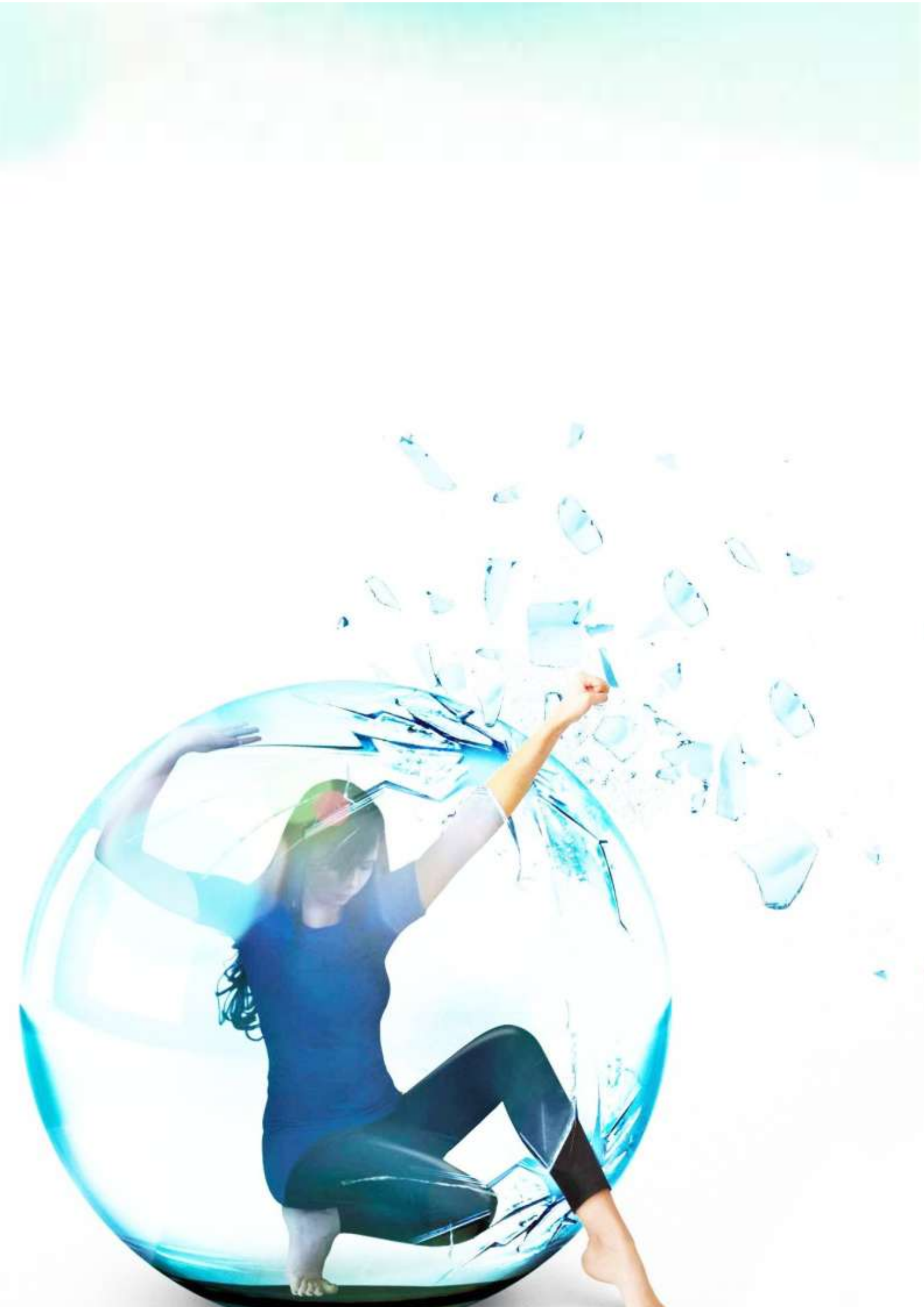
Aqui.

Não veio sozinho — um Funcionário está plantado ao lado dele —, mas mesmo assim ele está...

Aqui.

Cubro os olhos com as minhas mãos vermelhas e mapeadas, porque a visão é mais do que posso aguentar.

— Xander — eu digo.



Capítulo 3

ky

FAZ UM MÊS E MEIO QUE DEIXAMOS AQUELE MENINO NA ÁGUA. Agora estou deitado em uma vala na terra e o fogo despenca do céu.

É uma canção, digo a mim mesmo, como sempre faço. O som do baixo da artilharia pesada, o soprano dos gritos, o tenor do meu próprio medo. Tudo parte da música.

Não tente fugir. Digo isso para os outros trabalhadores também, mas os falsos aldeões — as “iscas” novas — nunca me dão ouvidos. Todos eles acreditam no que a Sociedade diz a caminho daqui: *Cumpra seu tempo de trabalho nos vilarejos e daqui a seis meses levaremos você de volta para casa. E também devolveremos seu status de Cidadão*.

Ninguém dura seis meses.

Quando eu sair desta vala, haverá edifícios negros e arbustos estilizados.

Corpos incinerados espalhados pela terra alaranjada e arenosa.

Agora há uma pausa na música e solto um palavrão. As aeronaves estão se movendo. Eu sei o que atraiu o ataque.

Hoje cedo botas pisaram pesadamente no chão gelado atrás de mim. Não me virei para ver quem me seguia até os confins do vilarejo.

— O que você está fazendo? — alguém me perguntou. Não reconheci a voz, mas isso não queria dizer muita coisa. Estão sempre mandando gente nova do campo para os vilarejos. Estamos morrendo cada vez mais rápido por aqui.

Mesmo antes de ser obrigado a embarcar naquele trem em Oria eu sabia que a Sociedade jamais nos usaria para combater. Para isso eles possuem tecnologia avançada e Oficiais treinados. Pessoas que não são nem Aberrações nem Anomalias.

A Sociedade precisa — e é isso que somos para ela — de corpos. Falsos aldeões. Eles nos deslocam de um lugar para o outro, e nos colocam onde quer que precisem de gente para atrair o fogo do Inimigo. Querem que o Inimigo pense que as Províncias Exteriores ainda estão habitadas e são viáveis, embora as únicas pessoas que vi por aqui sejam pessoas como nós. Jogadas à própria sorte, com o suficiente apenas para sobreviver até que o Inimigo nos mate.

Ninguém volta para casa.

Exceto eu. Eu voltei para casa. As Províncias Exteriores são o lugar a que dia eu pertenci.

— A neve — respondo para a isca nova. — Estou olhando a neve.

— Aqui não neva — ele retruca em tom de escárnio.

Eu não respondo. Continuo olhando para o topo do planalto mais próximo. É algo que vale a pena olhar, a neve branca sobre as pedras vermelhas. Enquanto derrete, a neve muda de branco para cristal e furta-cor. Já estive lá em cima antes, enquanto a neve caía. Era lindo ver a camada de gelo revestindo as plantas que o inverno matava.

Atrás de mim eu o ouço se virar e voltar correndo para o campo.

— Olhem o planalto lá em cima! — ele berrou e os outros se agitaram, empolgados.

— Nós vamos até lá pegar a neve, Ky! — alguém me disse, aos gritos. segundos depois. — Vem com a gente!

— Vocês não vão conseguir chegar a tempo avisei. — Ela vai derreter rápido demais.

Mas ninguém me deu ouvidos. Os Funcionários ainda nos deixam com sede e a pouca água que a gente bebe tem o gosto da parte de dentro do cantil. O rio mais próximo está venenado e as chuvas são coisa rara.

Um gole geladinho de água fresca. Dá para entender o motivo de tanta empolgação.

— Tem certeza? — um deles me pergunta, e faço que sim com a cabeça.

— Você vem, Vick? — alguém chama.

Vick se levantou, cobriu com uma das mãos seus olhos azuis e cuspiu nos arbustos cobertos de gelo.

— Não, o Ky diz que vai derreter antes de a gente chegar lá em cima. E temos covas pra cavar.

— Vocês estão sempre obrigando a gente a cavar — reclamou ama iscas. — A gente só devia fingir que é aldeão. É o que a Sociedade diz. — Ele tinha razão. A Sociedade quer que a gente use pás e sementes dos galpões do vilarejo para plantar safras de inverno, e quer também que deixemos os corpos no lugar em que caírem. Ouvi outras iscas dizendo que é isso que eles fazem nos outro vilarejos. Deixam as carcaças para a Sociedade, o Inimigo ou algum animal que possa estar interessado.

Mas Vick e eu sepultamos as pessoas. Tudo começou com o menino e o rio, e até agora ninguém nos impediu.

Vick soltou uma gargalhada seca. Na ausência de Funcionários e Oficiais ele tornou-se um líder não oficial aqui, e às vezes as outras iscas esquecem que na verdade ele não tem poder nenhum na Sociedade. Elas esquecem que ele também é uma Aberração.

— Eu não obrigo vocês a nada. Nem o Ky. Vocês sabem muito bem quem faz isso, e se quiserem se arriscar lá em cima, eu não vou impedir.

O sol subia cada vez mais alto, e eles também. Durante alguns minutos fiquei observando. Por causa das roupas comuns pretas e da distância entre o vilarejo e o planalto, pareciam um grupo de formigas subindo um morro. Depois me levantei e recomecei a trabalhar, abrindo covas no cemitério para enterrar os que tinham morrido na noite anterior.

Vick e os outros trabalhavam ao meu lado. Tínhamos de cavar sete buracos. Não eram muitos, considerando a intensidade do tiroteio e o fato de que havia quase cem de nós. Quase cem pessoas que podiam perder a vida.

Dei as costas para os alpinistas para não ter de ver como a neve já teria derretido assim que eles chegassem ao topo do planalto. Subir até lá era perda de tempo.

Também é perda de tempo ficar pensando nas pessoas que se foram. E a julgar pelo jeito que as coisas vão por aqui, não tenho muito tempo a perder.

Mas isso é inevitável.

Na minha primeira noite no Bairro Mapletree, olhei pela janela do meu novo quarto e ali não vi nada que fosse familiar, nada que parecesse um lar para mim. Por isso desviei os olhos. Então Aida entrou pela porta, e ela era suficientemente parecida com a minha mãe para que eu pudesse respirar de novo.

Ela estendeu a mão e me mostrou a bússola.

— Nossos pais tinham apenas um artefato e duas filhas. Sua mãe e eu combinamos em nos revezar para tomar conta deste artefato, mas ela se foi.

— Aida abriu a minha mão e me deu a bússola. — Eu e ela tínhamos o mesmo artefato. E agora eu e ela temos o mesmo filho. Isto é para você.

— Não posso aceitar — aleguei. — Sou uma Aberração. Pra gente como eu não é permitido ter uma coisa dessas.

— Mesmo assim — disse Aida —, ela é sua.

Depois dei a bússola para Cassia, e ela me deu o retalho de seda verde. Eu sabia que um dia o tomariam de mim. Sabia que jamais conseguiria ficar com o presente. E foi por isso que, na última vez que descemos a Colina, parei e amarrei o retalho de seda numa árvore. Bem rápido, para que ninguém visse.

Gosto de pensar que ele está no topo da Colina, sob chuva e vento.

Porque no fim nem sempre dá para escolher com que coisas podemos ficar. Só podemos escolher como as deixamos ir embora.

Cassia.

Eu estava pensando nela quando vi a neve pela primeira vez. Pensei: *A gente subiria lá no alto. Mesmo que a neve derretesse. Lá em cima a gente se sentaria e escreveria palavras na areia ainda úmida. Fariamos isso, se você não tivesse ido embora.*

Mas pensando bem, eu me lembrei, não foi você quem foi embora. Fui eu.

Uma bota aparece na borda da cova. Sei de quem é pelos sulcos entalhados em volta da sola — método usado por algumas pessoas aqui para marcar o tempo de sobrevivência. Nenhuma outra tem tantos cortes, tantos dias marcados.

— Você não morreu — diz Vick.

— Não — eu digo, pondo-me de pé. Solto uma cusparada cheia de terra e pego a pá.

Vick cava ao meu lado. Nem ele nem eu falamos das pessoas que não vamos conseguir enterrar hoje. As que tentaram subir até a neve.

De volta ao vilarejo, ouço as iscas nos chamando. Tem mais três mortos aqui, elas avisam, aos gritos. E depois olham para cima e ficam em silêncio.

Nenhuma das iscas que escalaram o planalto vai voltar. Eu me pego torcendo pelo impossível, para que pelo menos elas tenham saciado sua sede antes do fogo. Que tivessem a boca cheia de uma neve limpa e gelada na hora da morte.



Capítulo 4

Cassia

XANDER, AQUI, NA MINHA FRENTE. Cabelo loiro, olhos azuis ofuscantes, o sorriso tão afetuoso que não consigo resistir ao impulso de me lançar na direção dele antes mesmo que o Funcionário dê permissão para que a gente se toque.

— Cassia — ele diz, e também não espera. Me puxa para seus braços e me aperta com força. Durante o abraço apertado nem tento resistir à vontade de enterrar meu rosto no peito de Xander e nas suas roupas, que têm o cheiro dele e da minha casa.

— Senti a sua falta — Xander me diz, e sua voz parece reverberar sobre a minha cabeça. Ela parece mais grave. Ele parece mais forte. Estar com ele é uma sensação tão boa e gloriosa, que eu agarro com as duas mãos seu rosto e o beijo na bochecha, perigosamente perto da boca. Quando me desvencilho, ambos temos lágrimas nos olhos. Ver Xander com os olhos rasos d'água é tão estranho, que até perco o fôlego.

— Eu senti a sua falta — digo e me pergunto quanto da dor que estou sentindo vem do fato de ter perdido Xander também.

O Funcionário atrás dele sorri. Não falta nada no nosso encontro. Ele se afasta um pouco, discreto, dando-nos espaço e privacidade, e registra alguma coisa em seu terminal de mão. Provavelmente algo do tipo: Ao se verem, ambos expressaram reação apropriada.

— Como? — pergunto. — Como é que você está aqui? — Embora seja muito bom rever Xander, talvez seja bom até demais. Será que é outro teste da minha Funcionária?

— Faz cinco meses desde que fomos anunciados como Pares — ele explica. — Todos os outros que ficaram sabendo de seus Pares naquele mesmo mês também estão tendo seu primeiro encontro cara a cara. Isso o

Departamento ainda não eliminou. — Ele esboça um sorriso, mas há tristeza em seus olhos.

— Eu argumentei que a gente não mora mais perto um do outro, e que então também merecíamos um encontro. E é costume que o encontro seja realizado onde a garota mora.

Ele não disse na casa da garota. Ele entende. Ele tem razão. Eu moro aqui. Mas este campo de trabalho não é uma casa. Eu podia chamar Oria de casa, porque Xander mora lá, e Em também, além de ter sido o lugar em que eu comecei. Eu também poderia chamar de casa aquele novo lugar em Keya, porque embora eu não tenha morado lá, meus pais e Bram moram.

E tem o lugar onde o Ky mora, que eu também considero uma casa, ainda que não saiba dizer o nome nem exatamente onde é.

Xander segura a minha mão e diz:

— Temos autorização pra sair juntos. Se você quiser.

— Claro que eu quero — digo, rindo; não consigo evitar. Minutos atrás eu estava esfregando as mãos e me sentindo sozinha, e agora Xander está aqui. É como se eu estivesse caminhando junto às janelas iluminadas de uma casa no Bairro, fingindo não dar a mínima para o que perdi e deixei para trás e de repente me encontrar de novo naquela sala dourada e confortável, sem sequer ter levantado a mão para abrir a porta.

O Funcionário faz um gesto apontando para a saída, e percebo que ele não é o mesmo Funcionário que nos acompanhou meses atrás quando saímos para jantar no Bairro. Foi um arranjo especial para Xander e para mim, o que substituiu a nossa primeira comunicação de terminal a terminal, pois nós já nos conhecíamos. O Funcionário que nos acompanhou naquela noite era jovem. Este também é, mas tem a aparência mais bondosa. Ele percebe meu olhar e inclina a cabeça, um gesto formal e polido, mas em certo sentido terno.

— Não há mais Funcionários específicos designados para cada Par — ele explica, em tom didático. — Assim é mais eficiente.

— Já está tarde demais pra jantar — diz Xander. Mas a gente pode ir até a cidade. Aonde você quer ir?

— Eu nem sei o que tem lá — respondo. Tenho uma vaga lembrança de chegar à cidade no trem de longa distância e descer a rua até o transporte que nos levou ao campo. Imagens incertas de árvores desprotegidas iluminando o céu com suas folhas esparsas, douradas e vermelhas. Mas será que o que vi era esta cidade ou uma cidade próxima de um outro campo? Deve ter sido no começo do outono para as folhas estarem tão brilhantes.

— Os estabelecimentos são menores aqui diz Xander. — Mas eles têm as mesmas coisas que a gente tinha lá no Bairro: uma sala de concertos, um centro de jogos, uma ou outra exibição.

Uma exibição. Faz tanto tempo que não assisto a uma. Por um momento acho que essa vai ser a minha escolha; chego inclusive a abrir a boca para pronunciá-la. Eu imagino o teatro escurecendo e meu coração acelerado martelando dentro do peito enquanto aguardo que as imagens surjam na tela e a música se avolume nos alto-falantes. Depois eu me lembro dos ataques incendiários e lágrimas nos olhos de Ky quando as luzes se acendem, e outra lembrança cintila dentro de mim.

— Eles têm um museu?

Alguma coisa dança nos olhos de Xander; não sei dizer o que é. Alegria? Surpresa? Eu chego mais perto para tentar decifrar; Xander geralmente não é um mistério para mim. Ele é sincero, um livro aberto, uma história que eu leio e releio e adoro todas as vezes. Mas, neste momento, não sei dizer no que ele está pensando.

— Sim — ele responde.

— Eu queria ir lá — digo. — Se estiver tudo bem por você.

Xander faz que sim com a cabeça.

A caminhada até a cidade leva algum tempo e o cheiro do cultivo agrícola paira, espesso, no ar — madeira queimada, brisa fresca e maçãs sendo transformadas em cidra. Sinto uma onda de afeição por esse lugar e sei que isso tem a ver com o garoto ao meu lado. Xander sempre consegue fazer com que todos os lugares e todas as pessoas pareçam mais agradáveis. O ar noturno conserva o cheiro penetrante e agri-doce do que poderia ter sido, e minha respiração para quando Xander se vira para olhar para mim sob a luz morna do poste da rua. Seus olhos ainda falam do que poderia ter sido.

O museu tem apenas um andar, e fico imediatamente decepcionada. É tão pequeno. E se as coisas aqui forem diferentes do que são em Oria?

— Vamos fechar daqui a meia hora — avisa o homem sentado na mesa da recepção. Seu uniforme parece gasto e cansado, e ele também tem o ar exausto, como se estivesse prestes a se desfazer. Deslizando as mãos sobre o tampo da mesa ele empurra um terminal de mão até nós. — Digitem seus nomes — ele diz, e obedecemos, o Funcionário primeiro. Visto mais de perto, o Funcionário parece ter o mesmo olhar cansado do homem da recepção.

— Obrigada — agradeço, depois de registrar meu nome e devolver o terminal de mão pela superfície da mesa.

— Não temos muita coisa exposta — ele avisa.

— Não faz mal — respondo.

Fico pensando se o nosso Funcionário acha estranha a minha escolha de vir aqui, mas para minha surpresa ele se afasta quase que imediatamente assim que adentramos a sala de exibição principal do museu. É como se quisesse nos dar espaço para conversar. Ele caminha até um mostrador de vidro e inclina o corpo à frente, as mãos cruzadas atrás das costas, numa postura tão casual que chega a ser elegante. Um Funcionário bondoso. É claro que eles existem. Vovô era um.

O alívio toma conta de mim quando encontro quase que de imediato o que eu estava procurando — um mapa da Sociedade, dentro de uma caixa de vidro. Está no meio da sala de exibição.

— Ali — digo para Xander, apontando. — Vamos olhar aquele?

Xander concorda com um meneio da cabeça. Enquanto eu leio os nomes dos rios, Cidades e Províncias, ele está irrequieto ao meu lado e passa a mão no cabelo. Ao contrário de Ky, que se mantém imóvel em lugares como este, com Xander há sempre uma série de movimentos confiantes, pequenas ondas de mobilidade. É isso que o faz ser tão eficiente nos jogos — o arquear das sobrancelhas, os sorrisos, o jeito com que suas mãos estão sempre mexendo nas cartas.

— Faz tempo que esse mostrador não é atualizado — diz uma voz atrás de nós, me assustando. É o homem da recepção. Eu olho de relance pela sala,

à procura de algum outro funcionário do museu. Ele me vê fazendo isso e sorri, quase que pesaroso. — Os outros estão lá nos fundos, fechando tudo para o fim do expediente. Se quiser saber alguma coisa, sou a única pessoa a quem pode perguntar.

Eu olho para o nosso Funcionário, ainda de pé, absorto, diante do mostrador mais perto da entrada, e pelo visto suas atenções estão totalmente voltadas para o que quer que esteja exposto ali. Olho para Xander e tento transmitir uma mensagem sem falar nada. Por favor.

Por um momento acho que ele não entende ou não quer entender. Sinto seus dedos apertarem os meus com mais força, vejo que seus olhos endurecem e ele certa ligeiramente a mandíbula. Mas depois sua expressão suaviza e ele assente.

— Rápido — ele diz, soltando minha mão e caminhando na direção do Funcionário do outro lado da sala.

Eu preciso tentar, embora não ache que esse homem cansado e grisalho tenha alguma resposta para mim. A esperança que eu tinha começa a se esvaír por entre os meus dedos.

— Gostaria de saber mais sobre a Gloriosa História da Província de Tana.

Uma pausa.

O homem respira fundo e começa a falar.

— A Província de Tana tem uma bela geografia e também é famosa por agricultura — ele diz, com voz monótona.

Ele não sabe. Meu peito se enche de decepção. Em Oria, Ky me disse que — nas que o Vovô me deu podiam ser valiosos, e também que perguntar, sobre a história da Província era uma maneira de mostrar aos Arquivistas que quer negociar. Minha esperança era que as coisas funcionassem assim aqui também. Foi estupidez da minha parte. Talvez nem haja Arquivistas em Tana, e se houver, eles devem ter lugares melhores para ficar do que este museuzinho deprimente.

O homem continua.

— Na pré-Sociedade de Tana ocorriam enchentes, mas agora já faz muitos anos que o problema está sob controle. Somos uma das mais produtivas províncias agrícolas de toda a Sociedade.

Eu não olho para Xander. Nem para o Funcionário. Apenas para o mapa à minha frente. Já tentei fazer isso antes, e também não funcionou. Só que da primeira vez foi porque eu não tive forças para revelar o poema que Ky e eu compartilhávamos.

Então eu noto que o homem parou de falar. Ele olha diretamente para mim.

— Mais alguma coisa? — ele pergunta.

Eu devia desistir. Devia sorrir, virar as costas e caminhar na direção de Xander, esquecer a coisa toda, aceitar o fato de que o homem não sabe de nada e seguir minha vida. Mas, de repente, por alguma razão eu penso numa daquelas últimas folhas vermelhas pairando no céu. Eu tomo fôlego. Ela cai.

— Sim — respondo, com voz suave.

Vovô me deu dois poemas. Ky e eu adorávamos o de Dylan Thomas, mas havia outras palavras também, e são elas que me ocorrem agora. Eu não me lembro do poema de Tennyson inteiro, mas minha mente evoca claramente uma estrofe, como se ela estivesse escrita ali o tempo todo. Talvez tenha sido a menção do homem à água que fez o poema vir à minha cabeça:

“E do nosso riacho de Tempo e Lugar

A torrente pode me levar para longe, mar afora,

Mas espero ver meu Piloto cara a cara

Quando a margem eu cruzar”

Enquanto eu recito baixinho os versos o rosto do homem se altera. Ele desperta, fica com o rosto cheio de vida. Eu devo ter me lembrado corretamente das palavras.

— É um poema interessante. Mas acho que não é um dos Cem — ele diz.

— Não — eu confirmo. Minhas mãos tremem e ousou sentir esperança mais uma vez. — Mas ainda vale alguma coisa.

— Receio que não — ele diz. — A menos que você tenha o original.

— Não tenho. Ele foi destruído. — Eu o destruí. Me lembro daquele momento no local da Restauração, e de como o papel dançou no ar por um momento antes de cair e se queimar.

— Sinto muito — ele diz, e suas palavras parecem sinceras. — Em troca do que você esperava negociá-lo? — ele pergunta, com uma ponta de curiosidade na voz.

Eu aponto para as Províncias Exteriores. Se eu conseguir chegar lá, existe uma chance remota, mas real, de eu encontrar Ky.

— Sei que estão levando as Aberrações para lá — explico. — Mas quero saber exatamente onde e como chegar. Um mapa.

Ele olha para mim e balança a cabeça. Não.

Ele não pode me dizer? Ou não quer me dizer?

— Tenho outra coisa — anuncio.

Eu viro meu corpo para que nem Xander nem o Funcionário consigam ver as minhas mãos e enfio uma delas dentro da bolsa. Meus dedos roçam ao mesmo tempo o recipiente de comprimidos e a superfície dura da bússola, e então eu paro.

Qual dos dois devo dar em troca?

De repente eu me sinto tonta, confusa, lembrando-me da vez em que tive de classificar Ky. O vapor na sala, o suor, a dor da decisão batendo no meu peito...

Mantenha a lucidez, digo a mim mesma. Por cima dos ombros eu olho de soslaio para Xander e dou de cara com o azul dos seus olhos por um breve momento, antes que ele se vire de novo para o Funcionário. Eu me lembro de Ky olhando para mim da plataforma do trem aéreo antes de o levarem embora, e sinto de novo o pânico do tempo se esgotando.

Tomo uma decisão, enfio a mão na bolsa e tiro o item a ser negociado.

Eu o levanto a uma altura suficiente para que o homem veja o que é, tentando fazer minhas mãos pararem de tremer e tentando me convencer de que posso me desfazer disso.

O homem sorri e meneia a cabeça.

— Sim — ele diz. — Isso vale alguma coisa. Mas o que você quer em troca demoraria dias, semanas, para ser providenciado.

— Eu só tenho esta noite.

Antes que eu tenha a chance de dizer qualquer outra coisa o homem aceita a oferta e me deixa de mãos vazias.

— Para onde você vai depois daqui?

— Para a sala de música — respondo.

— Olhe debaixo da sua poltrona quando for embora — ele sussurra. — Vou fazer o melhor que posso. — Acima de nós as luzes vão ficando mais fracas. Os olhos dele também; então, com a mesma voz monótona que usou no começo, o homem avisa: Estamos fechando. Vocês precisam ir embora.

Durante a música Xander se inclina na minha direção.

— Conseguiu o que queria? — ele pergunta, com voz grave e baixa, sua respiração roçando minha nuca. Do outro lado o Funcionário olha fixamente para a frente. Os dedos dele tamborilam no braço da poltrona, acompanhando o ritmo da música.

— Ainda não sei — respondo. O Arquivista disse para eu olhar debaixo da minha poltrona quando for embora, não antes, mas estou tentada a antecipar minha tentativa. — Obrigada por me ajudar.

— É isso que eu faço — Xander diz.

— Eu sei que é — concordo. Eu me lembro dos presentes que ele me deu. A pintura, os comprimidos azuis cuidadosamente arrumados dentro de seus compartimentos. Até mesmo a bússola, que ganhei de Ky, foi algo que Xander uma vez guardou para mim no Bairro, no dia em que levaram os artefatos.

— Mas você não sabe tudo sobre mim — Xander diz. Um sorrisinho malicioso ilumina seu rosto.

Eu olho de relance para a mão dele junto à minha, o polegar acariciando minha pele, e depois encaro de novo seus olhos. Embora ele ainda esteja sorrindo, agora há um vestígio de seriedade em sua expressão.

— É verdade — concordo.

Nós ficamos segurando um ao outro. A música da Sociedade toca ao nosso redor, mas nossos pensamentos têm vida própria, são sempre nossos.

Quando me levanto, passo a mão debaixo da poltrona. Tem alguma coisa lá

— uma folha de papel dobrada — que sai facilmente com um simples puxão. Embora sinta vontade de olhar imediatamente, eu me seguro e enfio o papel no bolso, me perguntando o que será aquilo, qual foi o fruto da minha negociação.

O Funcionário nos acompanha de volta ao saguão principal do campo. Assim que entramos, ele olha para o hall, para as mesas compridas e o imponente e solitário terminal, e quando me olha de novo há uma expressão que me parece ser de pena. Eu ergo meu queixo.

— Vocês têm dez minutos para se despedir — o Funcionário anuncia. Agora que estamos de novo no campo, sua voz parece mais fria que antes. Ele saca seu terminal de mão e cumprimenta a Oficial que está à espera para me levar de volta ao dormitório.

Xander e eu respiramos fundo ao mesmo tempo, e então caímos juntos na risada. Eu gosto do som da nossa gargalhada ecoando pelo saguão quase vazio.

— O que tanto ele olhava no museu? — pergunto para Xander, indicando o Funcionário com um gesto de cabeça.

Uma exibição da história da Formação de Pares — Xander responde baixinho. Ele me olha como se nisso houvesse algum significado que eu deveria entender, mas não entendo. Eu não estava prestando atenção suficiente ao Funcionário.

— Nove minutos — ele diz, sem levantar os olhos.

— Ainda não consigo acreditar que te deixaram vir aqui — eu digo para Xander. — Fiquei tão feliz.

— A ocasião foi ideal — diz Xander. — Estou indo embora de Oria. Estou só de passagem por Tana a caminho da Província de Camas.

— O quê? — pergunto, piscando de surpresa. Camas é uma das Províncias da Fronteira. Eu me sinto estranhamente perdida. Por mais que eu adore contemplar as estrelas, jamais aprendi a me orientar por elas. Eu marco meu caminho pelas pessoas. Xander é um ponto no mapa; meus pais, outro ponto; Ky, o destino final. Quando Xander se move, toda a geografia se altera.

— Fui comunicado do meu posto de trabalho definitivo. É na Central. Como o seu. Mas querem que primeiro eu adquira experiência nas Províncias da Fronteira.

— Por quê? — pergunto baixinho.

O tom de voz de Xander é calmo e solene.

— Tem coisas que preciso aprender lá pro meu trabalho e que eu não poderia aprender em nenhum outro lugar.

E depois você vai pra Central — eu digo. A ideia de Xander na Central me parece correta e definitiva. É claro que o lugar dele é na capital da Sociedade. É claro que acabariam vendo o potencial dele e levando-o para lá. — Você vai mesmo embora.

Uma expressão que me parece ser de raiva brilha subitamente em seu rosto.

— Você tem alguma ideia do que é ser abandonado?

— É claro que tenho — respondo, ofendida.

—Não —ele retruca. — Não estou falando do jeito que o Ky te deixou.

Ele não queria ir embora. Você sabe qual é a sensação quando alguém escolhe abandonar você?

— Eu não escolhi abandonar você. Nós fomos Transferidos.

Xander suspira.

—Você ainda não entendeu — ele diz. — Você me abandonou antes de ir embora de Oria. — Ele olha de relance para o Funcionário e depois me encara de novo, com olhar sério. Ele mudou desde a última vez que o vi, está mais duro. Mais cauteloso.

Mais parecido com Ky.

Agora eu sei o que ele quer dizer sobre a minha partida. Para Xander, eu comecei a ir embora quando escolhi Ky.

Xander olha para baixo e vê as nossas mãos ainda entrelaçadas.

Meu olhar segue o dele. Ele tem mãos fortes, nós dos dedos ásperos. Essas mãos não sabem escrever, mas são ágeis e firmes nos jogos e no manuseio de cartas. Mesmo que não seja com Ky, esse contato físico ainda é com alguém que eu amo. Eu me agarro a ele como se nunca mais fosse soltá-lo, e parte de mim de fato não quer que isso aconteça.

O ar no saguão principal está frio e eu começo a tremer. Será que a época em que estamos é final do outono? Começo do inverno? Não sei dizer. A Sociedade, com suas safras extras, embaralhou completamente a linha que distinguia uma estação da outra, a época de colher e plantar e a hora de deixar a terra descansar. Xander tira a mão da minha e inclina o corpo para a frente. Eu me pego olhando para sua boca, recordando nosso beijo lá no Bairro, aquele beijo doce e inocente, antes de tudo mudar. Acho que hoje nosso beijo seria diferente.

Em um sussurro que toca levemente a minha clavícula, Xander pergunta:

—Você ainda vai procurar por ele nas Províncias Exteriores?

—Vou —respondo num murmúrio.

O Funcionário anuncia o tempo. Restam apenas alguns minutos.

Xander força um sorriso e tenta falar com voz suave.

—Você realmente quer isso? Você quer o Ky, a qualquer custo? — Eu quase posso imaginar as palavras que o Funcionário digita no terminal de mão enquanto nos observa agora. O Par Feminino expressou alguma agitação

assim que o Par Masculino a informou sobre seu posto de trabalho em Camas. O Par Masculino conseguiu consolá-la.

— Não — eu respondo. — A qualquer custo, não.

A respiração de Xander fica ofegante.

—Então qual é o limite? Do que você não vai abrir mão?

Eu engulo em seco.

— Da minha família.

— Mas você não se importa em abrir mão de mim. — O maxilar de Xander fica tenso e ele desvia o olhar. Se lembre de tudo que a gente passou, eu penso. Você não sabe que eu te amo também? Que você é meu amigo faz anos? Que de muitas maneiras eu ainda me sinto seu Par?

—Não — respondo baixinho. — Eu não estou abrindo mão de você. Olha. — Então eu me arrisco. Abro a bolsa e mostro o que ainda há ali dentro, o que eu ainda guardo. Os comprimidos azuis. Embora ele os tenha me dado para encontrar Ky, ainda são um presente de Xander.

Os olhos dele se arregalam.

— Você negociou a bússola de Ky?

— Sim — eu digo.

Xander sorri, e na expressão dele eu vejo surpresa e esperteza e alegria, tudo misturado. Eu surpreendi Xander — e a mim mesma. Eu o amo de um jeito que talvez seja muito mais complicado do que eu pensava.

Mas é Ky que eu tenho de encontrar.

— Já é hora — avisa o Funcionário. A Oficial olha na minha direção.

— Adeus — eu me despeço, com a voz embargada.

— Ainda não é adeus — ele diz, inclinando-se para me beijar do mesmo jeito que eu o beijei antes, bem perto da minha boca. Se um de nós se mexesse um pouco, tudo mudaria.



Capítulo 5

ky

Vick e eu erguemos um dos corpos e o carregamos até uma das sepulturas. Eu recito os versos que agora declamo para todos os mortos:

“E do nosso riacho de Tempo e Lugar

A torrente pode me levar para longe, mar afora,

Mas espero ver meu Piloto cara a cara

Quando a margem eu cruzar.”

Não sei como é possível existir mais alguma coisa além disso. Como é possível que algo desses corpos sobreviva, quando morrem tão facilmente e deterioram tão rápido. Ainda assim, parte de mim quer acreditar que, apesar de tudo, a torrente da morte nos leva para algum lugar. Que no final das contas há alguém para ser visto. Essa é a parte de mim que declama as palavras para os mortos, mesmo sabendo que eles não podem ouvir uma palavra do que eu digo.

— Por que você diz isso todas as vezes? — Vick me pergunta.

— Porque eu gosto do som das palavras.

Vick espera. Ele quer que eu fale mais, mas eu me calo.

— Você sabe o que esses versos significam? — ele me pergunta, por fim.

— É sobre uma pessoa que tem esperança de ir além — respondo de maneira vaga. — É o trecho de um poema escrito antes da Sociedade. — Não do poema que pertence a mim e a Cassia. Aquelas palavras eu não vou falar para mais ninguém enquanto não puder dizê-las para ela. O poema que eu

recito agora é o outro, que ela encontrou no artefato naquele dia em que o abriu na floresta.

Ela não sabia que eu estava lá. Fiquei lá parado, observando Cassia ler o papel. Vi os lábios dela formando as palavras de um poema que eu não conhecia, e depois de um que eu conhecia. Quando percebi o que ela estava dizendo sobre o Piloto, dei um passo à frente e um graveto estalou sob os meus pés.

— Essas palavras não ajudam eles em nada — diz Vick, apontando para um dos cadáveres e depois tirando do rosto o cabelo cor de areia, num gesto irritado. Eles não nos dão tesouras nem lâminas de barbear... seria fácil demais transformar essas coisas em armas e matar a nós mesmos ou uns aos outros. Em geral isso pouco importa. Somente Vick e eu estamos aqui há tempo suficiente para o cabelo ter crescido até a altura dos olhos.

— Então essas palavras são só isso? Um velho poema?

Dou de ombros.

É um erro.

Geralmente Vick não liga quando não respondo. Mas dessa vez vejo que há em seus olhos uma expressão de afronta. Começo a planejar a melhor estratégia para derrubá-lo. O aumento dos ataques do Inimigo o afetou também. Deixou-o com os nervos à flor da pele. Ele é maior que eu, mas não muito, e anos atrás eu aprendi como se briga aqui. Agora que estou de volta, eu me lembro, assim como me lembrei da neve no planalto. Meus músculos tencionam.

Mas Vick para.

— Você nunca faz marcas na sua bota — ele diz, de novo com a voz calma e olhar tranquilo.

— Não — confirmo.

— Por quê? — ele insiste.

— Porque ninguém precisa saber.

— Saber o quê? Quanto tempo você durou? — Vick quer saber.

— Saber nada sobre mim — eu digo.

Deixamos as covas para trás e faço uma pausa para almoçar, sentado sobre um grupo de seixos de arenito nas imediações do vilarejo. As cores são o vermelho-alaranjado e marrom da minha infância, e sua textura também é a mesma: seca e áspera e — em novembro — fria.

Uso a ponta estreita da arma de uma das iscas para rabiscar uma marca na pedra. Não quero que ninguém saiba que eu sei escrever, por isso não escrevo o nome dela.

Em vez disso, traço uma curva. Uma onda. Como um oceano ou um retalho de seda verde flutuando no vento.

Rabisco, rabisco. O arenito, talhado por outras forças, água e ventos, agora foi alterado por mim. Eu gosto disso. Eu sempre me amoldo e me transformo naquilo que os outros querem que eu seja. Mas com Cassia na Colina — esse foi o único momento em que fui eu mesmo de verdade.

Ainda não estou pronto para desenhar o rosto dela. Sequer sei se consigo fazer isso. Mas rabisco outra curva na pedra. Parece um pouco com o *C* que eu a ensinei a escrever. Faço a curva de novo, pensando na mão dela.

Vick se aproxima para ver o que estou fazendo.

— Isso aí não se parece com nada.

— Parece a lua — eu digo. — Quando está fininha.

Vick olha para o planalto. Hoje cedo algumas aeronaves vieram buscar os cadáveres. Isso nunca aconteceu antes. Não sei o que a Sociedade fez com eles,

mas eu devia ter subido até lá e escrito alguma coisa para marcar a morte das iscas.

Porque agora não há como dizer que um dia elas estiveram lá. A neve derreteu antes que pudessem deixar uma pegada nela. A vida delas acabou antes que soubessem o que ela poderia ser.

— Você acha que aquele menino teve sorte? — pergunto a Vick. — Aquele que morreu no campo, antes de irmos pros vilarejos?

— Sorte — diz Vick, como se não soubesse o que essa palavra significa. E talvez não saiba. Não é uma palavra que a Sociedade incentiva. E não é algo que a gente tenha de sobra por aqui.

Houve um ataque incendiário na nossa primeira noite nos vilarejos. Começamos a correr em busca de abrigo. De armas em punho, alguns meninos foram para o meio da rua e atiraram para o céu. Vick e eu acabamos nos escondendo na mesma casa, junto com um ou dois outros. Não me lembro dos nomes deles. Estão mortos agora.

— Por que você não está lá fora tentando revidar? — ele me perguntou naquele dia. Não tínhamos conversado muito desde que pusemos o menino no rio.

— Porque não adianta — respondi. — A munição não é de verdade. — Coloco minha arma padrão no chão.

Vick também abaixa a arma dele.

— Há quanto tempo você sabe?

— Desde que eles nos deram as armas, no caminho pra cá. E você?

— Eu também. A gente devia ter contado pros outros.

— Eu sei — respondi. — Fui burro. Achei que a gente teria um pouco mais de tempo.

— Tempo é o que a gente não tem — Vick concluiu.

Lá fora o mundo estava desabando, e alguém começou a gritar.

— Eu queria ter uma arma que funcionasse — Vick disse. — Eu explodiria todo mundo dentro daquelas aeronaves. Pedacinhos deles voariam pelos ares feito fogos de artifício.

— Pronto — Vick diz agora, dobrando sua embalagem de alumínio até transformá-la em um quadradinho prateado e pontiagudo. — É melhor a gente voltar ao trabalho.

— Não sei por que eles não nos dão comprimidos azuis — digo. — Aí não precisariam se incomodar com as nossas refeições.

Vick me olha como se eu fosse louco.

— Você não sabe?

— Sei o quê?

— Os comprimidos azuis não salvam você. Eles te paralisam. Se você tomar um, vai desacelerar e ficar parado onde você estiver até que alguém te encontre, ou vai morrer esperando. Dois acabam com você na mesma hora.

Eu balanço a cabeça e olho para o céu, mas não estou procurando nada.

Olho apenas para ver o azul. Ergo a mão e bloqueio o sol para ver melhor o céu. Nenhuma nuvem.

— Sinto muito — diz Vick —, mas é verdade.

Olho para Vick. Tenho a impressão de ver preocupação em seu rosto duro como pedra. É tudo tão ridículo que começo a rir. Ele também cai na gargalhada.

— Eu já devia saber — digo. — Se alguma coisa acontecesse com a Sociedade, não iam querer que alguém continuasse vivendo sem eles.

Algumas horas depois ouvimos soar o bipe no miniterminal que Vick carrega. Ele tira o dispositivo do passador do seu cinto e checa o monitor. Vick é a única isca que usa um miniterminal — um aparelho mais ou menos do mesmo tamanho de um terminal de mão. A diferença é que os miniterminais podem ser usados para comunicação. Já um terminal de mão apenas armazena informação. Vick anda com ele a maior parte do tempo, mas de vez em quando — por exemplo, quando conta às novas iscas a verdade sobre o vilarejo e as armas — deixa o aparelhinho escondido.

Temos certeza absoluta de que pelo miniterminal a Sociedade rastreia nossa localização. Não sabemos se eles podem nos ouvir também, do mesmo jeito que podem fazer pelos terminais maiores. Vick acha que sim. Ele acha que a Sociedade ouve a gente o tempo todo. Já eu acho que eles não dão a mínima.

— O que eles querem? — pergunto enquanto Vick lê a mensagem na tela.

— Vamos ser transferidos.

Outros fazem fila atrás de nós enquanto caminhamos para encontrar as naves, que pousam em silêncio do lado de fora do vilarejo. Os Oficiais parecem apressados, como sempre. Não gostam de ficar muito tempo aqui. Não sei ao certo se por nossa causa ou se por causa do Inimigo. Me pergunto quem eles consideram a maior ameaça.

Embora seja jovem, o Oficial encarregado dessa transferência me lembra o Oficial que nos comandava na Colina, em Oria. A expressão em seu rosto diz Como foi que eu vim parar aqui? Que diabos vou fazer com essa gente?

— Então — ele diz, olhando para nós. — Lá no planalto, o que foi aquilo? O que aconteceu lá? Não haveria tantas baixas se vocês todos tivessem ficado no vilarejo.

— Hoje de manhã havia neve lá em cima e eles foram buscá-la — eu digo. — Estamos sempre com sede.

— Você tem certeza de que essa é a única razão?

— Não existem muitas razões pra fazer o que quer que seja — diz Vick.

— Fome. Sede. Sobrevivência. Só isso. Então, se você não acredita em nós, pode escolher uma das outras duas.

— Talvez eles tenham subido até lá para ver a paisagem — sugere o Oficial.

Vick ri, e o som não é nada agradável.

— Cadê os substitutos?

— Estão na nave. Vamos levar todos vocês para um novo vilarejo, e vamos dar a vocês mais suprimentos.

— E mais água — diz Vick. Embora esteja desarmado e à mercê do Oficial, seu tom de voz dá a entender que ele é quem está dando as ordens. O Oficial sorri. A Sociedade não é humana, mas as pessoas que trabalham para ela às vezes são.

— E mais água — o Oficial confirma.

Vick e eu soltamos um palavrão baixinho quando vemos os substitutos na aeronave. Eles são jovens, muito mais jovens que nós. Parecem ter 13, 14 anos. Seus olhos estão arregalados. Apavorados. Um deles, o que aparenta ser o mais jovem de todos, se parece um pouco com o irmão de Cassia, Bram. Sua pele é mais escura que a de Bram, mais escura que a minha. Mas seus olhos são brilhantes como os de Bram. Antes de ser cortado, seu cabelo deve ter sido encaracolado como o de Bram.

— A Sociedade deve estar ficando sem corpos — digo para Vick em voz baixa.

— Talvez esse seja justamente o plano — ele comenta.

Sabemos que a Sociedade quer que todas as Aberrações morram. Isso explica por que fomos mandados para cá feito lixo. E também por que não podemos lutar. Mas há uma outra pergunta que eu não sei responder:

Por que eles nos odeiam tanto?

Voamos às cegas. A aeronave não tem janelas, a não ser na cabine do piloto. Por isso é só quando saímos da nave que fico sabendo onde estamos.

Não conheço o vilarejo propriamente dito, mas conheço a área, O campo em que caminhamos tem areia alaranjada, rochas negras e grama amarela, com plantas que crescem verdes no verão. Há campos como esse espalhados por todas as Províncias Exteriores. Mas sei exatamente onde estou por causa do que vejo à minha frente.

Estou em casa.

Sinto uma dor no peito.

Lá está ela, no horizonte o ponto de referência da minha infância.

A Escultura.

Do ponto onde estamos, não consigo vê-la inteira — somente pedaços de arenito vermelho e alaranjado projetando-se aqui e ah. Mas quando você chega mais perto — quando chega até a beira e olha diretamente para a Escultura — percebe que de pequenas as pedras não têm nada. São pontas de formações do tamanho de montanhas.

A Escultura não é apenas um cânion, uma montanha, mas muitas uma rede de formações interconectadas que se estendem por quilômetros. A terra se ergue e cai feito água, com picos entalhados e fendas profundas riscados com as cores das Províncias Exteriores gradações de alaranjado, vermelho e branco. Nos trechos mais remotos da Escultura as cores de fogo do arenito ganham sombreados por causa do azul das nuvens distantes.

Sei de tudo isso porque já estive várias vezes na beira da Escultura.

Mas nunca estive dentro dela.

— Por que você tá com esse sorrisinho? — Vick me pergunta. Mas, antes que eu possa responder, o menino parecido com Bram se aproxima de nós e encara Vick.

— Meu nome é Eh — diz ele.

— Tá bom — diz Vick, e depois dá as costas, irritado, e volta para a fila de rostos que o elegeram como líder, mesmo que jamais tenha desejado ser um. Ser líder é algo que certas pessoas não conseguem evitar. Está em seu sangue, em seus ossos, em seu cérebro, e elas não têm escapatória.

Outras pessoas apenas seguem e obedecem.

Você tem mais chance de sobreviver se obedecer, digo a mim mesmo. Seu pai achou que era um líder. Nunca tirou essa ideia da cabeça, e olha só o que aconteceu com ele. Eu me posiciono um passo atrás de Vick.

— Você não vai fazer um discurso ou alguma coisa do tipo? — pergunta Eh. — A gente acabou de chegar aqui.

— Eu não estou no comando dessa bagunça — alega Vick. E lá está ela. A raiva que ele passa a maior parte do tempo tentando manter sob controle dá um pouco as caras. — Não sou o porta-voz da Sociedade.

— Mas você é o único que tem um desses aí — diz Eh, apontando para o miniterminal preso ao cinto de Vick.

— Vocês querem um discurso? — Vick pergunta, e todos os meninos novos o encaram e concordam com a cabeça. Eles já devem ter ouvido a mesma lenga-lenga que nós ouvimos quando chegamos aqui, sobre como a Sociedade precisa que finjamos ser aldeões e civis para enganar o Inimigo. Sobre como se trata de um trabalho de apenas seis meses, e que assim que voltarmos para a Sociedade nosso status de Aberração será apagado.

Vai demorar exatamente um dia de ataque do Inimigo para que os novatos percebam que ninguém consegue sobreviver seis meses. Nem mesmo Vick chega perto de ter tantas marcas nas botas.

— Observem os demais — diz Vick. — Ajam como aldeões. É isso que eles querem que a gente faça aqui. — Ele faz uma pausa. Depois tira o terminal do cinto e o joga nas mãos de uma isca que está aqui faz algumas semanas. — Leve isto pra longe. Veja se ainda funciona lá na ponta do vilarejo.

O menino sai correndo. Assim que o terminal sai do alcance de sua voz, Vick diz:

— A munição destas armas é falsa. Então nem se deem ao trabalho de se defender.

Eli interrompe.

— Mas nós atiramos com essas armas no campo de treinamento — ele protesta. Eu sorrio contra minha própria vontade e apesar de saber que eu devia me sentir, e me sinto, enojado por alguém tão jovem ter acabado aqui. Esse menino é parecido com Bram.

— Não importa — insiste Vick. — Aqui a munição é falsa.

Eli digere a informação, mas depois faz outra pergunta.

— Se aqui é um vilarejo, cadê todas as mulheres e crianças?

— Você é uma criança — responde Vick.

— Não sou, não — refuta Eli. — E também não sou menina. Onde elas

— Aqui não há meninas — diz Vick. — E não há mulheres.

Mas então o Inimigo deve saber que não somos aldeões de verdade. Já devem ter percebido isso — conclui Eli.

— Certo — concorda Vick. — Mas matam a gente de qualquer forma. Ninguém dá a mínima. E agora temos trabalho a fazer. Querem que a gente finja que isso aqui é um vilarejo cheio de aldeões. Então vamos lavrar a terra.

Saímos caminhando na direção dos campos. No céu brilha um sol abrasador. Mesmo de costas para Eh posso sentir seu olhar de ódio.

— Pelo menos temos bastante água pra beber — eu digo para Vick, apontando para o cantil cheio. — Graças a você.

— Não me agradeça — ele responde. Depois abaixa a voz. — Não tem o suficiente pra ninguém se afogar.

A lavoura aqui é de algodão — quase impossível de cultivar. Os tufo de péssima qualidade facilmente se desmancham.

— Não é à toa que ninguém se importa por não ter mulheres ou crianças por aqui — diz Eli atrás de mim. — Só de olhar o Inimigo deve saber que isso não é um vilarejo de verdade. Ninguém seria burro o bastante pra plantar algodão em um lugar como esse.

Eu não respondo de imediato. Não caio na armadilha de conversar com ninguém enquanto trabalho, a não ser com Vick. Fico longe dos outros.

Mas agora estou fraco. O algodão de hoje e a neve de ontem me fizeram pensar na história que Cassia me contou sobre as sementes de choupo nevando em junho. A Sociedade odiava os choupos, mas eles são o tipo certo de árvore para as Províncias Exteriores. A madeira é boa para entalhar. Se eu conseguisse encontrar um, cobriria o tronco com o nome dela, do mesmo jeito que eu cobria a mão dela com a minha enquanto estávamos na Colina.

Comecei a conversar com Eh para não ficar pensando no que é difícil demais de conseguir.

— É uma coisa burra, mas é mais realista do que outras coisas que a Sociedade já fez — argumento. — Alguns vilarejos desta região começaram como comunidades pras Aberrações. O algodão foi um dos cultivos que a Sociedade tentou implantar. Isso foi antes, quando havia mais água. Então não é completamente impossível que haja alguém aqui tentando plantar algodão.

— Ah — diz Eh. Depois ele fica em silêncio. Não sei por que estou tentando dar esperança a ele. Talvez seja por causa da lembrança das sementes de choupo.

Ou talvez porque me lembrei dela.

Mais tarde, vejo Eli chorando, mas não há lágrimas suficientes para ele se afogar, então não faço nada.

Voltando dos campos para o vilarejo, olho para Vick e faço um aceno de cabeça, sinal de que quero conversar com ele sem o terminal.

— Aqui — ele diz, jogando o aparelho para Eh, que a essa altura já parou de chorar. — Leva isso pra dar uma volta. — Eh assente e sai correndo.

— O que foi? — Vick pergunta.

— Eu morava aqui perto — digo, tentando livrar minha voz de qualquer traço de emoção. Essa parte do mundo costumava ser meu lar. Eu odeio o que a Sociedade fez com ela. — Meu vilarejo ficava a apenas alguns quilômetros daqui. Eu conheço a região.

— Então você vai fugir? — Vick quer saber.

Aí está. A verdadeira pergunta. Aquela que todos nós nos fazemos, o tempo inteiro. Vou fugir? Penso nisso todo dia, toda hora.

— Você está pensando em voltar pro seu vilarejo? — Vick pergunta. — Tem alguém lá que possa te ajudar?

— Não — respondo. — Ele não existe mais.

Vick balança a cabeça.

— Então não adianta fugir. Não dá pra você chegar muito longe sem que alguém te veja.

— E o rio mais próximo está longe demais — completo. — Não dá pra escapar desse jeito.

— Então como? — Vick pergunta.

— Nem por baixo nem por cima. Através.

Vick vira o rosto.

— Através do quê?

— Dos cânions — digo, apontando para a Escultura perto de nós, quilômetros de extensão com pequenas frestas e aberturas que são impossíveis de se ver da nossa posição. — Se você adentrar bastante, vai encontrar água fresca.

— Os Funcionários sempre nos dizem que os cânions das Províncias Exteriores estão infestados de Anomalias.

— Eu também já ouvi isso — admito. — Mas algumas construíram um assentamento e ajudam os viajantes. Ouvi isso de gente que esteve lá dentro.

— Espere aí. Você conhece alguém que entrou nos cânions? — Vick pergunta.

— Conheci uma pessoa que já esteve lá.

— Uma pessoa de confiança?

— Meu pai — respondo, curto e grosso, para encerrar a conversa, e Vick assente.

Caminhamos mais alguns passos.

— Então, quando é que a gente foge?

— Esse é o problema — eu digo, tentando não demonstrar meu alívio por saber que ele vai comigo. Encarar aqueles cânions não é algo que eu gostaria de fazer sozinho. — Pra que a Sociedade não resolva nos caçar e fazer de nós um exemplo, a melhor hora pra fugir é durante um ataque do

Inimigo, no meio do caos. Um ataque à noite, por exemplo. Mas com lua cheia, pra que a gente consiga enxergar. Vão achar que a gente morreu, e não que fugiu.

Vick dá uma gargalhada.

— Tanto o Inimigo quanto a Sociedade têm infravermelho. Quem estiver lá em cima vai nos ver fugindo.

— Eu sei, mas pode ser que três corpos passem despercebidos quando tem uma porção deles bem aqui.

— Três? — Vick pergunta.

— O Eli vem com a gente. — Eu não sabia disso antes de dizer as palavras.

Silêncio.

— Você tá louco. Nem a pau aquele pirralho vai durar até lá — diz Vick.

— Eu sei. — Ele tem razão. É apenas uma questão de tempo até Eh sucumbir. Ele é pequeno. É impulsivo. Faz perguntas demais. Mas, pensando bem, é uma questão de tempo para todos nós.

— Então pra que manter o pirralho por perto? Pra que levar ele junto?

— Tem uma menina que eu conheci em Oria — respondo. — Ele me lembra o irmão dela.

— Esse motivo não basta.

— Pra mim basta.

O silêncio entre nós fica maior.

— Você está amolecendo — Vick diz, por fim. — E isso pode te matar. Pode fazer com que você nunca mais veja essa menina.

— Se eu não cuidar dele — alego —, eu seria alguém que ela não reconheceria, mesmo que me visse de novo.



Capítulo 6

Cassia

ASSIM QUE TENHO CERTEZA DE QUE AS OUTRAS MENINAS ESTÃO DORMINDO, RESPIRANDO PESADAMENTE NO QUARTO COLETIVO, ME DEITO DE LADO E TIRO DO BOLSO O PAPEL DO ARQUIVISTA.

O papel parece grosseiro e barato, ao contrário da página espessa e cor de creme dos poemas do Vovô. É velho, mas não tão velho quanto o papel do Vovô. Meu pai talvez soubesse me dizer a idade; mas ele não está aqui, ele me deixou ir embora. Enquanto desdobro cuidadosamente a página, ela faz pequenos ruídos que me parecem altos, e espero que as outras meninas pensem que é só o roçar dos cobertores ou um inseto batendo as asas.

Hoje demorou até que todas pegassem no sono. Quando voltei do meu encontro elas disseram que nenhuma de nós tinha recebido as instruções da nossa transferência, e que segundo a Oficial somente na manhã seguinte saberíamos o nosso destino. A preocupação das meninas é compreensível. Eu também estou inquieta. Sempre descobrimos na noite da véspera o lugar para onde seremos mandadas no dia seguinte. Por que a mudança? Com a Sociedade, sempre há um motivo.

Deslizo o papel até posicioná-lo sob o pequeno fecho de luz branca da lua lá fora. Meu coração bate mais rápido, em uma pulsação acelerada, embora eu esteja imóvel. Por favor, que isto aqui valha o preço que custou, eu penso, para nada e para ninguém, e então leio a página.

Não.

Eu tapo a boca com o punho para não expressar em voz alta a minha frustração.

Não é um mapa, não é sequer um conjunto de instruções.

É uma história, e no momento em que leio a primeira linha sei que não é uma das Cem:

Um homem empurrava uma pedra montanha acima. Toda vez que estava quase alcançando o topo, a pedra rolava montanha abaixo até o ponto de partida, e ele reiniciava o trabalho. Os moradores de um vilarejo próximo observavam atentamente. “Ele está cumprindo uma pena”, eles diziam. Nenhum deles jamais se juntou a ele, ninguém tampouco tentou ajudá-lo, pois todos temiam represálias daqueles que impuseram a punição. Ele empurrava a pedra. Eles observavam.

Anos depois, uma nova geração percebeu que o homem e sua pedra estavam afundando na montanha, como o sol ou a lua se pondo. Enquanto o homem empurrava a pedra montanha acima, as pessoas só conseguiam ver parte da rocha e parte do homem.

Uma criança ficou curiosa. Então, um dia, ela subiu a montanha. Quando chegou mais perto, ficou surpresa ao ver que na pedra havia nomes, datas e lugares entalhados.

— Que palavras são essas? — a criança perguntou.

— São as dores do mundo — respondeu o homem. — Eu as conduzo montanha acima.

— Você está usando todas elas para desgastar a montanha — disse a criança, notando o longo e profundo sulco que ia sendo escavado onde a pedra rolava.

— Estou fazendo uma coisa — disse o homem. — Quando eu não estiver mais aqui, será sua vez de tomar meu lugar.

A criança não teve medo.

— O que você está fazendo?

— Um rio — disse o homem.

A criança desceu da montanha intrigada e se perguntando como uma pessoa podia fazer um rio. Porém, não muito tempo depois, quando vieram as chuvas e as águas inundaram o vale e engoliram o homem, a criança viu que ele tinha razão e tomou seu lugar, empurrando a pedra e conduzindo as dores do mundo.

Foi assim que surgiu o Piloto.

O Piloto é um homem que empurrava uma pedra e foi tragado pelas águas. É uma mulher que atravessou o rio e olhou para o céu. O Piloto é velho e jovem e tem olhos de todas as cores e cabelos de todos os tons; mora em desertos, ilhas, florestas, montanhas e planícies.

O Piloto lidera a Insurreição — a rebelião contra a Sociedade — e o Piloto nunca morre. Quando o tempo de um Piloto chega ao fim, outro ocupa seu lugar.

E assim por diante, de novo e de novo, como uma pedra rolando.

Uma das garotas no quarto coletivo se revira na cama e eu congelo, esperando que sua respiração indique que ela voltou a dormir. Quando isso acontece, leio a última linha da página.

Num lugar que fica além dos confins do mapa da Sociedade, o Piloto viverá e se moverá para todo o sempre.

A dor quente da esperança percorre inesperadamente o meu corpo e percebo o que realmente recebi, qual é o verdadeiro significado do papel que tenho nas mãos.

Há uma rebelião. Algo real, organizado e duradouro, com um líder.

Ky e eu não estamos sozinhos.

A palavra Piloto era o elo de ligação. Será que Vovô sabia? Será que foi por isso que me deu o papel antes de morrer? Será que eu estava errada o tempo todo quanto ao poema que ele queria que eu tomasse como guia?

Não consigo ficar quieta.

— Acordem — sussurro, num fiapo de voz tão fraco que mal consigo me ouvir. — Nós não estamos sozinhas. — Ponho um dos pés na beira da cama. Eu poderia descer e avisar as outras e falar da Insurreição. Talvez elas já saibam. Acho que não é o caso. Parecem tão desesperançadas. Menos a Indie. Mas, embora haja dentro dela mais fogo do que nas outras, ela não parece ter senso de propósito. Acho que também não sabe de nada.

Eu devia contar para Indie.

Por um instante, decido que é isso que vou fazer. Meus pés tocam delicadamente o chão quando chego ao pé da escadinha e abro a boca. Então ouço o som de uma Oficial de patrulha passando por nossa porta e congelo, o perigoso papel parecendo uma bandeira branca na minha mão.

Nesse momento eu sei que não vou contar nada às outras meninas. Vou fazer o que sempre faço quando alguém confia a mim palavras perigosas:

Vou destruí-las.

— O que você tá fazendo? — Indie pergunta baixinho atrás de mim. Não a ouvi se aproximando e quase dou um pulo, mas consigo me conter a tempo.

— Lavando as mãos de novo — respondo com um sussurro, resistindo ao ímpeto de me virar. A água gelada escorre pelos meus dedos, fazendo um som de rio na escuridão do abrigo. — Elas não ficaram muito limpas, e você sabe o que os Oficiais acham de sujeira na cama.

— Você vai acabar acordando as outras — ela diz. — Elas demoraram até conseguir dormir.

— Sinto muito — respondo, e sinto mesmo. Mas não consegui pensar em outra maneira de afogar as palavras.

Demorei longos e agonizantes segundos para rasgar o papel em pedacinhos. Primeiro apertei a página contra os lábios, respirando contra ela para que não fizesse tanto barulho ao ser rasgada. Espero que eu tenha retalhado tudo em pedaços suficientemente pequenos para não entupir a pia.

Indie estica o braço e fecha a torneira. Por um momento acho que ela sabe, sim, de alguma coisa. Talvez não saiba sobre a Insurreição, mas tenho a estranha sensação de que sabe alguma coisa sobre mim.

Clique, clique. As botas da Oficial batendo no cimento. Rápidas como flechas, Indie e eu voltamos correndo para a cama. Subo os degraus do beliche o mais rápido que posso e espio pela janela.

A Oficial para diante da porta do nosso quarto, apura os ouvidos e depois segue sua ronda.

Eu fico sentada um momento, observando a mulher retomar seu caminho. Ela para na porta de outro quarto.

Uma rebelião. Um Piloto.

Quem poderia ser?

Será que Ky sabe disso tudo?

Talvez sim. O homem que empurra a pedra na história parece Sísifo, e Ky me falou sobre ele lá no Bairro. Lembro que Ky me contou apenas pedaços de sua própria história. Jamais achei que a conheceria por inteiro.

Já faz tempo que encontrar Ky é a única coisa em que penso. Mesmo sem mapa, mesmo sem a bússola, sei que posso conseguir. Já imaginei mil vezes o momento do nosso encontro. Como ele vai me puxar para perto, como vou sussurrar um poema no ouvido dele. A única falha do meu sonho é que ainda não terminei de escrever coisa alguma para ele; não consigo passar da primeira linha. Nestes meses em que estou aqui já escrevi vários começos, só que o meio e o fim do nosso tipo de amor são coisas que eu ainda não pude ver.

Aperto a bolsa junto ao lado do corpo e me deito com toda a delicadeza possível, quase célula por célula, até que a cama acolhe todo o meu peso, desde as pontas leves dos cabelos até o peso das pernas e dos pés. Hoje não vou conseguir dormir.

As Oficiais entram logo ao amanhecer, assim como no dia em que foram buscar Ky.

Não ouço gritos, mas outra coisa me deixa em estado de alerta. Certa opressão no ar, talvez; uma mudança nas notas do trinado dos passarinhos, que cantam a alvorada enquanto param nas árvores a caminho do sul.

Eu me sento na cama e espio pela janela. As Oficiais trazem meninas dos outros quartos, algumas delas choram e tentam se desvencilhar. Com o coração acelerado, pressiono o rosto contra o vidro para ver melhor, certa de qual será o destino das meninas.

Como posso ir com elas? Minha mente classificadora calcula os números. Avalia todos os quilômetros, todas as variáveis que existem contra a chance de eu chegar tão perto de novo. Ao que tudo indica, eu não teria como chegar por conta própria às Províncias Exteriores, mas agora talvez a Sociedade possa me levar até lá.

Duas Oficiais abrem a porta de supetão.

— Precisamos de duas meninas deste quarto — anuncia uma delas. — Beliche 8 e Beliche 3. — A menina do Beliche 8 se senta na cama. Parece assustada e cansada.

O Beliche 3, onde Indie dorme, está vazio.

As Oficiais gritam e eu olho pela janela. Vejo uma silhueta sozinha junto s árvores que crescem perto da trilha. É Indie. Mesmo sob a luz tênue do amanhecer, sei que é ela por causa do cabelo claro e de sua postura. Ela também deve ter ouvido e deu um jeito de escapulir. Não a vi saindo.

Ela vai fugir.

Enquanto as Oficiais estão distraídas arrancando a menina do Beliche 8 e acionando seus miniterminais para alertar sobre o sumiço de Indie, eu ajo rápido. Discretamente, pego os três comprimidos do meu recipiente — verde, azul e vermelho e os embrulho dentro do compartimento de comprimidos azuis. Escondo os comprimidos debaixo das mensagens na minha bolsa e rezo para que ninguém faça uma revista muito rigorosa. Enfio o recipiente debaixo do colchão. Tenho que me livrar do maior número possível de sinais de Cidadania.

E então eu percebo.

Tem algo faltando na minha bolsa.

A caixa de prata do meu Banquete do Par.

Vasculho mais uma vez meus papéis; apalpo os lençóis na cama; olho no chão. Não deixei cair nem perdi; Sumiu.

Eu teria que me livrar dela de qualquer jeito; é o que eu planejava fazer; o sumiço é perturbador.

Onde pode estar?

Agora não há tempo para me preocupar com isso. Desço rapidamente do meu beliche para seguir as Oficiais e a menina chorona. As outras fingem que estão dormindo, como fizeram as pessoas no Bairro na manhã em que levaram Ky.

— *Fuja, Indie* — eu falo baixinho. Espero que nós duas consigamos o que queremos.

Se você ama alguém, se alguém ama você, se essa pessoa te ensinou a escrever para que você pudesse falar, como é que você poderia ficar de braços cruzados, sem fazer nada? O melhor é tirar suas palavras da terra e roubá-las do vento.

Porque quando você ama, não há o que fazer. Você ama e não tem como voltar atrás.

Ky ocupa a minha mente, o fundo do meu coração, as palmas de suas mãos aquecem as minhas mãos vazias. Eu tenho que tentar encontrá-lo. Amar Ky me deu asas, e todo o meu trabalho me deu a força necessária para abri-las.

Uma aeronave pousa no centro do campo. Os Oficiais — alguns que eu nunca tinha visto — parecem inquietos, preocupados. Um deles, usando um uniforme de piloto, diz alguma coisa brusca e olha para o céu. Em breve o sol vai nascer.

— Está faltando uma — ouço-o dizer em voz baixa, e depois entro na fila.

— Tem certeza? — pergunta a outra Oficial, passando os olhos por nós. Contando. Sua expressão se altera e ela parece aliviada. Ela tem lindos cabelos castanhos e compridos, e parece gentil para uma Oficial.

— Não — ela diz. — Já temos o suficiente.

— Temos? pergunta o primeiro Oficial. Ele também está contando. É impressão minha ou os olhos dele se demoram no meu rosto, lembrando que eu não estava ali antes? Não é a primeira vez que me pergunto o quanto do que eu faço é sabido e previsto por minha Funcionária. Será que ela ainda me vigia? E a Sociedade?

Outro Oficial arrasta Indie a bordo enquanto o restante de nós marcha em fila porta adentro. Há marcas de unha no rosto dele. Há filetes de terra do campo em seu uniforme e nas roupas comuns dela, como feridas vazando terra.

— Ela tentou fugir — ele diz, empurrando-a e fazendo-a se sentar no banco ao meu lado. Ele prende um par de algemas nos pulsos de Indie. Ela permanece impassível e sequer pisca diante do som das algemas se fechando, mas eu me sobressalto.

— Agora temos demais — diz a Oficial.

— São Aberrações — ele vocifera. — Faz alguma diferença? Temos de ir.

— Devemos revistá-las agora? — ela pergunta.

Não. Vão achar os comprimidos na minha bolsa.

— Fazemos isso no ar. Vamos embora.

Indie olha para mim e nossos olhares se encontram. Pela primeira vez desde que a conheço sinto uma estranha sensação de afinidade com ela, uma familiaridade que, à nossa maneira, é parecida com amizade. Nós nos conhecemos nos campos de trabalho. Agora, estamos rumando juntas para uma nova experiência.

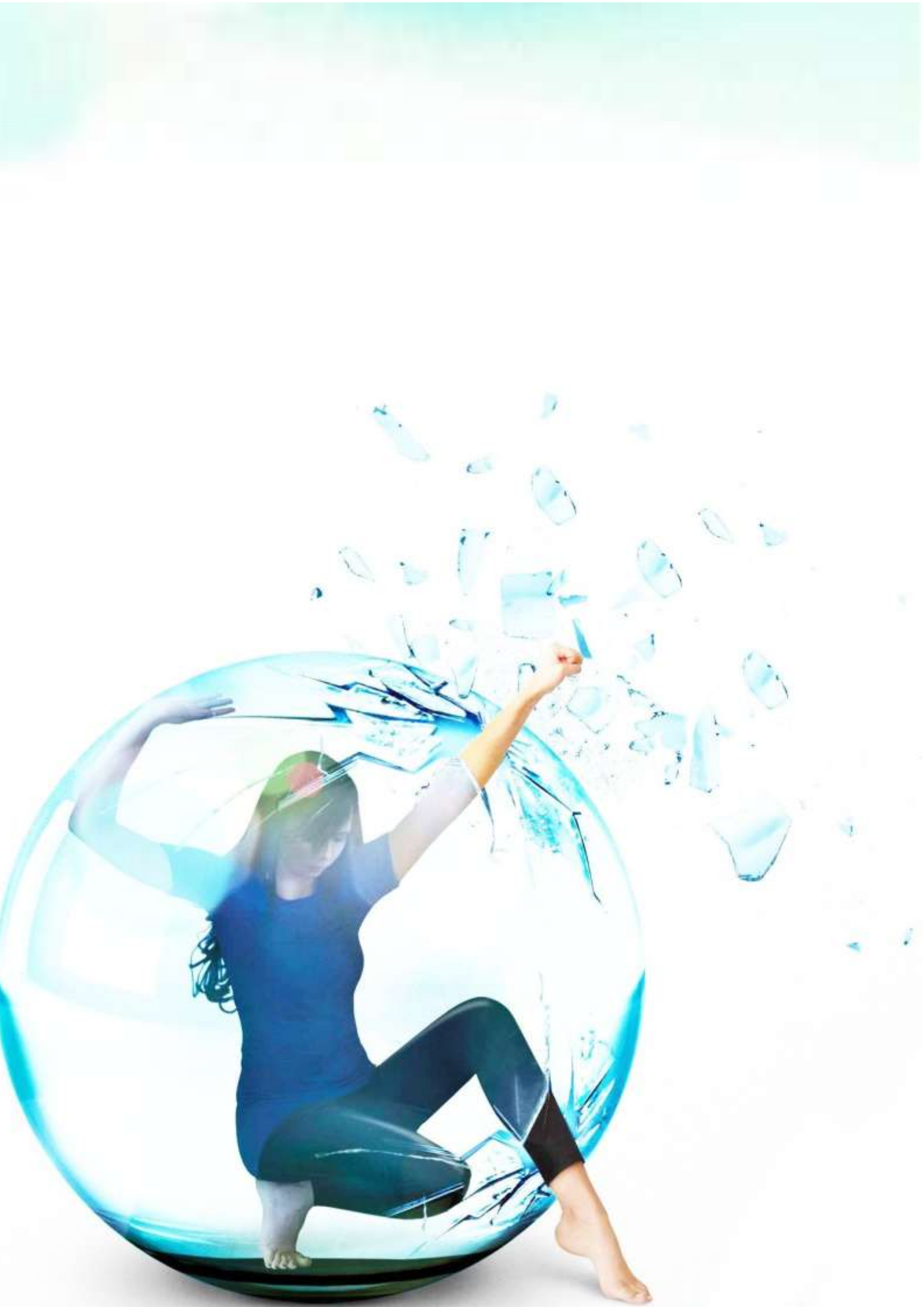
Tem algo de esquisito em tudo isso — uma inquietação, desorganização, coisas que não são do feitio da Sociedade. Embora eu esteja agradecida pela chance de escapar por uma fresta, ainda sinto as paredes se fechando por todos os lados, com uma presença ao mesmo tempo esmagadora e reconfortante.

Um Funcionário embarca na aeronave.

— Tudo pronto? — ele pergunta, e os Oficiais assentem. Eu fico esperando mais Funcionários entrarem na aeronave — eles quase sempre andam em trios —, mas a porta se fecha. Apenas um Funcionário e três Oficiais a bordo, sendo um deles o piloto. Aliás, os Oficiais respondem ao Funcionário. Posso ver que ele é o de patente mais alta do grupo.

A aeronave decola e ganha os céus. É a minha primeira vez viajando desse jeito — antes só estive em carros aéreos, trens aéreos e transportes —, e sinto uma ponta de decepção no estômago ao constatar que não há janelas.

Eu não imaginava que voar alto seria assim. Sem ver o que há lá embaixo ou onde estarão as estrelas quando a noite chegar. O piloto no compartimento da frente da aeronave olha adiante, atento; mas a Sociedade impede que o resto de nós veja nosso próprio voo.



Capítulo 7

ky

— TÁ TODO MUNDO DE OLHO EM VOCÊ — VICK ME AVISA.

Eu o ignoro. Alguns dos cilindros que o Inimigo disparou contra nós ontem à noite não explodiram completamente. Ainda têm pólvora dentro. Enfio um pouco no cano de uma arma. O Inimigo me intriga — quanto mais tempo passamos aqui, mais primitiva e ineficiente parece a munição que eles usam. Talvez estejam mesmo perdendo a guerra.

— O que você tá fazendo? — Vick pergunta.

Eu não respondo. Estou tentando me lembrar de como se faz isso. A pólvora que escorre por entre meus dedos deixa a minha mão preta.

Vick agarra meu braço.

— Para com isso — ele pede em voz baixa. — Todas as iscas estão olhando pra você.

— E quem se importa com o que eles pensam?

— Vai ser ruim pro estado de espírito deles se alguém como você enlouquecer.

— Você mesmo disse que não somos líderes — eu rebato. Depois olho para as outras iscas. Todos desviam o olhar, exceto Eli. Ele me encara fixamente, e abro um sorrisinho rápido para que ele veja que não fiquei doido.

— Ky — diz Vick, e de repente ele entende. — Você está bolando um jeito de fazer isso aí voltar a ser munição?

— Não vai ser grande coisa — respondo. — Vai render uma única explosão e vai ter que funcionar como uma granada. Você joga e sai correndo.

Vick gosta das possibilidades.

— A gente podia enfiar pedras ou outras coisas aí dentro. Já pensou no detonador?

— Ainda não. É a parte mais difícil.

— Por quê? — ele pergunta, em voz baixíssima, para que os outros não ouçam. — É uma boa ideia, claro, mas vai ser difícil detonar quando a gente estiver fugindo.

— Não é pra gente — respondo e olho de esguelha para os outros. — Antes de fugir vamos ensinar os outros a fazer isso. Mas estamos ficando sem tempo. Hoje é melhor a gente deixar os mortos pras iscas.

Vick se levanta, vira o corpo e encara os outros.

— Hoje eu e o Ky não vamos enterrar os mortos. Vocês todos podem se revezar nessa tarefa. Alguns dos mais novos ainda não fizeram isso.

Enquanto eles se afastam, olho para minhas mãos — cobertas de cinza preta e com o material que na noite anterior despejou a morte sobre nós — e me lembro de como costumávamos procurar restos de qualquer coisa no meu vilarejo. A Sociedade e o Inimigo acharam que eram os únicos que tinham fogo, mas nós sabíamos usar o fogo deles. E como fabricar o nosso próprio. Usávamos pedras chamadas *chert* para acender pequenas fogueiras quando realmente precisávamos delas.

— Ainda acho que a gente devia fugir de noite, quando não há ataques — diz Vick. — Se fizermos de um jeito convincente, talvez eles achem que a gente se explodiu com esse troço. — Ele aponta para a pólvora espalhada ao nosso redor.

O argumento faz sentido. Eu estava tão convencido de que eles vão sair no nosso encalço que sequer pensei em outras possibilidades. Ainda assim, é mais provável que outras iscas tentem nos seguir se não houver uma batalha para distraí-las e mortes para cobrir nosso rastro. E eu não quero que ninguém tente vir conosco. Se muitas iscas fugirem, a Sociedade vai perceber e talvez decida que ainda vale a pena sair à nossa procura.

E não faço ideia do que vamos encontrar na Escultura. Não estou tentando ser o líder de coisa alguma. Quero apenas sobreviver.

— Vamos fazer assim. A gente vai hoje à noite. Com ou sem ataque do Inimigo.

— Tudo bem — Vick concorda, depois de alguns instantes.

Então está combinado. Vamos fugir. Em breve.

Vick e eu trabalhamos o mais rápido possível, tentando pensar numa maneira de detonar nosso explosivo improvisado. Quando os outros voltam da tarefa de cavar sepulturas e percebem o que estamos tentando fazer, nos ajudam reunindo pólvora e pedras. Enquanto trabalham, alguns meninos começam a cantarolar. Fico gelado ao reconhecer a melodia, embora não devesse me surpreender com o que estão cantando. É o Hino da Sociedade. A Sociedade aboliu a música ao selecionar cuidadosamente as Cem Canções — composições complicadas, que apenas suas vozes artificiais conseguem entoar —, e o Hino é a única melodia que praticamente qualquer um pode cantarolar, embora tenha uma linha de soprano de que nenhuma pessoa sem preparo específico seja capaz de dar conta. De resto, a maioria das pessoas pode copiar apenas a simples e repetitiva linha de baixo ou as notas fáceis de contralto e tenor. É isso que estou ouvindo agora.

Algumas pessoas que viviam nas Províncias Exteriores conseguiram preservar suas velhas canções. Costumávamos cantá-las juntos enquanto trabalhávamos. Certa vez uma mulher me disse que não era difícil se lembrar das antigas músicas tendo ao redor os rios e cânions da Escultura.

Eu só queria me lembrar de como se faz isso. Mas o quem e o porquê de antes também insistem em voltar à minha mente.

Vick balança a cabeça.

Mesmo que a gente consiga fazer isso, ainda vamos abandonar os outros aqui pra morrer.

— Eu sei — digo. — Mas pelo menos eles vão poder revidar.

— Uma vez — ele comenta. Seus ombros estão curvados de um jeito que eu jamais vi antes. Como se Vick finalmente estivesse percebendo o líder que é e sempre foi, e como se o peso dessa constatação o esmagasse.

— Não é o suficiente — eu digo, retomando meu trabalho.

— Não — ele concorda.

Eu tentei não olhar, realmente olhar, para as outras iscas, mas foi o que acabei fazendo. Um deles tem o rosto ferido. Outro tem sardas muito parecidas com as do menino que deixamos no rio, e eu fico pensando se seriam irmãos, mas não faço a pergunta e jamais farei. Todos eles usam roupas comuns mal-ajustadas e casacos arrumados que os mantêm aquecidos enquanto esperam a morte.

— Qual é o seu verdadeiro nome? — Vick me pergunta de repente.

— Meu verdadeiro nome é Ky.

— Mas qual é o seu nome completo?

Hesito por um minuto enquanto o nome surge rápido como um raio na minha mente, pela primeira vez em muitos anos. Ky Finnow. Esse era o meu nome naquela época.

— Roberts — diz Vick, impaciente com a minha demora. — Esse é o meu sobrenome. Vick Roberts.

— Markham — eu respondo. — Ky Markham. — Porque esse é o nome pelo qual ela me conhece. Esse é o meu verdadeiro nome agora.

Contudo, meu outro nome também soou bem para mim, quando passou feito um raio na minha cabeça. Finnow. O nome que eu compartilhava com meu pai e minha mãe.

Eu olho para as outras iscas juntando pedras. Uma parte de mim gosta de ver o senso de objetivo e propósito em seus movimentos, gosta de saber que os ajudei a se sentirem um pouco melhor. Mas no fundo eu sei que tudo que fiz foi apenas jogar-hes uma migalha. Eles ainda vão morrer de fome.



Capítulo 8

Cassia

ENQUANTO TODAS NÓS PERMANECEMOS SENTADAS NO AR GELADO DA AERONAVE, A PRIMEIRA PROVIDÊNCIA DA SOCIEDADE É A PROMESSA DE NOS FORNECER CASACOS.

— Antes da Sociedade, quando houve o Aquecimento, muitas coisas mudaram nas Províncias Exteriores — diz o Funcionário. — Lá fica frio, mas não tão frio como outrora. Ainda é possível morrer de frio à noite, mas se vocês usarem os casacos, vão ficar bem.

Vamos para as Províncias Exteriores, então. Isso é certo. As outras meninas, inclusive Indie, olham fixamente para a frente; nem piscam. Algumas tremem mais que as outras.

— Não há diferença para um posto de trabalho em qualquer outro campo — diz o Funcionário em meio ao nosso silêncio. — Precisamos que vocês plantem uma lavoura lá. Algodão, na verdade. Queremos que o Inimigo pense que aquela região ainda está ocupada e é viável. É uma estratégia por parte da Sociedade.

— Então é verdade. Existe mesmo uma guerra contra o Inimigo? — pergunta uma das meninas.

O Funcionário ri.

— Não é bem uma guerra. A Sociedade detém firmemente o poder. Mas o Inimigo é imprevisível. Precisamos que eles pensem que as Províncias Exteriores são povoadas e prósperas. E a Sociedade não quer que um grupo arque com o fardo de ficar lá tempo demais. Por isso implementou um programa de rodízio de seis meses de duração. Assim que cumprirem seu prazo, vocês voltam, como Cidadãos.

Nada disso é verdade, eu penso, mesmo que aparentemente você acredite que é.

— Agora — diz ele, apontando para os dois Oficiais que não estão pilotando a nave —, eles vão levar vocês para trás daquela cortina, vão revistar vocês e dar a cada uma o traje padrão. Incluindo os casacos.

Vão revistar a gente. Agora.

Não sou a primeira menina a ser chamada. Freneticamente, tento encontrar um lugar para esconder os comprimidos, mas em vão. O interior da aeronave é projetado para ter superfícies lisas, sem frestas e cantos. Até mesmo os assentos em que estamos sentadas são duros e lisos, os cintos de segurança são simples e apertados. Não há onde colocar os comprimidos.

— Você tem alguma coisa pra esconder? — Indie me pergunta.

— Tenho — respondo. Não tem mais por que mentir.

— Eu também — ela sussurra. — Eu fico com a sua. Você fica com a minha quando for a minha vez.

Abro a bolsa e tiro o embrulho de comprimidos. Antes que eu possa fazer qualquer outra coisa, Indie — num movimento ágil, apesar das mãos algemadas — esconde o pequeno receptáculo na palma da mão fechada. O que será que ela vai fazer agora? O que será que precisa esconder, e como vai pegá-la se está com as mãos presas?

Não tenho tempo para ver.

— A próxima — chama a Oficial de cabelo castanho, apontando para mim.

Não olhe para trás, não olhe para Indie, digo a mim mesma. Não deixe nada transparecer.

Atrás da cortina, sou obrigada a me despir até ficar apenas com minhas roupas de baixo, enquanto a Oficial revista os bolsos das minhas velhas roupas comuns marrons. Depois ela me entrega um novo jogo de roupas comuns

— Vamos ver a bolsa — ela diz, tomando-a de mim. Ela vasculha minhas mensagens, e tento não estremecer quando uma velha mensagem de Bram se desfaz em pedaços.

Ela me devolve a bolsa.

— Pode se vestir.

No exato momento em que termino de fechar o último botão da camisa a Oficial chama o Funcionário-chefe.

— Com esta aqui está tudo limpo. — O Funcionário concorda com um leve gesto de cabeça.

Eu volto para o meu lugar ao lado de Indie e enfio o braço no casaco que acabei de ganhar.

— Estou pronta — eu digo baixinho, mal movendo os lábios.

— Já tá dentro do bolso do seu casaco — Indie diz.

Tenho vontade de perguntar como ela fez isso tão rápido, mas não quero que nos ouçam. Sinto-me quase tonta de alívio diante do que conseguimos fazer. Do que Indie conseguiu fazer.

Momentos depois, quando a Oficial aponta para Indie, ela se levanta e caminha com a cabeça baixa e as mãos algemadas obedientemente na frente do corpo. Indie faz o papel de submissa com perfeição, penso comigo mesma.

Do outro lado da aeronave, a menina que eles revistaram depois de mim começa a chorar convulsivamente. Eu me pergunto se ela tentou esconder algo e fracassou — exatamente o que teria acontecido comigo se não fosse por Indie.

— É melhor chorar mesmo — diz outra menina. — Estamos indo pras Províncias Exteriores.

— Deixa ela em paz! — diz uma terceira menina. O Funcionário percebe o choro e traz para a menina um comprimido verde.

Indie retorna e não diz uma palavra. Ela sequer olha na minha direção. Sinto o peso dos comprimidos no bolso do meu casaco. Eu queria poder olhar para ter certeza de que está tudo bem guardado lá dentro, os azuis de

Xander e os meus três, mas não faço isso. Confio em Indie e ela confia em mim. O peso do pacotinho é quase o mesmo; se houve algum acréscimo, é quase imperceptível. Seja lá o que ela tentou esconder, é algo leve e pequeno.

Eu fico imaginando o que será. Talvez ela me conte depois.

Eles nos dão equipamento mínimo: porções de comida para dois dias, um conjunto de roupas comuns, um cantil e uma mochila para carregarmos tudo. Nada de facas nem objetos pontiagudos. Nenhum tipo de arma. Uma lanterna, mas muito leve e com bordas curvas, e que portanto não seria de muita utilidade numa luta.

Nossos casacos são leves mas quentes, e dá para ver que são feitos de algum material especial; me pergunto por que eles desperdiçam recursos com as pessoas que mandam para cá. Os casacos são o único sinal de que talvez se importem um pouco com a gente. Mais do que qualquer outra coisa que eles nos dão, os casacos representam investimento. Despesas.

Eu olho de relance para o Funcionário. Ele se vira e mais uma vez abre a porta do compartimento do piloto. Pela porta ligeiramente entreaberta posso ver a constelação de instrumentos que iluminam o painel. Para mim, são tão numerosos e incompreensíveis quanto as estrelas, mas o piloto sabe usá-los.

— Essa nave faz um barulho de rio — diz Indie.

— Tem muitos rios de onde você vem? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça.

O único rio que parece existir por aqui é o Sísifo — eu digo.

—O rio Sísifo? — Indie pergunta. Eu olho por cima do ombro para me certificar de que nem o Funcionário nem os Oficiais estão ouvindo. Eles parecem cansados; a Oficial chega a fechar os olhos.

— A Sociedade envenenou esse rio — eu digo. — Não tem nada que possa viver naquelas águas e naquelas margens. Nada pode ser cultivado.

Indie olha para mim.

— Não dá pra matar um rio — ela diz. — Não dá pra matar uma coisa que está sempre se movendo e mudando.

O Funcionário anda pelo interior da nave, conversa com o piloto, fala com os dois Oficiais. Há em seus movimentos algo que me lembra Ky; a maneira como ele consegue se equilibrar em um trem aéreo em movimento e antecipar pequenas mudanças de direção.

Ky não precisava ter a bússola com ele para fazer isso. Eu também posso viajar sem ela.

Estou voando na direção de Ky e para longe de Xander, direto para o que é Externo, diferente.

— Estamos quase lá — anuncia a Oficial de cabelo castanho. Ela olha de relance para nós e vejo algo em seu olhar... compaixão. Ela sente pena de todas nós. De mim.

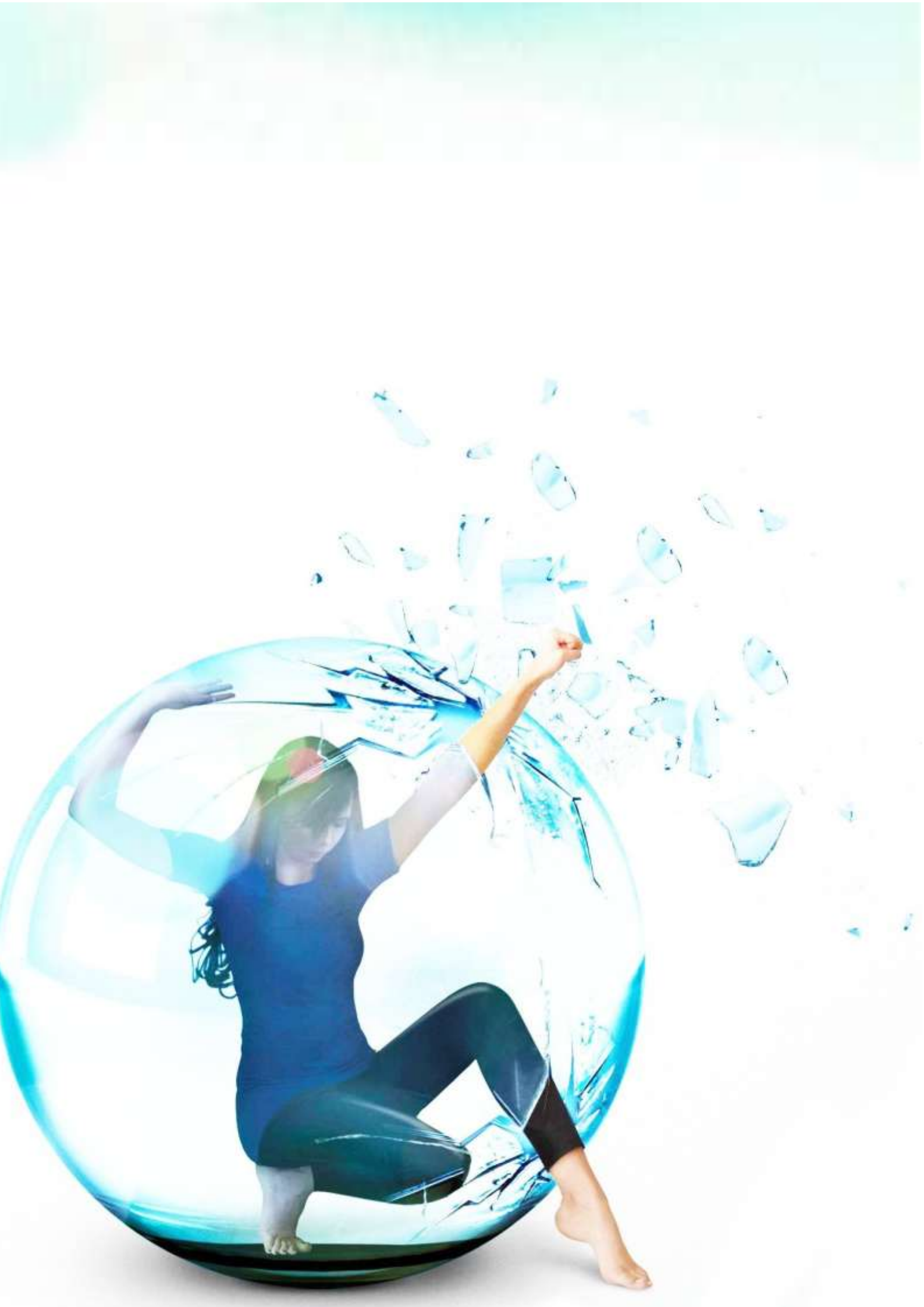
Não deveria. Ninguém nesta aeronave deveria. Estou finalmente rumando para as Províncias Exteriores.

Eu me permito imaginar que Ky vai estar me esperando assim que pousarmos. Que estou a apenas poucos minutos de vê-lo. Talvez de tocar sua mão.

E depois, no escuro, seus lábios.

— Você tá sorrindo — Indie diz.

— Eu sei — respondo.



Capítulo 9

ky

A NOITE CAI PESADAMENTE ENQUANTO ESPERAMOS A LUA. O céu fica azul e rosa, e depois azul de novo. Um azul mais escuro, mais carregado, quase preto.

Ainda não contei a Eh que vamos fugir.

Minutos atrás, Vick e eu mostramos aos outros como detonar os explosivos. Agora estamos aguardando a hora de deixá-los para trás e fugir rumo à boca escancarada e escarpada da Escultura.

Ouvimos o bipe agudo do miniterminal anunciando a chegada de uma nova mensagem. Vick leva o aparelho ao ouvido e escuta.

Eu me pergunto o que será que o Inimigo pensa de nós, essas pessoas que a Sociedade raramente se dá ao trabalho de defender. Eles nos atacam e nos matam e depois nós rastejamos de volta, num estoque aparentemente infinito de gente. Será que parecemos ratos, camundongos, pulgas, algum tipo de ver- me que nunca se deixa exterminar? Ou o Inimigo tem alguma ideia do que a Sociedade vem fazendo?

— Ouçam — Vick guarda o miniterminal e pede atenção. — Acabo de receber uma mensagem do Funcionário no comando. — Um burburinho toma conta da multidão. Estão todos atentos, as mãos sujas de pólvora e os olhos cheios de esperança. É difícil continuar desviando o olhar. Palavras começam a surgir na minha cabeça, um ritmo familiar, e é só depois de alguns segundos que percebo o que estou fazendo. Estou dizendo as palavras para os mortos.

— Em breve vão chegar novos aldeões — avisa Vick.

— Quantos? — alguém pergunta em voz alta.

— Não sei — responde Vick. — Só sei que o Funcionário disse que eles vão ser diferentes, mas que devemos tratá-los como qualquer aldeão e que seremos responsabilizados por qualquer coisa que acontecer com eles.

Todo mundo fica em silêncio. De todas as coisas que a Sociedade nos disse, essa é uma que sempre se provou verdadeira — qualquer um de nós que mata ou fere um dos outros tem de acertar as contas com os Funcionários. Rápido. Já vimos isso acontecer. A Sociedade sempre deixou bem claro: não devemos nos ferir uns aos outros. Isso é tarefa para o Inimigo.

— Talvez estejam enviando um grupo grande — alguém diz em voz alta.

— Talvez seja melhor a gente esperar eles chegarem pra tentar lutar.

— Não — retruca Vick, com autoridade na voz. — Se o Inimigo vier hoje à noite, combateremos hoje à noite. — Ele aponta para a lua redonda surgindo no horizonte. — Vamos pras nossas posições.

— O que você acha que ele quer dizer? — Eh me pergunta assim que os outros se afastam. — Sobre os novos aldeões serem diferentes?

A boca de Vick se contrai numa linha firme, e sei que tivemos o mesmo pensamento. Meninas. Eles estão mandando meninas.

— Você tem razão — diz Vick, olhando para mim. — Estão se livrando das Aberrações.

— E aposto que deixaram todas as Anomalias morrerem antes de nós — eu digo, e antes mesmo que as palavras saiam da minha boca eu vejo a mão de Vick se fechando em um punho cerrado, e ele gira o braço na direção do meu rosto. Eu desvio a tempo. Ele erra o alvo, e instintivamente eu o acerto com um murro na boca do estômago. Ele cambaleia, mas não cai.

Eli engole em seco. Vick e eu nos encaramos.

A agonia nos olhos não é causada pelo soco que acabei de acertar. Ele já apanhou antes, assim como eu. É o tipo de dor que nós dois somos capazes de aguentar. Não sei ao certo por que o que eu disse provocou essa reação nele, mas sei que certamente ele não vai me dizer. Eu guardo meus segredos. Ele guarda os dele.

— Você acha que eu sou uma Anomalia? — ele me pergunta, em voz baixa. Eh dá um passo para trás, mantendo distância.

— Não — respondo.

— E se fosse?

— Eu ficaria contente. Isso significaria que alguém sobreviveu. Ou que estou errado sobre o que a Sociedade vem fazendo aqui...

Vick e eu olhamos ao mesmo tempo para o céu. Ouvimos a mesma coisa, sentimos a mesma mudança.

O Inimigo.

A lua surgiu.

E está cheia.

— Eles estão vindo! — Vick berra.

Outras vozes respondem ao chamado. Em meio aos berros, ouço nas vozes terror e ódio e um outro elemento, que reconheço de muito tempo atrás. A alegria de lutar.

Vick olha para mim e sei que estamos pensando na mesma coisa. A tentação de ficar e lutar. Eu balanço a cabeça. Não. Ele pode ficar, mas eu não.

Preciso dar o fora daqui. Tenho que tentar voltar para Cassia.

Fachos de lanternas se movem na noite. Silhuetas escuras correm e gritam.

— Agora — diz Vick.

Solto minha arma e agarro o braço de Eli.

— Vem com a gente! — eu digo. Ele me encara, confuso.

— Pra onde? — ele pergunta. Aponto na direção da Escultura, e ele arregala os olhos. — Lá?

— Lá — confirmo. — Agora.

Eli hesita apenas por um instante, depois assente e saímos correndo. Deixo minha arma para trás, caída no chão. Talvez uma chance a mais para quem ficar, eu penso, e pelo canto do olho vejo que Vick também está largando sua arma no chão, ao lado do miniterminal.

Na noite, parece que estamos correndo a toda velocidade sobre as costas de algum tipo enorme de animal, passando em disparada por cima de sua espinha dorsal e em meio a trechos de grama alta, fina e dourada, que agora reluz feito uma pele de prata ao luar. Em pouco tempo a grama dará lugar a pedras duras, quando chegarmos mais perto da Escultura, e aí estaremos mais expostos.

Menos de um quilômetro depois sinto que Eh está ficando para trás.

— Solta a arma — eu o instruo. Quando ele não me obedece, estico o braço e a arranco de suas mãos. A arma cai no chão com estrépito e Eli para.

— Eli — eu chamo o nome dele, e o tiroteio começa.

E a gritaria.

— Corre — eu digo. — Não dê ouvidos.

Eu também tento não ouvir nada daquilo — os gritos, os berros, a morte.

Chegamos à borda do arenito, e Eli e eu estacamos ao lado de Vick, que parou para recobrar o fôlego.

— Por ali — eu digo, apontando.

— Precisamos voltar e ajudar os outros — diz Eli.

Em vez de responder, Vick sai correndo de novo.

—Ky?

— Continua correndo, Eli.

— Eles estão morrendo e você não dá a mínima? — ele insiste.

Pop-pop-pop.

Os patéticos sons dos explosivos que montamos chegam até nós. Daqui, são como um grande nada.

— Você não quer viver? — pergunto a Eh, furioso por ele estar dificultando as coisas, por não me deixar esquecer o que está acontecendo atrás de nós.

E então o animal sob nossos pés estremece. Caiu alguma coisa grande, e Eh e eu continuamos correndo desenfreadamente, movidos apenas pelo instinto de sobreviver. Em minha mente, há um único pensamento: correr.

Já fiz isso antes. Anos atrás. Meu pai uma vez me disse: “Se acontecer alguma coisa, corra para a Escultura”, e foi o que fiz. Como sempre, eu queria sobreviver.

Mas, naquela vez, os Funcionários desembarcaram de uma aeronave bem na minha frente, vencendo em poucos minutos os muitos quilômetros que eu tinha levado horas para percorrer. Eles me jogaram no chão. Tentei resistir. Uma pedra arranhou meu rosto. Mas mantive nas mãos a única coisa que tinha trazido do vilarejo — o pincel da minha mãe.

Dentro da aeronave vi o único outro sobrevivente — uma menina do meu vilarejo. Assim que levantamos voo, os Funcionários nos ofereceram comprimidos vermelhos. Eu tinha ouvido boatos. Achei que fosse morrer. Por isso fechei a boca. Não aceitei tomar o meu.

“Por favor”, disse com voz simpática um dos Funcionários, e então abriu a minha boca e enfiou um comprimido verde. A falsa calma tomou conta de mim, e nada pude fazer quando ele me enfiou boca adentro o comprimido vermelho também. Mas minhas mãos sabiam. Elas apertaram com tanta força o pincel que ele quebrou.

Eu não morri. Ainda dentro da aeronave, eles nos levaram para trás de uma cortina e lavaram nossas mãos, nosso cabelo e nosso rosto. Foram gentis enquanto esquecíamos de tudo, nos deram roupas limpas e nos contaram uma nova história para lembrarmos no lugar do que realmente tinha acontecido.

“Sentimos muito”, eles disseram, simulando no rosto expressões de tristeza. “O Inimigo atacou os campos onde muitos de nossos aldeões estavam trabalhando. Houve poucas baixas, mas seus pais morreram.

Eu pensei: *Por que você está nos contando isso? Acha que vamos esquecer? Não houve poucas baixas. Morreu quase todo mundo. E eles não estavam nos campos. Eu vi tudo.*

A menina chorou, assentiu e acreditou, embora devesse saber que eles estavam mentindo. E eu constatei que esquecer era exatamente o que eu tinha de fazer.

Eu fingi que esqueci, concordei com a cabeça, assim como a menina, e tentei colocar no meu olhar aquela mesma expressão vazia que ela tinha sob as lágrimas.

Mas não chorei como ela. Eu sabia que, se comesse a chorar, nunca mais pararia. E então eles saberiam o que eu realmente tinha visto.

Eles tiraram de mim o pincel quebrado e me perguntaram por que razão eu tinha aquilo.

E por um momento entrei em pânico. Não conseguia me lembrar. Será que o comprimido vermelho estava funcionando? Mas então eu lembrei. Aquele pincel estava comigo porque era da minha mãe. Eu o encontrei no vilarejo quando descii do planalto depois do ataque do Inimigo.

Olhei para eles e disse: “Não sei. Achei por aí.”

Eles acreditaram em mim, e foi então que aprendi a mentir apenas o suficiente para não ser pego.

A Escultura está mais próxima agora.

— Por qual caminho? — Vick me pergunta. De perto dá para ver o que de longe é impossível, as profundas frestas na superfície da Escultura. Cada uma é um cânion diferente e uma escolha diferente.

Eu não sei. Nunca estive aqui antes, apenas ouvi histórias da boca do meu pai, mas preciso decidir rápido. Por um minuto, agora sou o líder.

— Por ali — respondo, apontando para a fenda mais próxima. A que tem uma pilha de pedregulhos ao lado. Algo ali me parece certo, parece fazer sentido. Como uma história que eu já conheço.

Nada de lanternas agora. Vamos ter de nos virar com a luz do luar. Precisamos de ambas as mãos para penetrar na terra. Eu corto o braço numa pedra, e os carrapichos grudam onde podem, feito passageiros clandestinos.

Atrás de nós, ouço um estrondo — um som que não se parece com os disparos do Inimigo. E também não foi no vilarejo. Foi perto. Em algum lugar na planície bem atrás de nós.

— O que foi isso? — pergunta Eli

— Siga em frente — Vick e eu falamos ao mesmo tempo, e vamos andando com dificuldade entre as pedras, rápido, mais rápido, machucados, cortados, sangrando. Caçados.

Depois de alguns minutos, Vick faz uma pausa e eu passo apressado por ele. Precisamos entrar nas profundezas do cânion agora.

— Cuidado — eu digo para os de trás. — O chão é pedregoso. — Ouço a respiração ofegante de Eh e Vick atrás de mim.

— O que foi isso? — Eh pergunta de novo assim que entramos.

— Alguém estava seguindo a gente. E levou um tiro — responde Vick.

— Vamos parar um pouco — digo, escalando para debaixo de uma enorme saliência de rocha. Aos trancos e barrancos, Vick e Eli me seguem.

A respiração de Vick é rascante. Eu olho para ele.

— Tá tudo bem — ele diz. — Acontece quando eu corro, principalmente se for no meio da poeira.

— Quem atirou nessa pessoa? O Inimigo? — Eli pergunta.

Vick fica em silêncio.

— Quem? — Eli repete, com voz aguda.

— Eu não sei — Vick responde. — Realmente não sei.

— Não sabe? — Eli insiste.

— Ninguém sabe nada — Vick continua falando. — A não ser o Ky. Ele acha que encontrou a verdade numa garota.

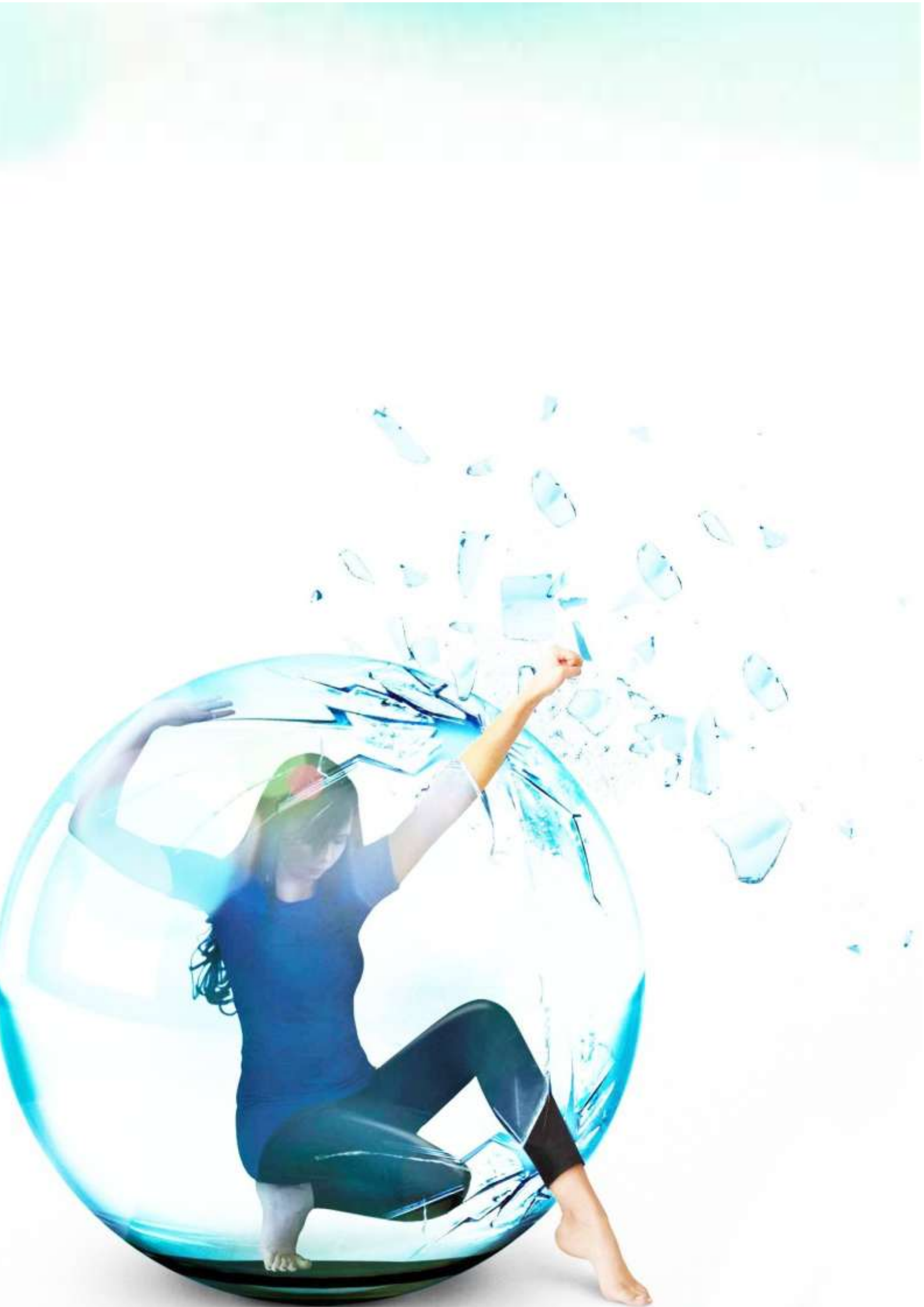
O ódio ferve dentro de mim, uma fúria pura e exausta, mas antes que eu possa fazer qualquer coisa ele acrescenta:

— Quem sabe. Talvez ele esteja certo. — Ele se afasta do paredão de rocha onde estava encostado. — Vamos lá. Você primeiro.

O ar do cânion queima gelado em minha garganta enquanto respiro fundo, e espero meus olhos se ajustarem e as sombras da escuridão ganharem o contorno das pedras e plantas.

— Por aqui — digo. — Apontem a luz pra baixo se precisarem da lanterna, mas a lua deve ser suficiente.

A Sociedade gosta de nos privar das coisas, mas para o vento pouco importa o que sabemos. Conforme vamos entrando mais fundo no cânion, ele sopra e nos traz indícios do que aconteceu — o cheiro de fumaça e uma substância branca que cai sobre nós. Cinzas brancas. Em momento algum eu chego a pensar que é neve.



Capítulo 10

Cassia

Quando a aeronave pousa, quero ser a primeira a desembarcar, para ver se Ky está lá. Mas eu me lembro do que ele mesmo me disse, ainda no Bairro, sobre me camuflar, então eu fico no meio do grupo de meninas e procuro Ky nas fileiras e fileiras de meninos de casaco preto à nossa frente.

Ele não está lá.

— Lembrem-se — diz o Funcionário aos meninos. — Tratem esses novos aldeões como qualquer um de vocês. Nenhum tipo de violência. Estaremos vigiando, de olhos abertos e ouvidos atentos.

Ninguém responde. Não parece haver um líder. Ao meu lado, Indie joga o peso do corpo de uma perna para a outra. Uma menina atrás de nós engole o choro.

— Venham pegar suas porções de comida — ordena o Funcionário, e não há empurra-empurra. Não há confusão. Todos os meninos formam uma fila e vão andando. Deve ter chovido ontem à noite. As botas estão pesadas, com uma grossa camada de lama vermelha.

Encaro cada rosto, um a um.

Alguns parecem aterrorizados, outros, astutos e perigosos. Nenhum demonstra sinal algum de bondade. Todos eles já viram coisas demais. Enquanto pegam sua ração e vão passando pelo Funcionário, eu observo suas costas, mãos e rostos. Eles não brigam pela comida; há um pouco para todo mundo. Depois enchem os cantis em grandes barris azuis de água.

Estou classificando esses meninos, percebo. E então eu penso: *E se eu tivesse que classificar a mim mesma? Me pergunto. O que eu veria? Veria alguém que vai conseguir sobreviver?*

Tento olhar para mim mesma, a menina que observa o Funcionário e os Oficiais guardarem tudo e embarcarem de volta na aeronave. Ela está usando roupas estranhas e encara, determinada, rostos que não conhece. Eu olho para seu cabelo enrolado castanho-acobreado, para o jeito como permanece de pé, pequena e ereta, mesmo depois que o Funcionário e os Oficiais já foram embora e um dos meninos deu um passo à frente, dizendo às novatas que não há plantação nenhuma, que o Inimigo ataca toda noite, que a Sociedade parou de distribuir armas, as quais, de qualquer forma, nunca funcionaram, que todo mundo naquele campo foi mandado para cá para morrer, e que ninguém sabe a razão por trás disso.

A menina permanece firme e forte enquanto as outras caem de joelhos, pois sabia disso o tempo todo. Ela não pode desistir, não pode jogar os braços para o céu nem derrubar lágrimas no chão porque há alguém que ela precisa encontrar. Sozinha em meio a todas as outras meninas, ela esboça um sorriso.

Sim, digo a mim mesma. Ela vai sobreviver.

Indie me pede o embrulho. Eu o passo para suas mãos e vejo que ela retira algo de dentro dos comprimidos e os devolve a mim. Nesse momento percebo que ainda não sei o que ela precisou esconder. Mas ainda não é hora de perguntar. Há outra pergunta, mais urgente, ainda sem resposta: onde está Ky?

—Estou procurando uma pessoa — anuncio em voz alta. — O nome dele é Ky. — Alguns já começaram a se dispersar, agora que o menino acabou de nos contar a verdade.

— Ele tem cabelo preto e olhos azuis — digo em voz ainda mais alta.

— Ele veio da cidade, mas conhece estas terras também. Ele tem palavras. — Eu fico imaginando se ele encontrou um jeito de vendê-las, de negociá-las em troca de alguma coisa daqui.

As pessoas me encaram com olhos de diferentes cores — azuis, castanhos, verdes, cinzentos. Mas nenhum tem as cores de Ky; nenhum dos azuis tem a tonalidade certa.

— Você devia tentar descansar agora — diz o menino que nos contou a verdade. — À noite é difícil dormir. É quando geralmente acontecem os ataques. O menino parece exausto, e quando ele se vira para se afastar eu vejo

que tem um miniterminal na mão. Será que ele já foi o líder? Será que agora continua fornecendo informações por puro hábito?

Outros também se afastam. A apatia aqui me assusta mais do que a situação propriamente dita. Essas pessoas parecem não saber coisa alguma sobre uma rebelião ou Insurreição. Se ninguém mais se importa, se todo mundo desistiu, quem vai me ajudar a encontrar Ky?

— Não posso dormir — diz, num fiapo de voz, uma menina da nossa aeronave. — E se for o meu último dia?

— Tá legal — ele diz. — Mas era um campo diferente, onde eu estava antes de vir pra cá. Talvez não seja a mesma pessoa. O Ky que eu conheci tinha palavras, como você disse.

— Que palavras ele tinha? — pergunto.

O menino encolhe os ombros.

— Palavras pra dizer pros mortos.

— E como elas eram?

— Não me lembro direito. Alguma coisa a ver com um Piloto.

Eu pisco, surpresa. Ky também conhecia as palavras do poema de Tennyson. Como? Então me lembro daquele dia no bosque quando abri pela primeira vez o compacto. Depois Ky me disse que me viu. Talvez tenha visto o poema também, por cima do meu ombro. Ou talvez eu tenha murmurado em voz alta enquanto lia as palavras. Abro um sorriso. Então nós compartilhamos o segundo poema também.

Indie olha ora para o menino, ora para mim, com expressão curiosa.

— O que ele quis dizer com Piloto? — ela pergunta.

O menino dá de ombros.

— Sei lá. Era uma coisa que ele dizia toda vez que morria alguém. Só isso. — Então o menino começa a rir, uma gargalhada sem um pinga de humor. — Mas naquela última noite ele deve ter falado isso por horas a fio.

— O que aconteceu nessa última noite?

— Houve um ataque — ele diz, cortando a risada. — O pior de todos.

— Quando foi isso?

Ele olha para baixo, para a própria bota.

— Há duas noites — ele responde, como se mal pudesse acreditar. — Parece que faz mais tempo.

— Você viu ele nessa noite? — pergunto, com o coração na boca. Se esse menino estiver falando a verdade, Ky estava vivo e perto duas noites atrás. — Você tem certeza? Viu o rosto dele?

— O rosto, não — responde o menino. — Vi as costas. Ele e o amigo dele, Vick, fugiram e deixaram a gente aqui pra morrer. Eles nos deixaram aqui pra morrer e salvar a própria pele. Só seis de nós sobreviveram. Não sei pra onde os Oficiais levaram os outros depois que me trouxeram pra cá. Sou o único que veio pra este campo.

Indie olha de relance para mim, com olhos inquisidores. É ele? Não parece do feitio de Ky deixar as pessoas para trás, mas parece sim coisa do Ky encontrar uma oportunidade em meio a uma situação de desespero e aproveitá-la.

— Então ele fugiu na noite do ataque. E deixou vocês... — Não consigo terminar a frase.

Sob o céu, paira o silêncio.

— Eu não culpo eles — diz o menino, sua amargura transformando-se em exaustão. — Eu teria feito a mesma coisa. Se muitos de nós fugissem de uma vez, seríamos pegos. Eles tentaram ajudar a gente. Mostraram pra nós como fazer nossas armas funcionarem ao menos uma vez, pra que a gente pudesse pelo menos revidar. Mesmo assim, eles sabiam o que estavam fazendo na noite em que fugiram. O momento era perfeito. Muitas pessoas morreram naquela noite, algumas por causa das nossas próprias armas. A Sociedade pode não saber quem virou cinza e quem não virou. Mas eu sei. Eu vi eles fugindo.

— Você sabe onde eles estão agora? — Indie pergunta.

— Em algum lugar ali. — Ele aponta para as formações de arenito, que do ponto onde estamos mal dá para avistar. — Nosso vilarejo ficava perto daquelas rochas. Ele chamava aquele lugar de Escultura. Devia estar desesperado. Ali é morte certa. Anomalias, escorpiões, enchentes repentinas. Mas... Ele faz uma pausa e olha para o céu. — Levaram um menino com eles. Eh. Deve ter uns 13 anos, é o mais jovem do nosso grupo, não conseguia ficar de boca fechada. Como ele podia ser de alguma ajuda? Por que não levaram um de nós?

É o Ky.

— Mas se você viu os três fugindo, por que não foi atrás? — pergunto.

— Vi o que aconteceu com alguém que fez isso — responde o menino, com voz apática. — Ele demorou muito. As naves acertaram ele. Só os três conseguiram escapar. — Ele olha de novo para a Escultura, lembrando.

— A que distância fica a Escultura?

— É uma longa jornada daqui. Uns 40, 50 quilômetros. Ele me olha arqueando as sobrancelhas. — Você acha que vai chegar lá sozinha? Ontem à noite choveu. As pegadas deles já devem ter sumido.

— Eu queria que você me ajudasse — digo. — Que me mostrasse exatamente pra onde ele foi.

Ele sorri, um sorriso de que eu não gosto, mas entendo.

— E o que eu ganho em troca?

Algo que você pode usar para sobreviver nos cânions, roubado de um centro médico da Sociedade — respondo. — Eu te conto mais assim que chegarmos sãos e salvos à Escultura. — Olho de relance para Indie. Ainda não converse com ela para saber se vem ou não; mas parece que agora somos um time.

— Tá bom — ele diz, demonstrando interesse. — Mas se for outro resto de comida com gosto de alumínio, eu não quero. — Indie deixa escapar um pequeno som de surpresa. Mas eu sei por que ele não está recusando: ele quer ir embora com a gente. Ele também quer escapar, só que não quer ir sozinho. Não o fez quando estava no campo de Ky. E não vai agora. Ele precisa de nós tanto quanto nós precisamos dele.

— Não vai ser isso. Prometo.

— Vamos ter que correr a noite inteira. Você consegue?

— Consigo — eu respondo.

— Eu também — diz Indie, e olho para ela. — Eu também vou — ela diz, e não é uma pergunta. Ela faz o que quer. E essa é a fuga que vai definir nossas vidas.

— Que bom — eu digo.

— Venho buscar vocês quando escurecer e todo mundo estiver dormindo diz o menino. — Achem algum lugar pra descansar. Tem um velho armazém lá na ponta do vilarejo. Talvez seja o melhor lugar. As iscas que ficam lá não vão machucar vocês.

— Tudo bem — eu digo. — Mas e se houver um ataque do Inimigo?

— Se houver um ataque, venho encontrar vocês depois que tiver terminado. Isso se não tiverem morrido. Eles deram lanternas pra vocês?

— Deram — eu respondo.

— Então tragam elas com vocês. A lua vai ajudar, mas ela não está mais cheia.

A lua branca surge sobre a cordilheira negra, e percebo que as montanhas estivera lá o tempo todo, algo que eu tinha esquecido, embora pudesse ter notado pela ausência de estrelas no espaço de seu contorno. As estrelas aqui são como as de Tana, inúmeras e nítidas no ar límpido da noite.

— Volto daqui a pouco — anuncia Indie, e antes que eu possa impedi-la ela sai sorrateiramente.

— Toma cuidado — sussurro, tarde demais. Ela desapareceu.

— Que horas eles costumam vir? — pergunta uma das meninas. Ficamos todos amontoados junto às janelas, que já não têm mais vidros. O vento entra pelos vãos, numa corrente de ar gelado zanzando de janela em janela.

— Não dá pra saber — responde um menino cujo rosto está tomado de resignação. — Nunca dá pra saber — ele suspira. — Quando eles vêm, o melhor lugar pra ficar são os porões. Este vilarejo tem. Outros não.

— Mas algumas pessoas se arriscam e ficam aqui em cima — diz outro menino. — Eu não gosto de porões. Não consigo pensar direito quando fico lá embaixo.

Eles falam como se estivessem aqui há uma eternidade. Mas quando miro o facho da lanterna para baixo, vejo que ambos têm somente cinco ou seis sulcos marcados nas botinas.

— Vou ficar lá fora — digo depois de alguns minutos. — Não existe nenhuma regra contra isso, né?

— Fique nas sombras e não ligue a lanterna — aconselha o menino que não gosta de porões. — Não chame atenção. Eles podem estar sobrevoando, só na espreita.

— Tudo bem — aceito a recomendação.

Indie entra pela porta quando estou prestes a sair, e dou um suspiro de alívio. Ela não fugiu de novo.

— É bonito aqui — ela diz, em um tom quase informal de conversa, enquanto se põe a caminhar ao meu lado.

Ela tem razão. Se for possível olhar além de tudo que está acontecendo, a paisagem é de fato bonita. A lua derrama uma luz alva sobre as calçadas de concreto e eu vejo o menino. Ele é cauteloso, permanece nas sombras, mas sei que está lá. Quando ele sussurra no meu ouvido, não me surpreendo, e Indie também não se assusta.

— Quando a gente vai? — eu pergunto a ele.

— Agora — ele responde. — Senão a gente não consegue chegar antes do amanhecer.

Seguimos o menino até os confins da cidade; vejo outras pessoas esgueirando-se nas sombras, fazendo diferentes coisas com o pouco tempo que lhes resta. Ninguém parece nos notar.

— Ninguém tenta fugir? — pergunto.

— Quase nunca — ele responde.

— E uma rebelião? — pergunto assim que chegamos ao limite da cidade.

— Ninguém aqui planeja esse tipo de coisa?

— Não — ele responde, curto e grosso. — Aqui não. — Ele para. — Tirem os casacos.

Nós o encaramos, de olhos arregalados. Ele ri um pouco enquanto tira o casaco e o amarra na alça da mochila.

— Em pouco tempo vocês não vão precisar mais dele. Vão esquentar em um instante — ele explica.

Indie e eu tiramos os casacos. Nossas roupas comuns pretas se misturam à escuridão da noite.

— Me sigam — ele diz.

E então começamos a correr.

Depois de pouco mais de um quilômetro, somente minhas mãos ainda estão geladas.

No Bairro, corri descalça na grama para tentar ajudar Ky. Aqui estou usando botas pesadas e preciso desviar das pedras que ameaçam torcer meu tornozelo, e mesmo assim me sinto mais leve do que naquela época, e bem mais leve do que jamais me senti correndo na esteira macia do rastreador. Estou cheia de adrenalina e esperança; eu poderia continuar correndo assim para sempre, correndo para Ky.

Fazemos uma pausa para beber, e sinto o filete de água gelada descendo dentro de mim. Posso traçar sua trajetória exata garganta abaixo até o estômago, um rastro de frio que me faz sentir um arrepio antes de rosquear de novo a tampa do cantil.

Mas não demora muito para que eu comece a ficar cansada.

Tropeço numa pedra, demoro demais para desviar de um arbusto. Ele crava seus dentes, suas sementes espinhentas, nas minhas roupas e na minha perna. Nossos pés martelam ruidosamente o chão gélido. Temos sorte de não haver neve; e o ar está carregado de um frio fino e desértico que falsamente nos leva a crer que não estamos com sede, pois respirar é como beber gelo.

Quando estico a mão e toco meus lábios, vejo que estão secos.

Não olho para trás para ver se há alguém nos perseguindo ou precipitando-se pela noite para pairar por cima dos nossos ombros. Já temos coisas demais à nossa frente com que nos preocupar. A lua fornece luz suficiente para que possamos enxergar, mas de vez em quando, em lugares mais escuros, arriscamos acender as lanternas.

O menino acende a lanterna dele e solta um palavrão.

— Esqueci de olhar pra cima — ele diz. Quando eu olho, vejo que, em nosso esforço para evitar pequenas ravinas e pedras pontudas, começamos a andar na direção contrária.

— Você tá cansado Indie diz para o menino. — Deixa que eu vou na frente.

— Eu vou — proponho.

— Espera — Indie me diz, com voz firme e exausta. — Talvez você seja a única com energia suficiente pra nos levar quando estivermos chegando no fim.

Nossas roupas ficam presas a arbustos duros e espinhosos, O cheiro no ar é nítido, inconfundível, seco. Será que é sálvia?, eu me pergunto. O cheiro favorito do Ky? Quilômetros depois, deixamos de correr em fila indiana, e agora vamos lado a lado. É ineficaz. Mas precisamos demais uns dos outros.

Nós três levamos tombos. Nós três estamos sangrando. O menino machucou ombro. As pernas de Indie estão arranhadas. Eu caí numa pequena ravina e meu corpo está moído. Estamos correndo tão devagar que mais parece caminhada.

— Uma maratona — diz Indie. — É assim que chamam esse tipo de corrida. Ouvi uma história a respeito.

—Você pode me contar? — peço a ela.

— Você não quer ouvir isso.

— Quero, sim. — Qualquer coisa para distrair minha mente da dificuldade, da distância que ainda falta percorrer. Embora estejamos mais perto, cada passo parece uma jornada. Não acredito que Indie ainda seja capaz de falar. Eu e o menino já paramos de falar quilômetros atrás.

— Era no fim do mundo. Uma mensagem precisava ser entregue. — A respiração dela está ofegante, as palavras ficam entrecortadas. — Um homem saiu correndo pra entregá-la. Tem que percorrer 42 quilômetros. Como a gente. Ele conseguiu. Entregou a mensagem.

— E ele foi recompensado? — pergunto, com a respiração dissonante.

— Alguma aeronave desceu pra salvá-lo?

— Não — ela diz. — Ele entregou a mensagem, depois morreu.

Começo a rir, o que não é nada bom para quem precisa economizar fôlego, e Indie também cai na risada.

— Eu disse que você não ia querer ouvir essa história.

— Pelo menos a mensagem chegou — eu digo.

— É, acho que sim — Indie responde. Quando ela me olha com um sorriso ainda no rosto, vejo que me enganei. Aquilo que eu achava que era frieza dentro dela é na verdade calor. Indie tem um fogo no peito que a mantém viva e ativa mesmo num lugar como este.

O menino tosse e cospe. Ele está aqui há mais tempo que nós. Parece fraco.

Paramos de conversar.

Ainda faltando alguns quilômetros para chegar à Escultura, o cheiro do ar é diferente. Não é um odor limpo, como o cheiro de planta que sentíamos, mas escuro e fumegante, como de algo queimado. Quando olho a paisagem

afora, penso ver vislumbres de cinzas quentes, mudanças na luz, pedacinhos âmbar-laranja sob o luar.

Percebo outro aroma na noite — um que não conheço bem, mas que talvez seja de morte.

Nenhum de nós diz coisa alguma, mas o cheiro nos mantém correndo, o que quase mais nada conseguiria fazer, e por breves momentos nós não respiramos fundo.

Corremos durante uma eternidade. Vou repetindo sem parar as palavras do poema, no ritmo dos meus passos. É quase como se fosse a voz de outra pessoa. Não sei onde encontro ar e vou errando os versos: Do nosso riacho de morte e espaço, a torrente vai me conduzir para longe, mas não importa. Jamais imaginei que as palavras pouco importariam.

— Você tá dizendo isso pra gente? — pergunta o menino, ofegante, falando pela primeira vez depois de horas de silêncio.

— Nós não estamos mortos — digo. — Nenhum morto sente tanto cansaço.

— Chegamos — diz o menino, parando. Olho para onde ele aponta e vejo um grupo de pedregulhos, que serão difíceis, mas não impossíveis, de transpor.

Conseguimos.

O menino dobra o corpo de tanta exaustão. Indie e eu nos entreolhamos e tocamos o ombro dele, achando que pode estar passando mal, mas então ele se endireita.

— Vamos em frente — digo, sem saber ao certo o que ele está esperando.

— Não vou com vocês. Vou por aquele cânion ali — ele diz, apontando para outra parte da Escultura.

— Por quê? — pergunto, e Indie quer saber:

— Como vamos ter certeza de que podemos confiar em você? O que nos garante que esse é o cânião certo?

O menino balança a cabeça.

— É aquele ali — ele nos diz, estendendo a mão para receber seu pagamento. — Rápido. Já está quase amanhecendo. — Ele fala baixinho, sem sentimento na voz, e é isso que me convence de que está dizendo a verdade. Está cansado demais para mentir.

— O Inimigo acabou não atacando esta noite. As pessoas vão perceber que a gente fugiu. Talvez informem pelo miniterminal. Temos que entrar nos câníons.

— Vem com a gente — peço.

— Não — o menino diz. Ele olha para mim e entendo que precisava de nós para a fuga. É a parte que seria difícil demais fazer sozinho. Agora, por alguma razão, quer seguir o próprio caminho. Ele sussurra: — Por favor.

Enfio a mão na mochila e pego os comprimidos. Enquanto eu os desembrulho, minhas mãos desajeitadas e geladas ainda que suor escorra pelas minhas costas, ele olha para trás, para o lugar aonde quer ir. Quero que ele venha com a gente. Mas a escolha é dele.

— Aqui — eu digo, estendendo metade dos comprimidos. O menino olha para eles, lacrados em seus pequenos compartimentos, a parte de trás de cada um meticulosamente rotulada. Azul. Azul. Azul. Azul.

E então ele começa a gargalhar.

— Azul — ele diz, rindo mais alto. — Tudo azul. — E então, como se ao dizer isso ele desse vida à cor, nós notamos que o céu vem trazendo a manhã.

— Tome alguns — eu digo, chegando mais perto dele. Vejo o suor congelado nas pontas de seu cabelo curtinho; gelo em seus cílios. Ele estremece.

—Devia vestir o casaco. Tome alguns — insisto.

— Não — ele diz, afastando a minha mão. Os comprimidos caem no chão. Eu dou um grito, ajoelhando-me para pegá-los.

O menino hesita.

— Talvez um ou dois — ele diz, e vejo sua mão voar como urna flecha para baixo. Ele agarra o receptáculo e arranca dois quadradinhos. Antes que eu possa impedi-lo, ele joga o resto em mim e sai correndo.

— Mas eu tenho outros — eu grito. Ele nos ajudou a chegar aqui. Eu podia dar a ele o verde, para ele se acalmar. Ou o vermelho, e então talvez ele esquecesse a longa e terrível jornada e o cheiro da morte de seus amigos quando passamos pelo vilarejo reduzido a cinzas. Eu devia dar os dois a ele. Abro a minha boca para chamá-lo de novo, só que em momento algum ele nos disse seu nome.

Indie está imóvel.

— Temos que ir em frente — eu digo, instigando-a. — Vamos.

— Número 19 — ela diz baixinho. As palavras de Indie não fazem sentido algum para mim até eu seguir seu olhar fixo e ver o que existe depois dos pedregulhos. O que há além deles está visível agora: a Escultura, bem próxima e iluminada pela primeira vez.

— Ah — eu murmuro. — Ah.

O mundo muda aqui.

Diante de mim há uma vastidão de cânions, fendas na terra, abismos, precipícios e gargantas. Uma paisagem de sombras e penumbras, colinas e cataratas. De vermelho e azul e muito pouco verde. Indie está certa. Conforme o céu se ilumina e eu vejo pedras entalhadas e os enormes cânions, a Escultura me lembra a pintura que Xander me deu.

Mas a Escultura é real.

O mundo é tão maior do que eu achava que era.

Se descormos Escultura adentro com seus quilômetros e quilômetros de montanhas e hectares de vales, rochedos e despenhadeiros, vamos desaparecer por completo. Nós nos tornaremos quase nada.

De repente eu me pego pensando em uma época na Segunda Escola, antes de começarmos a nos especializar, quando nos mostraram diagramas dos nossos ossos e corpos e nos disseram o quanto éramos frágeis, e como, sem a Sociedade, poderíamos facilmente nos quebrar ou adoecer. Me lembro de olhar para as imagens e ver que os nossos ossos brancos eram na verdade recheados de sangue vermelho e medula, e de pensar: Eu não sabia que tinha isso dentro de mim.

Eu não sabia que a terra tinha isto dentro dela. A Escultura parece tão vasta quanto o céu sob o qual ela se ergue.

É o lugar perfeito para alguém como Ky se esconder. Uma rebelião inteira poderia se abrigar num lugar desses. Começo a sorrir.

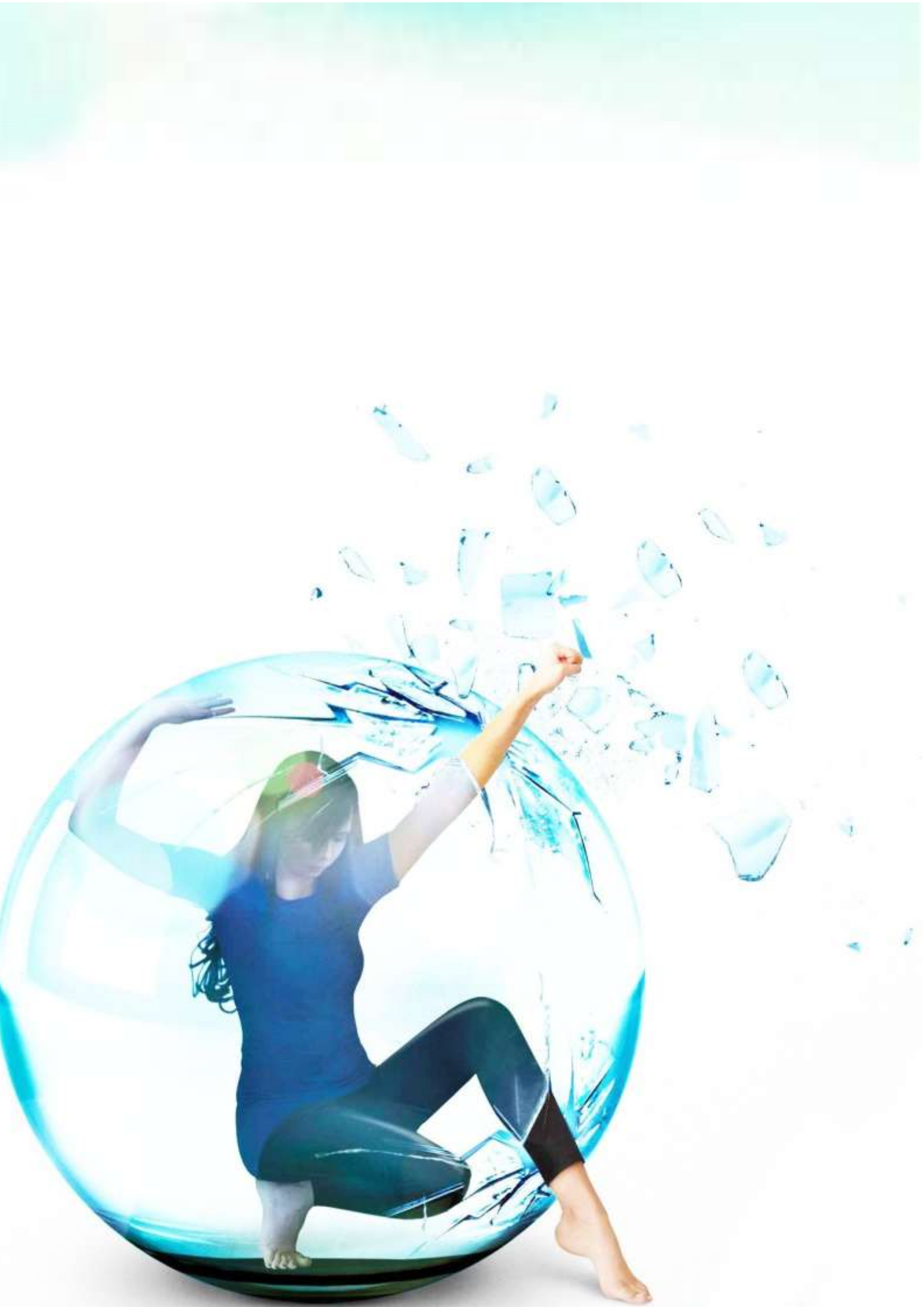
— Espera — digo para Indie assim que ela se move para descer os pedregulhos e entrar na Escultura. — Daqui a alguns minutos o dia vai raiar. — Estou ávida. Quero ver mais.

Ela balança a cabeça.

— A gente tem que estar lá dentro antes que fique claro.

Indie tem razão. Dou uma última olhada para trás na direção do menino, que vai sumindo ao longe e diminuindo de tamanho cada vez mais, correndo mais rápido do que eu achava que era capaz. Eu queria ter-lhe agradecido antes que fosse embora.

Desço atrás de Indie, arrastando-me com dificuldade dentro do cânion em que, eu espero, Ky entrou dois dias atrás. Longe da Sociedade, de Xander, da minha família, da vida que eu conheci. Longe do menino que nos trouxe até aqui, da luz que vai engatinhando pela paisagem, tornando o céu azul e a terra vermelha, a luz que poderia nos matar.



Capítulo 11

ky

DEVIA HAVER PATRULHEIROS NO CÂNION. Achei que teríamos de negociar e pedir passagem nos postos de controle, como meu pai fez da primeira vez em que estive aqui. Mas não há ninguém. No começo o silêncio é perturbador. Então começo a perceber que a Escultura ainda fervilha de vida. Corvos negros voam em círculos no céu acima e enviam agudos grasnados nos cânions. No chão há fezes de coiotes, coelhos e cervos, e uma raposa, pequenina e cinzenta, foge da beira do riacho onde fazemos uma pausa para beber água. Um passarinho busca abrigo nos galhos de uma árvore que tem uma enorme e escura ferida no meio do tronco. Parece que um dia ela foi atingida por um raio, mas depois cresceu em torno da queimadura.

Mas ainda não encontramos nada humano.

Será que aconteceu alguma coisa com as Anomalias?

Quanto mais adentramos o cânion, mais largo fica o riacho. Eu conduzo o grupo caminhando sobre as pedras lisas e arredondadas junto à água. Pisando nelas não deixamos muitas pegadas. No verão eu uso um cajado e ando dentro do próprio rio, meu pai me disse.

Mas agora a água está gelada demais para andarmos dentro do rio. Pedacos largos e finos de gelo acumulam-se nas margens. Eu olho ao redor e me pergunto o que meu pai teria visto no verão. Árvores que agora são raquíticas e mirradas deviam ser frondosas, ou pelo menos tão cobertas de folhas quanto é possível num deserto. O sol escaldante batendo em cheio, a sensação boa da água fresca sob os pés, os cardumes de peixes fugindo ao sentir sua aproximação.

Na terceira manhã encontramos o chão revestido de gelo. Não vi nenhuma pedra de sílex para acender uma fogueira. Sem nossos casacos, morreríamos de frio.

Eli fala, ecoando meus pensamentos:

—Pelo menos a Sociedade nos deu esta roupa. Nunca tive um casaco que funcionasse tão bem.

Vick concorda:

— São de qualidade quase militar. Eu me pergunto por que a Sociedade desperdiçou estes casacos com a gente.

Ouvir essa conversa me faz perceber a resposta para o que vinha me incomodando: *Tem alguma coisa errada com isso também.*

Tiro meu casaco e o vento me faz ter vontade de tremer, mas mantenho as mãos firmes enquanto pego uma pedra de ágata, pontuda e cortante.

— O que você tá fazendo? — Vick pergunta.

— Rasgando o meu casaco.

— Vai me dizer por quê?

— Eu te mostro. — Abro o casaco como a carcaça de um animal e faço uma incisão. — A Sociedade não gosta de desperdiçar as coisas — digo. — Então deve ter alguma razão pra terem dado isso pra gente. — Eu arranco uma camada do material.

Fios à prova de água — alguns azuis, alguns vermelhos — emaranhados feito veias dentro do enchimento.

Vick solta um palavrão e faz menção de rasgar seu casaco. Eu levanto a mão para impedi-lo.

— Espera um pouco. A gente ainda não sabe pra que eles servem.

— Provavelmente estão nos rastreando Vick diz. — Talvez a Sociedade saiba onde a gente está.

—É verdade, mas você pode se manter aquecido enquanto eu checo. — Puxo os fios, me lembrando de como meu pai costumava fazer isso. — Tem um mecanismo de aquecimento no interior dos casacos. Reconheço a fiação. É por isso que eles funcionam tão bem.

— E o que mais? — pergunta Vick. — Por que iriam querer que a gente ficasse aquecido?

— Pra que continuássemos usando os casacos — digo. Olho para uma engenhosa trama de fios azuis acoplada à fiação vermelha do mecanismo de aquecimento. Os fios azuis se estendem da gola do casaco até os braços e punhos. A trama cobre a parte de trás, debaixo, da frente e as laterais dos braços. Num lugar perto do coração há um disquinho prateado mais ou menos do tamanho de um microcartão.

— Por quê? — pergunta Eli.

Começo a rir. Enfio a mão por dentro e desengancho os fios azuis do disco, entrelaçando-os cuidadosamente aos vermelhos. Não quero alterar o mecanismo de aquecimento. Ele funciona bem do jeito que está.

— Porque eles não dão a mínima pra gente, mas adoram dados — respondo. Assim que solto o disco, eu o levanto, exibindo-o. — Aposto que isto aqui registra coisas como a nossa frequência cardíaca, nossos níveis de hidratação, a hora da nossa morte. E qualquer outra coisa que eles decidam saber sobre nós durante nossa permanência nos vilarejos. Eles não estão usando isso pra nos rastrear constantemente. Mas coletam nossos dados depois que a gente morre.

— Os casacos nem sempre se queimam — diz Vick.

— E mesmo se isso acontecer, os discos são à prova de fogo. — Então eu abro um sorrisinho malicioso. — A gente andou dificultando as coisas pra eles — eu digo para Vick. Todas aquelas pessoas que a gente enterrou. — Meu sorriso desaparece quando penso nos Oficiais arrastando os corpos de dentro da terra só para arrancar seus casacos.

— Aquele primeiro menino na água — Vick lembra. — Eles fizeram a gente tirar o casaco antes de nos livrarmos dele.

— Mas se eles não dão a mínima pra nós, por que se importariam com nossos dados? — pergunta Eli.

— A morte — respondo. — É a única coisa que eles ainda não dominaram por completo. Querem saber mais sobre ela.

— Nós morremos, eles aprendem como não morrer — Eli diz. Sua voz soa distante, como se ele não estivesse pensando apenas nos casacos, mas também em outra coisa.

— Fico pensando por que eles não nos impediram — Vick diz. — Nós passamos semanas enterrando corpos.

— Eu não sei. Talvez quisessem saber por quanto tempo a gente continuaria fazendo aquilo.

Durante alguns minutos ficamos todos em silêncio. Eu enrolo os fios azuis e deixo tudo — as entranhas da Sociedade — debaixo de uma pedra.

— Querem que eu conserte o de vocês? — pergunto. — É bem rápido.

Vick entrega o casaco dele. Agora que sei onde ficam os fios azuis, posso ser mais cuidadoso com minhas incisões. Faço apenas alguns buraquinhos e puxo a fiação azul. Um dos buracos é perto do coração, e logo consigo extrair o disco.

— Como você vai remendar o seu casaco? — Vick pergunta.

— Vou ter que usar assim mesmo e dar um jeito de arrumar mais tarde.

— Uma das árvores perto de nós é um pinheiro que pinga seiva. Eu pego um pouco e uso para colar os pedaços rasgados do meu casaco em alguns pontos. O cheiro da seiva, forte e terroso, me faz pensar nos pinheiros mais altos na Colina. — Acho que dá pra me manter aquecido contanto que eu tome cuidado com os fios vermelhos.

Estico o braço para pegar o casaco de Eli, mas ele recusa.

— Não. Tá tudo bem — ele diz. — Eu não ligo.

— Tá bom — eu digo, surpreso, e então começo a entender. O disquinho é o mais perto que qualquer um de nós pode chegar da imortalidade. Não é tão bom quanto as amostras de tecido coletadas e armazenadas para os Cidadãos Ideais — a chance de viver de novo quando a Sociedade tiver a tecnologia para tanto.

Não acho que um dia consigam descobrir como fazer isso. Nem mesmo a Sociedade pode trazer as pessoas de volta. Mas é verdade que na Sociedade nossos dados vivem para sempre, rolando de novo e de novo para se tornarem os números de que a Sociedade precisa. Semelhante ao que fez a Insurreição com a lenda do Piloto.

Desde sempre, até onde a minha memória alcança, conheço a história da rebelião e seu líder.

Mas nunca disse nada a Cassia.

O mais perto que cheguei de fazê-lo, foi naquele dia na Colina, quando contei a história sobre Sísifo. Não a adaptação que a Insurreição fez dela, mas a versão de que eu gosto mais. Cassia e eu estávamos numa floresta verde e escura. Nós dois estávamos segurando bandeiras vermelhas nas mãos. Eu terminei a história e estava prestes a dizer mais. Então ela me perguntou qual era a cor dos meus olhos. Naquele momento percebi que amar alguém era mais perigoso — mais como uma rebelião — do que qualquer outra coisa.

Eu tinha ouvido trechos do poema de Tennyson a vida inteira. Mas em Oria, depois que vi as palavras de Tennyson nos lábios de Cassia, percebi que o poema não pertencia à Insurreição — o poeta o havia escrito muito tempo atrás, antes mesmo da existência da Sociedade. Com a história de Sísifo é igual: ela já existia bem antes que a Insurreição, a Sociedade ou meu pai reivindicassem sua posse.

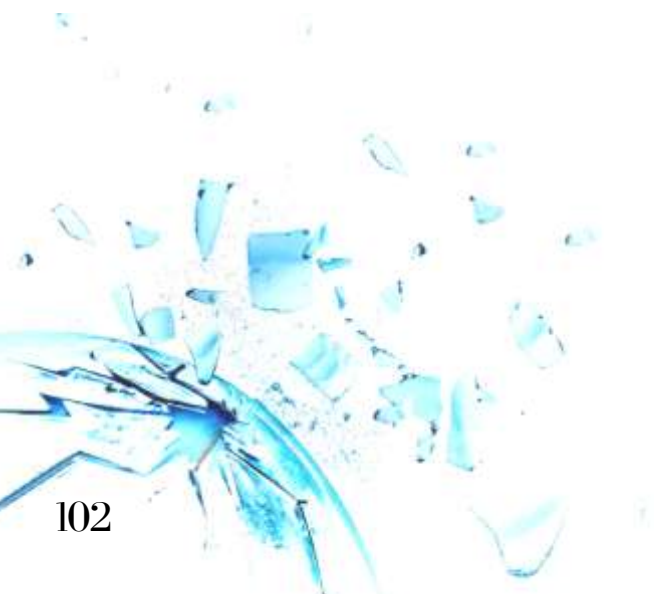
Quando passei meus dias no Bairro fazendo as mesmas tarefas seguidas vezes sem parar, eu também mudei a história. Concluí que o mais importante são os pensamentos que cada um carrega dentro de sua própria mente.

Por isso nunca falei com ela sobre como já tinha ouvido o outro poema ou sobre a rebelião. Por quê? A Sociedade já estava tentando se intrometer no nosso relacionamento. Não precisávamos que mais nada nem ninguém fizesse o mesmo. Os poemas e as histórias que compartilhávamos podiam significar o que nós queríamos que significassem. Podíamos escolher o nosso próprio caminho juntos.

Por fim avistamos um sinal das Anomalias: um lugar que eles costumavam escalar. O terreno na base do penhasco está salpicado de fragmentos azuis. Eu me abaixo para olhar mais de perto. Por um momento parecem invólucros quebra d algum bonito tipo de inseto. Azul e roxo na parte de baixo. Quebrados e misturados com lama vermelha.

Então percebo que são juníperos caídos da árvore que cresce perto da parede. As frutas foram esmagadas pelo pisão de botinas e a chuva manchou

as pegadas, de modo que agora são apenas vagos espaços. Passo a mão pelos cortes na pedra e os furos de metal por onde as Anomalias passavam o equipamento de escalada. As cordas sumiram.





Capítulo 12

Cassia

ENQUANTO CAMINHAMOS, PROCURO ALGUMA COISA QUE MARQUE A PASSAGEM DE KY POR ESTE LUGAR. Mas não encontro coisa alguma. Não vemos pegadas, nenhum sinal de vida humana. Mesmo as árvores são pequenas e mirradas, e uma delas tem uma nítida e escura cicatriz no centro. Eu também sinto como se tivesse levado um golpe. Embora o menino que fugiu conosco até a Escultura tenha falado de chuvas recentes, eu ainda esperava encontrar rastros de Ky.

E espero encontrar vestígios da Insurreição. Abro a boca para perguntar a Indie se ela ouviu alguma coisa sobre isso, mas algo me impede de falar, e me calo. De qualquer maneira, não sei ao certo como seria um sinal da rebelião.

Há um pequeno riacho, tão pequeno que quase desaparece quando Indie e eu colocamos nossos cantis dentro dele ao mesmo tempo. O filete de água deixa de fluir ou afunda completamente para dentro da terra quando atinge a beira da Escultura. Cambaleando na escuridão, não percebi onde começava o riacho, somente que ele, de repente, estacava. Pedacos de madeira flutuante aguardam em pequenas praias de areia, completamente secos, depois de um dia terem flutuado em um rio maior. Não consigo parar de imaginar qual seria a aparência do riacho visto de cima: um fio brilhante de prata, tirado de uma das opções que vi entre os Cem Vestidos, serpentando entre a vastidão de rochas vermelhas que é a Escultura.

De cima, Indie e eu seríamos minúsculas, impossíveis de se ver.

— Acho que estamos no cânion errado — digo a Indie.

Ela não responde de imediato; está se abaixando para pegar uma coisa frágil e cinzenta do chão. Ela a segura cuidadosamente nas mãos e mostra para mim.

— Um velho ninho de vespas — eu digo, olhando para os círculos de papel de seda entrelaçados por dentro e por fora.

— Parece uma concha. — Indie abre sua mochila e guarda o ninho abandonado. — Quer tentar voltar e sair? — ela pergunta. — Ir pra outro cânion?

Hesito. Já faz quase 24 horas que estamos em movimento, e não temos mais comida. Comemos a maior parte da porção de dois dias para ganhar força após a longa fuga até a Escultura. Não quero desperdiçar comprimidos para voltar, principalmente porque não sei o que pode estar nos seguindo ou nos esperando.

— Acho que devemos continuar andando. Talvez daqui a pouco a gente encontre algum sinal dele.

Indie assente, levanta a mochila e pega duas pedras afiadas como facas que vem carregando o tempo todo. Faço o mesmo. Vimos pegadas de animais aqui, embora não tenhamos encontrado rastro algum de Anomalias.

Não encontramos rastro de pessoa alguma — viva ou morta, Aberração ou Anomalia, Funcionário ou rebelde.

Na escuridão da noite, eu me sento e trabalho no meu poema. Isso me ajuda a não pensar em tudo que deixei para trás.

Escrevo outro verso.

Não consegui encontrar um modo de voar até você, então fui caminhando, passo a passo, sobre esta pedra.

Tantos começos. Digo a mim mesma que em certo sentido é bom não ter encontrado Ky ainda, pois não sei o que vou sussurrar no ouvido dele, quando o vir. Não sei quais seriam as melhores palavras.

Indie fala, finalmente.

— Estou com fome. — Sua voz soa tão oca quanto o ninho de vespas vazio.

— Se você quiser, te dou um comprimido azul — digo a ela. Não sei por que reluto tanto para tomá-los, já que Xander queria que me ajudassem precisamente nesse tipo de situação. Talvez seja porque o menino que fugiu com a gente não pareceu querê-los. Ou porque espero ter alguma coisa para dar a Ky quando encontrá-lo, já que me desfiz da bússola. Ou porque a voz do Vovô ecoa na minha cabeça, na ocasião em que conversamos sobre um comprimido diferente, o verde: *Você é forte o bastante para não precisar dele.*

Indie me encara com um olhar cortante e intrigado.

Um pensamento invade a minha mente e saca a lanterna. Acendo e ilumino o terreno à minha volta, e reparo de novo em algo que já tinha visto antes e que guardei em minha lembrança: uma planta. Minha mãe não me ensinou nomes específicos de muitas plantas, mas me mostrou os sinais gerais de veneno. Essa planta não apresenta esses sinais, e a própria presença de espinhos parece indicar que no interior dela há algo a ser protegido. Ela é carnuda e verde e tem a borda roxa. Não é viçosa como a vegetação do Bairro, mas com certeza é melhor do que a mistura exaurida de gravetos e folhas em que muitas plantas se transformaram no inverno. Algumas delas têm pequenos casulos cinzentos nos galhos nus, lembranças de borboletas.

Indie observa enquanto eu, com gestos cuidadosos, arranco algumas das folhas largas e eriçadas. Depois ela se agacha ao meu lado e faz o mesmo, e nós duas usamos cuidadosamente nossas pedras-facas para raspar até tirar os espinhos. Demora um pouco, mas ao final temos diante de nós um pequeno pedaço de planta, esfolado e cinza-esverdeado.

— Você acha que é venenosa? — Indie me pergunta.

— Não tenho certeza — respondo. — Acho que não. Mas eu experimento primeiro.

— Não Indie protesta. — Nós duas experimentamos um pedaço e vamos ver o que acontece.

Durante um minuto não fazemos outra coisa a não ser mastigar, e embora não seja igual à comida que comi a vida inteira, a da Sociedade, a planta é suficiente para abrandar a fome. Se alguém abrisse meu corpo, encontraria uma menina sustentada não por ossos, mas por tendões secos e fibrosos, parecidos com as cascas penduradas nas árvores à nossa volta.

Como nada acontece depois de alguns minutos, damos outra mordida.

Penso em outra palavra que talvez rime e anoto, então apago de novo. Não soa bem.

— O que você tá fazendo? Indie pergunta.

— Tentando escrever um poema.

— Um dos Cem Poemas?

— Não. Este aqui é novo. É com as minhas próprias palavras.

— Como foi que você aprendeu a escrever? — Indie chega um pouco mais perto e olha com curiosidade as letras que eu tracei na areia.

— Ele me ensinou — respondo. — O menino que eu estou procurando.

Ela fica em silêncio e eu penso em outro verso.

Sua mão em torno da minha, me mostrando contornos.

— Por que você é uma Aberração? — Indie pergunta. — É da primeira geração?

Hesito, sem querer mentir para Indie, mas então percebo que não é mais nenhuma mentira. Se a Sociedade descobriu minha fuga, certamente vou receber o status de Aberração.

— Sou, sim — respondo. — Primeira geração.

— Então foi *você* quem fez alguma coisa? — ela pergunta.

— É — confirmo. — Causei a minha própria Reclassificação. — Isso também é verdade, ou pelo menos vai ser. Quando meu status mudar, não vai ser culpa dos meus pais.

— A minha mãe construiu uma canoa diz Indie, e ouço-a engolir outro naco da planta. — Ela usou uma árvore velha. Trabalhou nela durante anos. E depois saiu remando; não demorou nem uma hora pra que os Funcionários a encontrassem. — Indie suspira. — Eles pegaram ela e a salvaram. E disseram pra nós que ela só estava querendo testar a canoa e que ficou agradecida por ter sido encontrada a tempo.

Ouço um som estranho na escuridão, um ruído que não consigo identificar, uma espécie de movimento delicado, como um sussurro. Demoro alguns momentos para perceber que o som é causado por Indie, que vai girando o ninho de vespa entre as mãos enquanto fala.

— Nunca morei perto da água — comento. — Pelo menos não do mar.

— Ele chama — Indie diz, baixinho. Antes que eu possa perguntar o que ela quer dizer, Indie acrescenta: — Mais tarde, depois que os Funcionários foram embora, ela disse pra mim e pro meu pai o que *realmente* tinha acontecido. Ela disse que *quis* ir embora. Disse que a pior parte foi o fato de ser encontrada antes mesmo de ter perdido a praia de vista.

Sinto que estou na margem de um oceano e alguma coisa, algum tipo de conhecimento, marulha junto aos meus pés. Quase posso enxergar a mulher na água em sua canoa, à deriva, sendo levada pela correnteza, vendo atrás de si apenas o céu e o mar. Quase posso ouvir seu suspiro de alívio ao desviar o rosto da praia, e gostaria que ela tivesse chegado longe o bastante.

Em voz baixa, Indie diz:

— Quando os Funcionários descobriram o que ela tinha falado pra gente, deram comprimidos vermelhos pra todos nós.

— Ah — eu digo. Devo agir como se soubesse o que acontece depois? O esquecimento?

— Eu não esqueci — Indie diz. E embora esteja escuro demais para ver os olhos dela, posso sentir que está olhando para mim.

Ela deve achar que eu sei o que os comprimidos vermelhos fazem. Ela é como Ky e Xander. É imune.

Quantos mais deles existem? Será que eu sou um deles?

O comprimido vermelho enfiado entre os azuis me seduz às vezes, como aconteceu na manhã em que levaram Ky embora. Mas agora não é porque eu quero esquecer. É porque eu quero *saber*. Será que eu sou imune, também?

Mas posso não ser. E agora não é hora de esquecer nada. Além disso, pode ser que eu precise do vermelho depois.

— Você ficou com raiva por ela ter tentado fugir? — pergunto, pensando em Xander e no que ele disse sobre o jeito como eu fui embora. No momento em que as palavras saem da minha boca, me arrependo de tê-las dito, mas Indie não se ofende.

— Não — ela responde. — Ela sempre planejou voltar pra gente.

— Ah — eu digo. Ficamos em silêncio por alguns instantes, e de repente me lembro de uma vez em que Bram e eu estávamos junto ao lago do Arboreto esperando minha mãe. Bram queria jogar uma pedra na água, mas sabia que, se alguém o visse, teria problemas. Então ele esperou. Observou. Justamente quando eu achava que ele tinha perdido a coragem, Bram esticou o braço e lá se foi a pedra ondulando a água.

Indie joga a primeira pedra:

— Ela tinha ouvido falar de uma rebelião em uma ilha longe da costa. Queria encontrar os rebeldes e voltar pra família.

— Também ouvi falar de uma rebelião — eu digo, incapaz de controlar minha empolgação. — A que eu ouvi se chama Insurreição.

— É a mesma — diz Indie, em tom ansioso. — Disseram pra minha mãe que ela está em toda parte. Esta Escultura é exatamente o tipo de lugar em que ela pode estar concentrada.

— Também acho — comento. Na minha mente, vejo um pedaço de papel translúcido sobre um dos mapas da Sociedade, com marcações mostrando lugares que a Sociedade não conhece ou não quer que vejamos.

— Você acredita em um líder chamado Piloto?

— *Acredito* — Indie responde, agitada. E então, para minha surpresa, ela recita algo com voz suave, bem diferente de seu tom habitualmente ríspido:

“Todo dia o sol passa deslizando,

Rasga o céu e atravessa aporta da noite

*Todo dia as estrelas brilham alto,
Cobrem a Terra e reluzem mais uma vez*

*Mais dia, menos dia o barco dela pode surgir, fugindo,
Rompendo as ondas a caminho da costa.”*

— Foi você quem escreveu isso? pergunto, uma súbita pontada de inveja atravessando meu corpo. — Sei que não é um dos Cem Poemas.

— Não, no fui eu. E não é um poema — Indie responde, certa do que está falando.

— Parece um — comento.

— Mas não é.

— Então o que é? — insisto. Estou aprendendo rapidamente que é inútil discutir com Indie.

— Algo que a minha mãe recitava toda noite antes de me pôr na cama. Quando eu já tinha idade suficiente pra perguntar o que era, ela me disse que o Piloto é quem vai liderar a Insurreição. Minha mãe achava que o Piloto seria uma mulher que vem das águas.

— Ah — eu digo, surpresa. Sempre pensei no Piloto como alguém que viria do céu. Mas talvez Indie esteja certa. Eu me lembro de novo do som do poema de Tennyson. Havia água nele.

Indie está pensando na mesma coisa.

— Aquele poema que *você* recitou quando a gente estava fugindo — ela começa. — Eu nunca tinha ouvido antes, mas ele prova que *talvez* o Piloto venha mesmo da água. “Margem” é uma faixa de terra firme que ladeia as águas. E um “Piloto” é alguém que dirige as embarcações, conduzindo-as em segurança pra sair e chegar ao porto.

— Não sei muita coisa sobre o Piloto — digo, o que é verdade, mas tenho minhas próprias esperanças acerca do líder da rebelião, e elas não combinam muito com a versão de Indie. Ainda assim, a ideia é a mesma, e a história que o Arquivista me deu diz que o Piloto muda o tempo todo. Pode ser que tanto Indie quanto eu tenhamos razão. — Mas acho que isso não importa. Pode ser homem ou mulher, vindo do céu ou da água, tanto faz. Você não acha?

— *Acho* — diz Indie, triunfante. — Eu sabia. Você não está procurando apenas um menino. Está procurando outra coisa também.

Olho para cima, para o filete de céu com suas estrelas nítidas e brilhantes. *Será que isso é verdade? Já percorri um longo caminho do Bairro até aqui*, penso, com uma súbita sensação de alegria e surpresa, *e ainda não é longe o bastante*.

— A gente pode sair daqui debaixo — Indie diz baixinho. — Dar a volta até o topo. Podemos tentar descer em outro cânion. Talvez a gente encontre ele lá, ou a Insurreição. — Ela acende a lanterna e aponta para a lateral do cânion. — Eu sei escalar. Todo mundo aprende lá em Sonoma. Minha Província. Amanhã a gente pode encontrar um lugar bom, algum ponto onde as paredes não sejam tão altas e íngremes.

— Nunca escalei assim antes eu digo. — Você acha que eu consigo?

— Se tiver cuidado e não olhar pra baixo, consegue — ela diz.

O silêncio se prolonga enquanto olho para cima e percebo que até mesmo naquela nesga limitada de céu há mais estrelas do que eu jamais consegui avistar no Bairro. Por alguma razão, isso me dá esperança de que existam muitas outras coisas que não posso ver. Sinto esperança por meus pais e por Bram, por Xander, por Ky.

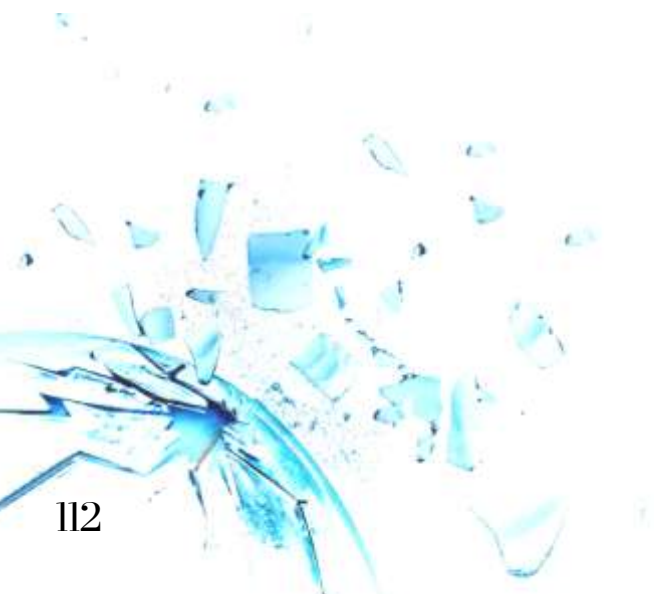
— Vamos tentar.

— Vamos procurar um lugar bem cedo — diz Indie. — Antes que amanheça e fique claro demais. Não quero atravessar pro outro lado em plena luz do dia.

— Nem eu. — Escrevo na areia um verso inicial, e, pela primeira vez, um segundo verso também:

Escalo no escuro por você

Você está me esperando nas estrelas?





Capítulo 13

ky

AS LATERAIS DO CÂNION SÃO NEGRAS E ALARANJADAS. Como uma fogueira que se transformou em pedra.

— É tão fundo — diz Eh, olhando para cima, maravilhado. Neste lugar as paredes são mais altas do que qualquer edifício que eu já vi na vida, mais altas que a Colina. — Parece que um gigante fez vários cortes na terra e nos jogou lá dentro.

— Pois é — digo. Na Escultura dá para ver rios, cavernas e pedras que jamais seria possível avistar de cima. É como se de repente você estivesse olhando o funcionamento do seu próprio corpo, vendo seu próprio sangue circulando e ouvindo o som do seu coração batendo.

— Na Central não tem nada parecido com isso — Eh diz.

— Você é da Central? — Vick e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Cresci lá — Eli nos diz. — Nunca morei em nenhum outro lugar.

— Devia ser solitário viver lá — eu digo, lembrando de quando eu tinha a idade de Eh e me mudei para Oria. Senti um tipo diferente de solidão: a solidão de viver em meio a gente demais.

— Como as Anomalias vieram parar aqui, afinal? — Eh pergunta.

— As Anomalias originais escolheram ser Anomalias, na época em que surgiu a Sociedade — digo a Eh. Eu me lembro também de outra coisa. — E os que vivem aqui na Escultura não se chamam de Anomalias. Eles preferem ser conhecidos como agricultores.

— Mas como eles puderam escolher? — pergunta Eli, fascinado.

— Antes que a Sociedade assumisse o controle, algumas pessoas viram que isso ia acontecer e não quiseram fazer parte. Elas começaram a guardar

coisas dentro da Escultura. — Aponto para algumas das curvas e reentrâncias nas paredes de arenito. — Tem cavernas ocultas por toda parte. Os agricultores armazenaram comida suficiente pra sobreviver até que as sementes que eles tinham trazido pudessem ser plantadas e colhidas. Chamaram o assentamento deles de “município”, porque também não queriam usar as palavras da Sociedade.

— Mas a Sociedade não saiu no encalço deles?

— No fim das contas, sim. Mas os agricultores levavam vantagem porque chegaram primeiro. Podiam matar qualquer um que tentasse segui-los. E em todo caso a Sociedade achava que os agricultores morreriam de um jeito ou de outro. Não é um lugar fácil pra se viver. — Parte do meu casaco se descolou e paro num pinheiro para pegar mais seiva. — Eles também serviram a outro propósito pra Sociedade. Muitas pessoas nas Províncias Exteriores tinham medo de tentar fugir pra Escultura, porque a Sociedade começou a espalhar boatos sobre o quanto os agricultores eram selvagens.

— Você acha que eles vão mesmo tentar matar a gente? — Eli pergunta, e em sua voz há preocupação.

— Eles costumavam ser impiedosos com qualquer um da Sociedade — eu digo. — Mas nós não somos mais da Sociedade. Somos Aberrações. Eles não matavam Aberrações nem Anomalias a menos que fossem atacados.

— Como eles vão saber o que nós somos?

— Olha só pra nós. Não parecemos Cidadãos nem Funcionários. — Nós três somos jovens, estamos sujos e desgrehados, e dá pra ver que estamos fugindo.

— Por que o seu pai não trouxe a sua família pra viver aqui? — Vick pergunta.

A Sociedade tem razão sobre algumas coisas — respondo. — Aqui você morre livre, mas morre mais rápido. Nos cânions os agricultores não dispõem nem dos medicamentos nem da tecnologia que a Sociedade tem lá fora. Minha mãe não queria isso pra mim, e meu pai respeitava essa escolha.

Vick concorda com a cabeça.

Então a gente vai encontrar essas pessoas e pedir que nos ajudem. Já que ajudaram o seu pai.

— Sim eu digo. — E espero negociar alguma troca com eles. Eles têm mapas e livros antigos. Pelo menos, tinham antes.

— E o que você tem pra negociar? — Vick pergunta bruscamente.

— As mesmas coisas que você e o Eli — respondo. — Informações sobre a Sociedade. Nós conhecemos a Sociedade por dentro. Faz tempo que não existem mais vilarejos de verdade nas Províncias Exteriores, o que significa que provavelmente as pessoas do cânion não falam nem negociam com ninguém há bastante tempo.

— Então, se eles de fato quiserem negociar com a gente — Eli pergunta, aparentando não estar nem um pouco convencido —, o que vamos fazer com todos aqueles papéis e livros antigos assim que pusermos as mãos neles?

— Você pode fazer o que quiser — digo. — Não precisa fazer a troca por eles. Pode pegar outra coisa. Eu não me importo. Mas vou arranjar um mapa e vou tentar chegar até uma das Províncias Exteriores.

— Peraí — diz Eli. — Você quer voltar pra Sociedade? Por quê?

— Eu não exatamente voltaria — respondo. — Eu seguiria uma direção diferente daquela que a gente usou pra chegar aqui. E voltaria só o suficiente pra enviar uma mensagem pra ela. Assim ela saberia onde eu estou.

— Como você vai fazer isso? — pergunta Eli. — Mesmo que consiga chegar às Províncias Exteriores, a Sociedade vigia os terminais. Se você enviar alguma coisa, eles vão saber.

— É por isso que quero os papéis do município. Vou negociá-los com um Arquivista. Eles sabem como mandar mensagens sem passar pelos terminais.

— Um Arquivista? — pergunta Eli, intrigado.

— São pessoas que negociam no mercado negro. Eles existem desde antes da Sociedade. Meu pai também costumava negociar com eles.

— Então esse é o seu plano — comenta Vick. — Você já nos contou tudo, não tem mais nada?

— Por ora, não — respondo.

— Acha que vai dar certo? — pergunta Eli.

— Não sei. — Acima de nós um pássaro começa a cantar. Uma cambaxirra do cânion. As notas são assombrosas e inconfundíveis. Elas descem feito uma catarata pelas paredes do cânion. Posso identificar o chamado, porque meu pai costumava imitar esse canto para mim. Ele me dizia que era o som da Escultura.

Ele adorava esse lugar.

Quando meu pai me contava histórias, ele borrava os limites entre verdade e invenção. “Em algum nível, todas são verdadeiras”, ele alegava quando minha mãe caçoava dele.

“Mas o município no cânion é real. As histórias que você conta sobre ele são reais, não são?”, eu sempre perguntava, para ter certeza.

“Sim”, ele dizia. “Um dia eu te levo lá. Você vai ver.”

Então, quando a imagem aparece diante de nós depois de uma curva do cânion, eu paro, sem acreditar no que vejo. Ali está, exatamente como ele disse, um assentamento numa parte mais larga do desfiladeiro.

Uma sensação de irrealidade toma conta de mim, da mesma forma que a luz do fim de tarde se derrama sobre as paredes do cânion. O município parece quase idêntico à minha lembrança da descrição que meu pai fez de sua primeira visita:

O sol se pôs e fez tudo ficar dourado: ponte, edifícios, pessoas, inclusive a mim. Eu mal podia acreditar que o lugar fosse real, embora tivesse ouvido falar nele por anos afio. Mais tarde, quando os agricultores de lá me ensinaram a escrever, tive aquela mesma sensação. Como se o sol estivesse sempre brilhando às minhas costas.

A luz do sol de inverno salpica um brilho dourado-alaranjado nas edificações e na ponte à nossa frente.

— É aqui — digo.

— É real — Vick diz.

Eli está radiante.

Os edifícios diante de nós formam um bloco, depois se separam em torno de um rio ou de quedas de rochas. Casas. Edifícios maiores. Campos minúsculos esculpidos nos pontos em que os cânions se abrem. Mas está faltando uma coisa. Pessoas. O silêncio é absoluto. Vick me olha de relance. Ele tem a mesma sensação que eu.

— Chegamos tarde demais — digo. — Eles se foram.

Não faz muito tempo. Ainda posso ver os rastros aqui e ali.

Vejo também sinais de que eles se prepararam para ir embora. Não foi uma partida apressada, mas sim feita de maneira cautelosa e meticulosa. As frutas das macieiras negras e retorcidas foram colhidas; restam somente poucas maçãs douradas brilhando nos galhos. A maior parte do equipamento agrícola sumiu — imagino que tudo tenha sido desmontado e carregado pelos agricultores. Sobraram apenas algumas peças enferrujadas.

— Pra onde eles foram? — pergunta Eli.

— Não sei — respondo.

Será que sobrou alguém fora da Sociedadade?

Passamos por um grupo de choupos na margem de um córrego. Uma árvore pequena e fibrosa cresce sozinha na beira da água.

— Esperem aí — peço aos outros dois. — Não vou demorar.

Faço cortes não muito profundos — não quero matar a árvore. Entalho o nome dela no tronco, pensando, como sempre faço, no momento em que segurei sua mão para ensiná-la a escrever. Vick e Eh observam em silêncio. Esperam.

Quando termino, dou um passo para trás e olho a árvore.

Raízes rasas. Solo arenoso. As cascas da árvore são cinzentas e ásperas. As folhas já sumiram faz tempo, mas o nome dela ainda me parece bonito.

Somos atraídos para as casas. Parece fazer muito tempo desde que vimos um lugar construído por pessoas de verdade com a intenção de ficar. Essas casas estão envelhecidas e são feitas de blocos de arenito ou madeira gasta acinzentada. Eli sobe os degraus da entrada de uma delas. Vick e eu o seguimos:

— Ky— diz Eh, assim que entramos. — *Olha*.

O que eu vejo lá dentro me faz reconsiderar. Talvez *tenha havido* um elemento de pressa na fuga das pessoas. Caso contrário, por que deixariam suas casas desse jeito?

São as paredes que dão a ideia da pressa. De tempo insuficiente. Estão cobertas de desenhos e ilustrações, e se os agricultores tivessem tido mais tempo, teriam limpado as paredes. Elas dizem e mostram coisas demais.

Dentro desta casa há uma canoa pintada no céu, abandonada sobre uma almofada de nuvens brancas. O artista assinou seu nome num canto da sala. Essas letras reivindicam a autoria da pintura — e das ideias. Embora este seja o lugar que venho procurando o tempo todo, ainda assim sou pego de surpresa.

Foi neste município que ele aprendeu.

A escrever.

A pintar.

— Vamos parar aqui — diz Eh. — Eles têm beliches. A gente pode ficar aqui pra sempre.

— Você não tá esquecendo de nada? — Vick pergunta. As pessoas que moravam aqui foram embora por um motivo.

Concordo com um sinal de cabeça.

— Precisamos encontrar um mapa e um pouco de comida e cair fora. Vamos checar as cavernas — eu digo.

Olhamos dentro de todas as cavernas ao longo das laterais do cânion.

Algumas delas têm paredes pintadas, como as casas, mas não encontramos um único pedaço de papel.

Eles o ensinaram a escrever. Eles sabiam fazê-lo. *Onde* será que deixariam suas palavras? Não podem ter levado tudo embora. É quase noite e as cores nas pinturas mudam para tons acinzentados na luz que definha. Eu olho para cima, para as paredes das cavernas que estamos vasculhando.

—Esta aqui é esquisita — constata Eli, também examinando a pintura.

— Tem alguma coisa faltando. — Ele aponta a lanterna para cima. As paredes foram danificadas pela água e só sobrou a porção superior da pintura, parte da cabeça de uma mulher. Tudo que dá para ver são os olhos e a testa. — Ela parece a minha mãe — Eli diz em voz baixa.

Surpreso, eu me viro para olhar para ele. Porque nesse momento essa é a palavra que se repete sem parar na minha cabeça, embora minha mãe jamais tenha vindo aqui. E me pergunto se essa palavra, *mãe*, é tão perigosa para Eh quanto é para mim. Talvez seja ainda mais perigosa do que *pai*. Porque eu não sinto raiva nenhuma em relação à minha mãe. Somente perda, e a perda é um sentimento do qual não é nada fácil escapar.

— Eu sei onde eles devem ter escondido os mapas — diz Eh de repente. Em seus olhos há um lampejo de astúcia que eu não tinha visto antes, e me pergunto se gosto tanto de Eli não porque ele me lembra Bram, mas porque me lembra de mim mesmo. Eu tinha a idade dele quando roubei os comprimidos vermelhos dos Carrow.

Quando eu ainda era um recém-chegado em Oria, achava estranho ver as pessoas saindo todas de uma vez de suas casas, locais de trabalho e trens aéreos. Eu ficava nervoso com a maneira como elas se deslocavam nas mesmas horas para os mesmos lugares. Então eu fingia que as ruas eram sulcos secos da minha terra natal e as pessoas eram a água depois da chuva, que transformava os leitos secos em riachos. Eu dizia a mim mesmo que as pessoas vestindo roupas comuns cinzentas e azuis não passavam de outra força da natureza em pleno movimento.

Mas aquilo acabou me atrapalhando. De todos os lugares, me perdi justamente em um dos Bairros.

E Xander me viu usando a bússola para tentar encontrar o caminho de casa. Ele ameaçou denunciar Patrick por me deixar ficar com ela, a menos que eu roubasse alguns comprimidos vermelhos.

Xander já devia saber que eu era uma Aberração. Não sei como percebeu tão rápido, e depois nunca falamos sobre isso. Mas não importa. Aprendi uma boa lição. Não finja que um lugar é igual ao outro, nem procure semelhanças. Procure apenas o que *existe*.

— Onde, Eli? — pergunto.

Ele aguarda um momento, ainda com um sorrisinho no rosto, e eu me lembro disso também — o momento da revelação.

Estendi a mão para mostrar a Xander os dois comprimidos vermelhos que eu tinha roubado. Ele não achou que eu fosse capaz. Eu queria mostrar que era igual a ele, mesmo sendo uma Aberração. Pelo menos uma vez, queria que alguém soubesse disso antes que eu comesse uma vida fingindo ser menos do que todo mundo à minha volta. Por um momento, me senti poderoso. Me senti como meu pai.

— Onde a água não chega — Eli diz agora, olhando para a pintura da mulher danificada pelas águas. — As cavernas não ficam aqui embaixo. Elas têm que ficar lá em cima.

— Eu devia saber — digo enquanto nós três saímos às pressas da caverna e olhamos para cima, para os penhascos. Meu pai me falou das enchentes. Às vezes os agricultores viam o rio subindo e já sabiam o que ia acontecer. Em outras ocasiões, durante as enchentes repentinas, quase não havia alerta. Eles tinham de construir e cultivar a terra nos trechos do cânion em que havia espaço, mas quando a água subia levavam tudo para cavernas mais altas.

Na Escultura é tênue a linha da sobrevivência, disse meu pai. Só te resta a esperança de estar do lado certo.

Agora que estamos à procura deles, os sinais das velhas enchentes estão por toda parte — marcas de sedimentos nas paredes do cânion, árvores mortas enfiadas entre fendas, tamanha a violência e a velocidade das inundações repentinas. A força necessária para fazer essas coisas seria capaz de deixar até a Sociedade de joelhos.

—Sempre pensei que era mais seguro enterrar as coisas — Vick diz.

— Nem sempre — eu digo, me lembrando da Colina. — Às vezes é mais seguro levá-las para cima, o mais alto possível.

Levamos quase uma hora para achar a trilha que queríamos. De baixo é quase impossível vê-la os agricultores abriram caminho dentro de um rochedo íngreme, de forma a se mesclar perfeitamente às paredes escarpadas do cânion. Seguimos trilha acima, cada vez mais alto, até contornarmos a lateral de um despenhadeiro, ao longo de uma curva que de baixo não era visível. Imagino que tampouco seria possível avistá-la de cima. Somente para quem ousasse escalar direto ao ponto e olhar de perto.

Assim que chegamos, vemos as cavernas.

Elas são o lugar perfeito para armazenar coisas — um local alto e secreto.

E seco. Vick entra para examinar a primeira.

— Tem alguma comida aí? — Eli pergunta enquanto seu estômago ronca. Abro um sorriso. Nós racionamos cuidadosamente nosso alimento, mas chegamos ao município na hora certa.

— Não — responde Vick. — Ky, dá só uma olhada nisso.

Entro com ele em uma caverna em que há apenas uma porção de grandes contêineres e caixas. Perto da porta vejo marcas e pegadas onde alguém — recentemente — arrastou parte do estoque para fora da caverna.

Já vi caixas como essas.

— Cuidado — digo a Vick e, com cautela, arrombo uma e olho dentro. Fios. Teclados. Explosivos. Tudo suprimento da Sociedade, a julgar pela aparência.

Será que os agricultores estavam mancomunados com a Sociedade? Parece pouco provável. Mas pode ser que os agricultores tenham roubado ou negociado essas coisas no mercado negro. Levaria anos para reunir um estoque de provisões capaz de encher uma caverna como essa.

O que aconteceu com o resto?

Atrás de mim Eh murmura algo e se agita, e eu levanto meu braço para refreá-lo.

— Parece aquilo que colocaram nos nossos casacos. — ele diz. — Será que é melhor levar um pouco com a gente?

— Não — eu respondo. — Continue procurando comida. E não se esqueça do mapa.

Eli sai da caverna.

Vick hesita.

—Pode ser útil levar um pouco disso — ele diz, apontando para o estoque. — Você pode negociar essas coisas, não pode?

— Eu poderia tentar. Mas acho melhor não. É melhor usar o espaço na nossa mochila pra levar comida e os papéis que conseguirmos encontrar. — O que eu não digo é que os fios sempre causam problemas. Acho que o constante fascínio do meu pai por eles contribuiu para sua morte. Ele achava que podia ser como Sísifo e fazer com que as armas da Sociedade se voltassem contra ela mesma.

Obviamente, tentei fazer a mesma coisa com as outras iscas quando turbinei as armas antes da nossa fuga rumo à Escultura. E é provável que essa tentativa tenha sido tão inútil para eles quanto foi para o vilarejo do meu pai.

— É perigoso tentar negociar essas coisas. Não sei nem se os Arquivistas vão querer colocar a mão nesse tipo de material — eu continuo.

Vick balança a cabeça, mas não discute. Ele caminha até o fundo da caverna e pega um dos rolos de plástico grosso que encontra ali.

— Você sabe o que são estas coisas? — ele pergunta.

— Algum tipo de abrigo? — pergunto, olhando mais de perto. Dentro dos rolos posso ver cordames e tubos finos enrolados.

— Botes — Vick diz. — Já vi essas coisas na base do exército onde eu morei.

É o máximo de informação que ele já revelou sobre seu passado, e fico esperando para ver se ele diz mais.

Mas Eli nos chama aos gritos, numa voz cheia de empolgação.

— Se vocês querem comida, eu achei! — ele berra.

Nós o encontramos comendo uma maçã na segunda caverna.

— Isto aqui deve ter sido pesado demais pra carregar — ele diz. — Tem todo tipo de maçã e grãos. E uma boa quantidade de sementes.

— Talvez tenham guardado caso tivessem que voltar — sugere Vick. — Eles pensaram em tudo.

Balanço a cabeça, concordando. Ali parado, olhando para todas as coisas que deixaram para trás, sinto admiração pelas pessoas que viviam aqui. E decepção. Eu teria gostado de conhecê-las.

Vick sente o mesmo.

— Todos nós pensamos em ir embora — ele diz. — Eles realmente foram.

Nós três enchemos as mochilas com comida dos estoques dos agricultores. Pegamos maçãs e nacos de um pão achatado e duro que parece que vai durar bastante tempo. Encontramos também fósforos que os próprios agricultores devem ter feito com alcatrão. Talvez mais tarde achemos um lugar onde seja mais seguro acender uma fogueira. Assim que terminamos de encher as mochilas, encontramos outras na caverna e as enchemos também.

— Agora vamos procurar um mapa e alguma coisa pra negociar — eu digo.

Respiro fundo. A caverna tem cheiro de arenito — lama e água — e maçãs.

— Aposto que está aqui — diz Eli, com a voz abafada, no fundo da caverna. — Tem outros espaços nessa caverna.

Vick e eu o seguimos até uma extremidade e entramos em outro recanto de rocha. Apontamos as lanternas por toda parte e vemos que o lugar está limpo. Bem organizado. Repleto de caixas. Caminho até o outro lado da sala e levanto a tampa de uma delas. Está abarrotada de livros e papéis.

Tento não pensar Este deve ter sido o lugar em que ele aprendeu. Talvez tenha se sentado bem ali num daqueles bancos.

— Eles deixaram tanta coisa pra trás — Eh sussurra.

— Não tinham como carregar tudo — alego. — Provavelmente levaram as melhores coisas com eles.

— Talvez tenham um terminal de mão — sugere Vick. — Pode ser que tenham registrado nele as informações dos livros.

— Pode ser — concordo. Mesmo assim, fico imaginando como deve ter sido difícil deixar para trás todos os papéis e livros físicos. As informações reunidas nesta caverna são inestimáveis, especialmente em sua forma original. E tudo tinha sido trazido por seus ancestrais. Deve ter sido difícil ir embora sem elas.

No centro do salão há uma mesa feita de pedaços de madeira que provavelmente foram carregados caverna adentro e só então montados. A sala inteira, como o município, dá a sensação de ter sido cuidadosamente construída. Cada item parece repleto de significado. A Sociedade não dá coisa alguma de bandeja. É preciso trabalhar pelas coisas. Encontrá-las. Fazê-las por conta própria.

Com minha lanterna ilumino a mesa e vejo que do outro lado há uma tigela feita de madeira oca cheia de lápis de carvão.

Enfio a mão e pego um, que deixa uma pequena marca negra na minha mão. Os lápis me lembram as ferramentas que eu fazia no Bairro para escrever. Eu ia juntando pedaços de madeira na colina ou pegava no Bairro mesmo, quando galhos caíam do bordo. Eu amarrava tudo e abaixava o feixe até o incinerador para chamuscar as pontas que serviriam para escrever e desenhar. Uma vez, quando precisei de vermelho, roubei algumas pétalas das petúnias cor de sangue de um canteiro e as usei para colorir o sol, as minhas mãos e as dos Funcionários.

Olha diz Vick atrás de mim. Ele encontrou uma caixa cheia de mapas. Ele pega alguns. A luz cálida da lanterna altera os papéis, fazendo com que aparentem ser mais velhos do que realmente são. Nós analisamos tudo cuidadosamente até encontrarmos um que reconhecemos ser da Escultura.

—Este aqui — eu digo, abrindo-o sobre a mesa. Nós três nos debruçamos sobre o mapa. — Aqui está o nosso cânion. Aponto para ele, mas meus olhos são atraídos para o cânion ao lado do nosso no mapa. Ali há um local marcado com vários X desenhados com tinta preta, como uma fileira de pontos de costura. Eu me pergunto o que isso significa. Eu gostaria de poder redesenhar este mapa. Seria muito mais fácil traçar o mundo como eu quero que ele seja, em vez de tentar descobrir como ele realmente é.

— Eu queria saber escrever — diz Eli, e eu lamento não ter tempo para ensiná-lo. Quem sabe um dia. Mas neste momento precisamos seguir em frente.

— É lindo — diz Eli, tocando delicadamente o mapa. — Diferente do jeito que a gente pinta as telas na Sociedade.

—É mesmo — digo. Quem quer que tenha desenhado o mapa era uma espécie de artista. As cores e a escala combinam e se encaixam perfeitamente.

—Você sabe pintar? — Eli pergunta.

— Um pouca — respondo.

— Como?

— Minha mãe aprendeu sozinha e depois me ensinou — explico. — Meu pai costumava vir aqui pra negociar com os agricultores. Uma vez ele levou um pincel pra ela. Um de verdade. Mas ela não tinha dinheiro pra comprar tinta. Ele sempre quis conseguir um pouco pra ela, mas nunca deu certo.

—Então ela não tinha como pintar — conclui Eli, decepcionado.

—Não, ela tinha sim — explico. — Ela usava água sobre pedra. — Eu me lembro das antigas gravuras numa pequena gruta perto da nossa casa. Fico imaginando se foi ali que ela teve a ideia de escrever na pedra. Mas ela usava água e seu toque era sempre delicado. — As pinturas dela sempre desvaneciam no ar.

— Então como você sabia como elas eram? — Eli pergunta.

— Eu via antes que elas secassem. Eram lindas.

Eli e Vick ficam em silêncio e dá para sentir que talvez não acreditem em mim. Podem achar que estou inventando tudo isso e me lembrando não de pinturas que eu vi, e sim de desenhos que eu gostaria de ter visto. Mas estou dizendo a verdade. Era quase como se as pinturas dela tivessem vida — o jeito como brilhavam e se dissipavam, novas coisas surgindo sob suas mãos. As imagens eram lindas por causa de sua aparência enquanto existiam e também porque jamais podiam durar.

— Bom, aqui tem uma saída. — Eu mostro a eles como o cânion continua até uma planície do outro lado de onde entramos. A julgar pelo mapa, lá há mais vegetação e também outro riacho, maior do que o deste cânion. Nas montanhas do lado oposto da planície há o desenho de uma casinha escura, que suponho ser um assentamento ou um abrigo, já que é a mesma marca que os agricultores usaram para indicar seu próprio município no mapa. Depois, ao norte das montanhas, há um lugar identificado com a marcação SOCIEDADE. Uma das Províncias Exteriores. — Acho que vamos levar dois ou três dias pra chegar à planície. E depois mais alguns dias pra atravessá-la e chegar às montanhas.

— Tem um riacho naquelas planícies — diz Vick, cujos olhos se iluminam enquanto ele estuda o mapa. — Uma pena a gente não poder usar os botes dos agricultores e descer o rio.

— A gente pode tentar — digo —, mas acho que as montanhas são uma opção melhor. Tem um povoado lá, e não sabemos onde o riacho vai dar. — As montanhas estão na parte de cima do mapa; o riacho desce mapa abaixo e desaparece no pé da folha de papel.

— Você tem razão — Vick concorda. — Mas aí a gente poderia parar e pescar. Peixe defumado dura um tempão.

Deslizo o mapa na direção de Eli.

— O que você acha? — pergunto a ele.

— Vamos nessa — ele diz. Ele põe o dedo sobre a casa escura nas montanhas. — Espero que os agricultores estejam lá. Quero conhecer eles.

— O que mais a gente deve levar? — pergunta Vick, folheando alguns livros.

— Amanhã cedo a gente procura alguma coisa — eu digo. Por alguma razão os livros organizados com tanto esmero e abandonados fazem com que eu me sinta triste. Cansado. Eu queria que Cassia estivesse aqui comigo. Ela viraria página por página e leria todas as palavras. Posso imaginá-la na luz fraca da caverna com seus olhos brilhantes e seu sorriso, e fecho os olhos. Pode ser que essa lembrança seja o mais próximo que conseguirei chegar dela. Temos o mapa, mas a distância que ainda temos a vencer parece insuperável.

— Agora a gente devia ir dormir — proponho, afastando para longe a dúvida. Ela de nada serve. — Precisamos partir assim que amanhecer. — Eu me viro para Eli. — O que você acha? Quer descer e dormir nas casas? Lá tem aquelas camas.

— Não — ele responde, enrodilhando-se no chão. — Vamos ficar aqui.

Entendo a razão. Na calada da noite o município vazio dá a sensação de estar totalmente exposto — ao rio, à solidão que se instalou depois que os agricultores se foram, e às mãos e olhares fantasmagóricos das pinturas que eles fizeram. Aqui na caverna, onde eles deixaram as coisas a salvo, parece ser o lugar em que também estamos seguros.

Nos meus sonhos, morcegos entram e saem da caverna a noite inteira. Alguns voam baixo, são gordos e pesados, e sei que estão cheios do sangue de outras criaturas vivas. Outros voam um pouco mais alto e sei que estão leves de fome. Mas todos batem as asas barulhentas.

No fim da noite, já quase dia, acordo. Vick e Eh ainda dormem e eu me pergunto o que perturbou meu sono. Algum ruído no município?

Ando até a entrada mais afastada das cavernas e olho para fora.

Uma luz cintila na janela de uma das casas abaixo de nós.



Capítulo 14

Cassia

EMBRULHADA DENTRO DO MEU CASACO, ESPERO O DIA RAIAR. Aqui na Escultura eu caminho e durmo nas entranhas da terra e a Sociedade não me vê. Estou começando a acreditar que eles realmente não sabem onde estou. Eu escapei.

É uma sensação estranha.

A minha vida toda fui observada. A Sociedade me viu ir para a escola, aprender a nadar e subir os degraus no dia do meu Banquete do Par; a Sociedade classificava meus sonhos; e, quando — como no caso da minha Funcionária — julgavam que meus dados eram interessantes, alteravam as coisas e registravam minha reação.

E, embora fosse um tipo diferente de observação, minha família também me vigiava.

No final de sua vida, Vovô costuma se sentar numa janela para contemplar o pôr do sol. Na época eu me perguntava se ele ficava acordado a noite inteira e via o sol retornar para o céu. Será que foi durante uma daquelas longas noites de vigília que ele decidiu me dar os poemas?

Finjo que o Vovô não desapareceu, mas em vez disso flutua acima de mim, e que de todas as coisas do mundo que ele pode olhar lá do alto ele escolhe ver uma menininha encolhida dentro de um cânion. Ele fica imaginando se vou acordar e me levantar assim que ficar claro que, afinal, o alvorecer está a caminho.

Será que Vovô queria que eu viesse parar aqui?

— Você tá acordada? — Indie me pergunta.

— Nem dormi — respondo, mas não sei ao certo se as minhas palavras são verdadeiras. E se essa imagem que tive do Vovô não passou de um sonho?

— A gente pode começar em alguns minutos — diz Indie. Durante esses poucos segundos de conversa a luz já mudou. Já consigo enxergar melhor.

Indie escolhe um bom lugar; até eu posso reconhecer isso. As paredes não são tão altas e íngremes como em outros pedaços, e uma queda de rochas deixou pilhas de pedregulhos espalhadas por parte do caminho.

Ainda assim, as paredes do cânion são simplesmente aterrorizantes, e, não tenho muita experiência em escalada — só pratiquei no pouquíssimo tempo que tivemos na noite anterior, antes de ir dormir.

Indie estende a mão, num gesto determinado.

— Me dá a sua mochila.

— O quê?

— Você não está acostumada a escalar — explica Indie. — Vou colocar as suas coisas na minha mochila e você carrega a sua vazia. Vai ser mais fácil assim. Não quero que o peso faça você cair.

— Tem certeza? — De repente eu sinto que se Indie ficar com a mochila, ela terá coisas demais. Não quero abrir mão dos comprimidos.

Indie parece impaciente.

— Eu sei o que estou fazendo. Como você sabia quando pegou aquelas plantas. — Ela franze as sobrancelhas. — Vamos lá, você confiou em mim na nave.

Ela tem razão, e isso me faz lembrar de uma coisa.

Indie, o que você trouxe com você? O que foi que deixou escondido comigo lá na nave?

— Nada — ela responde.

— Nada? — eu repito, surpresa.

— Achei que você não confiaria em mim a menos que pensasse que eu também tinha algo a perder — ela explica, rindo.

— Mas no vilarejo você fingiu que pegou alguma coisa de mim.

— Eu sei — ela diz, sem o menor traço de remorso na voz. Eu balanço a cabeça e, apesar de tudo, começo a rir enquanto abro a mochila e a entrego para ela.

Ela abre a minha mochila e despeja o conteúdo — lanterna, folhas de plantas, cantil vazio, comprimidos azuis — dentro da mochila dela.

Subitamente eu sinto culpa. Eu poderia ter fugido com todos os comprimidos, e mesmo assim ela ainda confiava em mim.

— Depois disso você devia ficar com alguns comprimidos azuis — eu digo. — Pra você.

A expressão dela se altera.

— Ah — ela diz, com voz cautelosa. — Tudo bem.

Ela me devolve a mochila vazia e eu a enfio sobre os ombros. Subimos cobertas pelos casacos, o que deixa nossos corpos mais volumosos, mas Indie acha que é mais fácil assim do que carregá-los. Ela ajeita a própria mochila nos ombros, por cima da sua longa trança que, quando o sol surge, se ilumina quase tão brilhante quanto os penhascos.

— Tá pronta? — ela pergunta.

— Acho que sim — respondo, olhando para a pedra.

— Siga os meus passos — ela diz. — Vou te passando orientações. — Ela põe os dedos nas agarras e iça o próprio corpo. Na minha ansiedade para segui-la piso numa pequena pilha de pedras. Elas se espalham e rolam, e eu me seguro firme.

— Não olha pra baixo — ela diz.

Demora muito mais para subir do que para cair.

Fico impressionada ao constatar que boa parte da escalada consiste em se segurar e em esperar, decidir o passo seguinte e depois se empenhar em realiza-lo. Meus dedos se agarram com firmeza à pedra e meus dedos dos pés se dobram o máximo que podem. Eu me concentro na tarefa à mão, e às vezes isso significa que, embora não pense em Ky, estou completamente imersa em pensamentos sobre ele. Porque estou sendo como ele.

As paredes do cânion são de uma coloração laranja-avermelhada, salpicada de preto. Não sei ao certo de onde vem esse preto; é quase como se há muito tempo um oceano de piche tivesse batido contra as laterais.

— Você tá indo bem — Indie me diz quando chego ao lado dela num patamar. — Agora vem a parte mais difícil — ela anuncia, apontando. — Deixa eu tentar primeiro.

Eu me sento no patamar, apoiando as costas na rocha. Meus braços doem por eu segurar com tanta força. Eu gostaria que a rocha nos abraçasse, nos aninhasse quando nos agarramos a ela, mas ela não faz isso.

— Acho que consegui — diz Indie, baixinho. — Quando você chegar aqui...

Ouçõ o som de pedras caindo, de carne raspando na rocha. Eu fico de pé.

O patamar é estreito e meu equilíbrio é incerto.

— Indie!

Ela está dependurada acima de mim, segurando-se nas pedras. As pernas estão balançando perto de mim, esfoladas, sangrando. Ouçõ ela soltar um palavrão.

— Tá tudo bem? — eu pergunto, aos gritos.

— Me empurra — ela diz, com a voz áspera. — Me empurra pra cima.

Coloco as palmas das mãos sob a sola da botina dela, gasta por causa da nossa fuga planície afora, coberta de pó do cânion e das pedras.

Por um momento terrível ela fica suspensa, apoiada somente sobre minhas mãos, tão pesada, e sei que ela não consegue encontrar nada em que

se agarrar. Pouco depois ela se vai, o peso da botina se afasta da minha mão e deixa sua marca impressa na palma.

— Subi — ela diz. — Dá a volta pela esquerda. Daqui eu consigo te ajudar a escalar.

— É seguro? Você tem certeza de que tá bem?

— A culpa foi minha. Essas pedras são mais macias do que as que eu estou acostumada a escalar. Coloquei peso demais e a rocha quebrou.

Os arranhões na sua perna desmentem a afirmação de que a pedra é macia, mas sei o que ela quis dizer. As coisas aqui são tão diferentes. Rios envenenados, pedras suaves. Você nunca sabe exatamente no que está se metendo. O que é firme e o que vai ceder.

A segunda metade da escalada é mais tranquila. Indie tinha razão; a parte mais íngreme era a mais difícil de transpor. Eu me agarro a extremidades finas e frágeis de rocha usando apenas as pontas dos dedos, torcendo para que minhas juntas permaneçam dobradas e meus pés não escorreguem. Enfio os braços e joelhos em fendas verticais na frente da rocha, usando minhas roupas e minha pele do jeito que Indie me ensinou — como fricção para manter meu corpo junto à parede.

— Estamos quase lá — ela diz acima de mim. — Me espere um minuto e depois suba. Não é difícil.

Tento recobrar o fôlego, fazendo uma pausa para descansar em uma fenda. A pedra me sustenta, constato, e abro um sorriso, inebriada pela altura em que estamos.

Ky adoraria isto. Talvez ele também esteja escalando.

Hora do último esforço para avançar até o topo.

Não vou olhar para trás nem para baixo nem para lugar algum, apenas para cima e para a frente. Minha mochila vazia oscila um pouco e eu balanço, as pontas dos dedos se enfiando na pedra. Aguenta firme. Espera. Alguma coisa leve e alada passa por mim, me dando um susto. Para me acalmar, penso no poema que Ky me deu de aniversário, aquele sobre a água.

A garça e a maré alta mergulhavam quando tomei a estrada

Acima da fronteira

Aqui nesta costa pedregosa, eu me sinto como uma criatura deixada para trás depois que a água recuou para o mar. Tentando subir uma montanha para chegar a um lugar onde Ky talvez esteja. E mesmo se ele não estiver lá, vou encontrá-lo. Vou continuar em frente, de novo e de novo, até que finalmente nossos caminhos se cruzem.

Faço uma pausa por um momento para recuperar o equilíbrio e, então, mesmo contra minha própria vontade, olho por cima do ombro. A paisagem é completamente diferente da que Ky e eu víamos juntos no topo da Colina. Nenhuma casa, nada de Prefeitura, nada de edifícios. Só há areia, pedra e árvores mirradas. Mesmo assim, é algo que eu escalei, e, mais uma vez, sinto que de alguma maneira Ky subiu junto comigo.

— Estou quase lá — eu sussurro para ele, para Indie.

Impulsiono meu corpo até a borda do penhasco, com um sorriso no rosto, e então levanto os olhos.

Não estamos sozinhas.

Agora sei por que chamam isto de ataque incendiário. Cinzas, por toda parte. Uma rajada de vento varre a Escultura, soprando os resíduos nos meus olhos e deixando-os embaçados e lacrimejantes.

São apenas os restos de um grande incêndio, tento dizer a mim mesma. Ramos de árvore dispostos um de frente para o outro, fumaça subindo para o céu.

Mas o olhar no rosto de Indie me diz que ela vê a verdade, e em minha mente eu também a vejo. As figuras enegrecidas espalhadas pelo chão não são ramos. São reais, estas dezenas de corpos no topo da Escultura.

Indie se abaixa e depois endireita o corpo, segurando algo nas mãos. Um pedaço chamuscado de corda, com uma parte ainda boa.

— Vamos embora — ela diz, a cinza da corda preteando sua mão. Ela estica o braço para ajeitar uma mecha de seu cabelo ruivo agitando-se na brisa e acidentalmente faz uma marca no próprio rosto.

Olho para as pessoas. Elas também têm marcas na pele, marcas azuis, linhas entrelaçadas. Fico imaginando o que significam.

Por que vocês subiram aqui? Como fizeram esta corda? O que mais aprenderam aqui enquanto o resto de nós se esqueceu de vocês? Ou nunca soube que vocês sequer existiam?

— Há quanto tempo eles estão mortos? — pergunto.

— Bastante tempo — ela responde. — Uma semana, talvez mais. Não tenho certeza. — Há rispidez em sua voz. — Quem fez isso vai voltar. A gente tem que ir embora.

Pelo canto do olho percebo movimento e me viro. Enormes bandeiras vermelhas tremulam furiosamente ao vento. Embora estejam em mastros enfiados no chão e não amarradas a árvores, elas me lembram os panos vermelhos que Ky e eu deixamos na Colina.

Quem demarcou esta terra aqui em cima? Quem matou todas estas pessoas? A Sociedade? O Inimigo?

Onde está a Insurreição?

— Temos que ir embora agora, Cassia — Indie diz atrás de mim.

— Não — eu reajo. — A gente não pode deixar essas pessoas aqui.

Será que elas eram a Insurreição?

— É assim que as Anomalias morrem — ela argumenta, com frieza na voz. — Sozinhas nós duas não podemos mudar isso. Temos que encontrar outras pessoas.

— Talvez essas sejam as pessoas que a gente estava tentando encontrar — eu digo. Por favor, que a Insurreição não tenha desaparecido antes mesmo de a gente ter tido a chance de encontrá-la.

Ab, Ky, eu penso. Eu nunca soube. Então era este o tipo de morte que você tinha visto.

Indie e eu saímos correndo pelo topo da Escultura e deixamos os corpos para trás. *Ky ainda está vivo, digo a mim mesma. Tem que estar.*

No céu, apenas o sol. Nada voa. Aqui não há anjos.



Capítulo 15

ky

VAMOS CAMINHANDO SEM PARAR, ATÉ ESTABELECEER UMA DISTÂNCIA SEGURA ENTRE NÓS E QUEM QUER QUE ESTIVESSE NO MUNICÍPIO. Nenhum de nós fala muito. Nós nos movemos rápido, seguindo o cânion principal. Depois de algumas horas eu pego o mapa para verificar nossa posição.

— Parece que estamos subindo o tempo todo — diz Eli, um pouco sem folego.

— E estamos — respondo.

—Então por que parece que a gente não está chegando mais alto? — Eli pergunta.

— As paredes do cânion também estão subindo. Olha só. — Mostro a ele como os agricultores marcaram a elevação no mapa.

Eli balança a cabeça, confuso.

— Pense na Escultura e em todos os cânions como um barco bem grande — explica Vick. — A parte em que a gente entrou era baixa na água. A parte em que a gente vai sair é alta. Entendeu? Quando a gente sair, vamos estar acima desta enorme planície.

— Você entende de barcos? — Eh pergunta.

— Um pouco — ele responde. — Não muito.

— A gente pode parar pra descansar um pouco — digo a Eli, pegando meu cantil. Tomo um gole.

Vick e Eli fazem a mesma coisa.

— Lembra do poema que você recita pros mortos? — diz Vick. — Aquele sobre o qual eu te perguntei antes?

— Lembro. — Olho para o assentamento na montanha marcado no mapa. É para lá que a gente precisa ir.

— Como foi que você aprendeu?

— Encontrei por acaso. Lá em Oria — respondo.

— Não nas Províncias Exteriores? — Vick insiste.

Ele sabe que eu sei mais do que estou dizendo. Levanto os olhos. Ele e Eli estão de pé do outro lado do mapa, observando. A última vez que Vick me desafiou foi no vilarejo, quando falei sobre como a Sociedade matava as Anomalias. Agora vejo em seus olhos o mesmo olhar firme. Ele acha que está na hora de falar disso.

E tem razão.

— Lá também. A minha vida inteira ouvi falar do Piloto. — E ouvi mesmo. Nas Províncias da Fronteira, nas Províncias Exteriores, em Oria, e agora aqui na Escultura.

— Quem você acha que ele é? — Vick pergunta.

— Algumas pessoas acham que o Piloto é o líder de uma rebelião contra a Sociedade — eu respondo, e os olhos de Eli se iluminam de empolgação.

— A Insurreição — Vick concorda. — Também ouvi falar.

— Existe uma rebelião? — Eli pergunta, ansioso. — E o Piloto é o líder?

— Talvez — respondo. — Mas isso não tem nada a ver com a gente.

— Claro que tem — rebate Eli, e parece irritado. — Por que você não disse nada pro resto das iscas? Talvez a gente pudesse ter feito alguma coisa!

— O quê? — pergunto a Eli, com cansaço na voz. — Vick e eu ouvimos falar do Piloto. Não sabemos onde ele ou ela está. E mesmo se soubéssemos, não acredito que o Piloto seja capaz de fazer alguma coisa a não ser morrer e levar um monte de gente junto.

Vick balança a cabeça, mas nada diz.

— Isso podia ter dado a eles um pouco de esperança — argumenta Eli.

— De que isso adianta se não existe um fato pra sustentar a história?

Ele cerra os dentes, teimosamente.

— É igualzinho ao que você tentou fazer montando aquelas armas.

Ele está certo. Eu suspiro.

— Eu sei. Mas falar do Piloto pra eles não teria adiantado nada. É só uma história que o meu pai costumava contar. — De repente, eu me lembro de como a minha mãe fazia ilustrações enquanto meu pai falava. Quando ele terminava de contar a história de Sísifo e as pinturas secavam, eu sempre tinha a sensação de que ele finalmente descansava um pouco.

— Quem me contou sobre o Piloto foi alguém da minha terra natal — diz Vick. Ele faz uma pausa. — O que aconteceu com eles? Seus pais?

— Morreram num ataque incendiário — respondo. No começo eu acho que isso é tudo que vou dizer. Mas continuo falando. Tenho de contar a Vick e Eli o que aconteceu, para que eles entendam por que motivo eu não acredito. — Meu pai costumava juntar todos os aldeões pra reuniões.

Penso no quanto aquilo era sempre empolgante, todo mundo se sentando nos bancos, conversando entre si. Os rostos deles se iluminavam quando viam meu pai entrar na sala.

— Meu pai descobriu uma maneira de desconectar o terminal do vilarejo sem que a Sociedade soubesse. Pelo menos era isso que ele achava. Não sei se o terminal ainda estava funcionando ou se alguém informou a Sociedade sobre as reuniões, mas estavam todos reunidos quando houve o ataque. Morreu quase todo mundo.

— Então seu pai era o Piloto? — pergunta Eli, aparentemente impressionado.

— Se era, agora está morto — respondo. — E levou nosso vilarejo inteiro com ele.

— Não foi ele quem matou aquelas pessoas. Você não pode culpar seu pai.

Posso e culpo. Mas também entendo o ponto de vista de Vick.

— Foi a Sociedade ou o Inimigo que matou aquela gente? — Vick por fim pergunta, depois de alguns instantes.

— As naves pareciam do Inimigo. Mas a Sociedade só chegou depois que tudo já tinha acabado. Isso foi novidade. Naquela época eles pelo menos fingiam que lutavam por nós.

— Onde você estava quando isso aconteceu? — Vick quer saber.

— Num planalto. Fui ver a chuva cair.

— Como aquelas iscas que tentaram chegar até a neve — Vick comenta.

— Mas você não morreu.

— Não — confirmo. — As naves não me viram.

—Você teve sorte — Vick diz.

— A Sociedade não acredita em sorte — Eli rebate.

— Concluí que essa é a única coisa em que acreditar — diz Vick. — Sorte e azar, e parece que a má sorte nos acompanha sempre.

— Isso não é verdade — protesta Eli. — Nós escapamos da Sociedade, encontramos a caverna com o mapa e fugimos do município antes que alguém nos achasse.

Eu não acredito na Sociedade, nem na Insurreição, nem em Piloto nenhum, muito menos em sorte ou azar. Acredito em Cassia, isso sim. Se tivesse de dizer que acredito em alguma coisa mais do que nisso, eu diria que acredito em existe e não existe.

Neste exato momento eu existo e pretendo continuar assim.

— Vamos — digo aos outros dois e enrolo o mapa.

Ao anoitecer decidimos acampar numa caverna assinalada no mapa. Assim que entramos pela abertura, nossas lanternas iluminam uma série de pinturas e gravuras nas paredes de dentro.

Eli para subitamente. Sei como ele se sente.

Eu me lembro da primeira vez que vi gravuras como aquelas. Foi na pequena fenda rochosa perto do nosso vilarejo. Meu pai e minha mãe me levavam quando eu era pequeno. Tentávamos adivinhar o significado dos símbolos. Meu pai tinha o hábito de copiar as figuras na terra. Foi antes de ele aprender a escrever. Ele sempre teve vontade de aprender e queria saber o significado de tudo. De todos os símbolos, de cada palavra e cada circunstância. Quando não conseguia encontrar um significado, ele criava um por conta própria.

Mas esta caverna é extraordinária. As pinturas têm uma abundância de cores, e as gravuras traçadas ao longo da superfície são ricas em detalhes. Ao contrário da terra do chão, quando você desenha sobre esta pedra ela fica mais clara e não mais escura.

— Quem fez isso? — pergunta Eh, rompendo o silêncio.

— Muita gente — respondo. — As pinturas parecem mais recentes. Parecem obra dos agricultores. As gravuras são mais antigas.

— Mais antigas quanto? — pergunta Eli.

— Milhares de anos.

As gravuras mais antigas mostram pessoas com dedos abertos e ombros largos. Aparentam ser fortes. Uma delas parece estender as mãos para o céu. Fico um bom tempo olhando para a figura, para aquela mão esticada, e me lembro da última vez que vi Cassia.

A Sociedade me encontrou de manhã bem cedo. O sol ainda não havia surgido e as estrelas tinham sumido quase por completo. Era aquela hora morta em que relaxar era algo mais simples.

Acordei no exato momento em que eles se abaixavam sobre mim na escuridão, com suas bocas abertas para dizer as coisas que sempre diziam: Não há nada a temer. Venha com a gente. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, eu os golpeei. Arranquei sangue dele antes que pudessem me levar embora para derramar o meu. Todos os meus instintos me disseram para lutar, e obedeci. Ao menos uma vez.

Lutei porque em Cassia encontrei a paz. Porque eu sabia que podia encontrar repouso no toque dela, que de alguma maneira me queimava e me purificava ao mesmo tempo.

A luta não durou muito. Eram seis deles contra um. Patrick e Aida ainda não tinham acordado. “Venha em silêncio”, disseram os Oficiais e Funcionários. “Vai ser mais fácil para todo mundo. Vamos ter de amordaçar você?”

Fiz que não com a cabeça.

“No fim a Classificação sempre sabe”, disse um deles para o resto do grupo. “Essa era fácil; este aqui ficou submisso durante anos. Mas uma Aberração é sempre uma Aberração.”

Estávamos quase saindo pela porta quando Aida nos viu.

E então seguimos pelas ruas escuras, com Aida aos berros e Patrick falando baixo em tom urgente e calmo.

Não. Não quero pensar em Patrick e Aida e no que aconteceu depois. Exceto por Cassia, os dois são as pessoas que eu mais amo no mundo, e se um dia eu encontrá-la é certo que nós vamos juntos procurá-los. Mas não posso ficar muito tempo pensando neles — os pais que me acolheram e em troca só receberam mais sentimentos de perda. Foi corajoso e admirável da parte deles amar de novo. Isso me fez achar que eu também seria capaz disso.

Sangue na minha boca e sob minha pele em hematomas esperando para aparecer, a cabeça abaixada, as mãos algemadas nas costas.

E então.

Meu nome.

Ela gritou meu nome na frente de todo mundo. Ela não se importou com quem ia saber que ela me amava. Também chamei o nome dela. Vi o cabelo desgrenhado dela, os pés descalços, os olhos me encarando, e então ela apontou para o céu.

Eu sei que você quis dizer que se lembraria de mim para sempre, Cassia, mas estou com medo de que me esqueça.

Tiramos pedaços de arbustos e pedras menores de um canto para criar um espaço em que pudéssemos dormir. Algumas pedras são de sílex, e provavelmente os agricultores esconderam um estoque delas aqui para fazer fogueiras. Encontro também um pedaço de arenito, redondo e quase perfeito, e instantaneamente penso na minha bússola.

— Você acha que alguns agricultores acamparam aqui a caminho da Escultura? — pergunta Eli.

— Não sei — respondo. — Talvez. Parece ser um lugar que era usado com frequência. — O chão é todo marcado por círculos chamuscados de velhas fogueiras, bem como pegadas indistintas e, aqui e ali, ossos de animais assados e comidos.

Eli não demora a pegar no sono, como sempre. Ele está encolhido ao pé de uma figura cujos braços estão erguidos bem alto.

— Então, o que você trouxe? — pergunto a Vick enquanto abro a mochila onde enfiei coisas da biblioteca da caverna. Em nossa pressa de fugir do município, nós três agarramos livros e papéis sem ter tido muita chance de examiná-los.

Vick começa a gargalhar.

—O que foi?

— Espero que você tenha escolhido melhor que eu — Vick diz, mostrando-me o que trouxe. Na afobação, pegou um maço de panfletos marrons comuns. — Isso aqui parecia uma coisa que eu vi uma vez em Tana. Mas, no fim, são todos iguais.

— O que são? — eu pergunto.

— Algum tipo de história — ele diz.

— Pode ser que tenham algum valor. Se não, posso te dar um pouco do que eu trouxe. — Eu me saí um pouco melhor. Peguei um pouco de poesia e dois livros repletos de histórias que não estão entre as Cem. Olho de relance para o pacote de Eh. — Vamos ter que esperar o Eh acordar pra perguntar o que ele trouxe.

Vick folheia algumas páginas.

— Espera. Isto aqui é interessante. — Ele me entrega um dos panfletos, aberto na primeira página.

O papel é grosseiro. Barato, produzido em massa em algum lugar nos confins da Sociedade com equipamento velho, provavelmente um descarte encontrado em um dos locais da Restauração. Abro o panfleto e leio à luz da lanterna:

A INSURREIÇÃO:

Uma Breve História da

Nossa Rebelião contra a Sociedade

A Insurreição começou de verdade na época dos Comitês dos Cem.

Um ano antes do início das Seleções dos Cem, a Taxa de Erradicação do Câncer continuava estagnada em 85,1%. Era a primeira vez que se registrava uma falha a eficiência desde que a Iniciativa de Erradicação do Câncer tinha entrado em vigor. A Sociedade não ficou nada contente. Embora soubessem que a perfeição completa em todas as áreas era impossível, concluíram que chegar aos 100% em algumas áreas era de extrema importância. E sabiam que isso exigiria empenho e dedicação total.

Decidiram concentrar todos os esforços no aumento da produtividade e na melhora da saúde física. Os Funcionários dos níveis mais altos votaram a favor da eliminação de distrações como o excesso de poesia e música, mantendo apenas uma quantidade ideal com o intuito de incrementar a cultura e saciar o desejo de fruição da arte. Foram formados os Comitês dos Cem, um para cada área da arte, a fim de supervisionar as escolhas.

Esse foi o início do abuso de poder por parte da Sociedade. Aboliram também a prática de permitir que cada geração decidisse, por meio de voto, se queria ou não viver sob o comando da Sociedade. A Sociedade começou a retirar as Anomalias e Aberrações da população geral e isolar ou eliminar os indivíduos que criavam problemas.

Um dos poemas que a Sociedade não aprovou para ser incluído entre os Cem Poemas foi “Cruzar a margem” de Tennyson, que se tornou uma senha informal entre os membros da nossa rebelião. O poema faz referência a dois aspectos importantes da Insurreição:

1. Um líder chamado “Piloto” conduz a Insurreição, e

2. Os que pertencem à Insurreição acreditam ser possível voltar a um período melhor da Sociedade — a época anterior às Seleções dos Cem.

Algumas Anomalias que escaparam da Sociedade nos primeiros anos juntaram-se à Insurreição. Embora esteja presente em todas as partes da Sociedade, a insurreição é mais forte nas Províncias da Fronteira e nas Províncias Exteriores, particularmente nos lugares para onde as Aberrações vêm sendo enviadas desde o advento das Seleções dos Cem.

— Você já sabia de tudo isso? — Vick pergunta.

— Um pouco — respondo. — Eu conhecia a parte sobre o Piloto e a Insurreição. E sabia dos Comitês dos Cem, é claro.

— E da eliminação das Anomalias e Aberrações — Vick completa.

— Sim — concordo, com voz amarga.

— Quando te ouvi recitando o poema pro primeiro menino lá na água, achei que você podia estar me dizendo que era membro da Insurreição.

— Não.

— Nem mesmo quando seu pai estava no comando?

— Não. — E fico em silêncio. Eu não concordo com o que meu pai fazia, mas também não vou traí-lo. Essa é outra linha tênue, e tomo cuidado para não me colocar do lado errado.

— Nenhuma das outras iscas reconheceu as palavras. — Vick diz. — Eu achava que mais Aberrações saberiam sobre a Insurreição e contariam pros filhos.

— Talvez todas as Aberrações que sabiam descobriam como escapar antes de a Sociedade começar a nos mandar pros vilarejos.

— E os agricultores não faziam parte da Insurreição. Achei que era por isso que você estava levando a gente até eles... pra que a gente se juntasse à rebelião.

— Eu não estava levando ninguém a lugar algum — rebato. — Os agricultores sabiam da Insurreição. Mas não acho que faziam parte dela.

— Você não sabe de muita coisa — ele comenta, com um sorriso no rosto.

Tenho que rir.

— Não, não sei.

— Achei que você tinha algum tipo de propósito maior — Vick diz, pensativo. — Reunir pessoas pra levar até a Insurreição. Mas você veio até a Escultura pra salvar a própria pele e pra voltar pra menina por quem está apaixonado. Só isso.

— Só isso — concordo. É a verdade. Ele pode ter a opinião ruim que quiser a meu respeito.

— Tá legal — Vick diz. — Boa noite.

Quando raspo a pedra com meu pedaço de ágata, ele deixa marcas limpas e brancas. Esta bússola não vai funcionar, é claro. Ela não abre. A agulha nunca vai girar, mas mesmo assim eu entalho a pedra. Preciso encontrar outro pedaço de ágata. Este aqui eu estou usando e gastando para entalhar, não para matar.

Enquanto os outros dois dormem, termino a bússola. Assim que acabo a tarefa, eu a giro na minha mão de modo que sua agulha aponte para onde eu acredito ser o norte e me deito para descansar. Será que Cassia ainda está com a bússola de verdade, a que a minha tia e meu tio guardaram para mim?

Ela abre a bússola e olha para a agulha.

Lágrimas nos olhos, o vento no cabelo.

Ela está usando um vestido verde.

A saia roça a grama quando ela se abaixa para pousar a bússola no chão. Quando se levanta de novo, suas mãos estão vazias.

Xander espera atrás dela. Ele estende a mão.

“Ele se foi ‘ele diz para ela. “Eu estou aqui.” A voz dele parece triste. Esperançosa.

Não, começo a falar, mas Xander está dizendo a verdade. Eu não estou ali, não realmente. Sou apenas uma sombra contemplando o céu. Eles são reais. Eu não sou mais.

— Ky — Eh me chama, me chacoalhando. — Ky, acorda. O que foi?

Vick acende a lanterna e mira o facho nos meus olhos.

— Você estava tendo um pesadelo — ele diz. — Era sobre o quê?

Balanço a cabeça.

— Nada — respondo, olhando para a pedra na minha mão.

A agulha desta bússola está travada. Não gira. Não se altera. Como eu em relação a Cassia. Travado em uma ideia, em uma coisa no céu. Uma verdade a que me agarrar quando tudo mais ao meu redor vira pó.



Capítulo 16

Cassia

No meu sonho ele está de pé na frente do sol, por isso ele parece escuridão quando sei que é luz “Cassia”, ele diz, e a ternura em sua voz me deixa com lágrimas nos olhos. “Cassia, sou eu.”

Não consigo falar. Estico os braços, sorrindo chorando, tão feliz por não estar sozinha.

“Vou me afastar agora”, ele diz. “Vai surgir um clarão. Mas você tem que abrir os olhos.”

“Estão abertos” eu digo, confusa. De que outra maneira eu conseguiria

“Não”, ele diz. “Você está dormindo. Você precisa acordar. Chegou a hora.”

“Você não está indo embora, está?” É a única coisa em que consigo pensar. Que ele talvez vá embora.

“Estou”, ele diz.

“Não”, eu peço. “Por favor.”

“Você tem que abrir os olhos”, ele repete, e então obedeço e acordo sob um céu banhado de luz.

Mas Xander não está aqui.

Chorar é um desperdício de água, digo a mim mesma, mas não consigo parar. As lágrimas escorrem por meu rosto, abrindo trilhas na poeira. Tento não soluçar; não quero acordar Indie, que ainda dorme, apesar do sol. Depois de ver os corpos marcados de azul ontem, andamos o dia inteiro ao longo do rio seco desse segundo cânion. Não vimos nada nem ninguém.

Levo as mãos ao rosto e as deixo lá, sentindo a quentura das minhas próprias lágrimas.

Estou com tanto medo, penso. Por mim, por Ky. Eu achava que estávamos no cânion errado porque não vi nem sinal dele. Mas se o transformaram em cinzas, jamais vou saber onde ele esteve.

Sempre alimentei a esperança de encontrá-lo — durante todos aqueles meses plantando sementes, e quando embarquei naquela nave sem janelas que voou noite afora, e durante a longa fuga até a Escultura.

Mas agora pode ser que não haja mais nada a ser encontrado, uma voz atormenta a minha cabeça. Ky talvez esteja morto, e a Insurreição também. E se o Piloto morreu e ninguém tomou o lugar dele ou dela?

Olho de relance para Indie e me pego me questionando se ela é mesmo minha amiga. *Talvez seja uma espiã, eu penso, enviada por minha Funcionária para me ver fracassar e morrer na Escultura de modo que ela, a Funcionária, saiba como sua experiência chegou ao desfecho previsto.*

De onde vêm esses pensamentos?, eu me pergunto, e então a ficha cai. Estou doente.

Na Sociedade raramente acontecem doenças, mas é óbvio que não estou na Sociedade. Minha mente examina todas as variáveis em jogo: exaustão, desidratação, esforço mental excessivo, comida insuficiente. Isso estava fadado a acontecer.

A constatação faz com que eu me sinta melhor. Se estou doente, então não sou eu mesma. A verdade é que não acredito nesses pensamentos sobre Ky, Indie e a Insurreição. E a minha mente está tão desnorreada que estou esquecendo que não foi a minha Funcionária quem iniciou essa experiência. Eu me lembro daquele discretíssimo estremecimento em seus olhos quando ela mentiu para mim, na área verde fora do museu em Oria. Ela não sabia quem inclui o nome de Ky na Seleção de Pares.

Respiro fundo. Por um momento, a sensação do meu sonho com Xander volta e me sinto reconfortada. “Você tem que abrir os olhos”, ele pediu. O que ele queria que eu visse? Passo os olhos pelo interior da caverna onde acampamos para passar a noite. Vejo Indie, as pedras, minha mochila com os comprimidos dentro.

Os azuis, pelo menos em certo sentido, me foram dados não pela Sociedade, mas por Xander, em quem confio. Já esperei tempo demais.

Demoro até abrir o recipiente porque parece que não consigo fazer meus dedos funcionarem. Por fim, tiro o primeiro comprimido azul do compartimento, jogo dentro da boca e engulo. A seco. É a primeira vez que tomo um comprimido — que eu saiba, pelo menos. Por um momento, minha mente é invadida pela imagem do rosto do Vovô, e ele parece decepcionado.

Olho para baixo, para o oco onde antes havia um comprimido azul, e espero ver um espaço vazio, Mas há algo lá — uma tirinha de papel.

Papel do terminal. Eu o desenrolo, as mãos ainda trêmulas. Lacrado em seu compartimento, o papel se conservou ileso. Mas vai desintegrar logo, agora que entrou em contato com o ar.

Ocupação: Estudante de medicina. Probabilidade de posto de trabalho permanente e promoção a médico: 97,3%.

— Ah, Xander — murmuro.

São trechos das informações oficiais de Xander no processo de Seleção de Pares. As informações que eu nunca li no microcartão; todas as coisas que eu achava que já sabia. Olho para os comprimidos na minha mão. Como ele fez isso? Como conseguiu enfiar o pedacinho de papel aqui dentro? Será que tem mais algum?

Eu o imagino agora, imprimindo uma cópia de suas informações no terminal, rasgando cuidadosamente cada linha em tirinhas de papel e encontrando uma maneira de enfiá-las dentro do compartimento. Ele deve ter deduzido que eu nunca olhei o microcartão; ele sabia que eu desviei os olhos e preferi ver Ky.

É como Ky e os papéis que ele me deu no Bairro. Dois meninos, duas histórias escritas em tiras de papel e entregues a mim. Meus olhos ardem de lágrimas porque a história de Xander é uma que eu já devia saber.

Olha pra mim de novo, ele parece estar dizendo.

Tiro outro comprimido de seu respectivo compartimento. O papel seguinte diz: Nome completo: Xander Thomas Carrow.

Evoco uma lembrança de mim mesma no Bairro, ainda menina, esperando Xander sair para brincar comigo.

“Xander. Thomas. Carrow!”, chamei, aos berros, pulando de uma pedra para outra na calçada da casa dele. Eu era pequena e me esquecia de fazer silêncio quando chegava perto da casa de outra pessoa. O nome de Xander, eu achava, era gostoso de dizer. Soava perfeitamente certo, exato. Cada palavra tinha duas sílabas, um ritmo perfeito para marchar.

— Não precisa gritar — Xander disse. Ele abriu a porta e sorriu para mim. — Eu estou bem aqui.

Sinto falta de Xander, e não consigo resistir ao impulso de abrir mais comprimidos não para tomar outros azuis, mas para ver o que está escrito nos papeizinhos:

Desde o nascimento, mora no Bairro IV lapletree.

Atividade de lazer favorita: natação.

Recreação favorita: jogos.

Seus colegas listaram o nome de Xander Carrow como estudante que mais admiram 87,6% do tempo.

Cor favorita: vermelho.

Isso é uma surpresa. Sempre achei que a cor favorita de Xander fosse verde. O que mais não sei sobre ele?

Abro um sorriso, já me sentindo mais forte. Quando olho para Indie, vejo que ela ainda está dormindo. Sinto uma forte ânsia de me colocar em movimento, então decido ir lá fora para ver melhor esse lugar em que entramos na escuridão da noite.

À primeira vista parece apenas uma larga abertura no cânion, como muitas outras, dividida, em cavernas, atravancada de pedras caídas e amaciada por paredões ondulados. Mas, quando olho de novo, vejo que uma das paredes tem o aspecto estranho.

Vou caminhando pelo leito seco do rio e encosto a mão na rocha. A sensação é de aspereza. Mas algo não está certo. É tudo perfeito demais.

É assim que eu fico sabendo que é a Sociedade.

Em sua perfeição eu vejo as rachaduras. Eu me lembro da respiração da mulher em uma das Cem Canções e como Ky me disse que a Sociedade sabe que gostamos de ouvir os cantores respirarem. Gostamos de saber que eles são humanos, mas mesmo a humanidade que eles apresentam é meticulosamente calculada.

Meu peito se enche de decepção. Se a Sociedade está aqui, a Insurreição não pode estar.

Eu caminho junto ao paredão, passando a mão na pedra, procurando a rachadura onde Sociedade e Escultura se encontram, e quando chego mais perto de um grupo de arbustos escuros e entrançados, vejo alguma coisa caída no chão.

É o menino. O que fugiu com a gente para a Escultura e depois veio para este cânion.

Ele está deitado de lado, todo encolhido. Seus olhos estão fechados. Uma leve camada de poeira trazida pelo vento cobre sua pele, seus cabelos e suas roupas. Suas mãos estão descoradas e vermelhas de sangue, assim como o ponto na parede do cânion que ele arranhou e feriu e por onde não conseguiu entrar. Fecho meus olhos. A visão do sangue ressecado e daqueles cristais de poeira do cânion me faz pensar no açúcar e nas frutas vermelhas na torta do Vovô, e isso me deixa nauseada.

Abro meus olhos novamente e vejo o menino. Será que posso fazer alguma coisa por ele? Eu me abaixo mais perto dele e vejo que seus lábios estão manchados de azul. Uma vez que nunca recebi nenhum tipo de treinamento médico, não sei quase nada sobre como ajudar as pessoas. Ele não está respirando. Verifico o ponto no punho onde aprendi que se pode sentir a pulsação, mas não há batimento.

— Cassia — alguém murmura, e eu me viro para olhar.

É Indië. Dou um suspiro de alívio.

— É aquele menino — digo.

Indie se agacha ao meu lado.

— Ele tá morto — ela diz e olha para as mãos dele. — O que ele estava fazendo?

— Acho que estava tentando entrar — respondo, apontando. — Fizeram isso aqui parecer pedra, mas acho que é uma porta. — Indie fica de pé ao meu lado e nós duas examinamos a pedra ensanguentada e as mãos do menino.

— Ele não conseguiu entrar — digo. — E depois tomou o comprimido azul, mas já era tarde demais.

Indie me encara com um olhar penetrante e inquisitivo.

— A gente tem que dar o fora desse cânion — eu aviso. — A Sociedade tá aqui. Eu posso sentir.

Indie fica em silêncio.

— Você tem razão — ela diz, depois de alguns segundos. — A gente devia voltar pro outro cânion. Lá pelo menos tinha água.

— Você acha que a gente precisa voltar e atravessar naquele mesmo lugar de antes? — pergunto e sinto um calafrio involuntário ao pensar em todos aqueles cadáveres no topo da Escultura.

— Não, dá pra ir por aqui — Indie diz. — Agora temos uma corda. — Ela aponta para as raízes das árvores agarradas à lateral do cânion, crescendo onde nenhuma árvore conseguiria crescer. — Assim vamos economizar tempo.

— Enquanto eu a observo, ela abre a mochila, pega a corda e a lança sobre o ombro, e depois arruma com cuidado alguma coisa dentro da mochila.

O ninho de vespas, eu penso.

— Você manteve ele inteiro.

— O quê? — Indie pergunta, assustada.

— Seu ninho de vespas. Ele não se desfez.

Indie faz que sim com a cabeça, cautelosa. Devo ter dito alguma coisa errada, mas não sei o quê. Um profundo cansaço parece tomar conta de mim e sinto o estranho desejo de simplesmente me deitar toda encolhida como o menino, e descansar no chão.

No topo da Escultura, não olhamos para a direção em que devem estar os corpos. De qualquer maneira, estamos longe demais para ver o que quer que seja.

Fico em silêncio. Indie também não fala. Correndo depressa, atravessamos a Escultura, sob céu e vento gelados. A corrida me desperta e me lembra que ainda estou viva, que ainda não posso me deitar para descansar, por mais que eu queira.

Pelo visto, talvez Indie e eu sejamos os dois únicos seres vivos nas Províncias Exteriores.

Indie segura a corda do outro lado.

— Vamos lá — ela diz, e voltamos para o primeiro cânion, onde começamos. A gente pode não ter encontrado vestígios de Ky aqui, mas pelo menos há água e não notamos o menor sinal da Sociedade. Ainda.

A esperança é como uma pegada, uma meia pegada onde alguém foi descuidado e pisou na lama mole e que mais tarde ficou dura e espessa demais para ser levada pelos ventos da noite e da manhã.

Tento não pensar nos outros rastros que vi neste cânion, fósseis de tempos tão antigos que nada restou além de indícios ou ossos do que foi, do que outrora viveu. Esta marca é recente. Tenho de acreditar nisso. Tenho de acreditar que tem mais alguém vivo aqui, e tenho de acreditar que pode ser Ky.



Capítulo 17

ky

ESCALANDO, SAÍMOS DA ESCULTURA. Atrás de nós estão os cânions e o município dos agricultores. Abaixo de nós, a planície se alarga e se espalha, vasta, marrom e de grama dourada. Arvoredos aglomeram-se ao longo de um riacho e do outro lado da planície as montanhas azuis se elevam com picos nevados. Neve que dura.

É uma longa jornada em qualquer estação — especialmente agora às portas do inverno. Sei que nossas chances não são boas, mas ainda assim me sinto feliz por ter chegado até aqui.

— Tá tão longe — diz Eli ao meu lado, com voz vacilante.

— Pode não ser tão longe quanto parece no mapa.

— Vamos até aquele primeiro grupo de árvores — Vick sugere.

— É seguro? — Eh pergunta, olhando para o céu.

— Se a gente tiver cuidado, sim — responde Vick, já caminhando, olhos fixos no riacho. — Este riacho é diferente daquele do cânion. Aposto que aqui os peixes são grandes.

Chegamos ao primeiro grupo de árvores.

— O quanto você sabe sobre pescaria? — Vick me pergunta.

— Nada — respondo. Nem de água eu entendo muito. No nosso vilarejo não havia muita água, a não ser a que a Sociedade fornecia. E os riachos dos cânions não são largos e lentos como este. São menores, mais rápidos. — Os peixes não estão mortos a essa altura? A água não está gelada demais?

— Água corrente raramente congela — Vick me explica. Ele se agacha e olha dentro do rio, onde há coisas se movendo. — A gente podia pegar estes aqui — ele diz, empolgado. — Aposto que é truta-salmão. São ótimas pra comer.

Já estou agachado ao lado dele, tentando pensar num jeito.

— Como a gente faz isso?

— Eles estão terminando de desovar. Ficam lentos. É só a gente entrar na água que dá pra pegar com a mão, se chegarmos perto o bastante. Nem vai ter graça — ele diz; em tom pesaroso. — Lá na minha terra a gente nunca teria feito isso. Mas lá a gente tinha linha.

— Onde é a sua terra? — pergunto.

Vick me olha, pensativo, mas talvez conclua que, já que sabe de onde eu sou, também pode me dizer onde começou a vida.

— Eu sou de Camas. Você devia conhecer. As montanhas são maiores que as daqui. — Com um gesto largo, ele aponta para a planície. E os riachos são abarrotados de peixes. — Depois ele para. Volta a olhar para a água em cujas profundezas as coisas se movem.

Eli ainda está agachado, como eu o instruí a fazer. Mesmo assim, não gosto de como essa planície se estende nua sob o céu entre a Escultura e as montanhas.

— Procure uma corredeira — Vick diz agora para Eli. — É um lugar no riacho em que a água fica rasa e corre mais rápido. Como aqui. E aí você faz isto.

Vick se agacha lentamente e em silêncio junto à margem do riacho. Ele espera. Então desliza a mão dentro da água, atrás do peixe, movendo aos poucos os dedos contra a corrente até ficarem debaixo da barriga do peixe. Depois, num gesto rápido, tira o peixe da água e o arremessa para a margem. O peixe se debate em busca de ar, o corpo escorregadio.

Ficamos observando o peixe morrer.

Nessa noite, voltamos para o interior da Escultura, onde podem os esconder a fumaça da fogueira. Bato a pedra de sílex para acender o fogo, guardando os fósforos dos agricultores para outra ocasião. É a primeira fogueira de verdade que a gente faz, e Eh adora deixar as mãos no ar para serem lambidas pelas chamas. Uma coisa é ser atacado com fogo, outra é usá-lo para se aquecer.

— Não fica perto demais — alerta Eli. Ele assente. A luz bruxuleia nas paredes do cânion e manda de volta as cores do pôr do sol. Fogo alaranjado.

Pedra alaranjada.

Assamos lentamente o peixe nas brasas, para que dure mais tempo na nossa jornada planície afora. Observo a fumaça e espero que ela se dissipe antes que suba acima das paredes do cânion.

O peixe vai demorar horas para ficar pronto, diz Vick, porque precisamos remover toda a água da carne. Mas assim dura mais, e vamos precisar da comida. Ponderamos e pusemos as coisas na balança para ver o que era mais importante: manter distância da pessoa que estava no município nos seguindo ou nos alimentar para a travessia da planície, e a comida venceu. Agora que vimos a extensão de terreno que precisamos atravessar, todos nós sentimos fome.

— Existe um tipo de peixe chamado truta-arco-íris — diz Vick, com expressão pensativa. — A maior parte morreu no Aquecimento, mas uma vez peguei um lá em Camas.

— Era gostoso que nem este aqui? — Eli pergunta.

— Ah, acho que sim — Vick responde.

— Você colocou ele de volta na água, não foi? — eu pergunto.

Vick abre um sorriso largo.

— Eu não podia comer ele. Era o único que eu tinha visto. Achei que podia ser o último de todos.

Eu me sento sobre os calcanhares. Minha barriga está cheia e me sinto livre, longe tanto da Sociedade como do município dos agricultores. Nem tudo está envenenado. A água corrente raramente congela. É bom saber dessas duas coisas.

Não me sinto tão feliz assim desde a Colina. Acho que há uma chance de eu conseguir voltar para ela afinal.

— Seus pais eram Oficiais antes de serem Reclassificados? — Vick quer saber.

Dou uma gargalhada. Meu pai, um Oficial? Minha mãe? Por diferentes razões, a sugestão é ridícula.

— Não — eu respondo. — Por quê?

— Você entende de armas — ele justifica. — E mexeu na fiação nos casacos. Eu imaginei que um deles podia ter te ensinado.

— Meu pai me ensinou essas coisas. Mas ele não era um Oficial.

— Ele aprendeu com os agricultores, também? Ou com a Insurreição?

— Não. Um pouco ele aprendeu com a Sociedade, por causa do trabalho dele. — A maior parte do que ele sabia aprendeu sozinho. — E os seus pais?

— Meu pai era um Oficial — ele diz, e não me surpreendo. Faz sentido: sua conduta, sua capacidade de comando, a maneira como ele disse que os casacos tinham qualidade militar, o fato de ter morado perto das bases do Exército. O que será que aconteceu para causar a Reclassificação de alguém em tão boa posição — um membro de uma família de Oficiais?

— Minha família morreu — diz Eli, quando fica claro que Vick não pretende dizer mais nada.

Embora eu já tivesse deduzido essa parte da história de Eh, ainda assim detesto ouvi-lo dizendo isso.

— Como? — Vick pergunta.

— Meus pais ficaram doentes. Morreram num centro médico na Central. E então fui mandado embora. Se eu fosse Cidadão, alguém teria me adotado. Mas eu não era. Sou uma Aberração desde que me conheço por gente.

Os pais dele adoeceram? E morreram? Isso não devia acontecer — não acontecia, até onde eu sabia — com pessoas jovens como os pais de Eh deviam ser, mesmo que fossem Aberrações. Morrer tão cedo assim não acontece, exceto com quem mora nas Províncias Exteriores. E, especialmente na Central, isso não acontece. Meu palpite era que eles tinham morrido como Eh devia morrer, nos vilarejos.

Mas Vick não parece surpreso. Não sei se é por consideração a Eli ou se porque já ouviu alguma coisa parecida antes.

— Eli, eu sinto muito — digo. Tive sorte. Se o filho de Patrick e Aida não tivesse morrido e se Patrick não tivesse insistido tanto, eu jamais teria sido levado para Oria. Podia estar morto agora.

— Eu também sinto muito, Eli — diz Vick.

Eli não responde. Ele chega mais perto do fogo e fecha os olhos, como se falar o tivesse deixado exausto.

— Não quero mais falar disso — ele diz, baixinho. — Eu só queria contar pra vocês.

Depois de um breve intervalo, mudo de assunto.

— Eli, o que você trouxe da caverna dos agricultores?

Eli abre os olhos e puxa a mochila para perto dele.

— São pesados, por isso não consegui trazer muitos — ele explica. — Só dois. Mas olha só. São livros. Com palavras e imagens. — Ele abre um para nos mostrar. A ilustração de uma enorme criatura alada com cores ao longo de toda a extensão do dorso voa pelo céu acima de uma enorme casa de pedra.

— Acho que o meu pai me falou de um destes livros — eu digo. — Eram histórias pra crianças. Elas podiam olhar pras imagens enquanto os pais liam as palavras pra elas. Depois, quando ficavam mais velhas, as crianças aprendiam a fazer isso por conta própria.

— Estes livros devem valer alguma coisa — comenta Vick.

O que Eli escolheu é difícil de negociar, imagino. As histórias podem ser replicadas, mas as ilustrações não. Contudo, no momento em que pegou esses livros, Eli não estava pensando em negociá-los.

Sentados junto às brasas da fogueira, lemos as histórias por cima dos ombros de Eh. São palavras que não conhecemos, mas desvendamos os significados olhando as figuras.

Eli boceja e fecha os livros.

— A gente pode olhar mais amanhã — ele diz em tom resolutivo, e eu rio por dentro enquanto ele guarda os livros na mochila. Parece estar nos dizendo: *Eu trouxe os livros e se vocês quiserem ver, vai ter que ser de acordo com as minhas condições.*

Pego um graveto do chão e começo a escrever o nome de Cassia na terra. A respiração de Eli vai diminuindo e ele por fim pega no sono.

— Eu também amei uma pessoa — Vick confessa minutos depois. — Lá em Camas. — Ele limpa a garganta.

A história de Vick. Jamais pensei que ele me contaria. Mas hoje há algo na fogueira que faz todos nós sentirmos vontade de falar. Espero um momento para me certificar de que vou fazer a pergunta certa. Um pontinho brilhante reluz em meio às brasas e depois escurece.

— Qual era o nome dela? — pergunto.

Uma pausa.

— Laney — ele responde. — Ela trabalhava na base onde a gente morava. Ela me falou sobre o Piloto. — Ele limpa a garganta. — É claro que eu já tinha ouvido falar. E lá na base as pessoas ficavam se perguntando se um dos Oficiais podia ser o Piloto. Mas pra Laney e a família dela era diferente. Quando eles falavam sobre o Piloto, a coisa tinha outro significado.

Ele olha para o lugar em que escrevi várias vezes o nome de Cassia na terra.

— Eu queria saber fazer isso — ele diz. — Lá em Camas a gente não tinha nada além de escrevinhadores e terminais.

— Eu posso te ensinar — proponho.

—Escreve nisto aqui — ele pede e joga na minha direção um pedaço de madeira. Choupo, provavelmente do grupo de árvores de onde paramos para pescar. Começo a escrever na madeira com meu pedaço afiado de pedra, sem olhar para Vick. Perto de nós, Eh dorme.

— Ela também costumava pescar — ele prossegue. — Eu me encontrava com ela no riacho. Ela... — Vick para por um momento. — Meu pai ficou tão furioso quando descobriu. Eu já tinha visto ele furioso antes. Eu sabia que aquilo ia acontecer, mas fui em frente mesmo assim.

— As pessoas se apaixonam — eu digo, com voz rouca. — Acontece.

— Não se uma é Anomalia e a outra é Cidadão — diz Vick. — E a maior parte das pessoas não celebra um Contrato desse tipo.

Prendo a respiração. Ela era uma *Anomalia*? Eles celebraram um Contrato?

— Não foi aprovado pela Sociedade — ele explica. — Mas quando chegou a hora eu escolhi não entrar na Seleção de Pares. E perguntei aos pais da Laney se eu podia fazer um Contrato com ela. Eles disseram que sim. As Anomalias fazem sua própria cerimônia. Que só é reconhecida por eles e mais ninguém.

— Eu não sabia disso — eu digo e enfio a ágata mais fundo na madeira. Até pouco tempo eu nem sabia direito se existiam Anomalias em outro lugar além da Escultura ou tão perto da Sociedade. Em Oria, passamos anos e anos sem ver ou ouvir falar delas, exceto pela que matou meu primo, o primeiro filho dos Markham.

— Pedi aos pais dela no dia em que vi a truta-arco-íris — Vick prossegue.

— Eu a tirei do rio e vi as cores reluzindo no sol. Quando vi o que era, devolvi pra água na mesma hora. E quando contei pros pais dela, disseram que era um bom presságio. Um sinal. Você sabe o que é isso?

Faço que sim com a cabeça. Às vezes meu pai falava de sinais.

— Depois disso nunca mais vi outra truta-arco-íris. E no fim das contas não foi um bom presságio coisa nenhuma. — Ele respira fundo. — Duas semanas depois ouvi a notícia de que os Funcionários estavam vindo buscar a gente. Fui procurar a Laney, mas ela já tinha sumido. A família dela também.

Vick estende o braço pedindo de volta o choupo. Eu o devolvo, embora não tenha terminado. Ele pega o pedaço de madeira e examina o nome como está gravado agora — Lan —, quase todo em linhas retas. Feito sulcos numa botina. E de repente eu descubro o que ele vem marcando esse tempo todo — não o número de dias que ele consegue se manter vivo, mas o tempo que ele viveu sem ela.

— A Sociedade me encontrou antes mesmo de eu chegar em casa. Eles me levaram pras Províncias Exteriores na mesma hora. — Ele devolve a madeira entalhada e reinício meu trabalho. A luz da fogueira brinca na ágata do mesmo jeito que o sol deve ter feito nas escamas da truta-arco-íris quando Vick a tirou da água.

— O que aconteceu com a sua família? — pergunto.

— Nada, eu espero — ele responde. — A Sociedade me Reclassificou automaticamente, é claro. Mas não foi um erro dos meus pais. Minha família deve estar bem. — Ouço incerteza em sua voz.

— Tenho certeza de que está — confirmo.

Vick me olha.

— Sério?

— A Sociedade se livrar das Anomalias e Aberrações é uma coisa. Mas se a Sociedade se livrar de todo mundo ligado a elas, não vai sobrar ninguém.

—É o que eu espero — assim talvez Patrick e Aida também estejam bem.

Vick assente e solta a respiração que estava prendendo.

— Sabe o que eu pensei? — ele pergunta.

— O quê?

— Você vai rir. Mas quando você recitou aquele poema pela primeira vez, eu não só achei que você fazia parte da Insurreição, mas também tive esperança de que você tivesse ido me tirar de lá. Meu próprio Piloto pessoal.

— Por que você achou isso?

— Meu pai ocupava um cargo de alto escalão no exército — Vick explica. — Altíssimo escalão. Achei que ele certamente mandaria alguém pra me salvar. Pensei que era você.

— Desculpa por ter te decepcionado — eu respondo. Minha voz soa fria.

— Você não me decepcionou — ele rebate. — Você tirou a gente de lá, não foi?

Mesmo sem querer, sinto uma pontinha de satisfação quando Vick diz isso, e sorrio no escuro.

— O que você acha que aconteceu com ela? — pergunto depois de alguns instantes.

— Acho que a família dela fugiu. Ao nosso redor as Anomalias e Aberrações estavam desaparecendo, mas não acho que a Sociedade tenha matado todo mundo. Talvez a família dela tenha ido embora pra tentar encontrar o Piloto.

— Acha que conseguiram? — Agora eu gostaria de não ter sido tão enfático quando aleguei que o Piloto não existia.

— Espero que sim — ele responde. Sua voz parece fraca agora que ele terminou de contar sua história.

Devolvo o pedaço de choupo com o nome dela entalhado. Ele examina rapidamente a madeira e depois a enfia no bolso.

— Bom — Vick diz. — Agora vamos nos concentrar em atravessar a planície e encontrar quem quer que seja. Vou continuar seguindo você por enquanto.

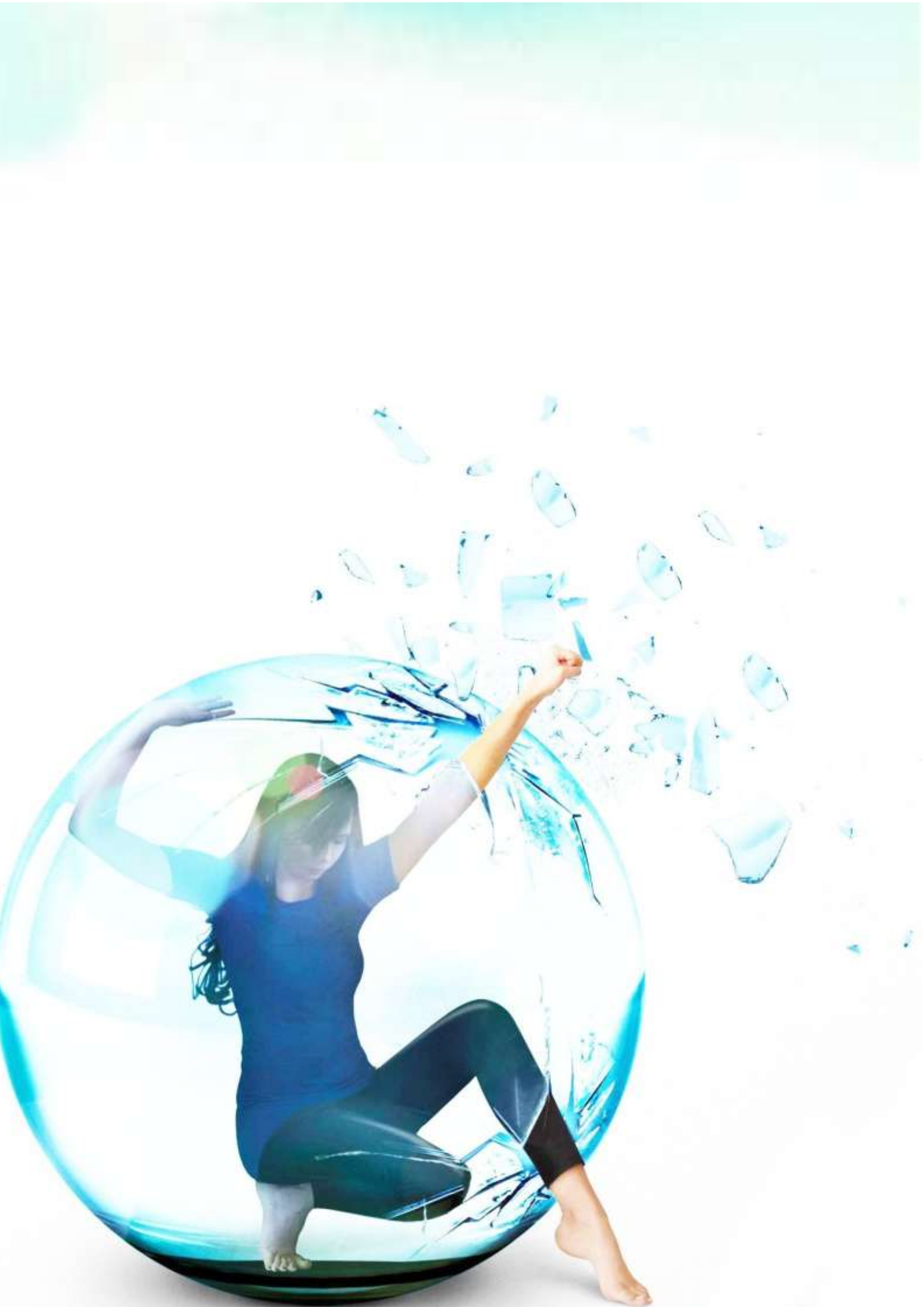
— Você precisa parar de dizer isso — peço. — Eu não sou líder de nada. Não estou conduzindo vocês. Estamos trabalhando juntos. — Olho para o céu e suas estrelas. Como elas brilham e ardem eu não sei.

Meu pai queria ser a pessoa que mudaria tudo e salvaria todo mundo. Era perigoso. Mas acreditaram nele. Os aldeões. Minha mãe. Eu. Depois fiquei mais velho e percebi que ele jamais teria como vencer. Parei de acreditar. Só não morri com ele porque eu já tinha deixado de ir às reuniões.

— Tudo bem — Vick diz. — Mas obrigado por nos trazer até aqui.

— Obrigado a você também.

Vick assente. Antes de cair no sono ele tira do bolso sua própria lasca de pedra e entalha outro sulco na botina. Mais um dia sem Laney.



Capítulo 18

Cassia

— VOCÊ NÃO ME PARECE NADA BEM — INDIE DIZ. — Quer diminuir o ritmo?

— Não — respondo. — A gente não pode fazer isso. — Se eu parar, não vou conseguir recomeçar.

— De nada vai adiantar se você morrer no caminho — ela diz, irritada.

Dou uma risada.

— Não vou morrer. — Embora esteja exausta, oca e seca e dolorida, a ideia de morrer é ridícula. Não posso morrer agora quando talvez esteja mais perto de Ky a cada passo que eu dou. E, além disso, tenho os comprimidos azuis. Abro um sorriso, imaginando o que pode estar escrito nos outros pedacinhos de papel.

Eu vasculho tudo e procuro outro sinal de Ky. Apesar de não estar morrendo, talvez eu esteja mais doente do que imaginava, porque encontro sinais por toda parte. Julgo ver uma mensagem de Ky na lama rachada sobre o chão do cânion, que, depois da chuva, endureceu formando uma trama de linhas que na minha cabeça podem ser interpretadas como letras. Eu me agacho para olhar de perto.

— O que você acha que é isto aqui? — pergunto a Indie.

— Lama — ela responde.

— Não. Olha mais de perto.

— Pele ou escamas — ela diz, e por um momento fico tão arrebatada pela ideia dela que me calo. Pele ou escamas. Talvez todo este cânion seja uma

longa e sinuosa serpente sobre a qual andamos, e quando chegarmos ao final poderemos descer pela cauda. Ou chegaremos à boca e seremos engolidas.

Finalmente avisto um sinal de verdade quando o céu sobre o cânion muda de azul para azul e rosa, e o ar começa a mudar.

É o meu nome: *Cassia*, entalhado em um jovem choupo que cresce perto de um córrego.

A árvore não vai viver muito tempo; suas raízes ficaram rasas demais de tanto tentar sugar a água. Ky entalhou meu nome com tanto cuidado no tronco que ele parece fazer parte da árvore.

— Tá vendo isso? — pergunto a Indie.

Depois de um breve momento ela responde.

— Estou.

Eu sabia.

Perto do riacho vejo um pequeno assentamento, um pequeno pomar de troncos entrançados e frutas douradas pendendo nos galhos baixos. Ver as maçãs nos galhos me faz querer levar algumas para Ky, como prova de que eu o segui a cada passo do caminho. Terei de encontrar outra coisa para dar a ele além do poema — não terei tempo de terminá-lo, de pensar nas palavras certas.

Então eu olho de novo para o chão junto ao choupo e vejo pegadas avançando cânion adentro. No começo eu sequer as tinha percebido. Estão misturadas ao rastro de outras criaturas que vieram beber no riacho. Mas em meio às pegadas há nítidas marcas de botinas.

Indie pula a cerca e entra no pomar.

— Vem, vamos em frente — eu chamo. — Não há motivo pra gente parar aqui. Dá pra ver pra onde eles foram. Temos água e os comprimidos.

— Os comprimidos não ajudam em nada — Indie diz, pegando uma maçã da árvore e dando uma mordida. — A gente devia levar algumas frutas.

— Os comprimidos ajudam, sim. Eu tomei um.

Indie para de mastigar.

— Você tomou um? Por quê?

— É claro que tomei. Eles são tão bons pra sobrevivência quanto comida.

Indie vem correndo na minha direção e me entrega uma maçã.

— Come isso aqui. Agora. — Ela balança a cabeça. — Quando você tomou o comprimido?

— No outro cânion — respondo, surpresa com a expressão de preocupação dela.

— É por isso que você tá passando mal — ela alega. — Você realmente não sabe, não é?

— Não sei o quê?

— Os comprimidos azuis são envenenados.

— É claro que não — protesto. Que ridículo. Xander jamais me daria algo envenenado.

Indie fecha a cara, e sua boca vira uma linha fina.

— Os comprimidos azuis são envenenados — ela insiste. — Não tome mais nenhum. — Ela abre a minha mochila e enfia dentro algumas maçãs. — O que te faz pensar que sabe pra onde a gente deve ir?

—Eu apenas sei — respondo com um gesto impaciente mostrando as pegadas. — Estou classificando os sinais.

Indie me encara. Ela não consegue decidir se acredita ou não em mim. Acha que estou doente por causa dos comprimidos, que estou enlouquecendo.

Mas ela viu meu nome na árvore e sabe que não fui eu que entalhei.

— Ainda acho que você devia descansar — ela diz uma última vez.

— Não posso — respondo, e ela pode ver que é verdade.

Começo a ouvir algo não muito tempo depois de deixarmos o pomar. Um som de passos atrás de nós. Estamos perto da água e eu paro.

— Tem alguém aqui — digo, virando-me para encarar Indie. — Tem alguém seguindo a gente.

Indie me olha com expressão desconfiada.

— Acho que você tá ouvindo demais. Do mesmo jeito que anda vendo coisas que não existem.

— Não — insisto. — Escuta.

Ambas estacamos, ouvindo atentamente o cânion. Silêncio total, a não ser pelo farfalhar das folhas movidas pelo vento. O vento para e o ruído cessa, mas ainda ouço alguma coisa. Pés na areia? Uma mão roçando uma pedra em busca de apoio? Alguma coisa.

— Olha só! Ouviu? — eu digo para Indie. — Você tem que ter ouvido isso.

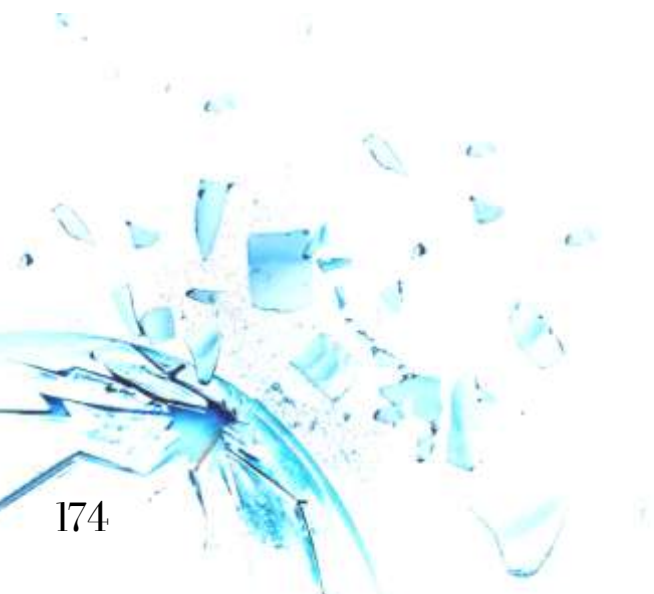
— Não estou escutando nada. — Indie parece irritada. — Você não tá bem. Talvez seja melhor a gente descansar um pouco.

Minha resposta é continuar caminhando. Apuro os ouvidos para identificar o som de alguém atrás de nós, mas tudo que ouço são as folhas deslizando no chão e depois voando de novo na brisa do cânion.

Caminhamos até anoitecer; depois, acendemos nossas lanternas e seguimos em frente. Indie tinha razão: agora já não sinto a presença de alguém nos seguindo. Escuto apenas o som da minha própria respiração, sinto meu próprio ser, a fraqueza em cada veia do meu corpo, em cada dobra dos meus músculos, em cada passo cansado dos meus pés. Não vou permitir que coisa alguma me faça parar agora que estou tão perto de Ky. Tomarei mais comprimidos. Não acho que Indie esteja certa em relação a eles.

Quando ela não está olhando, abro outro, mas minhas mãos tremem demais. O comprimido cai no chão, junto com um fiapo de papel. E então eu me lembro. As anotações de Xander. Eu queria ler.

O papel esvoaça, levado pelo vento, e parece ser trabalho demais procurá-la ou tentar encontrar azul na escuridão.





Capítulo 19

ky

ACORDO COM O SOM DE ALGUMA COISA GRANDE NO CÉU.

Desde quando eles atacam tão cedo?, eu penso, freneticamente. Está mais claro e já é mais tarde do que eu pensava. Eu devia estar mesmo cansado.

— Eli! — eu chamo.

— Estou bem aqui!

— Cadê o Vick?

— Ele quis sair pra pescar um pouco, antes de a gente ir embora — Eli responde. — Ele me disse pra ficar aqui e te deixar dormir.

— Não, não, não — eu digo, e durante alguns minutos nós dois ficamos em silêncio, porque o barulho das máquinas sobrevoando é alto demais. Os disparos também parecem diferentes. Pesados. Intensos. Precisos. Não aquela chuva dispersa a que estamos acostumados. Esse ataque parece uma avalanche de granizos do tamanho de tijolos desabando do céu.

Quando o ataque cessa, eu não espero um minuto sequer, embora fosse o recomendável.

— Fica aqui — digo para Eli. Saio correndo pela planície e começo a rastejar pela grama na direção daquele maldito riacho, aquele maldito brejo.

Mas Eli vem atrás de mim, e eu não o impeço. Vou rastejando até aquele ponto da margem; chegando lá, eu não olho.

Eu só acredito no que vejo. Então, se eu não vir Vick morto, isso não vai ser verdade.

Em vez disso eu olho para o riacho, onde alguma coisa explodiu. O capim marrom e verde do brejo está parcialmente oculto sob a terra, assim como os cabelos compridos e emaranhados de corpos enterrados.

A força da explosão jogou terra dentro do riacho e represou a água. Transformou o rio em poças. Pequenos pedaços de rio sem ter para onde fluir.

Dou alguns passos largos contra a correnteza, percorrendo uma distância suficiente para ver que isso aconteceu inúmeras vezes ao longo de toda a extensão do rio.

Ouçó Eli chorando e soluçando.

Então eu me viro para olhar Vick.

— Ky, você consegue ajudar ele? — Eh me pergunta.

— Não — respondo.

O que quer que tenha caído do céu atingiu Vick com um impacto tão forte que o projetou para longe. O pescoço dele está quebrado. A morte deve ter sido instantânea. Sei que eu devia estar feliz por isso. Mas não estou. Olho para aqueles olhos vazios que refletem o azul do céu porque não sobrou nada do próprio Vick.

O que o atraiu para cá? Por que ele não foi pescar sob o abrigo das árvores em vez de vir aqui neste espaço aberto?

Vejo o motivo na poça ao lado dele, preso na água recém-represada. Na mesma hora sei que tipo de peixe é, embora eu mesmo nunca o tenha visto antes.

Uma truta-arco-íris. Suas cores brilham na luz enquanto ela se debate.

Será que Vick viu isto? Foi por causa do peixe que ele veio para descampado?

A poça fica mais escura. Alguma coisa, uma esfera grande e larga, jaz no fundo da água. Quando olho mais de perto, vejo que a esfera está liberando lentamente uma carga de toxina.

Eles não queriam matar Vick. Queriam matar o riacho.

Vejo a truta virar o corpo e ficar de barriga para cima. Por fim ela sobe à tona, boiando. Morta, como Vick.

Quero rir e gritar ao mesmo tempo.

— Ele estava segurando alguma coisa — diz Eli, para quem eu olho. Está segurando o pedaço de madeira com o nome de Laney entalhado. — Caiu junto com ele. — Eh estende o braço e por alguns minutos segura a mão de Vick. Depois cruza os braços de Vick no peito. — Faz alguma coisa — ele me pede, com lágrimas escorrendo no rosto.

Eu me viro e tiro meu casaco.

— O que você tá fazendo? — Eh me pergunta, horrorizado. — Não pode deixar ele assim.

Não tenho tempo para responder. Jogo meu casaco no chão e enfio as mãos na poça de água mais próxima — aquela onde a truta-arco-íris está morta. O frio me machuca. *A água corrente raramente congela, mas esta água não está mais correndo.* Usando as duas mãos, pego a esfera, que continua expelindo veneno. Ela é pesada, mas eu a retiro da água, a coloco junto a uma pedra e começo a procurar a próxima.

Não tenho como limpar toda a terra que explodiu, bloqueando o rio em tantos lugares, mas posso tirar o veneno de algumas poças. Sei que é tão inútil quanto tudo que já fiz. Como tentar voltar para Cassia em uma Sociedade que quer me ver morto.

Mas não consigo parar.

Eli se aproxima e também enfia as mãos na água.

— É perigoso demais — eu digo. — Volta lá pras árvores.

Ele não responde; em vez disso, me ajuda a erguer a esfera seguinte. Eu me lembro de Vick me ajudando a enterrar os corpos e deixo Eh ficar.

Ao longo do dia inteiro, Vick conversa comigo. Sei que isso significa que estou louco, mas não posso evitar.

Ele fala comigo enquanto Eli e eu tiramos esferas do riacho. Vick repete sem parar sua história com Laney. Eu imagino tudo — ele se apaixonando por uma Anomalia. Contando a ela o que sentia. Vendo a truta-arco-íris e indo falar com os pais dela. Dispondo-se a celebrar um Contrato. Sorrindo ao segurar a mão dela para reivindicar a felicidade apesar dos mandos e desmandos da Sociedade. Voltando para descobrir que ela tinha desaparecido.

— Para — digo a Vick. Ignoro o olhar de surpresa de Eh. Estou me transformando no meu pai. Ele sempre ouviu vozes na cabeça dele, instruindo-o a falar com as pessoas, a tentar mudar o mundo.

Depois de tirarmos o maior número possível de esferas de dentro da água, Eh e eu cavamos juntos uma sepultura. É uma tarefa difícil, mesmo no terreno alagadiço e solto; meus músculos gritam de exaustão e a cova não sai tão funda como eu gostaria. Ao meu lado, Eh trabalha obstinadamente, cavoucando a terra com suas mãos pequenas.

Assim que terminamos, pousamos o corpo no buraco.

No nosso acampamento Vick tinha esvaziado uma de suas mochilas e a trouxera com ele para carregar os peixes. Dentro dela encontro um peixe morto de escamas prateadas e o coloco na cova. Enterramos Vick sem tirar seu casaco. O buraco no peito, sobre o coração, onde antes havia um disco prateado, agora parece uma pequena ferida. Se a Sociedade desenterrá-lo, não saberá nada sobre ele. Mesmo os sulcos nas botinas significam algo que eles não serão capazes de entender.

Vick continua falando comigo enquanto eu esculpo num pedaço de arenito um peixe para deixar em sua cova rasa. As escamas são alaranjadas, um arco-íris sem todas as cores. Não é uma truta de verdade como a que Vick viu, mas é o melhor que posso fazer. Quero marcar não apenas que ele morreu, mas que amava alguém e era amado.

“Eles não me mataram”, Vick me diz.

“Não?”, pergunto, mas bem baixinho, para que Eli não me ouça.

“Não” ele responde com um largo sorriso. “Não enquanto os peixes ainda estiverem por aí, ainda nadando, procriando, desovando.

“Você não tá vendo este lugar?”, pergunto. “A gente tentou. Mas eles vão morrer também.

Depois disso, ele para de falar comigo e sei que ele realmente se foi, e eu desejo ouvir de novo uma voz na minha cabeça. Finalmente entendo que, enquanto meu pai teve isso, jamais teve que ficar sozinho.



Capítulo 20

Cassia

MINHA RESPIRAÇÃO PARECE ERRADA. Como pequenas ondas de um riacho marulhando contra a pedra e produzindo sons cansados, na esperança de desgastar a rocha.

— Fala comigo — peço a Indie. Percebo que ela está carregando duas mochilas, dois cantis. Como isso aconteceu? São meus? Estou cansada demais para me importar.

— O que você quer que eu diga? —ela pergunta.

— Qualquer coisa. — Preciso ouvir alguma coisa além da minha própria respiração, do meu coração exausto.

Em algum lugar, antes que as palavras de Indie se transformem em sons vazios nos meus ouvidos, percebo que ela está me contando muitas coisas; que ela não consegue parar de falar agora que me imagina longe demais para realmente ouvir. Eu queria poder prestar mais atenção às palavras. Consigo pegar apenas algumas frases

Sempre à noite antes de dormir

e

Achei que tudo seria diferente depois

e

Não sei por quanto tempo mais consigo acreditar

As frases soam quase como poesia para mim, e mais uma vez me pergunto se algum dia serei capaz de terminar o poema para Ky. Se saberei as

palavras certas para dizer quando finalmente encontrá-lo. Se ele e eu teremos tempo para mais do que começos.

Quero pedir a Indie que pegue outro comprimido azul na minha mochila Mas antes de abrir a boca me lembro do Vovô me dizendo que eu era forte o bastante para não precisar deles.

Mas, Vovô, eu penso, não te entendi tão bem quanto eu achava. Os poemas. Eu achava que sabia qual era a sua intenção. Mas em qual deles você queria que eu acreditasse?

Eu me lembro das palavras que Vovô me disse quando me entregou um papel pela última vez. “Cassia”, ele sussurrou, “estou te dando algo que você ainda não é capaz de compreender. Mas acho que um dia vai entender. Você, mais do que ninguém”.

Um pensamento esvoaça na minha mente como um dos “mantos de luto”, o tipo de borboleta que dependura seus casulos nos galhos, tanto aqui como em Oria. É um pensamento que quase tive antes, mas que até agora não me permiti concluir.

Vovô, um dia você foi o Piloto?

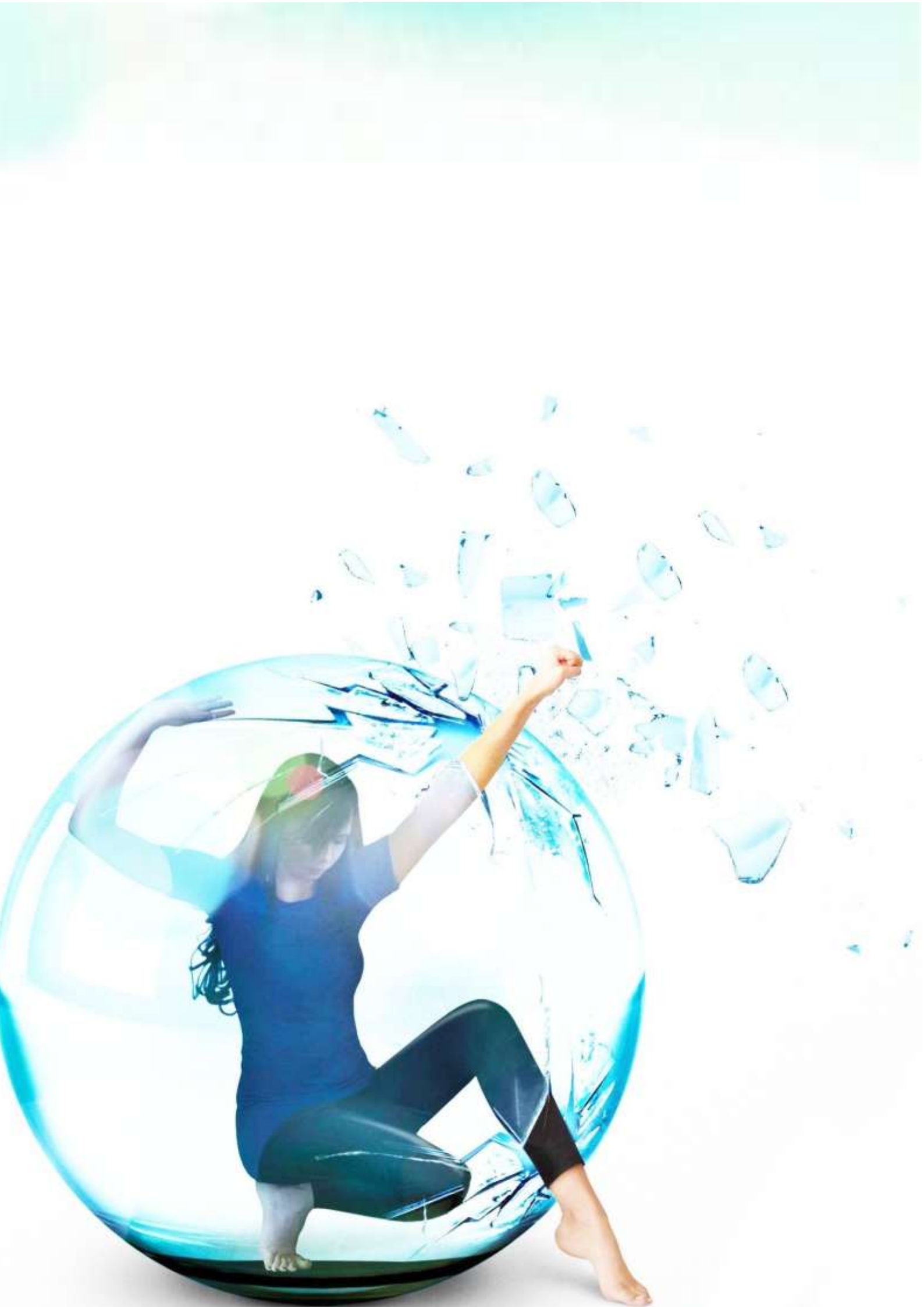
E então surge outro pensamento, tão leve e rápido que não consigo compreendê-lo por completo, deixando-me com outra impressão de asas batendo delicadamente.

“Não preciso mais deles”, penso comigo mesma. Dos comprimidos, da Sociedade. Não sei se isso é verdade. Mas sinto que deveria ser.

E então eu vejo, sobre a saliência de um rochedo. Uma bússola, feita de pedra, exatamente no nível dos olhos.

Eu a pego, embora tenha deixado cair tudo que carregava.

Seguro a bússola na minha mão enquanto andamos, ainda que pese mais do que muitas das coisas que deixei cair. Isto aqui é bom, mesmo que seja pesado, eu penso. *Isto aqui é bom, porque vai me manter ligada à terra.*





Capítulo 21

ky

— DIGA AS PALAVRAS — ELI ORDENA.

Minhas mãos tremem de cansaço por causa das muitas horas de trabalho. Ao longe o céu escurece.

— Não posso, Eli. Elas não significam nada.

— Diga — insiste Eli, com o rosto mais uma vez banhado em lágrimas.

—Vai.

— Não posso — repito e coloco o peixe de arenito sobre a sepultura de Vick.

— Você precisa dizer. Tem que fazer isso pelo Vick.

— Eu já fiz o que podia pelo Vick. Nós dois fizemos. Tentamos salvar o riacho, agora é hora de ir embora. Ele faria a mesma coisa.

— A gente não pode atravessar a planície agora — Eli alega.

— Vamos ficar junto às árvores. Ainda não anoiteceu. Vamos chegar o mais longe que conseguirmos.

Voltamos e juntamos nossas coisas no acampamento perto da boca do cânion.

Conforme embrulhamos os peixes defumados, nossas mãos e roupas ficam impregnadas de escamas prateadas. Eli e eu repartimos a comida da mochila de Vick.

— Quer um pouco disto aqui? — pergunto a ele ao encontrar os panfletos que Vick tinha trazido.

— Não — ele responde. — Gosto mais do que eu escolhi.

Enfio alguns na minha mochila e deixo o resto. Não vale a pena carregar tudo.

Caminhando lado a lado no crepúsculo, Eli e eu começamos a atravessar a planície.

De repente ele estaca e olha para trás. Um erro.

— A gente precisa seguir em frente, Eli.

— Espera — ele diz. — Para.

— Não vou parar — eu protesto.

— Ky — ele diz. — Olha pra trás.

Eu me viro e, sob a última réstia de luz da tarde, eu a vejo.

Cassia.

Mesmo a distância, sei que é ela por causa do jeito com que seu cabelo escuro se enrola no vento e pelo modo como ela se posta sobre as rochas vermelhas da Escultura. Ela é mais linda que a neve.

Isto é real?

Ela aponta para o céu.



Capítulo 22

Cassia

ESTAMOS QUASE NO TOPO; JÁ É QUASE POSSÍVEL AVISTAR A PLANÍCIE.

— Cassia, para — Indie ordena quando começo a escalar um afloramento de pedras.

— A gente tá quase lá — digo. — Tenho que ver. — Ao longo das últimas horas eu me senti fortalecida de novo, lúcida. Quero ficar em pé no ponto mais alto para tentar ver Ky. O vento está gelado e limpo. Dá uma sensação boa o ímpeto da ventania no meu corpo.

Subo no topo da pedra mais alta.

— Não faz isso — insiste Indie. — Você vai cair.

— Nossa — digo. Há tanta coisa para ver. Pedras alaranjadas, uma planície de capim marrom, água e montanhas azuis, O céu escurecendo, nuvens, sol vermelho e alguns flocos de neve branca caindo.

Duas silhuetas escuras, olhando para cima.

Estão olhando para mim.

É ele?

Assim tão longe, só há uma maneira de saber.

Aponto para o céu.

Por um momento, nada acontece. A figura continua parada e eu permaneço viva e com frio e...

Ele começa a correr.

Abro caminho entre as pedras, escorregando, deslizando, tentando chegar à planície. Eu queria, penso, meus pés desajeitados movendo-se rápido

demais, não rápido o bastante, eu queria poder correr. Queria ter escrito um poema inteiro, queria ter ficado com a bússola...

E então chego à planície e não quero mais nada além do que eu tenho.

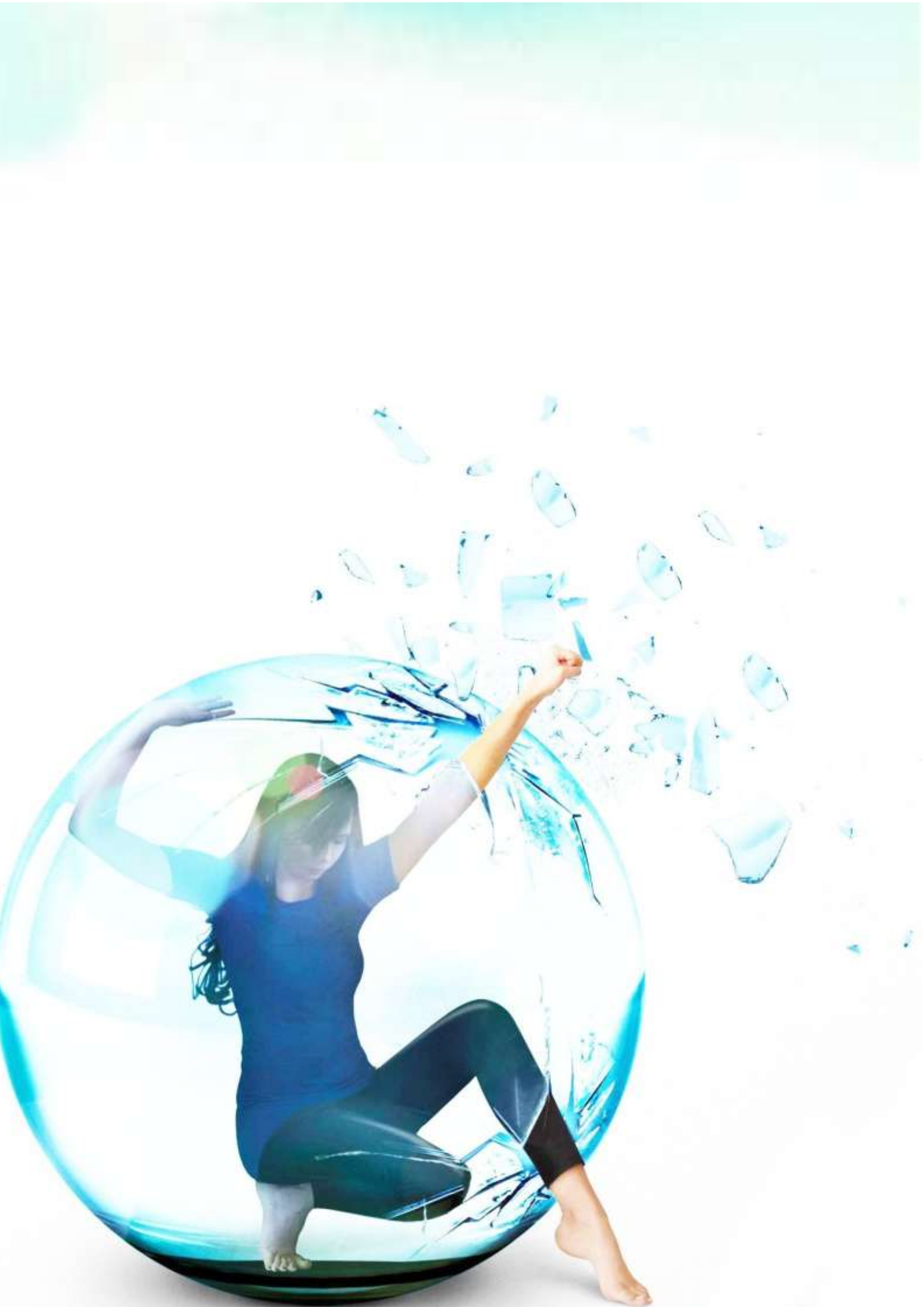
Ky. Correndo na minha direção.

Eu nunca o vi correndo desse jeito, rápido, livre, forte, desenfreado. Ele está tão bonito. Seu corpo se move de uma forma tão certa.

Ele para, perto o bastante para que eu veja o azul de seus olhos e esqueça o vermelho das minhas mãos e o verde da roupa que eu gostaria de estar usando.

— Você tá aqui — ele diz, ofegante e ávido. Suor e terra salpicam seu rosto, e ele me olha como se eu fosse a única coisa que ele precisava ver.

Abro minha boca para dizer “estou”. Mas só tenho tempo de aspirar o ar antes que Ky dê fim ao último fiapo de distância. Tudo que sei é o beijo.



Capítulo 23

ky

— NOSSO POEMA — ELA SUSSURRA. — RECITA PRA MIM?

Coloco meu rosto perto do ouvido dela. Meus lábios roçam o pescoço.

Ela tem cheiro de sálvia. A pele dela tem cheiro de lar.

Mas não consigo falar nada.

Ela é a primeira a lembrar que não estamos sozinhos.

— Ky — ela murmura.

Ambos recuamos um pouco. Sob a luz que vai definhando vejo seu cabelo encaracolado e sua pele bronzeada. A beleza dela é tanta que chego a sentir dor.

— Cassia — digo com voz rouca. — Este é o Eli. — Quando ela se vira para vê-lo e seu rosto se ilumina, sei que ela não podia imaginar tamanha semelhança com Bram.

— Esta é a Indie — ela diz, fazendo um gesto para a menina que está com ela. Indie cruza os braços no peito.

Uma pausa. Eh e eu nos entreolhamos. Sei que estamos pensando em Vick. Este devia ser o momento de apresentar Vick, mas ele se foi.

Ainda ontem à noite estava vivo. Hoje de manhã ele ficou de pé na margem do riacho, observando a truta nadar. Pensou em Laney enquanto as cores do peixe reluziam e o sol brilhava.

E depois morreu.

Faço um gesto na direção de Eh, que fica parado, com o corpo reto.

— Até hoje de manhã nós éramos três — eu digo.

— O que aconteceu? — Cassia pergunta. A mão dela segura a minha com mais força e retribuo o aperto, mas com delicadeza, tentando ser cuidadoso com os cortes que sinto na pele dela. *O que será que ela teve que enfrentar para me encontrar?*

—Alguém veio — respondo. — Mataram nosso amigo. E o rio também. — De repente tomo consciência de que estamos aqui na planície, em campo aberto, vulneráveis à visão de qualquer um acima de nós. — Vamos pra dentro da Escultura — proponho.

No oeste, além das montanhas, o sol desliza — já está quase desaparecendo — num dia de trevas e luz. Vick se foi. Cassia está aqui.

— Como você conseguiu? — pergunto, chegando mais perto dela assim que entramos na Escultura. Ela se vira para responder, e sinto seu hálito quente na minha bochecha. Meu corpo se aproxima do dela para outro beijo, nossas mãos e lábios ao mesmo tempo suaves e famintos. Junto à pele quente dela eu sussurro: — Como foi que você encontrou a gente?

— A bússola — ela responde e aperta o objeto na minha mão. Para minha surpresa, é a que fiz de pedra.

— Então, pra onde a gente vai agora? — pergunta Eli, com a voz hesitante, assim que chegamos ao lugar onde acampamos com Vick. Ainda dá para sentir o cheiro de fumaça. As nossas lanternas iluminam o prateado das escamas de peixe caídas no chão. — A gente ainda vai atravessar a planície?

— Não dá — responde Indie. — Pelo menos não nos próximos dois dias. A Cassia andou doente.

— Agora estou bem — ela alega. Sua voz parece forte.

Enfio a mão na mochila e pego o sílex para fazer outra fogueira.

— Acho que é melhor a gente ficar aqui hoje — digo a Eli. — Amanhã de manhã a gente decide. — Eh assente e, sem que eu peça, começa a juntar gravetos e arbustos para o fogo.

— Ele é tão novo — diz Cassia baixinho. — A Sociedade mandou ele pra cá?

— Mandou — respondo. Bato o sílex. Nada.

Ela coloca a mão na minha e fecho os olhos. Quando bato a pedra de novo, as faíscas estalam e voam, e ela prende a respiração.

Eli traz uma braçada de galhos fibrosos e espinhentos. Quando põe tudo no fogo, as chamas crepitam e o cheiro de sálvia sobe noite afora — penetrante e indômito.

Cassia e eu estamos sentados o mais perto que podemos. Ela está encostada em mim e mantenho os braços em volta dela. Não tenho a pretensão de achar que meu abraço é o que mantém as forças dela e evita sua queda — ela flui isso sozinha —, mas envolvê-la com os braços impede que eu me despedace.

— Obrigada — Cassia agradece a Eli. Pela sua voz posso ver que está sorrindo para ele, e ele retribui timidamente o gesto. Ele está sentado no mesmo lugar em que Vick estava ontem à noite. Indie se move para dar mais espaço a ele e se inclina para assistir à dança das chamas. Ela me olha de relance e vejo o lampejo de alguma coisa em seus olhos.

Mudo um pouco de posição, bloqueando com minhas costas a visão que ela tem de nós e direcionando o fecho da lanterna para as mãos de Cassia.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ela olha para baixo.

— Cortei numa corda. Antes de voltar pra este cânion a gente escalou um outro, procurando você. — Ela olha para os outros dois e sorri para eles antes de se aconchegar ainda mais ao meu corpo. — Ky — ela diz —, estamos juntos de novo.

Sempre adorei o jeito como ela diz meu nome.

— Eu também mal posso acreditar.

— Eu tinha que te encontrar — ela diz e enfia os braços debaixo do meu casaco; sinto os dedos dela nas minhas costas. Faço o mesmo. Ela é tão frágil e pequena. E forte. Ninguém mais seria capaz de fazer o que ela fez. Eu a puxo mais para perto, a dor e o alívio de tocá-la são uma sensação que lembro de tempos na Colina. Agora é ainda mais forte.

— Tem uma coisa que eu preciso te contar — Cassia sussurra na minha orelha.

— Estou ouvindo — digo.

Ela respira fundo.

— A bússola não tá mais comigo. A que você me deu lá em Oria. — Ela se inquieta e ouço o som de lágrimas em sua voz. — Negocieei com um Arquivista.

— Tá tudo bem — digo e estou falando sério. Ela está aqui. Depois de tudo isso, uma bússola não é das perdas mais significativas. E não dei a bússola para que Cassia a guardasse para mim. Dei para que fosse dela. Ainda assim, estou curioso. — O que você recebeu em troca?

— Não o que eu esperava — ela responde. — Queria que me informassem para onde estavam levando as Aberrações e como chegar lá.

— Cassia — eu começo, e então paro. Isso foi perigoso. Mas ela sabia quando arriscou. Não precisa que eu diga.

— Em vez disso o Arquivista me deu uma história — ela continua. — No começo achei que ele tinha me enganado e fiquei furiosa... Tudo que me restava pra chegar até você eram os comprimidos azuis.

— Espera aí — eu a interrompo. — Comprimidos azuis?

— Do Xander — ela explica. — Eu guardei eles comigo porque sabia que ia precisar deles pra sobreviver no cânion. — Ela me encara e interpreta errado o olhar no meu rosto. — Desculpa. Tive que tomar uma decisão rápida...

— Não é isso — eu digo, agarrando o braço dela. — Os comprimidos azuis são veneno. Você tomou algum?

— Só um — ela responde. — E não acredito que estejam envenenados.

— Eu tentei avisar — Indie entra na conversa. — E não estava por perto quando ela tomou.

Dou um suspiro.

— Como você conseguiu continuar andando? — pergunto a Cassia. — Você comeu? — Ela faz que sim com a cabeça. Pego um pedaço de pão achatado na minha mochila. — Come isto aqui agora. — Eh enfia a mão na mochila e também tira um pedaço de pão.

Cassia aceita a comida.

— Como você sabe que os comprimidos estão envenenados? — ela pergunta, ainda com dúvida na voz.

— O Vick me contou — respondo, tentando não entrar em pânico. — A Sociedade sempre disse pra gente que se houvesse algum desastre o comprimido azul nos salvaria. Mas isso não é verdade. Em vez disso, ele paralisa a pessoa. E aí você morre se eles não vierem te salvar.

— Ainda não acredito nisso — Cassia insiste. — O Xander não ia me dar algo que pudesse me machucar.

— Acho que ele não sabia — argumento. — Vai ver pensou que você podia usar os comprimidos como moeda de troca.

— Se estivesse envenenado, a essa altura você já estaria paralisada — Indie alega, olhando para Cassia. — De algum jeito você andou até neutralizar o efeito. Nunca ouvi falar de alguém que tenha feito isso. Mas você não ia parar até a gente encontrar o Ky.

Nós todos olhamos para Cassia. Ela está pensando em alguma coisa, seu olhar absorto. Classificando informações. Procurando fatos que expliquem o que aconteceu, mas o único de que precisa eu já sei: ela é forte de um jeito que nem a Sociedade é capaz de prever.

— Eu só tomei um — ela murmura. — O outro eu deixei cair. E o papelzinho que estava junto.

— Papelzinho? — pergunto.

Cassia levanta os olhos, como se tivesse acabado de se lembrar de que estamos ali.

— O Xander escondeu dentro dos comprimidos tirinhas de papel com anotações impressas. São informações do microcartão dele.

— Como? — eu pergunto. Indie inclina o corpo para a frente.

— Não sei como ele conseguiu fazer essas coisas. Roubar os comprimidos e enfiar as mensagens dentro — Cassia diz. — Mas ele fez.

Xander. Balanço a cabeça. Sempre jogando o jogo. É claro que Cassia ainda não o esqueceu completamente. Ele é o melhor amigo dela. Ele ainda é o Par dela. Mas cometeu um erro ao dar a ela os comprimidos.

— Você pode me devolver? — Cassia pede a Indie. — Não os comprimidos. Só os papezinhos.

Por um momento vejo algo cintilar nos olhos de Indie. Um desafio. Não sei se ela realmente quer os papéis ou se simplesmente não quer receber ordens.

Mas então ela enfia a mão na mochila e tira o receptáculo revestido de metal.

— Toma. Não preciso disso mesmo.

— Você pode me dizer o que estava escrito? — pergunto, tentando não demonstrar ciúme. Indie olha para mim e sei que não consegui enganá-la.

— Só coisas como a cor favorita dele e a atividade de lazer preferida

— Cassia responde com delicadeza. Sei que ela detectou na minha voz a tentativa de disfarce. — Acho que ele sabia que eu nunca li o microcartão dele.

E assim, num piscar de olhos, minha preocupação desaparece — sou obrigado a engoli-la — e sinto vergonha de mim. Ela percorreu um caminho tão longo para me encontrar.

— Aquele menino no outro cânion — diz Indie. — Quando você disse que ele esperou demais, entendi que pra você ele esperou tempo demais pra se matar.

Cassia cobre a boca com a mão.

— Não — ela diz. — Achei que ele tinha esperado demais pra tomar o comprimido, e por isso não conseguiu se salvar. — A voz dela perde força até virar um fiapo. — Eu não sabia. — Ela olha para Indie, horrorizada. — Você acha que ele sabia? Que ele quis morrer?

— Que menino? — pergunto para Cassia. Tanta coisa aconteceu enquanto a gente ficou separado.

— Um garoto que fugiu com a gente pra Escultura — Cassia responde.

— Foi ele quem nos mostrou pra onde vocês tinham ido.

— Como ele sabia? — pergunto.

— Ele era um dos que vocês deixaram pra trás — é a vez de Indie responder, curta e grossa. Ela se afasta da fogueira já quase extinta. A luz do fogo que resta mal consegue iluminar seu rosto. Com um gesto largo ela aponta para o cânion ao nosso redor. — Isto aqui é a pintura, não é? Número 19?

Demoro um pouco para me dar conta do que ela está querendo dizer.

— Não — respondo. — A paisagem é parecida, mas a escultura que aparece na pintura é ainda maior do que esta. Fica mais pro sul. Eu mesmo nunca vi, mas meu pai conhecia gente que viu.

Espero que ela diga alguma coisa, mas ela fica quieta.

— Aquele menino — repete Cassia.

Indie se deita toda encolhida para descansar.

— A gente precisa esquecer ele — ela diz a Cassia. — Ele se foi.

— Como você está se sentindo? — sussurro para Cassia. Eu me sento com as costas apoiadas na rocha. A cabeça dela está pousada sobre o meu ombro. Não posso dormir, O que Indie disse sobre o comprimido estar perdendo o efeito pode até ser verdade, e Cassia parece forte, mas preciso ficar de olho nela a noite inteira para me certificar de que ela está bem.

Eli tem o sono agitado. Indie está deitada em silêncio. Não sei dizer se ela está mesmo dormindo ou de ouvidos atentos, por isso falo em voz baixa.

Cassia não responde.

— Cassia?

— Eu queria te encontrar — ela diz baixinho. — Quando negocieei a bússola, eu estava tentando chegar até você.

— Eu sei — respondo. — E conseguiu. Mesmo que tenham te enganado.

— Não me enganaram — ela alega. — Não completamente, pelo menos. Eles me deram uma história que era mais que uma história.

— Que história? — pergunto.

— Era parecida com a que você me contou sobre Sísifo. Mas chamavam ele de Piloto e falavam de uma rebelião. — Ela aproxima o rosto do meu. — Nós não estamos sozinhos. Existe uma coisa chamada Insurreição. Já ouviu falar disso antes?

— Já — respondo e não digo mais nada. Não quero falar da Insurreição. Ela disse que não estamos sozinhos como se isso fosse uma coisa boa. Mas tudo que eu quero agora é sentir que somos as únicas pessoas neste acampamento. Na Escultura. No mundo.

Ponho a mão no rosto dela, sinto a curva da bochecha que tentei esculpir na pedra.

— Não se preocupe com a bússola. Eu também não tenho mais o retalho de seda verde.

— Levaram isso também?

— Não. Ainda tá lá na Colina.

— Você deixou lá? — ela pergunta, surpresa.

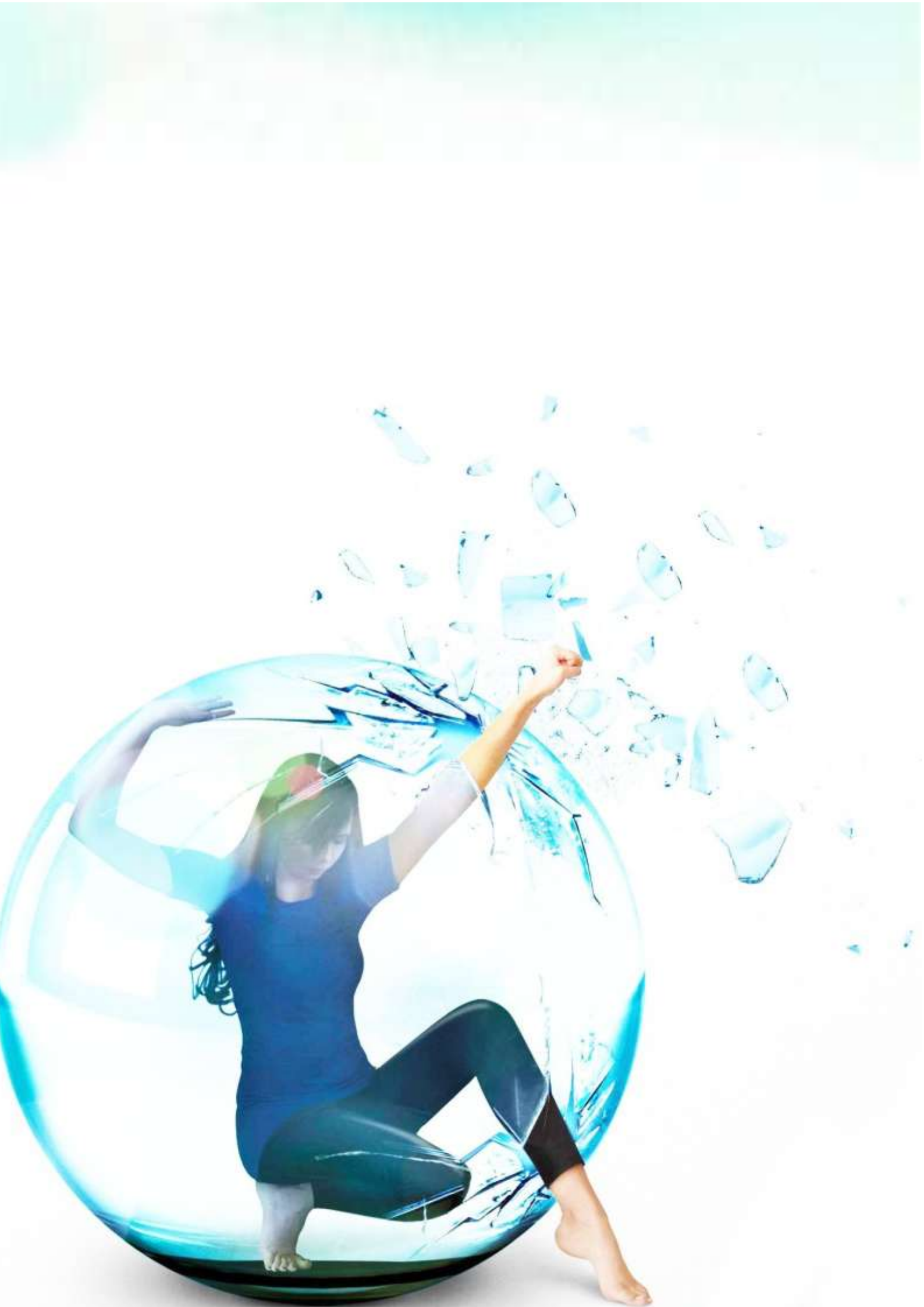
— Amarrei no galho de uma árvore. Não queria que ninguém levasse embora.

— A Colina — ela diz. Por um momento ficamos ambos em silêncio, lembrando. Por fim ela diz, com um tom brincalhão na voz: — Você ainda não me disse as palavras do nosso poema.

Eu chego mais perto dela e dessa vez posso falar. Eu sussurro, embora parte de mim queira gritar.

— “Não entre docemente.”

— Não — ela concorda com voz e pele macia nessa boa noite. E depois me beija com vontade.



Capítulo 24

Cassia

VER KY ACORDAR É MELHOR DO QUE CONTEMPLAR O SOL NASCER. Num momento ele ainda está imóvel, dormindo profundamente, e no momento seguinte posso vê-lo retornando da escuridão, voltando à tona. Seu rosto se altera, seus lábios se movem, seus olhos se abrem. E então seu sorriso, o sol. Assim que ele se inclina sobre mim, estendo os braços e me sinto aquecida quando nossos lábios se encontram.

Conversamos sobre o poema de Tennyson, sobre o fato de que nós dois nos lembramos dele, e sobre como ele me viu lendo o poema na floresta em Oria. Ele já ouviu dizer antes que era uma senha. Aqui, quando era mais novo, e, mais recentemente, da boca de Vick.

Vick. Ky fala com voz suave do amigo que o ajudava a enterrar corpos e sobre a menina que Vick amava, chamada Laney. Depois, numa voz dura e glacial, Ky relata a história de sua fuga e de como deixou para trás os outros aldeões. Ele lança sobre si mesmo e suas ações uma luz impiedosa. Mas o que eu vejo não é quem ele deixou para trás, mas quem ele trouxe consigo. Eli. Ky fez o que pôde.

Faço um relato sobre a versão que Indie me contou do Piloto e falo mais sobre o menino que desapareceu num cânion diferente da Escultura.

— Ele estava procurando alguma coisa — comento, e me pergunto se ele sabia o que havia por trás da parede da Sociedade no outro cânion. — E morreu.

Por último; conto a Ky das Anomalias com marcas azuis no topo da Escultura e como fiquei imaginando que elas talvez fizessem parte da Insurreição.

E depois ficamos em silêncio. Porque não sabemos o que vai acontecer daqui para a frente.

— Então a Sociedade está nestes cânions — Ky diz. Eli arregala os olhos.

— Estão nos nossos casacos também.

— Como assim? — pergunto, e Eli e Ky me contam dos fios que nos mantêm aquecidos e registram nossos dados.

— Os meus eu arranquei — Ky responde, e percebo que isso explica os rasgões no tecido de seu casaco.

Olho para Eli, que parece ficar defensivo e cruza os braços sobre o peito.

— Deixei o meu do jeito que está — ele informa.

— Não tem nada de errado nisso — diz Ky. — Você tem direito de escolher.

Ele olha de soslaio para mim, me perguntando o que vou fazer.

Abro um sorriso, tiro o casaco e entrego para ele. Ele o pega nas mãos e me olha parada à sua frente como se ainda não conseguisse acreditar no que está vendo. Não desvio o olhar. Um sorriso se desenha em seus lábios e então ele coloca o casaco no chão e rasga o tecido, com movimentos precisos e certos.

Quando termina, ele me entrega um emaranhado de fios azuis e um disco prateado.

— O que você fez com o seu? — pergunto.

— Enterrei — ele responde.

Começo a cavar a terra para fazer o mesmo com o meu. Assim que termino, fico de pé. Ky entrega meu casaco e volto a vesti-lo.

— Você ainda vai ficar quentinha — ele garante. — Não arranquei nenhum fio vermelho.

— E você? — Eli pergunta a Indie.

Ela balança negativamente a cabeça.

— Vou fazer o mesmo que você — ela responde, e Eli esboça um sorriso.

Ky assente. Não parece surpreso.

— E agora? — Indie quer saber. — Não acho que a gente deva tentar atravessar a planície depois do que aconteceu com o amigo de vocês.

Eli se sobressalta diante do comentário áspero e, quando Ky responde, sua voz parece tensa.

— Isso é verdade. Pode ser que eles voltem. E mesmo que não voltem agora a água lá tá envenenada.

— Mas a gente tirou um pouco do veneno — comenta Eli.

— Por quê? — Indie pergunta.

— Pra tentar salvar o riacho — responde Ky. — Foi estupidez.

— Não foi — protesta Eli.

— A quantidade que a gente tirou não foi suficiente pra fazer alguma diferença.

— Foi sim — Eli insiste, teimosamente.

Ky enfia a mão na mochila e tira um lindo mapa, com cores e marcações.

— A gente tá aqui — ele diz, apontando um lugar na extremidade da Escultura.

Não consigo resistir à vontade de sorrir. Nós estamos aqui, juntos. Neste mundo vasto e selvagem, conseguimos nos encontrar de novo. Estico a mão e com o dedo vou traçando o caminho que percorri para chegar até ele, e minha mão se encontra com a dele sobre o mapa.

— Eu estava tentando encontrar um caminho pra chegar até você — diz Ky. — Eu queria cruzar a planície e dar um jeito de voltar pra Sociedade. A gente pegou algumas coisas no município dos agricultores pra negociar.

— Aquele velho assentamento abandonado. A gente também passou por lá — Indie comenta.

— Não tá abandonado — diz Eli. — O Ky viu uma luz lá. Alguém não foi embora.

Sinto um calafrio ao me lembrar da sensação de estar sendo seguida.

— O que vocês pegaram? — pergunto a Ky.

— Este mapa — ele responde. — E isso aqui.

Ele enfia a mão na mochila mais uma vez e me entrega outra coisa — livros.

— Puxa — digo, sorvendo o cheiro dos livros, passando os dedos nas lombadas. — Tem mais lá?

— Tem de tudo lá — Ky responde. — Histórias, contos, tudo que você puder imaginar. Eles guardam tudo há anos dentro de uma caverna na parede do cânion.

— Então vamos voltar lá — Indie propõe com voz decidida. — Ainda não é seguro atravessar a planície. E a Cassia e eu precisamos de alguma moeda de troca.

— A gente pode conseguir mais comida também — diz Eh. E depois franze a testa. — Mas aquela luz...

— A gente vai tomar cuidado — garante Indie. — É melhor isso a ir pras montanhas agora.

— O que você acha? — Ky me pergunta.

Eu me lembro daquele dia nas ruínas da antiga biblioteca em Oria, de como os funcionários da Restauração cortavam os livros, retirando seus miolos, e de como as páginas caíam. E imagino os papéis se erguendo, voando, percorrendo no ar quilômetros de distância até encontrarem algum lugar seguro e secreto. Outro pensamento passa feito uma flecha por minha mente: entre as coisas guardadas pelos agricultores pode haver inclusive informações sobre a Insurreição.

— Eu quero ver todas as palavras — digo a Ky, e ele assente.

À noite, Ky e Eli nos mostram um lugar para acampar que nem eu nem Indie tínhamos percebido quando rumávamos para fora da Escultura. É uma

caverna, que assim que adentramos descobrimos ser grande e espaçosa; e quando Ky move de parte a parte o facho da lanterna, perco até o fôlego; o interior é todo pintado.

Nunca vi desenhos como estes — reais, não num terminal ou impressos num pedaço de papel. Tantas cores, em tão grande escala — as pinturas recobrem as paredes até o teto. Eu me viro para Ky.

— Como? — pergunto.

— Deve ser obra dos agricultores — ele responde. — Eles usavam plantas e minerais para fabricar seus próprios materiais de pintura.

— Tem mais? — pergunto.

— Muitas das casas lá do município são pintadas — ele responde.

— E aquelas ali? — Indie pergunta, apontando para outro conjunto de pinturas ao longo da parede da caverna. São desenhos de figuras primitivas em movimento.

— Aquelas são mais antigas — diz Ky. — Mas o tema é o mesmo.

Ele tem razão. O trabalho dos agricultores é menos grosseiro, mais refinado: uma parede inteira com meninas em lindos vestidos e homens descalços com camisas coloridas. Mas os movimentos das pessoas parecem ecoar as primeiras gravuras.

— Ah — eu murmuro. — Você acha que eles pintaram um Banquete do Par? — assim que as palavras saem da minha boca, me sinto estúpida. Aqui não fazem Banquetes do Par.

Mas Indie não ri de mim. A expressão nos olhos dela, enquanto corre os dedos pelas paredes e ao longo das gravuras, é complexa, uma mistura de desejo, raiva e esperança, tudo ao mesmo tempo.

— O que eles estão fazendo? — pergunto a Ky. — Nos dois grupos as figuras estão... se movendo. — Uma das meninas está com as mãos erguidas acima da cabeça. Eu também levanto as minhas mãos, tentando descobrir o que ela está fazendo.

Ky me observa com um olhar que eu conheço, triste e cheio de amor ao mesmo tempo, um olhar que ele me lança quando sabe de alguma coisa que eu não sei, algo que ele acha que foi roubado de mim.

— Estão dançando — ele diz.

— Estão o quê? — pergunto.

— Qualquer hora eu te mostro — ele diz, e sua voz, terna e profunda, me faz sentir um arrepio.



Capítulo 25

ky

MINHA MÃE SABIA DANÇAR E CANTAR, E TODA NOITE ELA SAÍA PARA VER O PÔR DO SOL. “NAS PROVÍNCIAS PRINCIPAIS NÃO HAVIA CREPÚSCULOS COMO ESTES”, ELA DIZIA. Ela sempre achava a parte boa de todas as coisas, e depois sempre dava um jeito de concentrar o olhar nelas.

Ela acreditava no meu pai e ia às reuniões dele. Ele caminhava com ela no deserto depois das tempestades e fazia companhia enquanto ela encontrava vales cheios de chuva e fazia pinturas com água. Ele queria fazer coisas — mudanças — duradouras. Ela sempre entendeu que o que ela fazia estava fadado a desvanecer.

Quando vejo Cassia dançando sem saber que está fazendo isso — girando e girando com alegria enquanto contempla as pinturas na caverna —, eu entendo por que meu pai e minha mãe acreditavam daquele jeito.

É lindo e é real, mas nosso tempo juntos pode ser tão efêmero como a neve no planalto. Podemos ou tentar mudar tudo ou simplesmente aproveitar ao máximo o tempo que temos.



Capítulo 26

Cassia

KY DEIXA UMA LANTERNA ACESA PARA QUE POSSAMOS VER UNS AOS OUTROS ENQUANTO CONVERSAMOS. Quando Eh e Indie caem no sono, Ky desliga a lanterna para economizar. As meninas nas paredes da caverna voltam dançando para a escuridão e agora estamos verdadeiramente sozinhos.

O ar na caverna fica pesado entre nós.

— Uma noite — diz Ky. Em sua voz, ouço a Colina. Ouço o vento na Colina, e os galhos roçando na manga da nossa roupa, e o som da voz dele quando me disse pela primeira vez que me amava. Já roubamos tempo da Sociedade antes. Podemos fazer isso de novo. Não vai ser tanto quanto a gente queria.

Fecho meus olhos e espero.

Mas ele não vai em frente.

— Vem comigo ali fora — ele diz, e sinto a mão dele na minha. — A gente não vai longe. — Não consigo vê-lo; mas ouço uma complicada mistura de emoção em sua voz e sinto isso no jeito que ele me toca. Amor, preocupação e algo incomum, alguma coisa agridoce.

Lá fora, Ky e eu caminhamos um pouco pela trilha. Eu me encosto na rocha e ele fica de pé à minha frente, estica o braço e toca meu pescoço, meu cabelo e a gola do meu casaco. A mão dele está áspera e cheia de cortes de tanto entalhar e escalar, mas seu toque é delicado e afetuoso. O vento da noite canta cânion afora, e o corpo de Ky me protege, feito um escudo, do frio.

— Uma noite... — eu o instigo a continuar. — Como é o resto da história?

— Não era uma história — ele responde em voz baixa. — Eu ia te pedir uma coisa.

— O quê? — nós nos abraçamos sob o céu, nossa respiração, intensa, e nossas vozes, apenas sussurros.

— Uma noite — ele diz. — Acho que não é pedir muito.

Fico em silêncio. Ky chega mais perto, sinto sua bochecha roçar o meu rosto e sorvo o cheiro de sálvia e de pinheiro, de poeira velha, de água fresca e dele.

— Por uma noite, será que a gente pode pensar só um no outro? Não na Sociedade, nem na Insurreição, nem nas nossas famílias?

— Não — respondo.

— Não o quê? — Ele enreda uma das mãos no meu cabelo, e a outra me puxa ainda mais para perto.

— Não, não acho que a gente possa — eu digo. — E não, não é pedir muito.



Capítulo 27

ky

Nunca dei nome a nada do que escrevi antes

não havia

já que

tudo teria sempre o mesmo título

— pra você —

mas este aqui eu chamaria de

uma noite

aquela noite

quando a gente permitiu que o mundo fosse apenas você

e apenas eu

a gente ficou no mundo enquanto ele girava

verde e azul e vermelho

a música terminou

mas nós

ainda estávamos

cantando



Capítulo 28

Cassia

QUANDO O SOL CHEGA À ESCULTURA, JÁ ESTAMOS NOVAMENTE MOVIMENTO. A trilha é tão estreita que em geral temos de andar em fila única, mas Ky Fica perto de mim, a mão nas minhas costas, nossos dedos roçando e se entrelaçando a cada oportunidade.

Já tivemos coisa parecida antes — uma noite inteira para conversar, trocar beijos e abraços — e, mesmo sob a bela luz da manhã na Escultura, o pensamento de que *nunca mais teremos isso de novo* me aflige, insiste em me incomodar em vez de ficar soterrado em algum canto da minha mente como deveria.

Quando ou outros acordam, Ky nos explica seu plano: ele acha que devemos voltar ao município ao cair da noite e tentar entrar sorrateiramente numa das casas, o mais longe possível de onde avistou a luz. Depois ficaremos de olho. Se ainda houver apenas uma luz, de manhã podemos tentar nos aproximar dela. Somos quatro, e Ky acha que há apenas um ou dois deles.

Mas, claro, Eli ainda é bem novo.

Olho de relance para ele. Ele nem percebe. Anda com a cabeça abaixada. Embora eu já o tenha visto sorrir, sei que a perda de Vick é um peso sobre os ombros dele e de Ky. “Eli quis que eu recitasse o poema de Tennyson quando Vick morreu”, Ky me contou. “Eu não consegui.”

Caminhamos à frete do grupo, Indie ajeita a mochila e olha para trás, a fim de se certificar de que ainda a estamos seguindo. Eu me pergunto o que teria acontecido com ela se eu tivesse morrido. Ela teria chorado por mim, ou será que teria vasculhando minhas coisas para pegar o que precisasse e depois seguiria em frente?

Ao anoitecer entramos furtivamente no município, Ky à frente.

Quando passamos por aqui antes não olhei com atenção, e agora as casas me intrigam enquanto descemos rapidamente a rua. As pessoas devem tê-las construído por conta própria, e cada casa é diferente da casa ao lado. Os moradores podiam entrar nas residências um do outro e passar pela soleira da porta alheia quando bem quisessem. As trilhas de terras mostram isso: ao contrário do Bairro, aqui eles não seguem uma linha reta da porta até a calçada. São sinuosas, se entrelaçam, se interconectam. Não faz muito tempo que as pessoas se foram, pois as marcas de suas idas e vindas ainda não estão completamente apagadas. Eu as vejo na terra. Quase posso ouvir o eco dos chamados no cânion: *Oi, Até mais, Como vai?*

Nós quatro nos amontoamos numa casinha velha em cuja porta há uma marca mostrando o nível da água na enchente.

— Acho que ninguém viu a gente — diz Ky.

Mal consigo escutá-lo. Estou encarando as pinturas nas paredes. As figuras são de um estilo diferente das gravuras na caverna, mas são igualmente lindas. Não tem asas. Não parecem surpresas com o ato de voar. Seus olhos não estão voltados para o céu, mas o chão, como se fossem manter a visão da terra como lembrança de dias mais elevados.

Mas mesmo assim acho que as reconheço.

— Anjos — eu digo.

— Sim — Ky confirma. — Alguns agricultores ainda acreditavam neles. Pelo menos na época do meu pai.

A escuridão torna-se mais intensa e os anjos se transformam em sombras atrás de nós. E então Ky vê, numa casinha do outro lado. Ele nos mostra a luz.

— É a mesma casa da outra noite.

— O que será que tá acontecendo lá dentro — pergunta Eli. — Quem você acha que tá lá? Um ladrão? Acha que estão roubando a casa?

— Não — responde Ky. Ele me olha de relance na noite coberta de trevas. — Acho que estão *em* casa.

Ao raiar do dia, Ky e eu estamos à janela, observando, para que sejamos os primeiros a ver o homem.

Ele sai da casa, sozinho, carregando alguma coisa, e percorre uma trilha poeirenta próxima de nós na direção de um pequeno grupo de árvores em que eu reparei logo que chegamos aqui. Com um gesto Ky pede que todos fiquem em silêncio. Indie e Eli vão para a outra janela e também se põem a olhar. E assim ficamos todos em atenta tocaia nos peitoris das janelas.

O homem é alto e forte; tem a pele escura e bronzeada. Em certo sentido ele me lembra um pouco Ky: sua cor, os movimentos silenciosos. Mas há cansaço nele e ele parece alheio a tudo exceto ao que está carregando nos braços e nesse momento percebo que é uma criança.

O cabelo preto dela escorre sobre os braços, e seu vestido é branco. Como dos Funcionários, mas claro que ela não é uma Funcionária. O vestido é bonito, como se ela estivesse indo a um Banquete, só que é nova demais.

E quieta demais.

Levo a mão à boca.

Ky me olha de relance e faz que sim com a cabeça. Em seus olhos há uma expressão de cansaço, tristeza e bondade.

Ela está morta.

Olho para Eli. Será que ele está bem. Então eu me lembro de que ele já viu muito mais mortes do que essa, talvez até já tenha visto uma criança morta.

Mas eu nunca vi. Meus olhos ficaram marejados. Uma menina tão nova, tão pequena. *Como?*

O homem pousa delicadamente a criança no chão, na grama morta sob as árvores, algo, um som trazido pelo vento do cânion, chega aos nossos ouvidos. Um canto.

Demora bastante tempo enterrar alguém.

Enquanto o homem cava o chão, lenta e obstinadamente, começa a chover de novo. Não é uma chuva pesada, mas um respingo contínuo de água

salpicando a terra e a lama. Eu me pergunto por que ele trouxe a menina com ele. Talvez quisesse que ela sentisse a chuva no rosto uma última vez.

Talvez simplesmente não quisesse ficar sozinho.

Não suporto mais ver isso.

— A gente tem que ajudar ele — eu sussurro para Ky. Mas ele balança a cabeça.

— Não — ele diz. — Ainda não.

O homem sai do buraco e anda em direção ao corpo da menina. Mas não a coloca dentro da cova: traz o cadáver para junto de si.

E então percebo as linhas azuis nos braços dele.

Ele levanta o braço da menina.

Pega alguma coisa. Azul. Faz marcas na pele dela. A chuva insiste em apagá-las, mas mesmo assim ele continua desenhando, inúmeras vezes. Não consigo dizer se ele está cantando. Por fim a chuva para e o azul fica.

Eli já não está mais olhando. Sentou-se de costas para a parede sob sua janela; sem querer que meu movimento chame a atenção do homem lá fora, vou engatinhando até o outro lado da sala e me sento ao lado de Eli. Ponho meu braço sobre seus ombros e ele desliza para mais perto.

Indie e Ky continuam olhando.

Tão nova, continuo pensando. Ouço um *tum, tum* e por um momento não sei se é a batida do meu coração ou o som da terra caindo sobre a menina na cova.

— Eu vou lá agora — Ky finalmente avisa, aos sussurros. — Vocês fiquem aqui.

Eu me viro e olho para ele, surpresa. Levanto a cabeça para olhar de novo pela janela.. o homem terminou de enterrar a menina. Ele ergue uma pedra cinza e a coloca sobre o lugar agora cheio de terra. Não está mais cantando.

— Não — sussurro.

Ky me encara e ergue as sobrancelhas.

— Não faz isso — digo. — Vamos esperar até amanhã. Olha só o que ele teve que fazer.

A voz dele é branda, mas firme.

— Agente já deu a ele todo o tempo que pudemos. Agora precisamos descobrir mais coisas.

— E ele tá sozinho. Vulnerável — diz Indie.

Chocada, olho para Ky, mas ele não refuta o que Indie acabou de dizer.

— É a hora certa — ele reitera.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele abre a porta e sai.



Capítulo 29

ky

— FAÇA O QUE QUISER — DIZ O HOMEM ASSIM QUE CHEGO À ENTRADA DO CEMITÉRIO. — Não importa. Eu sou o último.

Se eu já não soubesse que ele era um agricultor, seu sotaque e sua maneira formal de falar o teriam denunciado. Quando voltava dos cânions, meu pai às vezes tinha um pouco dessa inflexão na voz.

Eu mandei os outros ficarem para trás, mas é obvio que Indie não me deu ouvidos. Eu a ouço se aproximar atrás de mim e só espero que Cassia e Eli tenham tido o bom-senso de permanecer na casa.

— Quem é você? — o homem pergunta.

Indie responde atrás de mim. Eu não me viro.

— Aberrações — ela diz. — Pessoas que a Sociedade quer ver mortas.

— Viemos procurar os agricultores nos cânions porque achamos que vocês talvez pudessem nos ajudar — eu digo.

— Isso já acabou — o homem diz. — Não sobrou nada.

Passos. Atrás de nós. Quero me virar e mandar Cassia e Eli voltarem para a casa, mas não posso dar as costas para o homem.

— Vocês são quatro. Tem mais alguém — o homem pergunta.

Balanço a cabeça negativamente.

— Meu nome é Eli — ouço Eli dizer atrás de mim.

Por um minuto, o homem não responde. Então ele diz:

— Meu nome é Hunter. — Ele nos examina atentamente, de cima a baixo. Faço o mesmo. Ele não é muito mais velho que nós, mas o vento e as intempéries deixaram marcas em seu rosto.

— Algum de vocês vivia na Sociedade? — ele pergunta.

— Todos nós — respondo. — Em um momento ou outro.

— Bom — diz Hunter. — Talvez eu precise de algumas coisas de vocês.

— Em troca de quê? — quero saber.

— Se vocês puderem me ajudar, podemos ter acesso ao que quiserem. Temos comida. Papéis. — Num gesto cansado, ele acena na direção das cavernas-depósito. Depois me olha. — Mas pelo visto vocês já ficaram à vontade pra se servir.

— A gente achou que o lugar estava vazio — diz Eli. — Vamos devolver tudo.

Hunter faz um gesto impaciente.

— Não importa. O que vocês querem? Coisas para negociar?

— Sim — respondo.

Pelo canto do olho vejo que Cassia e Indie trocam olhares de relance. Hunter também percebe.

— O que mais? — ele pergunta.

Indie toma a palavra.

— A gente queria saber mais sobre a insurreição. Se ficar perto daqui, como podemos encontrá-la.

— E quem pode ser o Piloto — diz Cassia, ansiosa. É claro que ela quer saber sobre a rebelião, já que isso parece ter sido mencionado em um poema que ganhou do avô. Eu gostaria de ter contado tudo para ela na Colina. Talvez assim já tivesse entendido. Mas, agora, depois que ela começou a ter esperança... não sei o que fazer.

— Talvez eu tenha algumas respostas para vocês — diz Hunter. — Vocês me ajudam e aí eu conto tudo que sei.

— Então vamos começar — propõe Indie. — O que vocês quer que a gente faça.

— Não é assim tão simples — Hunter diz. Temos que ir a algum lugar, e já está escurecendo. Voltem aqui amanhã. Assim que amanhecer. — Ele pega a pá que usou para cavar a cova e eu faço um gesto para que os outros recuem.

— Como a gente vai saber se podemos confiar em você— pergunto.

Ele dá uma gargalhada, a mesma risada sem humor, cuja eco tênue repercute nas paredes do cânion e entre as casas vazias.

— Me digam. Na Sociedade as pessoas realmente vivem até os 80 anos?

— Sim — responde Cassia. — Mas só os Cidadãos.

— Oitenta anos— ele comenta — Na Escultura quase ninguém chaga a 80 anos. Vocês acham que vale a pena? Não ter escolha, mas viver tanto tempo? Ele nos pergunta.

— Algumas pessoas acham que vale — Cassia responde baixinho.

Hunter passa a mão marcada de azul no rosto e subitamente o que ele disse antes se torna verdade. Ele está acabado. Não sobrou nada.

— Amanhã — ele diz. Então ele vira as costas e se afasta.

Na casinha, todos dormem. Eli, Cassia, Indie. Estou acordado e de ouvidos atentos, a respiração em uníssono deles dá a impressão de que a própria casa está respirando, mas é claro que as paredes estão imóveis. Sei que Hunter não vai nos fazer mal, mas não posso descansar. Preciso ficar de olhos abertos.

Já perto do amanhecer, quando estou de pé na porta olhando para fora, ouço um ruído do outro lado da rua. Alguém acordou.

Indie. Ela na minha direção.

— O que você quer? — pergunto, tentando manter a voz impassível.

Reconheci Indie no momento em que pus os olhos nela. Ela é como eu... uma sobrevivente. Não confio nela.

— Nada— ela responde. No silêncio, ouço-a fuçando na mochila, que ela nunca perde de vista.

— O que você ta escondendo aí? — pergunto.

— Não tenho nada a esconder — ela responde, com rispidez na voz. — Tudo que tem aqui me pertence. — ela faz uma pausa. — Por que você quer não quer se juntar à Insurreição?

Não respondo. Ficamos em silêncio por alguns minutos. Indie passa a mochila por cima do ombro e aperta contra o peito. Ela parece distante. Eu também. Parte de mim está de novo com Cassia sob as estrelas na Escultura. Na Colina, com o vento. Lá no Bairro, quando eu era mais novo, jamais teria acreditado que isso pudesse acontecer. Nunca sonhei que podia roubar tanta coisa da Sociedade.

Ouçó alguém se remexendo. Cassia.

— Ela ta sonhando com o Xander — Indie sussurra atrás de mim. — Ouvi ela dizer o nome dele.

Digo a mim mesmo que os papeizinhos que Xander escondeu nos comprimidos não importam. Cássia conhecia Xander e mesmo assim me escolheu. E os tais papéis não vão durar muito. O papel do terminal se deteriora tão rápido. Eles vão virar farelos, delicadamente como flocos de neve. Gastos e silenciosos feito cinzas.

Não posso perdê-la agora.

Viveu parte da vida nas províncias Exteriores.

Seus colegas listarão o nome de Ky Matkham como o estudante que mais admiram 0.00% do tempo.

Ninguém nunca vai fazer uma lista a meu respeito.

E ninguém que ama uma pessoa ia querer que ela tivesse como Par alguém como eu.

Amar uma pessoa significa querer que ela esteja em segurança? Ou querer que ela possa fazer as próprias escolhas?

— O que você quer? — pergunto a Indie

— Quero saber qual é o segredo de Xander— ela responde.

— Como assim?

Em resposta ela me entrega uma tirinha de papel.

— A cássia deixou isso aqui cair. Não devolvi.

Sei que eu não deveria pegar o papel, mas pego. Tomando cuidado para deixar o facho de luz longe de Cassia e Eli, ligo a lanterna e leio o que está escrito.

Tem um segredo para contar a seu Par quando se encontrar de novo com ela.

Uma frase como essa jamais seria incluída no microcartão oficial de Xander. Ele acrescentou uma informação nova.

— Como ele fez isso? — pergunto sem querer, como se Indie soubesse a resposta. A Sociedade monitora cuidadosamente todo tipo de digitação e impressão. Será que ele se arriscou usando um terminal na escola? Em casa?

— Ele deve ser muito inteligente — Indie diz.

— Ele é — comento.

— Então qual é o segredo? — Indie pergunta, chegando mais perto.

Balanço a cabeça.

— O que te faz pensar que eu sei? — Na verdade eu sei, mas não digo.

— Você e Xander eram amigos. A cássia me contou. E acho que você sabe muito mais do que diz.

— Sobre o quê? — pergunto.

— Sobre tudo? — ela responde.

— Acho o mesmo de você — eu rebato. — Você ta escondendo alguma coisa.

Aponto a lanterna em cheio em seu rosto e ela pisca. Sob a luz ela parece ofuscantemente bonita. O cabelo dela tem uma cor bastante incomum, uma cor de fogo, vermelho e dourado. Ela é alta, tem traços delicados e é forte. Selvagem. Ela quer sobreviver, mas há um elemento de

imprevisibilidade em como ela vai fazer, isso que me irrita e me deixa com os nervos à flor da pele.

— Quero saber o segredo — ela diz. — E como encontrar a Insurreição. Acho que você sabe as resposta. Você não quer contar pra Cassia, e acho que sei por quê.

Balanço a cabeça, mas não falo nada. Deixo o silêncio pairar sobre nós. Ela pode rompê-lo se quiser.

Por um instante, acho que é isso que vai fazer. Mas então ela me dá as costas e volta para o lugar onde dormiu, sem sequer me olhar de novo.

Depois de um minuto, volto para a porta e saio furtivamente. Abro a mão para o vento e deixo o papelzinho voar na noite que chega ao fim.



Capítulo 30

Cassia

NA PAREDE EM FRENTE AOS ANJOS HÁ UMA PINTURA BASTANTE DIFERENTE. Fiquei tão absorta no desenho dos anjos que sequer tinha reparado nela antes. Os outros estão todos dormindo; até mesmo Ky pegou no sono junto à porta onde insistiu em ficar de vigia.

Desço da cama e tento decifrar o que a pintura representa. Ela tem curvas, ângulos e formas, mas não sei o que pode ser. Nenhuma das Cem se parece com esta. São nitidamente pessoas, lugares, coisas. Depois de alguns minutos ouço Ky se mover na outra ponta do quarto. Nossos olhos se encontram por cima do chão cinza e das formas amontoadas de Indie e Eli. Ky se levanta e vem se sentar ao meu lado.

— Dormiu o suficiente? — pergunto.

— Não — ele responde, inclinando-se e fechando os olhos.

Quando ele volta a abri-los, estamos sem palavras e sem fôlego.

Ambos encaramos a pintura. Depois de alguns instantes eu pergunto:

— É um cânion? — Mas ao dizer isso eu mesma percebo que pode ser outra coisa. A carne rasgada de alguém, um pôr do sol riscando o céu acima de um rio.

— Amor — ele diz, por fim.

— Amor? — pergunto.

— É — ele confirma.

— Amor — repito baixinho, ainda intrigada.

— Eu penso “amos” quando olho pra ela — diz Ky, tentando explicar.

— Talvez você pense em outra coisa. É como Piloto no seu poema. Todo mundo pensa uma coisa diferente quando ouve esse nome.

— No que você pensa quando ouve esse nome.

—Muitas coisas — Ky sussurra, provocando uma enxurrada de arrepios na minha pele. — Nisso. Na Colina. Na Escultura. Lugares em que estivemos juntos — Ele recua e eu o sinto olhando para mim. Prendo a respiração, porque sei que ele vê tanta coisa. — Lugares em que não estivemos juntos ainda — ele diz. A voz dele fica tão impetuosa quando ele fala do futuro.

Nós dois queremos andar, ficar um pouco lá fora. Indie e Eli ainda estão dormindo e não queremos incomodá-los; quando acordarem, eles poderão nos ver pela janela.

Este cânion, que antes eu tinha achado tão árido e seco, tem uma quantidade surpreendente de verde, especialmente junto ao riacho. As margens pantanosas são guarnecidas de agrião; o musgo enfeita as pedras vermelhas ao gelo na beira do riacho e ele se rompe, o que me faz lembrar de quando, lá no Bairro, estilhacei o vidro que emoldurava o fragmento do meu vestido. Olhando para o lugar em que pisei, vejo que até mesmo o gelo quebrado é verde sob o brando. É exatamente da cor do vestido que usei no meu Banquete do Par. Da primeira vez que atravessei o cânion não notei que havia tanto verde. Estava obcecada em encontrar algum sinal de Ky.

Olho para ele caminhando ao longo do riacho e percebo a tranquilidade em seu andar, mesmo quando pisa em trechos da trilha cobertos de uma areia trazida pelo vento. Ele olha para trás na minha direção, para e sorri.

Aqui é seu lugar, penso. Aqui você anda de um jeito diferente de como andava na Sociedade. Tudo no município parece certo para ele – as belas e estranhas pinturas, a total independência da cidade. Só falta gente para ajudá-lo a liderar. Ele conta a penas com nós três.

— Ky — digo assim que chegamos ao grupo de árvores.

Ele para. Seus olhos estão completamente focado em mim, e seus lábios tocaram os meus, roçaram meu pescoço, minhas mãos, meus pulsos, meus dedos um por um. Naquela noite, enquanto nos beijávamos e nos abraçávamos sob o frio ardente das estrelas, não tive a sensação de que estávamos roubando tempo. Senti que ele era todo nosso.

— Eu sei — ele diz.

Trocamos um olhar demorado antes de nos enfiarmos debaixo dos galhos das árvores. Elas têm troncos cinzentos castigados pela ação das intempéries; no chão, punhados de folhas marrons se movem e suspiram com o vento do cânion.

Quando as folhas se movem, vejo no chão outras pedras achatadas e cinzentas, como a que Hunter colocou ontem sobre a cova. Toco o braço de Ky.

— Aquilo ali são...

— Lugares onde as pessoas são enterradas — ele diz. — É. O nome disso é cemitério.

— Por que não enterraram elas num lugar mais alto?

— Porque precisavam daquela terra pros vivos.

— Mas os livros — digo. — Eles ficaram estocados num lugar alto e os livros não são coisas vivas.

— Os vivos ainda podem usar os livros — ky explica com voz suave. — Os cadáveres não podem. Se um cemitério inundar, o que for destruído já está morto. A biblioteca é diferente.

Eu me agacho para olhar as pedras. Os locais em que as pessoas jazem estão marcados de diferentes maneiras. Nomes, datas, às vezes um verso.

— O que estas coisas escritas? — pergunto.

— São epitáfios — ele explica.

— quem escolhe?

— Depende. Às vezes, se a pessoa sabe que está morrendo, ela mesma escolhe. Mas em geral são os parentes ou amigos que precisam escolher algo que tenha a ver com a vida da pessoa.

— É triste. Mas é bonito — comento.

Ky me olha com as mortes sejam bonitas. Estou falando da ideia do epitáfio. Lá a Sociedade é que escolhe o que vai restar de nós quando morremos. Eles é que dizem como é a história de quem morre.— Ainda

assim, eu gostaria de ter dedicado mais tem, antes de ter ido embora, pra ler com atenção o microcartão do vovô. Mas vovô decidiu por conta própria o que restaria dele em termos de preservação: nada.

— Fizeram pedras colmo estas no vilarejo da sua família? — pergunto a Ky, assim que as palavras saem da minha boca eu gostaria de poder voltar atrás. Queria não ter feito isso, queria não ter perguntado nada sobre essa parte de sua história.

Ele me olha e responde.

— Não pros meus pais. Não houve tempo.

— Ky — eu digo, mas ele se vira e sai andando por outra fileira de pedras. Sinto minha mão fria agora que ele não a está mais segurando. Eu não devia ter dito coisa alguma. Tirando vovô, os únicos mortos que vi não eram pessoas que eu amava. É como se eu tivesse espiado o interior de cânion comprido e escuro onde não tive de entrar.

Enquanto caminho entre as pedras, com cuidado para não pisar nelas, vejo que a Sociedade e Hunter então certos quanto á expectativas de vida. Quase ninguém chega aos 80 anos. E também há outras enterradas, além daquelas que Hunter sepultou.

— Tantas crianças aqui — digo em voz alta. Eu tinha a esperança de que aquela de ontem fosse uma exceção.

— Passos jovens também na Sociedade — diz Ky. — Lembra do Matthew?

— Matthew — repito, e ao ouvir o nome dele eu de repente me lembro de Matthew, realmente *me lembro* dele. Pela primeira vez em muito anos pensado nele pelo nome, e não simplesmente como o *filho dos Markham*, o que morreu numa rara tragédia nas mãos de um Anomalia.

Matheu. Quantos anos mais velho do que Xander e eu; tão mais velho que era intocável. Era um menino simpático que nos cumprimentava com um “oi” na rua, mas estava anos à nossa frente. Ele carregava comprimentos e frequentava a Segunda escola. O menino de quem me recordo, agora que me lembrei do nome dele, era suficientemente parecido com Ky para ser primo dele. Só que mais alto, maior, menos ágil e sereno.

Matthew. Era como se seu nome tivesse morrido junto com ele, como se nomear a perda a tornasse mais real.

— Mas não são muitas. Só ele — alego.

— Ele é o único de quem você se lembra.

— tiveram outros? — pergunto, horrorizada.

Um ruído atrás de mim faz com que eu me vire; Eli e Indie estão fechando a porta da casa emprestada. Eli levanta a mão e acena e eu retribuo o gesto; daqui a pouco Hunter estará aqui.

Olho para a pedra que ele deitou ontem sobre a cova, estico o braço e ponho a mão sobre o nome entalhado: Sara. Ela viveu pouco; morreu com cinco anos. Abaixo das datas de nascimento e morte há uma linha escrita, e consta, com um arrepio, que parece o verso de um poema:

SÚBITO, JUNHO ADENTRO, UM VENTO COM DEDOS PASSA.

Busco a mão de Ky e a aperto com toda a minha força. Para que o vento gelado ao nosso redor não tente roubá-lo de mim com seus dedos gananciosos e suas mãos vorazes, que roubam coisas de épocas que deviam ser primavera.



Capítulo 31

ky

QUANDO HUNTER VEM NOS ENCONTRAR, TRAZ CONSIGO UM CANTIL E UM PUNHADO DE CORDAS JOGADAS SOBRE O OMBRO. Me pergunto quais serão seus planos. Antes que eu possa dizer alguma coisa. Eli fala.

— ela era sua irmã — ele aponta para a pedra recém-colocada.

Hunter não olha para a sepultura. Um quase imperceptível tremor de emoção perpassa seu rosto.

— Vocês viram ela? Por quanto tempo ficaram olhando?

— bastante tempo — Eli responde. — A gente queria falar com você, mas esperamos até você terminar.

— é muito gentil da sua parte Hunter comenta, surto e grosso.

— Eu sinto muito — diz Eli. — Quem quer que ele fosse, eu sinto muito.

— Ela era minha filha — revela Hunter. Cassia arregala os olhos. Sei o que ela está pensando: Filha dele? Mas ele é tão jovem. Deve ter 22 ou 23 anos. Com certeza não tem 29, que é a idade mínima que uma pessoa com filho de 5 anos pode ter na Sociedade. Mas aqui não é a Sociedade.

Indie é a primeira a romper o silêncio.

— Para onde a gente tá indo? — ela pergunta a Hunter.

Para outro cânion — ele responde. — Todos vocês sabem escalar?

Quando eu era criança, minha mãe tentou me ensinar as cores. “Azul”, ela dizia, apontado para o céu. E depois “azul” de novo, dessa vez apontando

para a água. Ela me disse que eu balancei a cabaça, porque podia ver que o azul do céu nem sempre era igual ao azul da água.

Demorei muito tempo — até ir morar em Oria — para usar a mesma palavra para todas as tonalidades de uma cor,

Eu me lembro disso enquanto caminhamos cânion adentro. A Escultura é laranja e vermelha, mas na Sociedade não se vê esse tipo de laranja e vermelho.

O amor tem diferentes matizes. Como a maneira com que eu amava Cassia quando achava que ela nunca me amaria. Ou o jeito que eu amei na Colina. Ou como eu a amo agora que ela veio até o cânion por mim. É diferente. Mais profundo. Antes eu achava que a amava e a queria, mas caminhado junto com ela através do cânion eu percebo que isso pode ser mais que apenas uma nova gradação de cor. É uma cor inteiramente nova.

Hunter estaca à nossa frete e aponta para o despenhadeiro.

— aqui — ele diz. — é o melhor lugar. — ele começa a testar a rocha e olha em torno.

Levo a mão ao rosto para bloquear o sol a fim de enxergar melhor. Cassia me olha de relance e faz o mesmo.

— foi por aqui que eu e a Indie voltamos — ela diz, reconhecendo o lugar.

Hunter balança a cabeça.

— é o melhor lugar para escalar.

— Tem uma caverna do outro lado do Cânion — Indie informa Hunter.

— Eu sei — ele diz. — Todos chamam de A Caverna. A pergunta que eu preciso que vocês respondam está lá dentro.

— A gente não entrou — alega Cassia. — Ela está lacrada.

Hunter balança a cabeça.

— Aparentemente está. Mas meu povo usa aquela caverna desde que viemos para a Escultura, depois que a Sociedade se tomou de nós, encontramos um jeito de entrar de novo.

Cassia parecia intrigada.

— Mas então vocês sabem...

Hunter a interrompi.

— Sabemos *o que* tem lá dentro. Não sabemos *por quê*. — Ele examina Cassia com um olhar tão profundo que chega a ser inquietante. — Acho que talvez *você* saiba.

— Eu? — ela pergunta, sobressaltada.

— Você é quem viveu mais tempo na Sociedade — ele justifica. — Posso ver isso. — Cassia enrubesce e roça levemente a mão no seu braço, como se quisesse limpar a mácula da Sociedade.

Hunter olha de relance para Eli.

— Acha que consegue subir?

Eli encara o despenhadeiro e responde:

— Consigo.

— Ótimo — diz Hunter. — Não é uma escalada particularmente técnica. Até a Sociedade seria capaz se tentasse.

— Por que não tentaram? — Indie pergunta.

— eles tentaram. Mas esta era uma das nossas áreas mais bem protegidas. Nós derrubávamos qualquer um que tentasse escalar. E não dá para entrar com uma nave no cânion. É estreito demais. Eles tinham que vir a pé e aí a vantagem nossa. Hunter dá outro nó e engancha a corda na agarra de metal do paredão. — Isso funciona por bastante tempo.

Mas agora os agricultores se foram planície a fora. Ou estão mortos no topo da Escultura. É Apenas uma questão de tempo até que a Sociedade perceba isso e decida vir com tudo.

Ninguém sabe disso melhor que Hunter. Temos que nos apressar.

— Costumávamos escalar por toda parte — Hunter diz. — A Escultura era inteira nossa. — Ele olhou para a corda nas mãos. Acho que está novamente se lembrando de que todo mundo se foi. Muita gente pode achar que não dá para esquecer esse tipo de coisa, mas às vezes você consegue, por um ou dois segundos. Jamais consegui concluir se acho isso uma coisa boa ou ruim. Esquecer permite que você viva sem dor por um instante, mas lembrar é algo doloroso.

Tudo isso me machucou. Às vezes — quando me sinto fraco — eu gostaria de que o comprimido vermelho fizesse efeito em mim.

— A gente viu corpos no topo da Escultura — diz Indie. Ela olhou para o paredão, avaliando a escalada. — Tinham marcas azuis como você. Eram agricultores também? — Mesmo contra a minha própria vontade, eu a admiro. Tem que ter coragem para fazer essas perguntas a Hunter. São perguntas para as quais eu também quero saber a resposta.

— Aquele lugar no topo é a única área ampla e plana o bastante para a Sociedade conseguir pousar suas naves — ele explica. — Nos últimos tempos, por alguma razão, eles ficaram mais agressivos em suas tentativas de entrar na Escultura, e não tínhamos como proteger todos os cânions. Só o do nosso município. — Eles faz outro nó e entesa a corda. — Pela primeira vez na história dos agricultores tivemos uma divergência sem solução. Alguns queriam subir e lutar para que a Sociedade deixasse os cânions em paz. Outros queriam fugir.

— O que você queria? — Indie pergunta.

Hunter não responde.

— Então os que atravessaram o planície se juntaram á insurreição? — Indie insiste, querendo mais informações.

— Acho que já chega — diz Hunter. A expressão em seu rosto convence Indie a desistir de fazer mais perguntas. Ela fecha a boca e Hunter entrega a ela uma corda. — Você é quem tem mais experiência em escalada — ele diz. Não é uma pergunta. De alguma maneira, ele sabe.

Ela assente e quase sorri ao olhar para as rochas.

— Às vezes eu dava umas escapadas. Tinha um lugar muito bom perto da minha casa.

— A Sociedade deixava você escalar? — Hunter pergunta.

Ela olha para ele com uma expressão de desprezo.

— Eles não me *deixavam* escalar. Encontrei um jeito de fazer isso sem eles saberem.

— Eu levo um comigo e você sabe outro — Hunter diz a ela. — Assim vai ser mais rápido. Você consegue fazer isso?

Indie responde com um a risada.

— Toma cuidado — Hunter a alerta. — A pedra aqui é diferente.

— Eu sei — ela diz.

— Você consegue subir sozinho? — Hunter me pergunta.

Faço que sim com a cabeça. Não digo nada, mas prefiro subir sozinho mesmo. Se eu cair, pelo menos não vou levar ninguém comigo.

— Primeiro vou observar vocês — eu digo.

Indie se vira para Cassia e Eli e pergunta:

— Qual de vocês quer subir comigo.

— Eli — Cassia diz. —, Você escolhe.

— Ky — ele responde imediatamente.

— Não — Hunter refuta —, Ky não tem tanta experiência em escalada quanto nós.

Eli abre a boca para protestar, mas olha para ele e balança a cabeça. Ele me encara com raiva e depois se posiciona ao lado de Indie. Julgo ver um ligeiro sorrisinho de satisfação no rosto de Indie antes que ela volte suas atenções para a rocha.

Observo cássia enquanto ela se prende à corda de Hunter. Depois verifico se Eli se enganchou direito. Quando olho para a frente, Hunter está pronto para começou. Cássia cerra o queixo.

Não estou preocupado com a subida. Hunter é o melhor escalador. E preciso de Cassia sã e salva para ajudá-la na caverna. Acredito em Hunter quando ele diz que precisa saber por que a Sociedade fez o que fez. Ele ainda acha que essa resposta pode ajudar. Ele não sabe ainda que a razão, qualquer que seja, jamais será o bastante.

Assim que chegamos ao topo da escultura, saímos correndo. Pego na mão de Cassia e também na mão de Eli e, respirando rápido e baixinho, nossos pés voam sobre a pedra.

Durante vários e longos segundos ficamos expostos e á vista na rocha sob o céu.

Mas queria poder ficar muito mais tempo. Sinto que aqui eu poderia correr para sempre.

Olha só! Queria gritar. Ainda estou vivo. Ainda estou aqui. Embora seus dados e seus Funcionários queriam o contrário.

Pés ligeiros.

Pulmões cheios de ar.

Segurando a mão da pessoa que eu amo.

Eu amo.

A coisa mais temerária de todas.

Quando chegamos mais perto da extremidade, nós nos soltamos um do outro. Precisamos das mãos para as cordas.

O segundo cânion é extremamente estreito, menor que o cânion dos agricultores. Assim que chegamos todos aos pés do despenhadeiro, Cassia

aponta para uma comprida superfície lisa. Parece arenito, mas há algo de estranho nela.

— Foi ali que a gente notou a entrada — diz ela. Seus lábios se contraem. — O corpo do menino ta ali, debaixo daqueles arbustos.

A liberdade que senti antes desaparece subitamente. A sensação da Sociedade paira sobre este cânion feito as nuvens despedaçadas que insistem em continuar flutuando no céu após uma tempestade.

Os outros também percebem isso. O rosto de Hunter se fecha e sei que para ele é ainda pior, pois sente a Sociedade em um lugar que antes era dele.

Hunter nos conduz até uma pequenina caverna em um ponto onde a parede do cânion se dobre sobre si mesmo. Nós cinco mal conseguimos nos agachar ali dentro. No fundo da caverna há uma pilha de pedras.

— Nós abrimos um caminho por aqui — ele diz.

— E a Sociedade nunca encontrou essa entrada? — Indie pergunta, em tom cético.

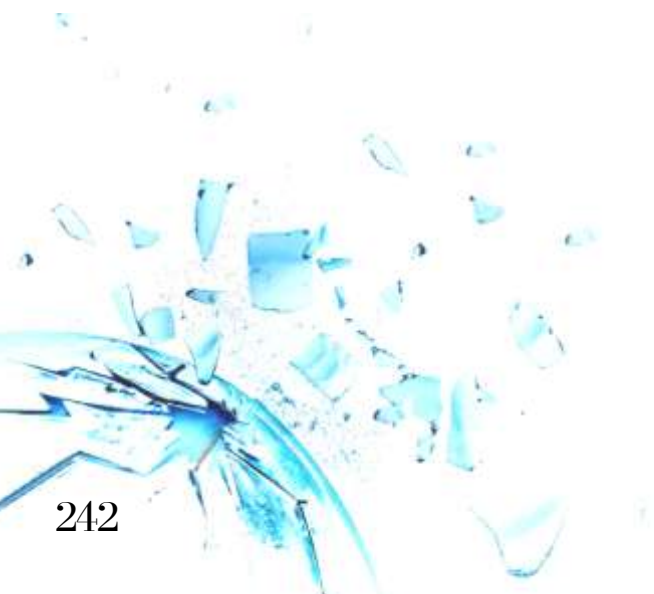
— Eles nem sabiam como procurar — responde Hunter, erguendo uma das pedras. — Atrás destas pedras todas há uma fenda — ele nos explica. — Uma vez lá dentro, podemos atravessar para um canto da caverna.

— E como a gente faz isso? — Eli pergunta.

— Movendo a terra — Hunter responde. — E prendendo a respiração nos pontos mais estreitos. — Ele estica o braço e ergue um dos blocos de pedra. — Quando chagar a hora, eu vou primeiro — ele diz por cima do ombro. — Depois de mim, a Cassia. Nós vamos nos revezando e falando uns com os outros. Sigam devagar. Tem um lugar em que vocês precisam se deitar de costas e pegar impulso com os pés. Se ficarem presos, gritem. Vocês vão estar perto o bastante para me ouvirem. Posso ir dando instruções. O trecho mais apertado é um pouco antes do final.

Por um momento, hesito, me perguntando se não se trata de uma armadilha. Será que foi armada pela Sociedade? Ou pela Indie? Não cofio nela. Eu a observo ajudando Hunter com as pedras, seu cabelo comprido esvoaçando por causa de seus movimentos ansiosos. O que ela quer? O que ela está escondendo?

Olho para Cassia. Ela está em um lugar novo onde tudo é diferente. Ela viu pessoas morrendo de maneiras terríveis e está com fome e perdida e veio para o deserto para me encontrar. Todas as coisas pelas quais uma menina da Sociedade jamais deveria ter de passar. Ela me encara com um lampejo no olhar que me faz sorrir. Prender a respiração?, ela parece me dizer. Mover a terra? Estamos fazendo isso desde o início.





Capítulo 32

Cassia

A FENDA É TÃO ESTREITA QUE MAL PERMITE A PASSAGEM DE HUNTER. Ele desaparece sem olhar para trás. Sou a próxima.

Mi viro para Eli. Cujos olhos se arregalaram.

— Talvez seja melhor você esperar a gente aqui — sugiro.

Eli faz que sim com a cabeça.

— não tenho problema com a caverna — ele alega. — Mas isso aí é um *túnel*.

Não aponto o fato de que ele é o menor de todos nós e o que tem menos chance de ficar preso, porque entendo o que ele quer dizer. Parece contraintuitivo, errado nos enfiarmos rastejando feito minhocas terra adentro.

— Tá tudo bem — digo. — Você não precisa vir. — Ponho meu braço em volta dele e aperto seu ombros. — Acho que não vamos demorar muito.

Eli assenta de novo já parece melhor, menos pálido.

— A gente vai voltar — repito. — *Eu* vou voltar.

Eli me faz pensar em Bram e em como eu também o deixei para trás.

Eu estou bem até começar a pensar demais, até começar a pensar demais, até começar a calcular quantas toneladas de rocha há acima de mim. Nem sei quanto pesa um metro cúbico de arenito, mas a quantidade total deve ser enorme. E a proporção entre ar e pedra deve ser pequena. É por isso que Hunter nos disse para prender a respiração? Ele sabe que não há ar suficiente? Que pode ser que eu solte o ar e depois não encontre mais nada para devolver aos pulmões?

Não consigo me mover.

A pedra, tão rente a mim. A passagem, tão escura. Poucos centímetros me separam da terra; estou quase sem espaço e deitada de costas, com escuridão à frente e atrás de mim e a imobilidade da pedra acima, abaixo e de todos os lados. A massa de Escultura me espreme; eu tinha medo de sua vastidão, e agora tenho medo de sua estreiteza.

Meu rosto está virado pra um céu que eu não consigo enxergar, azul acima da pedra.

Tento me acalmar, dizer a mim mesma que está tudo bem. Criaturas vivas saíram voando de espaços mais apertados que este. Sou apenas uma borboleta, um “manto de luto” lacrado dentro de um casulo com olhos cegos e asas viscosas. E de repente eu me pergunto o que acontece se o casulo não abrir, se alguma vez a borboleta dentro do casulo simplesmente não tiver força suficiente para rompê-lo.

Um soluço escapa da minha garganta.

— Socorro — digo.

Para minha surpresa, não é a voz de Hunter que fala a minha frente. É a voz de Ky, atrás de mim.

— Vai ficar muito bem — diz ele. — Force um pouco mais.

E, mesmo em pânico, ouço a música em sua voz grave, os sons de cantoria. Fecho os olhos, imaginando que minha respiração é a dele, que dele está comigo.

— Para um pouco se precisar — ele sugere.

Eu me imagino ainda menor do que sou agora. Escalando dentro do casulo, puxando-o com força ao redor de mim como um manto de verdade, um cobertor. E então eu não me imagino arrebatado o casulo. Simplesmente fico encolhida dentro dele, tentando ver o que posso.

No começo, absolutamente nada.

Mas então eu sinto. Mesmo oculto na escuridão, posso ver que está lá. Uma pequena parte de mim está sempre, sempre livre.

— Vou em frente — digo em voz alta.

— Vai em frente — diz Ky atrás de mim, e eu me movo, e então posso sentir espaço acima de mim, ar para respirar, um lugar onde ficar de pé.

Onde estamos?

Contornos e figuras se formam na escuridão, iluminados por minúsculas luzes azuis ao longo do chão da caverna que brilha feito pingo de chuva. Mas, é claro, dispostas em ordem metódica demais para terem meramente caído.

Outras luzes iluminaram grandes cápsulas transparentes e máquinas que zubem e regulam a temperatura no interior das paredes de pedra. O que vejo diante de mim é a sociedade: Calibração, organização, cáculo.

Alguém se move e eu tomo um susto antes de me lembrar. Hunter.

— É tão grande — digo para ele, e ele concorda com um meneio de cabeça.

— A gente costuma se reunir aqui — ele diz em voz baixa. — não fomos os primeiros. A caverna é um lugar antigo.

Quando levanto os olhos, estremeço. As paredes do vasto espaço são incrustadas de cascos de animais mortos e ossos de feras, tudo preso e emaranhado à pedra que outrora foi lama. Esse lugar já existia antes da sociedade. Talvez antes mesmo da formação dos seres humanos.

Ky entra na caverna, tirando poeira do cabelo; vou até ele e toco suas mãos, que estão frias e ásperas, mas nem se comparam à pedra.

— Obrigada por me ajudar — digo no calor do seu pescoço. E me afasto ára que ele possa ver vo que há aqui.

— É a Sociedade— ele diz, sua voz tão silenciosa quanto a Caverna. Ele atravessa a gruta a passos largos e Hunter e eu o seguimos. Ky encosta a mão na porta do outro lado. — Aço — ele diz.

— Eles não deviam esar aqui. — diz Hunter, com a voz tensa.

Não parece certo: essa camada da estéril e da Sociedadejustaposta ao que é terreno e orgânico. *E a Sociedade também não devia se meter na minha relação com Ky*, penso, lembrando de como minha Funcionária me disse que eles sempre souberam de tudo. A Sociedade se infiltra em toda parte, serpenteia feito cobra numa fresta, a água pingando na pedra até que a rocha não tem outra opção a não ser tornar-se oca e mudar de formato.

— Preciso saber por que eles nos mataram — diz Hunter para mim, apontando para as cápsulas. Estão abarrotadas de tubos. Filas de filas de tubulação, brilhando na luz azul. Lindas como o mar, imagino.

Indie é a próxima a entrar na caverna. De olhos arregalados, ela olha ao redor.

— Então, o que *são* essas coisas? — ela pergunta.

— Quero olhar mais de perto — digo, e ando entre duas fileiras de tubos. Ky vem comigo. Passo a mão nas cápsulas feitas de plásticos liso e transparente. Para minha surpresa, não há fechaduras nas portas, e abro uma para ver melhor. A porta se escancara com um silvo suave e encaro fixamente os tubos à minha frente, espantada ao mesmo tempo pelo grau de uniformidade e de variedade.

Não quero mexer nos tubos por receio de que a Sociedade tenha um sistema de alarme; então estico o pescoço de forma a ler as informações no tubo que está no centro de uma das fileiras de meio. HANOVER , MARCOS. KA. A primeira notação é um nome, evidentemente. A segunda é a abreviação de Província de Keya. Abaixo da província há duas datas e um código de barras impressos.

São amostras de pessoas, enterrada com os ossos de criaturas mortas há muito tempo e com o sedimento de mares há muito transformados em pedra. Fileiras e fileiras de tubos de vidro semelhantes ao que Vovô possuía, que continha sua amostra de tecidos para preservação.

Por trás da exaustão e da fadiga, sinto minha mente classificadora rodando suas engrenagens e entrando em ação. Tentando dar sentido ao que vejo e aos números à minha frente. A caverna é um local de preservação, acidental e intencional, nos fósseis enlameados acima de nós e nos tecidos armazenados nos tubos.

Por que aqui?, eu me pergunto. *Por que tão longe, nos confins da Sociedade? Com certeza existem dezenas de lugares melhores.* Aqui é o contrário de um cemitério. É o reverso de dizer adeus. E eu entendo isso. Embora eu quisesse que não fosse assim, de certa maneira isso faz mais sentido do que colocar as pessoas debaixo da terra para sempre e deixar que se vão, do jeito que os agricultores fazem.

— São amostras de tecidos — digo a Ky. — Mas por que a Sociedade iria estocar aqui? — Estremeço e Ky me abraça.

— Eu sei — ele diz.

Mas não sabe.

A Escultura não se importa.

Vivemos, morremos, viramos pedra, jazemos na terra, somos atirados ao mar, ou viramos cinzas, e a Escultura não dá a mínima para nada disso. A gente vai e vem. A Sociedade terá seu fim. Os cânions continuarão vivendo.

— Você sabe o que são esses tubos — Hunter diz. Olhou para ele. O que será que alguém que nunca viveu na Sociedade acha de uma coisa dessas?

— Sim — respondo. — Mas não sei o porquê. Espera um pouco. Deixa eu pensar.

— Quantos dele tem aqui? — Ky quer saber.

Faço um cálculo rápido, uma estimativa baseada nas fileiras à minha frente.

— Milhares, centenas de milhares — respondo. Os tubos são pequenos, fileiras em cima de fileiras, cápsulas em cima de cápsulas, corredor depois de corredor, no vasto espaço de caverna. — Mas não é o bastante pra dar conta de todas as amostras que devem ter sido recolhidas ao longo dos anos. Esta aqui não deve ser a única instalação.

— Será que estão retirando essas amostras da Sociedade? — pergunta Ky.

Balanço a cabeça, confusa. Por que faria isso?

— Elas estão organizadas por províncias — digo, notando que em todos os tubos dentro da cápsulas à minha frente está escrito *KA*.

— Procure Oria — Ky pede.

— Deve estar na próxima fileira — digo, calculando, andando depressa. Indie e Hunter ficam parados juntos, nos observando. Chegando ao fim de um corredor encontro tubos com a marcação *OR*, de *Oria*. Ver a abreviação familiar em um lugar tão estranho provoca em mim uma sensação esquisita, ao mesmo tempo íntima e distante.

Ouço um barulho na entrada secreta da caverna. Nós todos nos viramos ao mesmo tempo. Eli entra do mesmo jeito que Ky, sorrindo e tirando terra do cabelo. Corro até ele e o abraço com força, com meu coração martelando no peito por tudo que ele teve de enfrentar sozinho.

— Eli — digo. — Achei que você ia esperar.

— Eu estou bem — ele me diz, e olha por cima do meu ombro, procurando Ky.

— Você conseguiu — Ky grita para Eli, e Eli parece endireitar o corpo. Olho para ele e balanço a cabeça. Prometer uma coisa, depois mudar de ideia e agir por conta própria. Bram teria feito a mesma coisa.

Eli olha ao redor, de olhos arregalados.

— Estão armazenando tubos aqui. — ele diz.

— A gente acha que estão organizados por Província — explico, e então vejo Ky me fazendo um sinal.

— Cassia. Achei uma coisa.

Volto correndo para onde Ky está enquanto Indie e Eli perambulam por outras fileiras, zanzando para cima e para baixo, procurando por conta própria.

— Se a primeira data é a de nascimento — Ky diz —, então a segunda provavelmente é... — Ele faz uma pausa, querendo ver se eu chogo à mesma conclusão.

— A data de morte. A data em que a amostra foi recolhida — digo. E então percebo o que ele está querendo dizer. — São próximas demais. Eles não têm 80 anos de diferença uma da outra.

— Eles não armazenavam só os tecidos velhos — argumenta Ky. — Estas pessoas... elas não podem estar todas mortas.

— Eles não tiram amostras só quando a gente morre — digo, com minha mente agitada. E penso na vida na sociedade, tantas oportunidades. Nossos garfos. Nossas colheres. As roupas que usamos. Ou quem sabe nós mesmos é que fornecíamos as amostras, raspando a pele, entregando o tecido e depois tomando um comprimido vermelho. — A amostras do fim não significa nada. A Sociedade já tem tubos pra todo mundo que eles querem

manter. Talvez o tecido mais jovem funcione melhor. E desse jeito, se a gente não souber sobre os outros tecidos, eles podem nos manter submissos até o final. — Dentro de mim, meu coração perversamente dá pulos de alegria em gratidão à sociedade.

Talvez meu avô tenha uma amostra aqui. Talvez não importe que meu pai tenha destruído o que foi colhida no Banquete Final.

— Cassia — Ky diz baixinho. — O Xander tá aqui.

— O quê? Onde? Ele veio encontrar a gente? Como ele sabia?

— Aqui — Ky diz baixinho, apontando para um dos tubos iluminados de azul.

É claro. Evito o olhar de Ky e encaro o tubo. CARROW, XANDER. OR. A data de nascimento está correta. Essa é a amostra de Xander; mas Xander não está morto.

Até onde eu sei.

E então Ky e eu ficamos de pé junto à cápsula, nossos olhos esquadrinhando números, nossos dedos entrelaçados. Quem está aqui? Quem está salvo?

— Você ta aqui — diz Ky, apontando. Lá está, a data do meu nascimento. REYES, CASSIA. Dou um suspiro. *Meu nome.* Vê-lo me faz lembrar da sensação que experimentei quando disseram meu nome no Banquete do Par. Me faz lembrar que eu pertencço a algum lugar. Que meu futuro foi assegurado pela Sociedade com grande cuidado.

— Eu não estou aqui — diz Ky, olhando para mim.

— Talvez você esteja em outra Província — digo. — Você pode estar...

— Eu não estou aqui — ele repete. E por um momento, na iluminação fraca da caverna, pela forma que ele sabe se misturar às sombras, parece mesmo não está. Somente a sensação da mão dele apertando com força a minha me diz o contrário.

Hunter se aproxima até se plantar do meu lado e eu tento explicar.

— Essas coisas são tecidos, um pedacinho de pele ou de cabelo ou de unha. A Sociedade coleta tecidos de seus cidadãos para que, um dia, possa nos trazer de volta à vida.

Eu me assunto ao usar a palavra *nos* — até onde seu eu talvez seja a única pessoa nessa caverna com um tubo armazenado aqui. E mesmo assim deve ser só porque ainda não tiveram tempo de mudar meu status. Olho mais uma vez para as paredes da caverna, os ossos e dentes e cascos deixados para trás. Se o que somos não está em nossos ossos, tem que estar nos tecidos. Tem que estar *em algum lugar*.

Hunter olha para mim e depois para os tubos. Ele os encara por tanto tempo que abro a boca para tentar explicar de novo, mas então ele enfia a mão numa cápsula e tira um tubo antes que eu possa impedi-lo.

Nenhum alarme toca.

Sai ausência me enerva. Será que em algum lugar da Sociedade uma luz piscou de modo a avisar um Funcionário da infração?

Hunter segura o tubo e acende a lanterna para examiná-lo. As amostras são tão pequenas que não é possível vê-las em meio à solução viscosa.

Um estalo. Crac. O tubo se quebra e o sangue escorre, vermelho, pela mão de Hunter.

— Eles nos mataram para armazenar a si mesmos — ele diz.

Todos olham para Hunter. Por um impulsivo e desvairado instante sou tentada a me juntar a Hunter na destruição — eu abriria todas as portas de todas as cápsulas e pegaria alguma coisa, talvez um bastão. Sairia correndo a toda velocidade pelos corredores de tubos brilhantes, azuis, prateados, luminosos. Acertaria os tubos com o bastão para ver se soariam como sinos. Fico pensado se a melodia de outras vidas é amarga, errada; ou forte, cristalina, suave e verdadeiramente musical. Mas não quebro nada. Em vez disso, faço outra coisa, rapidamente, enquanto todos estão de olhos em Hunter.

Ele abre a mão, olha o sangue e o líquido em sua palma. Mesmo sem querer, reparo no nome impresso no rótulo. THURSTON, MORGAN. Olho de novo para Hunter. Quebrar um tubo assim deve exigir uma grande dose de força, mas ele parece nem notar o esforço.

— Por quê? — ele me pergunta. — Como? Eles descobriram *mesmo* uma maneira de trazer as pessoas de volta?

Todo mundo me encara, esperando que eu explique tudo isso. Raiva e constrangimento se acumulam dentro de mim. Por que eles acham que eu tenho respostas? Porque sou a mais Sociedade de nós todos?

Mas há coisas que eu não entendo, parte da Sociedade, partes de mim mesma.

Ky põe a mão no meu braço.

— Cassia — ele diz baixinho.

— Eu não sou o Xander! — digo alto demais na caverna que ecoa. Ky pisca de surpresa e o som da minha voz chama a atenção de todos. — Eu não entendo nada de medicina. Não sei nada sobre comprimidos. Nem de armazenamento de amostras de tecido. Nem sobre o que a Sociedade pode ou não pode fazer na área médica. Eu não sei.

Por um momento, todos ficam em silêncio. Até que Indie fala.

— O segredo do Xander — ela diz, encarando Ky. — Tem alguma coisa a ver com isso tudo?

Ky abre a boca para falar, mas antes que possa dizer alguma coisa, todos nós a vemos — agora uma luzinha vermelha está piscando na tampa da cápsula que Hunter abriu.

O medo volta a cantar dentro de mim, e não sei o que me deixa mais apavorada — a Sociedade ou a Caverna que revelou nosso paradeiro.



Capítulo 33

ky

HUNTER PEGA OUTRO TUBO E TAMBÉM O QUEBRA NA PRÓPRIA MÃO.

— Saiam daqui — digo para Cassia e os outros. — Saiam.

Indie não ensina. Ela se vira, sai correndo para a entrada da caverna e desliza para dentro das pedras.

— A gente não pode deixar ele aqui — protesta Cassia, olhando para Hunter, que não vê ou escuta outra coisa a não ser os tubos que espatifa nas mãos.

— Vou tentar convencer ele a voltar com a gente — prometo. — Mas você precisa ir embora. Agora.

— precisamos dele pra escalar — ela alega.

— A Indie pode ajudar vocês. Vai. Eu não vou demorar.

— A gente te espera na passagem — promete Cassia. — Pode se que a Sociedade demore pra chegar aqui.

A menos que já estejam nesta região, penso. Ai pode ser questão de minutos.

Assim que eles vão embora eu me volto para Hunter.

— Você precisa parar. Volta com a gente. — ele balança a cabeça e quebra outro tubo. — Podemos tentar alcançar os agricultores que atravessaram a planície — sugiro.

— A essa altura talvez já estejam todos mortos — ele diz.

— Eles foram mesmo embora pra se juntar à Insurreição? — pergunta.

Ele não responde.

Não tento impedi-lo. Um tubo, mil — qual é a diferença? De um jeito ou de outro, a Sociedade vai saber. E parte de mim quer se juntar a ele. Depois

que você já perdeu tudo, por que não destruir o que puder antes que venham te pegar. Eu me lembro dessa sensação. Outra parte de mim, mais sombria, pensa: *E se ele não vier com a gente, então não vai poder contar à Cassia sobre a Insurreição e sobre como encontrar os rebeldes. Tenho certeza de que ele sabe.*

Volto para a entrada da fenda e encontro uma pedra, que levo para ele.

— Tenta com isso aqui — sugiro — Vai ser mais rápido.

Hunter não diz coisa alguma, mas pega a pedra da minha mão e a segura acima da cabeça. Depois acerta uma pedrada violenta numa fileira de tubos. Ouço o vidro se espatifando enquanto deslizo fenda adentro para fugir.

Assim que chego lá fora, apuro os ouvidos para escutar o ruído de aeronaves.

Nada.

Ainda.

Eles me esperaram.

— Vocês deveriam ter ido em frente — digo para Cassia, mas é a única coisa que tenho tempo de dizer antes de prendermos os ganchos e começamos a escalar. Para cima. Para o outro lado. Por um momento, no topo daquela planície de rocha nua, eu me pergunto se devo correr na frete ou atrás dela — que é a melhor maneira de protegê-la —, e então percebo que estamos correndo lado a lado.

— Eles vão encontrar a gente? — Eli pergunta, ofegando, assim que chegamos ao outro cânion.

— Logo que der a gente corre pelas pedras — respondo.

— Mas às vezes ali é só areia — Eli diz, em pânico.

— Tá tudo bem — eu digo. — Sempre chove.

Olhamos para o alto. O céu acima de nós está em um delicado azul de início de inverno. Nuvens cinza pairam ao longo, mas estão a quilômetros de distância.

Cássia não esqueceu o que Indie disse na caverna. Ela se aproxima de mim e pousa a mão no meu braço.

— O que a Indie quis dizer? — ela pergunta, sem fôlego. — Como assim, “segredo do Xander”?

— Não sei do que ela ta falando — minto.

Não olho para trás para encarar Indie. As botinhas dela batem com força nas pedras atrás de nós, mas ela não me contradiz e eu sei por quê.

Indie quer encarar a Insurreição e por algum motivo acha que eu sou o mais apto a saber como chegar aos rebeldes. Ela está decidida a arriscar a própria pela me acompanhando, embora não goste de mim, do mesmo jeito que eu não gosto dela.

Seguro a mão de Cassia e aguço os ouvidos para ouvir as batidas das aeronaves da Sociedade acima de nós, mas por enquanto ela não chegam.

Nem a chuva.

No dia em que Xander e eu tomamos os comprimidos vermelhos, muito tempo atrás, contamos até três e os engolimos ao mesmo tempo. Eu observei o rosto dele. Mas podia esperar para que eles esquecessem.

Não demora muito para constatar que o comprimido não fazia efeito e que ele também era imune. Até então eu achava que era o único.

— Era pra você esquecer. — eu disse a Xander.

— Não esqueci — ele respondeu.

Cassia me contou o que eu aconteceu aquele dia no Bairro depois que fui embora — como ela descobriu que Xander era imune aos comprimidos vermelhos. Mas ela não sabe do outro segredo. *Que eu estou guardando porque acho que é a coisa certa a fazer*, digo a mim mesmo. *Porque é direito dele contar a ela. Não meu.*

Tento não pensar nas outras razões pelas quais não conto a Cassia o segredo de Xander.

Se ela souber, talvez mude de ideia em relação a ele. E em relação a mim.





Capítulo 34

Cassia

INDIE ESTÁ CARREGANDO SUA MOCHILA DE MANEIRA AINDA MAIS CUIDADOSA DO QUE ANTES, E FICO PENSANDO SE ALGUMA COISA ACONTECEU COM O NINHO DE VESPAS DURANTE A NOSSA ENTRADA NA CAVERNA. Ela levou a bolsa com ela, e embora, na ida e na volta, num espaço tão apertado. Não sei como ela evitou que uma coisa tão frágil fosse esmagada.

Alguma coisa na história da mãe dela e da canoa parece estranha, como um eco saindo da parede de um cânion e deixando para trás parte das palavras originais. Eu me pergunto até que ponto realmente conheço Indie. Mas então ela ajeita a mochila de novo e vejo lá dentro uma súbita imagem do ninho — frágil e com a consistência de papel —, além de lembranças de uma pintura em pedaços e de pétalas de rosa secas e leves. Conheço Indie desde os campos de trabalhos e até agora ela ainda não me deixou na mão.

Ky se vira e pede que andemos mais depressa. Indie Olga para ele e vejo em seu rosto uma expressão muito parecida com fome.

Antes de ver ou sentir a chuva, você cheira. Se o cheiro favorito de Ky nas Províncias Exteriores é o de sálvia, acho que o meu é o desta chuva, que tem um cheiro de antigo e de novo, como pedra e céu, rio e deserto. As nuvens que avistamos antes flutuam ao sabor do vento, e o céu fica púrpura, cinza e azul enquanto o sol se põe e chegamos ao município.

— A gente não pode ficar aqui por muito tempo, pode? — Eli pergunta enquanto subimos a trilha que leva às cavernas-depósito. Um relâmpago branco risca o espaço entre terra e céu, e um trovão estoura no cânion.

— Não — Ky responde. Eu também concordo. O risco de a Sociedade surgir nos cânions agora parece mais forte que os riscos que entramos na planície. Temos que seguir em frente.

— Mas a gente tem que parar na caverna — eu digo. — Precisamos de mais comida, e a Indie e eu não temos nem livros e nem papéis. E talvez haja ali alguma coisa sobre a Insurreição.

— A tempestade vai nos dar um pouco mais de tempo. — diz Ky.

— Quanto tempo? — pergunto.

— Alguemas horas — ele responde. — A Sociedade não é nosso único problema. Uma tempestade como essa pode provocar uma enchente rápida e aí a gente não teria como atravessar o riacho. Ficaríamos presos. Vamos ficar aqui até cessarem os relâmpagos.

Uma jornada tão longa, e pode ser que uma questão de poucas horas decida se vamos ou não encontrar a Insurreição. Mas não vim aqui para encontrar a Insurreição, lembro a mim mesma. Vim para encontrar Ky e encontrei. Aconteça o que acontecer daqui em diante, estaremos juntos. Ky e eu entramos às pressas na caverna-biblioteca e suas pilhas de caixas. Indie nos segue.

— Tem tanta coisa — digo, abrindo uma das caixas e examinando os livros. É um tipo de classificação totalmente diferente. Tantas páginas, tanta história. É o que acontece quando a Sociedade não edita, corta e suprime o supérfluo para nós.

Algumas paginas são impressas, muitas são manuscritas por diferentes pessoas. Cada caligrafia é distinta, diferente, única, como as pessoas que escreveram. Todas elas sabiam escrever. De repente eu sinto pânico.

— Como eu vou saber o que é importante? — pergunto a Ky.

— Pense em algumas palavras — ele aconselha — e procure por elas. O que a gente precisa saber?

Juntos elaboramos uma lista. A Insurreição. A Sociedade. O Inimigo. O Piloto. Precisamos saber sobre *água e rio* e *fuga e comida e sobrevivência*.

— Você também — Ky instrui Indie. — Qualquer coisa que tiver essas palavras, coloque ali. — Ele aponta para o centro da mesa.

— Tá bom — Indie responde, encarando-o por um momento. Ele não desvia os olhos; ela sim, abrindo um livro e esquadrinhando as páginas. Encontro algo que parece promissor — um panfleto impresso.

— Isso aí a gente já tem — Eli avisa. — O vick encontrou um monte deles.

Ponho de lado o folheto. Depois abro um livro e imediatamente um poema chama minha atenção.

*Caíram como Flocos —
Caíram como Estrelas —
Como Pétalas de Rosa —
Súbito, junho adentro,
Um vento com dedos passa*

É o poema de onde Hunter tirou o verso para a sepultura de Sara. A página foi arrancada e depois enfiada de volta — a bem da verdade, o livro inteiro está desmantelado e caindo aos pedaços, como se tivesse sido levado à incineração em um local da Restauração e então encontrado por alguém que reconstruiu seus pequenos ossos. Partes do livro ainda estão faltando — a capa parece ter sido quadrado de papelão costurado sobre as páginas, e não consigo encontrar em parte alguma o nome do autor. Viro folhas e leio outro poema:

*Não Te alcancei
Mas meus pés chegam mais perto a cada dia
Três Rios e uma Colina a atravessar
Um Deserto e um Mar
Nem levarei em consideração a jornada
Quando por fim te avistar*

A Colina. Depois o deserto, e a jornada — parece a minha história com Ky. Embora eu saiba que devia estar procurando outras coisas, continuo lendo para ver como o poema termina:

*Dois desertos, mas o Ano está frio
Para ajudar a areia
Um deserto já atravessei —
O segundo
Será fresco como a terra
A Saara é um preço pequeno demais*

Para pagar por tua Mão.

Eu pagaria quase qualquer preço para estar com Ky. Acho que entendo o que o poema quer dizer, embora não faça ideia do que seja Saara. Parece um pouco com Sara, o nome da filha de Hunter. Mas a morte de uma criança é um preço alto demais a pagar pela mão de quem quer que seja. Morte. A morte do Vovô em Oria: migalhas e restos de comida num prato; um poema dentro de um compacto; lençóis brancos e limpos; lindas palavras finais. A morte do cânião: linhas azuis traçadas; a chuva no rosto de uma menina.

E na caverna, fileiras e fileiras de tubos cintilantes.

Esses tubos jamais seriam *nós*, não de novo. Mesmo que tirasse nossos corpos de dentro da água e da terra e nos fizessem trabalhar e caminhar novamente, jamais seria como da primeira vez. Alguma coisa estaria faltando. A Sociedade não pode fazer isso por nós. Nós mesmos não podemos fazer isso por nós. Há algo de especial, insubstituível, na primeira vez em que vivemos.

Ky dispensa um livro e pega outro. Será que ele é a primeira pessoa que eu amei?

Ou foi o menino que me deu meu primeiro beijo de verdade? Cada pedacinho de papel que Xander me deu tem por trás uma lembrança sólida, concreta, tão nítida que quase posso tocá-la e saboreá-la e cheirá-la. Quase posso ouvi-la, me chamando de volta.

Senpre achei que, dos dois, Xander era o sortudo por ter nascido no Bairro, mas agora não tenho tanta certeza. Ky perdeu tanta coisa, mas o que ele tem não é pouco. Ele é capaz de criar. Pode escrever suas próprias palavras. Tudo que Xander escreveu na vida — digitado em um terminal ou escrevinhador — não é dele, não pertence a ele. Outras pessoas sempre tiveram acesso a seus pensamentos.

Quando meu olhar encontra o de Ky, a dúvida que tive um segundo atrás — quando ele e Indie se entreolharam — desaparece. Não existe incerteza na maneira como ele me olha.

— O que você achou aí? — ele pergunta.

— Um poema — respondo. — Preciso me concentrar melhor.

— Eu também — ele diz. E sorri. — É a primeira regra da classificação. Não é tão difícil de lembrar.

— Você também sabe classificar? — pergunto, surpresa. Ele nunca mencionou isso antes. Classificar é uma habilidade especializada, que a maioria das pessoas não tem.

— O Patrick me ensinou — ele diz baixinho.

Patrick? A perplexidade deve estar estampada no meu rosto.

— Eles acham que um dia o Matthew seria um classificador — Ky explica. O Patrick queria que eu também aprendesse. Ele sabia que eu nunca conseguia um bom posto de trabalho. E queria que eu de alguma maneira fosse capaz de usar a minha cabeça quando não pusesse mais frequentar a escola.

— Mas como ele te ensinou? Os terminais teriam registrado se ele tivesse te ensinado ali.

— Ele descobriu outro jeito. — Ky engole em seco e olha de esguelha para o outro lado da caverna, onde Indie está. — Seu pai contou pro Patrick o que você tinha feito com o Bram, aquele jeito que você deu pra ele jogar joguinhos no escrevinhador. Isso deu ao Patrick uma ideia. Ele fez uma coisa parecida.

— E os Funcionários nunca perceberam?

— Ele não me fez usar meu próprio escrevinhador — Ky explica. — Ele negociou com os Arquivistas e arranhou um, que me deu no dia em que recebi o posto de trabalho no centro de descarte de nutrição. Foi assim que fiquei sabendo dos Arquivistas em Oria.

O rosto de Ky congela; sua voz fica de distante. Eu conheço esse olhar. É o jeito como ele me olha quando diz alguma coisa a qual não fala há muito tempo ou da qual jamais falou.

— A gente sabia que o meu posto de trabalho não seria bom. Não fiquei surpreso. Mas depois que o Funcionário foi embora, eu... — Ele faz uma pausa. — Eu fui pro meu quarto e peguei a bússola. Fiquei lá um tempão sentado, segurando ela na minha mão.

Quero tocá-lo, abraçá-lo, colocar a bússola de novo na mão dele. Meus olhos ficam rasos de água enquanto ele continua falando, agora ainda mais baixo.

— Depois eu me levantei, vesti minhas novas roupas comuns azuis e fui trabalhar. Ainda e Patrick não disseram uma palavra. Nem eu.

Ele me olha de relance e pego a mão dele, na esperança de que queria meu toque. Ele quer. Seus dedos se fecham com força em torno dos meus e eu me sinto acolhendo e compreendendo outra parte da história dele. Isso aconteceu com ele, enquanto eu estava sentada na minha casa, na mesma rua, comendo minha comida pré-pronta, ouvindo o zumbido do terminal e sonhando acordada com a vida perfeita que estava prestes a me ser comunicada, do jeito que tudo sempre foi.

— Naquela noite o Patrick voltou para casa com um escrevinhador do mercado negro. Era antigo. Pesado. Com uma tela tão velha que dava vontade de rir. No começo pedi pra ele devolver aquilo. Achei que era arriscado demais. Mas ele disse pra eu não me preocupar. Me contou que, depois da morte do Matthew, meu pai tinha mandado pra ele uma página de um velho texto. O Patrick disse que tinha usado essa página na negociação com um Arquivista. Falou que sempre tinha planejado usar o escrito em alguma coisa pra mim.

“A gente foi pra cozinha. O Patrick achava que o ruído do incinerador ocultaria qualquer som que a gente fizesse. Ficamos num lugar onde o terminal não pudesse nos ver. É isso. Foi assim que ele me ensinou a classificar. Quase em silêncio, sem falar nada. Só me mostrando. Escondi o escrevinhador com a bússola no meu quarto.”

— Mas naquele dia os Funcionários foram buscar todos os nossos artefatos. Como foi que você escondeu? — pergunto.

— Quando eles vieram, eu já tinha negociado o escrevinhador — ele explica. Troquei pelo poema que te dei no seu aniversário. — Ele sorri para mim, seus olhos estão de novo comigo. De novo comigo nas províncias Exteriores. Chegamos tão longe.

— Ky — eu sussurro. — Isso foi muito perigoso. E se eles tivessem flagrado você com o poema?

Ky sorri.

— Naquela época você já estava me salvando. Se você não tivesse me falado do poema do Thomas na colina, eu jamais teria procurado os Arquivistas pra trocar o escrevinhador pelo seu poema de aniversário. O Patrick eu teríamos sido pegos. Foi muito mais fácil esconder uma folha de papel do que teria sido esconder o escrevinhador. — Ele passa de leve a mão na minha bochecha. — Por sua causa, não tinha nada pra eles levarem quando foram na minha casa. Eu já tinha te dado a bússola.

Eu o abraço. Não havia nada pra eles levarem porque ele já tinha negociado tudo, se desfeito de tudo, por mim. por alguns instantes, ficamos em silêncio.

Então ele se mexe um pouco e aponta para uma página em um livro aberto á nossa frente.

— Ali — ele diz. — *Riacho*. É uma das palavras de que a gente precisa.

E o jeito com que ele diz isso, o desenho da sua boca e o som da sua voz me fazem ter vontade de deixar esses papéis para lá e passar meus dias nessa caverna ou em uma casinha ou á beira da água, tentando apenas solucionar o mistério que é Ky.



Capítulo 35

ky

Enquanto vou virando as páginas das histórias dos agricultores, minha própria história me volta à memória. Ela vem em lampejos, em vislumbres, como o relâmpago lá fora. Brilhante. Rápido. Não consigo dizer se estou ficando cego. A chuva desaba e imagino o rio lá fora arrastando tudo. Passando por cima do nome entalhado na pequena pedra de Sara e deixando os ossos dela desguarnecidos.

O pânico cresce dentro de mim. Não posso ficar preso aqui. Não posso ter chegado tão perto da liberdade e fracassar.

Encontro um caderno de papel pautado coberto por um rabicho infantil. S. S. S. Uma letra difícil de aprender para quem está começando. Será que foi a filha de Hunter quem escreveu isso?

"Acho que agora você já tem idade suficiente", meu pai me disse, entregando-me um pedaço de choupó que tinha trazido do cânion. Ele também tinha um, e fez uma marca na lama deixada pela chuva na noite anterior. "É uma coisa que eu aprendi nos cânions. Olha. K. É assim que o seu nome começa. Dizem que a primeira coisa que você deve ensinar para uma pessoa é sempre o nome dela. Desse jeito, mesmo que ela nunca aprenda a escrever mais nada, sempre terá alguma coisa."

Depois ele me disse que ia ensinar as outras crianças também.

"Por quê?", perguntei. Eu tinha 5 anos. Não queria que ele ensinasse outras pessoas.

Ele sabia o que eu estava pensando "Não é saber escrever que faz de você uma pessoa interessante", ele disse. "É o que você escreve."

"Mas se todo mundo souber escrever, eu não vou ser especial", argumentei.

"Essa não é a única coisa que importa", ele disse.

"Você quer ser especial", eu disse. Já naquela época eu sabia. "Você quer ser o Piloto."

"Quero ser o Piloto pra poder ajudar as pessoas", ele me disse.

Assenti. Acreditei nele. Acho que ele também acreditava em si mesmo.

Outra lembrança passa feito um raio por minha mente: certa ocasião em que, a pedido do meu pai, percorre o vilarejo levando um bilhete de casa em casa, para que todos lessem. O papel informava o dia e a hora da próxima reunião, e assim que voltei para casa, meu pai o queimou.

"Sobre o que é essa reunião?", perguntei.

"Os agricultores se recusaram mais uma vez a se juntar à Insurreição."

"O que você vai fazer?", minha mãe perguntou.

Ele adorava os agricultores. Foram os agricultores, e não a Insurreição, que o ensinaram a escrever. Mas a Insurreição o procurou primeiro, antes da nossa Reclassificação. Eles planejavam lutar, e meu pai adorava lutar. "Continuarei sendo leal à Insurreição", ele disse. "Mas vou continuar negociando com os agricultores."

Indie inclina o corpo e me encara. Esboça um leve sorriso e vejo que sua mão está pousada em cima da mochila, como se tivesse acabado de enfiar alguma coisa lá dentro. O que será que ela encontrou?

Eu a observo fixamente até que ela desvia os olhos. O que quer que seja, ela também não mostrou para Cassia. Vou ter que descobrir mais tarde.

Alguns meses antes do último ataque, meu pai me ensinou a lidar com fiação elétrica. Era o trabalho dele — consertar todo tipo de fiação de tudo que quebrava no vilarejo. As coisas viviam quebrando e estávamos acostumados com isso. Todos os nossos equipamentos eram restos e sobras da Sociedade, assim como nós mesmos. Os mecanismos de aquecimento da comida estavam sempre com defeito. Tínhamos inclusive ouvido boatos de que as refeições que a Sociedade nos fornecia eram produzidas em massa e continham vitamas padronizadas, ao contrário do que acontecia nas outras Províncias, onde cada pessoa recebia refeições balanceadas e preparadas de acordo com as necessidades individuais.

"Se você puder cuidar do meu trabalho aqui", ele disse, "como consertar as máquinas de comida e os aquecedores das casas, posso continuar viajando para o cânion. Ninguém vai contar para a Sociedade que você está trabalhando no meu lugar".

Fiz que sim com a cabeça

"Nem todo mundo é bom com as mãos", meu pai me disse, recostando-se na cadeira. "Você é. Herdou isso de mim e da sua mãe."

Olhei de relance para a minha mãe, que estava pintando em um canto da sala, e encarei de novo os fios que eu segurava na minha mão.

"Eu sempre soube o que queria fazer", disse meu pai. "Eu sabia como obter uma pontuação baixa para que me dessem um posto de trabalho na área de consertos mecânicos."

"Foi arriscado", comentei.

"Foi", ele concordou, "mas vim para onde eu devia estar". Ele sorriu para mim, olhou em volta e sorriu para as Províncias Exteriores, lugar que ele adorava e ao qual pertencia. Depois ficou sério. "Agora, vamos ver se você consegue fazer o que eu fiz."

Eu rearranjei os fios e as abas plásticas e consertei o *timer*, do jeito que ele tinha me mostrado, com uma pequena alteração.

“Bom”, disse meu pai, e parecia satisfeito. “Você tem intuição, também. A Sociedade diz que isso não existe, mas existe, sim.”

O livro que eu pego a seguir é pesado, e na capa está impressa a palavra LIVRO-RAZÃO. Viro as páginas com cuidado, começando de trás para a frente. Embora eu já meio que esperasse, ainda dói quando vejo as negociações dele registradas ali. Sei que são elas por causa de sua assinatura nas linhas e pelas datas mencionadas. Ele foi um dos últimos a continuar negociando com os agricultores, mesmo quando ainda nas Províncias Exteriores se tornava cada vez mais perigosa. Ele achava que desistir seria um sinal de fraqueza.

Como está escrito nos panfletos, há sempre um Piloto e outros sendo preparados para assumir o lugar do Piloto assim que ele ou ela sucumbir. Meu pai jamais foi o Piloto, mas era um dos que estavam esperando na fila.

“Faça o que a Sociedade te mandar fazer”, eu disse a ele quando fiquei mais velho e entendi o grau dos riscos que ele corria.

“Assim a gente não vai se meter em encrenca.”

Mas ele não conseguia se conter, não sabia se refrear. Era inteligente e esperto, mas era um homem de ação, que não tinha sutileza e nunca soube quando parar. Isso eu já via e sabia mesmo quando ainda era só uma criança. Não bastava entrar nos cânions para negociar ele tinha que trazer textos e escritos. Não bastava me ensinar — ele tinha que ensinar para *todas* as crianças e depois os pais delas. Não bastava saber da Insurreição — ele tinha que ir além.

Foi por culpa dele que a gente morreu. Ele passou do limite e correu riscos demais. Se não fosse por ele as pessoas não estariam todas juntas para uma reunião.

E depois do derradeiro ataque, quem foi resgatar os sobreviventes?

A Sociedade. Não a Insurreição. Eu vi como eles deixam para trás as pessoas quando não precisam mais delas. Eu tenho medo da Insurreição. Mais que isso, tenho medo de quem eu seria na Insurreição.

Caminho até o lugar onde Indie estava de pé quando enfiou alguma coisa na mochila. Em cima da mesa à minha frente há uma caixa impermeável cheia de mapas.

Olho de esguelha para Indie. Ela mudou de lugar. Seus dedos folheiam as páginas de um livro e sua cabeça me lembra uma flor de iúca com as pétalas para baixo, viradas na direção do chão.

— Nosso tempo está se esgotando aviso os outros, erguendo a caixa. — Vou achar um mapa pra cada um, caso a gente tenha que se separar.

Cassia assente. Ela encontrou outra coisa interessante. Não consigo ver o que é, mas posso ver a alegria no rosto dela e o modo como seu corpo se estica e enrijece de empolgação. A própria ideia da Insurreição a enche de vida. É o que ela quer. Talvez seja inclusive o que o avô dela queria que ela encontrasse.

Sei que você veio até o cânion por mim, Cassia. Mas a Insurreição é o único lugar para o qual não sei se posso ir por você.



Capítulo 36

Cassia

KY POUSA UM MAPA SOBRE A MESA E PEGA UM PEQUENO LÁPIS DE CARVÃO.

— Achei outro que a gente pode usar — ele anuncia e começa a fazer marcações na página. — É um pouco antigo. Vou ter que dar uma atualizada nele.

Pego outro livro e folheio as páginas, procurando algo que possa nos ajudar, mas em vez disso acabo compondo um poema na minha cabeça. É *sobre Ky*, não *para* ele, e me vejo copiando o estilo do autor misterioso.

Marquei num mapa cada morte

Cada golpe, dor e má sorte;

Meu mundo inteiro, uma página escura.

Nada restara daquela neve, tão pura.

Olho para Ky. Assinalando no mapa, suas mãos se movem rápida e cuidadosamente, a mesma agilidade de quando escrevem, e certamente de quando tocam meu corpo.

Ele não me olha e me pego desejando. Eu quero Ky. Quero saber o que ele pensa e o que ele sente. Por que Ky precisa ter essa capacidade de se sentar tão quieto, de ficar tão imóvel, de ver tanto?

Como ele pode ao mesmo tempo me atrair e me manter tão longe?

— Preciso ir lá fora — digo mais tarde, bufando de frustração. Não encontramos nada de concreto, somente páginas e mais páginas de história e propaganda sobre a Insurreição, a Sociedade e os próprios agricultores. No começo foi fascinante, mas agora sei do rio lá fora, subindo cada vez mais. Minhas costas doem, minha cabeça dói, e sinto um ligeiro tremor de pânico no peito. Será que estou perdendo a habilidade de classificar? Primeiro a decisão equivocada sobre os comprimidos azuis, agora isso. — Os relâmpagos já passaram?

— Acho que sim. Vamos sair pra ver — diz Ky.

Na caverna abarrotada de comida. Eli dorme encolhido no chão, rodeado de mochilas cheias de maçãs.

Ky e eu saímos. A chuva desaba, mas no ar não há mais eletricidade.

— A gente pode partir assim que raiar o dia — ele diz.

Olho para ele, para sua silhueta escura iluminada fracamente pela lanterna que ele carrega. A Sociedade jamais saberia o que escrever no microcartão dele. *Pertence à terra, sabe correr*. Jamais saberiam como definir em palavras o que ele é.

— Ainda não encontramos nada. — Tento rir. — Se eu tiver que voltar, a Sociedade vai ter que mudar o meu microcartão. A frase *Demonstra ser excepcionalmente promissora na classificação* teria que ser apagada.

— O que você tá fazendo é mais do que classificar — Ky responde, e não diz mais nada a respeito. — A gente devia descansar se conseguirmos.

Ele não está tão animado ou determinado quanto eu encontrar a Insurreição, constato. Está tentando me ajudar, mas se eu não estivesse aqui, ele não se esforçaria nem um pouco para encontrar uma maneira de se juntar aos rebeldes.

De repente eu penso nas palavras daquele poema. *Não te alcançarei*.

Afasto para longe essas palavras. Estou cansada, é só isso, me sentindo frágil. E então eu percebo que ainda não ouvi a história completa de Ky. Ele tem motivos para se sentir do jeito que se sente, mas não conheço todos eles.

Penso em todas as coisas que ele sabe fazer — escrever, entalhar, esculpir, pintar — e subitamente, vendo-o de pé na escuridão do assentamento vazio, uma coisa dolorosa toma conta de mim. *Não há lugar na Sociedade para alguém como ele, eu penso, para alguém que é capaz de criar. Ele pode fazer tantas coisas de valor incomparável, e a Sociedade não dá a mínima para isso.*

Eu me pergunto se quando Ky olha para esse município vazio ele vê um lugar do qual poderia ter feito parte, ao qual poderia ter pertencido. Onde poderia ter escrito com os outros, onde as meninas bonitas teriam sabido dançar.

— Ky — digo. — Quero ouvir o resto da sua história.

— A história inteira? — ele pergunta, sério.

— O que você quiser me contar.

Ele me olha. Levo as mãos dele aos meus lábios e beijo os nós dos dedos, os arranhões nas palmas. Ele fecha os olhos.

— Minha mãe pintava com água — ele diz. — E meu pai brincava com fogo.



Capítulo 37

ky

ENQUANTO A CHUVA CAI, EU ME PERMITO IMAGINAR UMA HISTÓRIA PARA NÓS DOIS. A história que eu escreveria se pudesse.

Os dois esqueceram a Insurreição e ficaram sozinhos no município. Caminhavam entre os prédios vazios, plantavam sementes na primavera e colhiam no outono. Molhavam os pés no riacho. Empanturavam-se de poesia. Sussurravam um para o outro palavras que ecoavam nas paredes, vazias do cânion. Seus lábios e suas mãos se tocavam sempre que os dois queriam, pelo tempo que queriam.

Mas mesmo na minha versão de como as coisas deveriam ser, não posso mudar o fato de que há outras pessoas a quem amamos.

Não demorou muito tempo para que outras pessoas surgissem na mente deles. Bram os observava com olhos tristes, olhos carentes. Eli apareceu. Os pais deles passavam por lá, virando a cabeça para ver os filhos que tanto amavam.

E Xander também estava lá.

De volta ao interior da caverna, Eli já acordou e está vasculhando papéis com Indie.

— A gente não pode ficar procurando pra sempre — ele diz, com pânico na voz. — A Sociedade vai achar a gente.

— Só mais um pouco — Cassia insiste. — Tenho certeza de que tem alguma coisa aqui.

Indie larga o livro que tem nas mãos e leva a mochila ao ombro.

— Estou descendo — ela anuncia. — Vou procurar de novo lá nas casas, pra ver se a gente não deixou passar alguma coisa. Saindo da caverna, os olhos dela encontram os meus e sei que Cassia percebe.

— Você acha que pegaram o Hunter? — Eli pergunta.

— Não — respondo. — Acho que o Hunter vai acabar com as coisas do seu próprio jeito.

Eli sente um calafrio.

— Aquela Caverna... tinha alguma coisa errada lá.

— Eu sei — concordo. Eli esfrega os olhos com as costas da mão e pega outro livro. — Você devia descansar mais um pouco, Eli — sugiro. — A gente continua procurando.

Eli encara as paredes ao nosso redor.

— Eu queria saber por que eles não pintaram nada aqui ele diz.

Eli — eu digo, com a voz mais firme. — *Descansa.*

Ele se enrola num cobertor, dessa vez num canto da caverna-biblioteca, para ficar perto de nós. Cassia toma o cuidado de manter o facho da lanterna longe do rosto dele. Ela prendeu o cabelo para não atrapalhar seu campo de visão e em seus olhos há sombras de cansaço.

— Você também devia descansar — digo.

— Tem alguma coisa aqui — ela responde. — Preciso encontrar. — Ela me olha e sorri. — Senti a mesma coisa quando estava te procurando. Às vezes eu acho que sou mais forte quando procuro algo.

É verdade. Ela é. Adoro isso nela. E por isso que tive que mentir para ela sobre o segredo de Xander. Caso contrário ela não teria parado de tentar descobrir o que era.

Fico de pé.

— Vou ajudar a Indie — digo a Cassia. É hora de descobrir o que Indie está escondendo.

— Tudo bem — Cassia diz. Ao levantar a mão do livro, ela desmarca a página que estava lendo. — Toma cuidado.

— Vou tomar — respondo. — Volto logo.

Não é difícil encontrar Indie. Uma luz bruxuleante numa das casas denuncia seu paradeiro, o que ela com certeza já sabia. Desço pela trilha do despenhadeiro, que por causa da chuva está escorregadia.

Assim que chego, primeiro olho pela janela da casa. A velha vidraça está molhada e embaçada, mas posso ver Indie lá dentro. A lanterna está ao lado dela, e nas mãos ela segura algo que irradia luz.

Um miniterminal.

Ela me ouve entrar. Dou um tapa na mão dela, mas meus dedos não conseguem agarrar o miniterminal a tempo. Ele cai no chão, mas não quebra. Ela suspira de alívio.

— Vai em frente — ela diz. — Pode olhar se quiser.

Ela fala baixinho. Na voz dela ouço o som de alguém que quer muito alguma coisa. Ouço o som do rio no cânion. Indie põe a mão no meu braço. É a primeira vez que a vejo tocar, por vontade própria, outra pessoa, e isso me impede de espatifar o miniterminal nas tábuas do assoalho.

Olho para a tela e vejo um rosto conhecido.

— *Xander!* — exclamo, surpreso. — Você tem uma foto do Xander. Mas como... — Demorou um segundo para entender o que aconteceu. — Você roubou o microcartão da Cassia.

— Foi isso que ela me ajudou a esconder aquele dia na nave — Indie diz, sem um pinga de remorso. — Ela não sabia. Escondi junto com os comprimidos dela, e guardei comigo até dar um jeito de ver o que tinha nele. — Ela estica o braço e desliga o miniterminal.

— É isso que você achou na caverna-biblioteca? — pergunto. — Um miniterminal?

Ela balança a cabeça em sinal negativo.

— Roubei isto aqui antes de irmos prós cânions.

— Como?

— Peguei do líder dos meninos no vilarejo, na véspera da fuga. Ele devia ter tomado mais cuidado. Todas as Aberrações sabem roubar.

Nem todas, Indie, penso. Só algumas de nós.

— Eles sabem onde a gente está? — pergunto. — Isso aí transmite localização? — Vick e eu nunca sabíamos o que os miniterminais podiam fazer.

Ela encolhe os ombros.

— Acho que não. A Sociedade vai vir de um jeito ou de outro, depois do que aconteceu na Caverna. Mas não era o miniterminal que eu queria te mostrar. Eu estava só matando o tempo e me distraindo enquanto você não chegava. — Começo a dizer alguma coisa sobre como ela não devia ter roubado Cassia, mas então Indie tira de dentro da mochila um retângulo de tecido grosso dobrado. Lona.

— É *isto aqui* que você precisa ver. — Ela desdobra o material. É um mapa. — Acho que é o caminho até a Insurreição — ela diz. Olha só.

As palavras no mapa estão em código, mas a paisagem é familiar: a extremidade da Escultura e a planície além. Em vez de mostrar às montanhas para onde foram os agricultores, mostra mais do riacho onde Vick morreu, que atravessa a planície e o mapa de norte a sul. O riacho termina em uma escuridão preta como tinta sobre a qual há palavras brancas escritas em código.

— Acho que é o mar — diz Indie, tocando o espaço negro no mapa. — E estas palavras indicam uma ilha.

— Por que você não deu isto pra Cassia? — pergunto. — Ela é uma classificadora.

— Eu queria dar pra você — ela responde. — Por causa de quem você é.

— Como assim? Do que você tá falando?

Ela balança a cabeça, impaciente.

— Eu sei que você consegue decifrar o código, sei que você sabe classificar.

Indie tem razão. Eu sei classificar. Já descobri o que as palavras escritas em branco querem dizer. *De novo regressa ao lar.*

É do poema de Tennyson. É território da Insurreição. Lar, é assim que eles chamam. E o caminho para chegar até lá é seguindo o riacho onde a Sociedade despejou veneno e Vick morreu.

— Como você sabe que eu sei classificar? — pergunto, pondo de lado o mapa e fingindo que ainda não o decifrei.

— Andei de ouvidos atentos — ela responde. Depois inclina o corpo para a frente. Sentado com Indie à luz da lanterna, parece que o resto do mundo foi engolido pelas trevas e fiquei sozinho com ela e o que ela pensa de mim. — Eu sei quem você é. — Ela chega ainda mais perto. — E quem você devia ser.

— Quem eu devia ser? — pergunto. Não me afasto dela. Ela sorri.

— O Piloto.

Dou uma gargalhada e me reclino.

— Não. E aquele poema que você deu pra Cassia? Lá fala que o piloto é uma mulher.

— Não é um poema — ela retruca, em tom feroz.

— Uma canção — eu digo, me dando conta. — As palavras costumavam ser acompanhadas por música. — Eu já devia saber.

Indie bufa de frustração.

— Tanto faz *como* o Piloto vem ou se é homem ou mulher, isso não importa. A ideia é a mesma. Agora eu entendo isso.

— Mesmo assim, eu continuo não sendo o Piloto.

— Você *é*, sim — ela reafirma. — Só que você não quer ser, por isso tá fugindo da Insurreição. Alguém precisa te levar de volta pra rebelião. É isso que eu estou tentando fazer.

— A Insurreição não é o que você imagina — alego. — Não é um bando de Aberrações, Anomalias, rebeldes e marginais vivendo em liberdade. É uma estrutura. Um sistema.

Ela dá de ombros.

— O que quer que seja, quero ser parte dela. Venho pensando nisso a minha vida inteira.

— Se você acha que isto vai nos levar até a Insurreição, por que está dando pra mim? — pergunto, erguendo o mapa. — Por que você não entrega direto pra Cassia?

— Somos iguais — ela murmura. — Eu e você. Somos mais parecidos do que você e a Cassia. A gente podia ir embora daqui agora.

Ela tem razão. Eu realmente me vejo em Indie. Sinto por ela uma piedade tão grande que pode até ser outra coisa completamente diferente. Empatia. Para sobreviver é preciso acreditar em alguma coisa. Ela escolheu a Insurreição. Eu escolhi Cassia.

Faz muito tempo que Indie vive na surdina. Se escondendo. Fugindo. Em movimento. Ponho minha mão perto da dela. Sem tocar seus dedos. Mas ela pode ver as marcas. A primeira vez que vivi aqui me deixou cicatrizes que nenhum Cidadão da Sociedade teria.

Ela olha para a minha mão.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo você é uma Aberração?

— Desde criança. Eu tinha 3 anos quando Reclassificaram a minha família.

— Por causa de quem?

Não quero responder, mas posso ver que estamos no limite, na beira de um precipício. É como se ela se agarrasse às paredes do cânion. Se eu fizer um movimento em falso ela vai olhar por cima do ombro, soltar as mãos e se arriscar na queda. Preciso contar a ela um pedaço da minha história.

— Meu pai — respondo. — Éramos cidadãos na Sociedade. Vivíamos numa das Províncias da Fronteira. Aí a Sociedade o acusou de ter laços com uma rebelião e mandou a gente pras Províncias Exteriores.

— Ele *era* um rebelde?

— Era. E depois, quando a gente se mudou pras Províncias Exteriores, ele convenceu nosso vilarejo inteiro a se juntar a ele. Quase todo mundo da aldeia morreu.

— Mas você ainda ama ele — ela diz.

Estou na beira do abismo com ela. Ela sabe. Tenho que contar a verdade se quiser que ela continue se agarrando.

Respiro fundo.

— É claro que eu amo.

Eu disse. A mão dela está no chão junto da minha, sobre as tábuas rachadas do assoalho. Lá fora a chuva cai em salpicos dourados e prateados no facho da minha lanterna. Sem pensar, toco os dedos dela, delicadamente.

— Indie — digo para ela. — Eu não sou o Piloto.

Ela balança a cabeça. Não acredita em mim.

— Só lê o mapa — ela me diz. — Aí você vai saber de tudo.

— Não — eu digo. — Não vou saber de tudo. Não vou saber qual é a sua história. — É uma coisa cruel de fazer, porque quando alguém conhece a sua história, conhece você. E pode te machucar. É por isso que conto a minha em partes, até mesmo para Cassia. — Se eu vou com você, preciso saber mais sobre você. — Estou mentindo. Aconteça o que acontecer, não vou com ela até a Insurreição. Será que ela sabe disso?

— Tudo começou quando você fugiu — eu digo, incentivando-a a falar.

Ela me olha, indecisa. De repente — embora ela seja tão arisca —, quero estender os braços e puxá-la para perto. Não do mesmo jeito que eu abraço Cassia. Simplesmente como alguém que também sabe o que significa ser uma Aberração.

— Tudo começou quando eu fugi — ela diz.

Eu chego mais perto para ouvir. À medida que começa a se lembrar, ela passa a falar mais baixo que o habitual.

— Eu queria escapar daquele campo de trabalho. Quando eles me arrastaram de volta para a nave, achei que tinha perdido a minha última chance de fugir. Eu sabia que a gente ia morrer nas Províncias Exteriores. Então eu vi a Cassia na nave. Ali não era o lugar dela, nem no campo. Eu tinha mexido nas coisas dela e sabia que ela não era uma Aberração. Então por que ela embarcou escondida? O que ela achou que ia encontrar?

Indie fala olhando direto nos meus olhos, e posso ver que ela está dizendo a verdade. Pela primeira vez ela está sendo completamente franca. Ela é bonita quando não está escondendo o jogo.

— Depois, no vilarejo, ouvi a Cassia falando com aquele menino sobre o Piloto, e sobre você. Ela queria ir atrás de você, e foi quando achei pela primeira vez que você podia ser o Piloto. Achei que a Cassia *sabia* que você era o Piloto, mas estava guardando segredo. — Indie dá uma gargalhada. — Mais tarde percebi que ela não estava mentindo pra mim. Ela não me falou que você era o Piloto porque ela mesma não tinha sacado.

— Ela tá certa. Eu não sou — insisto.

Indie balança a cabeça, ignorando o que eu disse.

— Tudo bem. Mas e os comprimidos vermelhos?

— Como assim?

— Eles não fazem efeito em você, não é? — ela pergunta.

Não respondo, mas ela sabe.

— Não funcionam comigo também — ela diz. — E aposto que nem com o Xander. — Ela não me espera confirmar nem negar. — Acho que

alguns de nós somos especiais. A Insurreição escolheu a gente. Por que outro motivo seríamos imunes? — A voz dela está ansiosa e mais uma vez sei como ela se sente. Passar de rejeitado a escolhido... é o que toda Aberração quer.

— Se isso é verdade, então, a Insurreição não fez coisa alguma pra salvar a gente quando a Sociedade nos mandou pra lá. — Faço questão de lembrá-la.

Indie me olha com desprezo.

— Por que nos salvariam? Se a gente não consegue encontrar nosso caminho por conta própria, não merece fazer parte da rebelião. — Ela ergue o queixo. — Eu não sei dizer exatamente o que está escrito no mapa, mas sei que ele mostra como chegar à Insurreição. É como a minha mãe disse que seria. Aquela parte preta é o mar. O ponto onde estão as palavras, aquilo é uma ilha. À gente só tem que chegar lá. E *eu* achei o mapa. Não a Cassia.

— Você tá com ciúme dela — alego. — Foi por isso que deixou ela tomar o comprimido azul?

— Não. — Indie parece surpresa. — Nem vi ela tomando. Eu teria impedido. Não queria que ela morresse.

— Mas quer abandonar ela aqui. E o Eli.

— Não é a mesma coisa. A Sociedade vai encontrar a Cassia e levar ela pro lugar a que ela pertence. Ela vai ficar bem. O Eli também. Ele é jovem demais. Deve ter ido parar lá por engano.

— E se não foi um engano? — pergunto.

Ela me lança um olhar penetrante e demorado.

— Você já deixou gente para trás e fugiu. Não aja como senão entendesse.

— Não vou deixar ela aqui.

— Não achei que faria isso — Indie rebate. Mas ela não desiste. — Em parte foi por isso que te dei o papelzinho sobre o segredo do Xander. Pra te lembrar.

— Me lembrar do quê?

Indie sorri.

— De que você vai fazer parte da Insurreição, de um jeito ou de outro. Você não quer ir comigo, tudo bem. Mas vai se juntar à Insurreição, aconteça o que acontecer. — Ela pega o miniterminal e eu não a impeço. — E você vai se juntar aos rebeldes porque isso é o que a Cassia quer.

Balanço a cabeça. Não.

— Você não acha que seria melhor pra você fazer parte da Insurreição? — Indie pergunta, abruptamente. Quem sabe o líder, até? Caso contrário, por que ela escolheria você se poderia ter o Xander?

Porque a Cassia me escolheria?

Ocupações previstas: funcionário do centro de descarte de nutrição, falso aldeão.

Probabilidade de ser bem-sucedido: não aplicável a Aberrações.

Previsão de expectativa de vida: 17 anos. Enviado para morrer nas Províncias Exteriores.

Cassia argumentaria que não me vê do mesmo jeito que a Sociedade me vê. Ela diria que a lista deles não importa.

É para ela não importa mesmo. É um dos motivos pelos quais eu a amo.

Mas não acho que ela me escolheria se soubesse o segredo de Xander. Indie me deu o papelzinho porque queria manipular minhas inseguranças com relação a Cassia e Xander. Mas aquele papel — e o segredo — significam mais do que Indie supõe.

Meu rosto deve denunciar alguma coisa — a verdade do que Indie disse. Ela arregala os olhos e quase posso ver os pensamentos dela se encaixando: minha relutância em fazer parte da Insurreição. O rosto de Xander no microcartão. A obsessão da própria Indie por ele e por encontrar a rebelião. No caleidoscópio rodopiante e determinado da mente brilhante e peculiar de Indie essas peças formam uma figura que mostra a ela a verdade.

— É isso — ela diz, com voz firme. — Você não pode deixar a Cassia ir sozinha pra Insurreição ou correr o risco de perdê-la. — Ela sorri. — Porque esse é o segredo: o Xander faz parte da Insurreição.

Foi uma semana antes do Banquete do Par.

Eles vieram falar comigo quando eu estava voltando a pé para casa.

"Você não tá cansado de perder, não gostaria de vencer, não gostaria de se juntar a nós, *conosco* você pode vencer"

Eu disse "não". Disse que já os tinha visto perder e que preferia perder do meu próprio jeito.

Xander me procurou na noite seguinte. Eu estava no jardim da frente da casa, plantando rosas novas no canteiro de Patrick e Aida. Ele ficou de pé ao meu lado sorriu e agiu como se estivéssemos conversando sobre algo corriqueiro e banal.

"Você se juntou a eles?", Xander perguntou.

"Me juntei a quem?", perguntei. Limpei o suor do rosto. Naquela época eu gostava de cavar a terra. Não fazia ideia do quanto eu teria de fazer isso mais tarde.

Xander se abaixou e fingiu estar me ajudando.

"A rebelião", ele disse baixinho. "Contra a Sociedade. Alguém me procurou essa semana. Você faz parte, não faz?"

"Não", respondi.

Ele ficou de olhos arregalados.

"Achei que fazia. Tinha certeza disso."

Balancei a cabeça em sinal negativo.

"Achei que nós dois faríamos parte", ele disse. A voz dele estava estranha, confusa. Eu nunca tinha visto o Xander daquele jeito. "Achei que você sabia o tempo todo." Ele fez uma pausa. "Acha que chamaram ela também?"

Nós dois sabíamos de quem ele estava falando. Cassia. É claro.

"Não sei", respondi. "É provável. Eles chamaram a gente. Devem ter uma lista de pessoas pra recrutar no Bairro."

"O que acontece com as pessoas que dizem não?" Xander me perguntou. "Eles te deram um comprimido vermelho?"

"Náo", respondi.

"Talvez não tenham acesso aos comprimidos vermelhos", disse Xander. "Eu trabalho no centro médico e nem sei onde guardam os vermelhos. É em algum lugar longe dos azuis e dos verdes."

"Ou talvez a rebelião só convide pessoas que não vão denunciar o movimento" argumentei.

"Mas como eles saberiam disso?"

"Alguns deles ainda estão na Sociedade", eu o lembrei. "Eles têm nossos dados. Podem tentar prever o que vamos fazer." Fiz uma pausa. "E estão certos. Você não vai denunciar os rebeldes porque se juntou a eles. E eu não vou entregar ninguém porque não me juntei."

E porque sou uma Aberração, pensei, mas não falei. A última coisa que eu quero é chamar atenção. Especialmente fazendo uma denúncia sobre uma rebelião.

"Por que você não entrou pra rebelião?", Xander perguntou. Em sua voz não havia o menor resquício de zombaria. Ele apenas queria saber. Pela primeira vez desde que o conheci, vi em seus olhos algo parecido com medo.

"Porque não acredito nela", respondi.

Xanrler e eu jamais soubemos ao certo se a rebelião procurou Cassia. E não sabíamos se ela tinha tomado um comprimido vermelho. Não podíamos fazer essas perguntas a ela sem colocá-la em perigo.

Depois, quando a vi lendo aqueles dois poemas na floresta, achei que tinha tomado a decisão errada. Achei que ela tinha o poema de Tennyson porque era um poema da Insurreição, e que eu tinha perdido a chance de estar na rebelião junto com ela. Mas então descobri que o poema que ela realmente amava era outro. Ela escolheu o próprio caminho. Eu me apaixonei por ela mais ainda.

— Você quer mesmo entrar para a Insurreição? — pergunto a Indie.

— Sim — ela responde — *Quero*.

— Não rebato — Você quer isso agora. Talvez até seja feliz lá por alguns meses, alguns anos, mas não é pra você.

— Você não me conhece.

— Conheço, sim. — Eu me inclino rapidamente para mais perto dela e toco sua mão de novo. Ela prende a respiração. — Esquece tudo isso. A gente não precisa da Insurreição. Os agricultores já estão lá vamos todos juntos, eu, você, a Cassia e o Eli. Pra algum lugar novo. O que aconteceu com a menina que queria ir embora e perder a praia de vista? — Agarro e aperto com força a mão dela.

Indie ergue os olhos, perplexa. Quando Cassia me contou a história de Indie, entendi o que tinha acontecido. Indie já tinha contado tantas vezes a versão da mãe dela e da canoa e da água que ela mesma também começou a acreditar.

Mas agora ela se lembra do que está tentando esquecer. A história não era sobre a mãe dela. Era sobre ela mesma. Depois de ouvir a vida toda a canção da mãe, Indie construiu a canoa e causou sua própria Reclassificação. Ela fracassou em sua tentativa de encontrar a Insurreição, e sequer conseguiu ir longe o bastante a ponto de perder de vista a praia. No fim das contas a Sociedade a mandou para longe do oceano, para morrer no deserto.

Sei que foi isso que aconteceu porque conheço Indie. Ela não é o tipo de pessoa que observa alguém construir uma canoa e se lançar ao mar sem ela.

Indie quer tanto encontrar a Insurreição que não consegue enxergar mais nada. Certamente não me enxerga. Sou ainda pior do que ela pensava.

— Sinto muito, Indie — digo e sinto muito mesmo. Meu corpo inteiro dói por aquilo que estou prestes a fazer. — Mas a Insurreição não pode salvar *nenhum de nós*. Eu vi o que acontece com quem se junta a eles. — Acendo um

fósforo na ponta do mapa. Indie berra, mas eu a seguro. O fogo lambe o tecido.

— *Não!* — ela grita, tentando agarrar de novo o mapa. Eu a afarto. Ela olha em volta, mas nós dois deixamos os cantis na caverna. — *Não!* — ela berra mais uma vez e corre porta afora.

Não tento impedi-la. O que quer que ela tente fazer — pegar água da chuva ou ir até o rio — vai demorar muito. O mapa começa a arder e a ser destruído. O ar se enche novamente do cheiro de queimado.



Capítulo 38

Cassia

É DIFÍCIL ME CONCENTRAR NAS PALAVRAS À MINHA FRENTE QUANDO FICO IMAGINANDO O QUE ESTÁ SENDO DITO À NOITE DO LADO DE FORA DA CAVERNA. Eu me pego lendo poesia de novo, a continuação do poema *Não Te alcancei*.

O Mar surge, por fim — Pisem com alegria, meus pés,

Falta tão pouco a percorrer —

Brincar juntos é nosso destino.

Mas agora é labutar.

Os últimos passos os mais leves serão

Que teremos a dar.

O poema termina aqui, embora dê para perceber que há outras estrofes. Está faltando a página seguinte do livro. Mas mesmo nesses poucos e breves versos, ouço o poeta falando comigo. Embora já tenha morrido, ele ou ela ainda tem uma voz.

Por que eu não tenho?

De repente, constato que é por isso que me sinto tão atraída pela poesia desse autor. Não são apenas as palavras em si, mas uma sensação de *como* ele foi capaz de escrevê-las e fazer delas suas próprias palavras.

Não há tempo para isso agora, lembro a mim mesma. A caixa seguinte está abarrotada de livros muito parecidos entre si; todos têm a palavra LIVRO-

RAZÃO gravada nas capas de couro. Pego um deles, abro e leio algumas linhas:

Treze páginas de história, por cinco comprimidos azuis. Taxa de negociador: um comprimido azul.

Um poema, Rita Dove, impressão original, por informações acerca de movimentos da Sociedade. Taxa do negociador: acesso a informações trocadas.

Um romance, Ray Brandbury, terceira impressão, por um terminal de mão e quatro lâminas de vidro de um local da Restauração. Taxa de negociação: duas lâminas de vidro.

Uma página do Livro, por três frascos de remédios. Taxa do negociador: nada. O negociador estava executando uma troca pessoal em seu próprio nome.

Então é assim que as negociações eram feitas e por isso que tantos livros estão rasgados, as páginas soltas. Os agricultores reconstruíam os livros, mas também tinham de despedaçá-los, arrancar e separar suas páginas, determinar se um valor, negociá-los aos pedaços. Esse pensamento me deixa triste, embora, é claro, isso fosse o que eles tinham de fazer. É como o que os Arquivistas fazem, e o que eu fiz quando guardei os comprimidos e negocieei a bússola.

Os comprimidos. Os bilhetes de Xander. Será que "ele escondeu alguma coisa secreta neles? Abro o receptáculo e despejo o conteúdo em cima da mesa, em duas fileiras: uma de comprimidos azuis, uma de papeizinhos.

Nenhum dos papéis diz coisa alguma sobre um segredo.

Ocupação prevista: Funcionário.

Probabilidade de ser bem-sucedido: 99,9%.

Previsão de expectativa de vida: 80 anos.

Cada linha de informação eu já sei ou poderia ter deduzido.

Sinto olhos em mim. Alguém está parado na porta da caverna. Eu olho e aponto a lanterna por sobre o chão de areia até a entrada e começo a jogar dentro da bolsa os comprimidos e papeizinhos.

— Ky. Eu estava...

A figura é alta demais para ser Ky. Apavorada, aponto o facho de luz para o rosto e ele protege os olhos com as mãos. Em seus braços marcados de azul há filetes de sangue ressecado.

— Hunter. Você voltou.

— Eu queria fugir — Hunter diz.

No começo acho que ele está se referindo à Caverna, mas aí percebo que está respondendo à pergunta que Indie tinha feito antes da nossa escalada — *O que você queria?*

— Mas você não podia — digo, compreendendo. Ele se aproxima e os papéis que sobram em cima da mesa à minha frente ameaçam esvoaçar. — Por causa da Sara.

— Ela estava morrendo — diz Hunter. — Não podia ser movida.

— Os outros não podiam esperar *vocês?* — pergunto, chocada.

— Não havia tempo — ele responde. — Isso podia ter colocado a fuga em risco. Outros que não eram rápidos o bastante pra cruzar a planície decidiram lutar, mas ela era uma criança e estava muito doente. Um músculo se contrai na bochecha de Hunter, e quando ele pisca as lágrimas escorrem por seu rosto. Ele as ignora. — Fiz um acordo com os outros que ficaram. Eu os ajudei a armar os explosivos na Escultura e em troca eles me deixaram ficar com a Sara em vez de esperar para lutar. — Ele balança a cabeça. — Não sei por que não funcionou. As naves deviam ter vindo.

Não sei o que dizer. Ele perdeu a filha e todas as pessoas que conhecia.

— Você ainda pode encontrar os outros na planície. Não é tarde demais.

— Voltei porque eu prometi fazer uma coisa — ele diz. — Lá na Caverna eu me esqueci de tudo isso. — Ele caminha até uma das grandes caixas em cima da mesa e tira a tampa. Enquanto estou aqui, posso te mostrar como encontrar a rebelião.

Meus dedos formigam de expectativa e deixo o poema sobre a mesa. *Finalmente*. Alguém que sabe alguma coisa concreta sobre a Insurreição.

— Obrigada — digo. — Você vai com a gente? É insuportável pensar nele sozinho.

Hunter ergue os olhos.

— Tinha um mapa aqui — ele diz. Alguém pegou.

— *A Indie* — digo. Só pode ser. — Ela saiu faz pouco tempo. Não sei pra onde ela foi.

— Vi uma luz numa das casas — diz Hunter.

— Vou con você — digo, olhando de relance para Eli, que dorme num canto da caverna.

— Ele vai ficar bem — Hunter me tranquiliza. — A Sociedade ainda não está aqui.

Saímos da caverna e eu sigo Hunter pela trilha molhada da chuva, ansiosa para encontrar Indie e pegar de volta o que ela escondeu de nós.

Mas, quando abrimos a porta da casinha iluminada, damos de cara com Ky, a luz bruxuleando em seu rosto enquanto ele queima o mapa do lugar para onde eu queria ir.



Capítulo 39

ky

VEJO CASSIA PRIMEIRO, E DEPOIS HUNTER ATRÁS DELA, E SEI QUE PERDI. Mesmo que o mapa pegue fogo, Hunter pode ensinar a ela o caminho para a Insurreição.

Ela arranca o mapa de mim e o joga no chão, pisando nele para apagar as chamas. As pontas se esfarelam em fragmentos de cinza preta, mas a maior parte do mapa está intacta.

Ela vai para a Insurreição.

— Você ia esconder isso de mim — ela diz. — Se o Hunter não tivesse voltado, eu nunca saberia como encontrar a Insurreição.

Não respondo. Não há o que dizer.

— O que mais você tá escondendo? — Cassia me pergunta, com a voz trêmula. Ela pega o mapa e o segura nas mãos. Cuidadosamente. Do jeito que ela costumava segurar a poesia na Colina. — Você mentiu sobre o segredo do Xander, não foi? O que é?

— Não posso te contar.

— Por que não?

— Não é meu segredo. É dele.

Não é apenas egoísmo que me impede de revelar o segredo de Xander. Sei que ele queria contar pessoalmente a ela. Devo isso a ele. Ele sabia do *meu* segredo — meu status de Aberração — e nunca contou a ninguém. Nem para Cassia.

Isso não é um jogo. Ele não é meu adversário e Cassia não é um prêmio.

— Mas isso aqui — ela diz, olhando para o mapa. — É uma escolha. Você ia jogar fora a minha oportunidade de *escolher*.

O ar na casa está impregnado do cheiro ácido e amargo do tecido queimado. Vejo que Cassia está me encarando com o olhar de um classificador. Analisando fatos. Calculando. Tomando uma decisão. Sei o que ela está vendo — o menino da tela com a lista da Sociedade ao lado. Não o que ficou junto dela na Colina ou o que segurou a mão dela na escuridão do cânion sob o luar.

— Cadê a Indie? — ela pergunta.

— Foi lá pra fora — respondo.

— Vou procurá-la — diz Hunter e desaparece porta afora, deixando-me a sós com Cassia.

— Ky — ela diz. Isto aqui é a *Insurreição*. — Dá para notar uma ponta de empolgação em sua voz. — Você não quer fazer parte de uma coisa que pode mudar tudo?

— *Não* — respondo, e ela recua como se eu tivesse batido nela.

— Mas a gente não pode fugir para sempre ela argumenta.

— Eu passei *anos* quieto, na minha — digo. — O que você acha que eu estava fazendo lá na Sociedade? — Então minhas palavras saem num jorro e não consigo parar. — Você tá apaixonada pela *ideia* da Insurreição. Mas na verdade não sabe o que é. Você não sabe o que é tentar se rebelar e ver todo mundo ao seu redor morrer. *Você não sabe*.

— Você odeia a Sociedade — Cassia diz. Ainda tentando fazer as contas, juntar as peças do quebra-cabeça, dar sentido às coisas. — Mas não quer fazer parte da Insurreição.

— Eu não confio na Sociedade, e não acredito em rebeliões. Não escolho nem uma nem outra. Já vi o que as duas são capazes de fazer.

— Então o que sobra? — ela pergunta.

— A gente pode se juntar aos agricultores — sugiro.

Mas acho que ela não me dá ouvidos.

— Só me diz *por quê* — ela diz. — Por que você mentiria pra mim? Por que roubaria de mim uma escolha?

O olhar dela está mais calmo e ela volta a me ver como Ky — a pessoa que ela ama e de certa maneira isso é ainda pior. Todas as razões pelas quais menti passam por minha cabeça: *porque não posso te perder, porque eu estava com ciúme, porque não confio em ninguém, porque não confio nem em mim mesmo, porque, porque, porque...*

Você sabe por quê — eu digo, numa súbita explosão de raiva. De tudo. De todos. A Sociedade, a Insurreição, meu pai, eu mesmo, Indile, Cassia, Xander.

— Não, eu não sei — ela começa a falar, mas eu a interrompo.

— Medo — digo, encarando-a. — Nós dois estávamos com medo. Eu estava com medo de te perder. Você sentiu medo lá no Bairro. Quando tirou de mim a *minha* escolha.

Ela dá um passo para trás. Vejo em seu rosto que ela sabe do que estou falando. Ela também não esqueceu.

De repente estou de novo naquele lugar, naquela sala metálica quente e brilhante, com mãos avermelhadas e queimadas e um uniforme azul. O suor escorre pelas minhas costas. Eu me sinto humilhado. Não quero que ela me veja trabalhando. Eu queria poder levantar a cabeça e ver um vislumbre dos olhos verdes dela para que ela soubesse que eu ainda sou o Ky. Não só mais um número.

— Você me classificou — digo.

— O que mais eu podia fazer? — ela murmura. — Eles estavam vigiando.

Já conversamos sobre isso na Colina, mas parece diferente aqui embaixo nos cânions. Para mim parece claro que nunca vou chegar até ela.

— Eu tentei consertar as coisas — ela diz. — Vim de muito longe até aqui pra te encontrar.

— Pra me encontrar ou pra encontrar a Insurreição? — pergunto.

— Ky — ela diz. E silencia.

— Desculpa, Cassia. Essa é a única coisa que eu não posso fazer por você. Não posso me juntar à Insurreição.

Eu disse.

O rosto dela empalidece na escuridão da casa abandonada. Em algum lugar acima de nós o céu derrama chuva e penso em neve caindo. Pinturas feitas com água. Poesia sussurrada entre beijos. *Coisas bonitas demais para durar.*



Capítulo 40

Cassia

Hunter abre a porta atrás de nós e entra. Indie está com ele.

— Não temos tempo para isso — ele diz. — Existe uma Insurreição. Você pode encontrá-la seguindo o mapa. Sabe ler o código?

Assinto.

— Então o mapa é seu, por me dizer o que havia na Caverna.

— Obrigada — agradeço e enrolo cuidadosamente o mapa, que é feito de tecido grosso e tintas escuras. Dá para usá-lo como proteção contra a chuva e jogá-lo na água, e mesmo assim ele sobrevivera. Mas não resiste ao fogo. Com o coração apertado, olho para Ky, desejando que fôssemos capazes de deixar para trás o que acabou de acontecer, com a mesma facilidade com que ele faz marcações num mapa.

— Vou pras montanhas encontrar os outros — diz Hunter. — Se algum de vocês não quiser se juntar à Insurreição, pode vir comigo.

— Eu quero me juntar à Insurreição — diz Indie.

— Podemos ir todos juntos até a planície, pelo menos — proponho. Depois de termos percorrido um caminho tão longo, não dá para pensar numa separação tão abrupta.

— Acho melhor vocês irem na frente — aconselha Hunter. — Alcanço vocês assim que terminar de bloquear a caverna.

— Bloquear a caverna? — Indie pergunta.

— Elaboramos um plano de lacrar a caverna e fazer com que pareça um deslizamento de terra. Não queremos que a Sociedade ponha as mãos nos nossos papéis. Prometi aos outros agricultores que faria isso. Mas vai levar algum tempo até preparar tudo. É melhor não me esperarem.

— Não — Eu me oponho. — A gente pode esperar. — Não podemos deixar Hunter para trás mais uma vez. E embora eu saiba que mais cedo ou mais tarde nosso grupo... nosso reduzido, pequeno e fragmentado grupo que de algum jeito acabou se formando...vai ter de se separar, não quero que isso aconteça agora.

— Então é por *isso* que você guardou uma parte dos explosivos — Ky diz para Hunter. Não consigo decifrar a expressão de Ky, seu rosto está fechado, inviolável, distante. Esse é de novo o Ky da Sociedade, e sinto uma súbita pontinha de dor pela perda do Ky da Escultura. — Eu posso te ajudar.

— Você entende de fiação elétrica? — Hunter pergunta.

— Entendo — Ky responde. — Em troca, quero uma coisa que vi numa das cavernas.

— Uma negociação — Hunter concorda.

O que Ky está negociando? O que ele quer? Por que não olha para mim?

Mas, ninguém mais fala em separação. Continuamos juntos.

Por enquanto.

Enquanto Ky e Hunter juntam os fios, Indie e eu voltamos correndo para a caverna para acordar Eli e encher as mochilas com tudo de que vamos precisar para a jornada. Preparamos a caverna para a explosão, fechando as caixas da biblioteca e empilhando-as junto à parede dos fundos, onde estarão mais bem protegidas. Por alguma razão as páginas que se soltaram de outros livros me atraem. Não consigo resistir e enfio algumas dentro da mochila, com comida, água e fósforos. Hunter nos mostrou onde encontrar faróis e outros equipamentos para a jornada; além disso, nos deu mochilas extras, que também enchemos de coisas.

Eli pega pincéis e papéis e coloca dentro da mochila junto com a comida. Não tenho coragem de aconselhá-lo a trocar tudo por mais maçãs.

— Acho que estamos prontos — digo.

— Espera — Indie pede. Já faz algum tempo que Indie e eu não conversamos, e acho melhor assim. Não sei ao certo o que dizer a ela. Eu não entendo Indie; por que ela levou o mapa primeiro para Ky? O que mais ela andou escondendo? Será que ela pelo menos me considera uma amiga?

— Preciso te dar uma coisa. — Ela abre a mochila e tira o delicado ninho de vespas. Mesmo depois de tudo, ele ainda está milagrosamente intacto. Ela o segura cuidadosamente nas mãos e à minha mente vem a imagem dela erguendo uma concha na praia.

— Não digo, comovida. — É você quem deve ficar com ele. Foi você quem trouxe até aqui.

— Não é disso que eu tô falando — ela diz, impaciente. — Ela põe a mão dentro do ninho e tira alguma coisa.

Um microcartão.

Demoro alguns segundos para entender.

— Você roubou isso de mim — murmuro. — Lá no campo de trabalho.

Indie faz que sim com a cabeça.

— Foi isso que eu escondi na nave. Depois fingi que *não* tinha escondido nada, mas tinha. Isto aqui. — Ela estende o braço. — Pega.

Obedeço.

— E eu roubei isso *aqui* de alguém lá no vilarejo. — Novamente ela enfia a mão dentro da mochila e dessa vez tira um miniterminal. — Agora você pode ver o microcartão — ela diz. — A única coisa que tá faltando é um dos pedaços de papel. Mas isso é culpa sua. Você deixou ele quando a gente estava indo pra planície.

Destorneada, pego o miniterminal também.

— Você achou um dos papéis? — pergunto — Você leu?

É claro que leu. Ela nem se dá ao trabalho de responder à pergunta.

— Foi assim que fiquei sabendo que o Xander tinha um segredo — ela diz. — No papelzinho estava escrito que ele vai te contar quando te encontrar de novo.

— Cadê o papel? — pergunto. — Devolve.

— Não posso. Agora ele já era. Dei pro Ky e ele não guardou.

— *Por quê?* — Seguro nas mãos o miniterminal e o microcartão. — Por que tudo isso?

No começo acho que Indie não vai dizer nada. Ela vira o rosto. Mas depois me olha de novo e por fim responde. A expressão no rosto dela é feroz; os músculos estão tensos.

— Lá não era o seu lugar — ela diz. — Eu saquei isso logo de cara, no primeiro minuto em que te vi naquele campo de trabalho. Então eu quis saber quem você era. O que você estava fazendo. No começo que era espiã da Sociedade. Depois pensei que talvez trabalhasse pra Insurreição. E você tinha aqueles comprimidos azuis. Eu não sabia ao certo o que estava planejando fazer com eles.

— Então você me roubou — digo. — O tempo todo. Do campo de trabalho a Escultura.

— De que outro jeito eu ia descobrir alguma coisa? — Ela aponta para o miniterminal: — E, agora que eu te devolvi, você tem tudo. Melhor ainda. Agora você pode olhar o microcartão quando quiser.

— Eu não tenho coisa nenhuma. Lembra? Uma parte da mensagem do Xander se perdeu.

Não, não se perdeu. Eu acabei de te contar.

Quero berrar de tanta frustração.

— E a caixa prateada? pergunto. — Você pegou ela também. Não é racional, mas de repente eu a quero de volta, aquela recordação de Xander. Quero de volta *tudo* que eu perdi, tudo que tenha sido roubado, negociado ou tirado de mim. A bússola de Ky. O relógio de Bram. E, principalmente, o compacto do Vovó com os poemas escondidos em segurança. Se eu pudesse

ter o compacto de volta nunca mais o abriria de novo. Bastaria saber que os poemas estavam lá.

Eu gostaria que a mesma coisa fosse possível também com Ky, que eu pudesse guardar dentro de uma caixa tudo que há de bonito na nossa relação e fechar tudo bem lacrado, deixando de fora todos os erros que nós dois cometemos.

— A caixa eu deixei lá no campo de trabalho quando fugi — Indie diz.
— Deixei ela cair na floresta.

Eu me lembro de como Indie sempre queria ver a reprodução da pintura: de como ela recolheu e jogou fora os fragmentos quando a pintura desintegrou e pude ver que ela se importava; como ela ficou parada na caverna pintada contemplando as meninas em seus vestidos. Indie roubou de mim porque ela queria o que eu tinha. Eu olho para ela e penso que é como olhar para o reflexo nas águas de um rio. A imagem não é exatamente igual — é distorcida e alterada —, mas muito parecida. Ela é uma rebelde com uma pitada de cautela, e eu sou o oposto.

— Como você escondeu o microcartão? — pergunto.

— Eles não me revistaram quando me encontraram. Só dentro da nave. E aí eu e você bolamos aquele esquema. — Ela tira o cabelo do rosto, num gesto que é perfeitamente Indie: abrupto, mas com um elemento de graciosidade. Jamais conheci uma pessoa tão direta e sem pudor na hora de tentar conseguir o que quer. — Não vai olhar? — ela pergunta.

Não consigo me segurar. Deslizo o microcartão de Xander dentro do miniterminal e espero o rosto aparecer.

Eu devia ter visto essas informações na minha casa lá no Bairro, com as folhas de bordo farfalhando lá fora. Bram teria feito alguma provocação e meus pais sorririam. Eu teria olhado para o rosto de Xander e não teria visto nada mais.

Mas apareceu o rosto de Ky, e tudo mudou.

— Aí está ele — Indie diz, quase sem querer.

Xander.

Eu já tinha me esquecido do rosto dele, embora o tivesse visto havia poucos dias. Mas tudo volta à minha memória, e depois sua lista de atributos começa a aparecer na tela.

A lista no microcartão é exatamente a mesma que ele escondeu nos comprimidos; é o que Xander queria que eu visse. *Olha para mim*, ele parece estar dizendo. *Quantas vezes forem necessárias.*

Não sei como ele acrescentou a linha extra no papelzinho que Indie encontrou. Será que ela estava mentindo? Acho que não. E eu me pergunto por que ele simplesmente não me contou o tal segredo dele naquele dia em que visitamos o Arquivista. Eu achava que a gente não se veria nunca mais, Será que ele pensava diferente?

Mas não era intenção dele que *outra pessoa* lesse as informações. Eu acesso os registros. O microcartão não foi visto apenas ontem à noite, mas também na véspera e na noite anterior e na noite anterior.

Indie vinha olhando o tempo todo. Em que momento? Quando eu estava dormindo?

— *Você* sabe qual é o segredo do Xander? — pergunto a ela.

— Acho que sei — ela responde.

— Então me conta.

— O segredo é dele, quem tem que contar é ele — ela responde, ecoando Ky. Sua voz não tem o menor sinal de arrependimento, como sempre. Mas noto uma coisa: quando ela olha para o retrato na tela, a expressão em volta de seus olhos se suaviza.

Nesse momento eu entendo.

No fim das contas não é Ky quem ela ama.

— Você tá apaixonada pelo Xander — Eu digo, com a voz dura demais, cruel demais.

Indie não nega. Xander é o tipo de pessoa que uma Aberração jamais poderia ter. Um menino de ouro, o mais perfeito que pode haver na Sociedade.

Mas ele não é o Par dela. É o meu.

Com Xander, eu poderia ter uma família, um bom trabalho, ser amada, ser feliz, viver num Bairro de ruas limpas e uma vida ótima. Com Xander eu poderia fazer coisas que eu sempre pensei que faria.

Mas com Ky faço coisas que eu jamais pensei que faria.

Quero ambas.

Mas isso é impossível. Olho de novo para o rosto de Xander. E embora me pareça que ele não vai mudar, sei que vai. Sei que há partes dele que eu não conheço, coisas acontecendo em Camas que eu não vejo, segredos dele que eu ignoro e que ele vai ter que me contar pessoalmente. Ele também comete erros — como os comprimidos azuis, presente que me deu com grande carinho, correndo enorme risco, e que não eram o que ele achava que eram. Eles não me salvaram.

Ficar com Xander talvez fosse menos complicado, mas ainda assim seria amor. E descobri que o amor te leva a lugares novos.

— O que você queria com o Ky? — pergunto. — O que você estava tentando fazer quando mostrou o papel e entregou o mapa para ele?

— Tava na cara que ele sabia mais sobre a Insurreição do que dizia — Indie responde. — Eu queria fazer ele me contar o que era.

— Por que você me devolveu isso aqui? — eu digo, mostrando o microcartão. — Por que agora?

— Você precisa fazer uma escolha — ela responde. — Acho que não vê nem um nem outro com clareza.

— E *você* vê — digo. Sinto o ódio crescendo dentro de mim. Ela não conhece Ky. Não como eu conheço. E ela nunca sequer viu Xander.

— *Eu* descobri o segredo do Xander. — Indie caminha para a entrada da caverna. — E jamais passou *pela sua cabeça* que o Ky podia ser o Piloto.

Ela desaparece porta afora.

Alguém toca meu braço. Eli. Seus olhos estão arregalados de preocupação e isso me tira do meu transe. A gente precisa tirar Eli daqui. Temos que nos apressar. Isso tudo pode ser resolvido mais tarde.

Estou guardando o microcartão na minha mochila quando o vejo, ali em meio ao azul.

Meu comprimido vermelho.

Indie e Ky e Xander são todos imunes.

Mas eu não sei se sou.

Hesito. Eu poderia colocar esse comprimido na boca e não esperaria dissolver. Eu morderia, com força. Talvez com força suficiente para que o meu sangue se misturasse com o vermelho, e isso seria verdadeiramente a minha escolha, não da Sociedade.

Se o comprimido funcionar, vou me esquecer de tudo que aconteceu nas últimas 12 horas. Não vou me lembrar do que aconteceu com Ky. Não teria que perdoá-lo por mentir para mim porque não saberia o que ele fez. E não me lembraria do que ele disse sobre o fato de eu tê-lo classificado.

Se não funcionar, eu vou finalmente saber, de uma vez por todas, se sou imune. Se sou especial como Ky e Xander e Indie.

Levo o comprimido à boca. E então ouço uma voz que vem de algum lugar das profundezas da minha memória.

Você é forte o bastante para não precisar dele.

Tudo bem, Vovó, penso comigo mesma. Serei forte o bastante para não precisar do comprimido. Mas há outras coisas das quais eu não sou forte o bastante para não precisar, e pretendo lutar por elas.



Capítulo 41

ky

CARREGAR O BARCO INFLÁVEL É COMO CARREGAR UM CORPO; É PESADO E VOLUMOSO E DESAJEITADO.

Só cabem duas pessoas — Hunter me avisa.

— Isso não importa — respondo. — Mesmo assim é o que eu quero.

Ele me olha como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas depois decide se calar.

Deixamos o bote numa casinha no limite do município, onde Cassia, Indie e Eli estão reunidos para nos esperar. O bote cai no chão com um baque surdo.

— O que é isso? — Eli pergunta.

— Um bote — Hunter responde. Ele não dá mais detalhes. Indie, Cassia e Eli encararam, incrédulos, o pesado rolo de plástico.

— Nunca vi um bote desses — diz Indie.

— Eu nunca vi um bote — Cassia e Eli dizem ao mesmo tempo, depois ela sorri para ele.

— É pro riacho — Indie deduz. — Assim alguns de nós vão poder chegar mais rápido à Insurreição.

— Mas o riacho tá todo bloqueado — diz Eli.

— Não mais — digo. — Uma chuva dessas libera tudo.

— Então quem vai no bote? — Indie pergunta.

— A gente ainda não sabe — respondo. Não olho para Cassia. Desde que ela me flagrou queimando o mapa não tive coragem de encará-la.

Eli me entrega uma mochila.

— Eu trouxe isso aqui prá você — ele diz. — Comida e algumas coisas da caverna.

— Obrigado, Eli — agradeço.

— Tem outra coisa — ele sussurra. — Posso te mostrar?

Faço que sim com a cabeça.

— Rápido.

Eli se certifica de que ninguém está olhando e então me mostra...

Um tubo da Caverna iluminada de azul.

— Eli — digo, surpreso. Pego o tubo da mão dele e viro de cabeça para baixo. Dentro o líquido se mexe. Quando leio o nome impresso do lado de fora, engulo em seco. — Você não devia ter pegado isso.

— Não pude evitar — ele alega.

Eu devia espatifar o tubo no chão ou jogá-lo no rio. Em vez disso, enfio-o no bolso.

A chuva soltou pedras e transformou o chão em lama. Não vai demorar muito para isso provocar um deslizamento que vai deixar intransponível a trilha até as cavernas, mas mesmo assim precisamos lacrar as portas da caverna sem destruir o que há lá dentro.

Hunter me mostra o plano: um diagrama minuciosamente detalhado de onde e como fazer as ligações e circuitos. É impressionante.

— Foi você quem fez isto? — pergunto.

— Não — ele responde. — Nossa líder fez antes de ir embora. Anna.

Anna, penso. Meu pai também a conhecia?

Não faço perguntas. Sigo as instruções do diagrama e os ajustes de Hunter. A chuva cai sem piedade e fazemos o melhor que podemos para manter os explosivos secos.

— Desça e diga as os outros que eu vou fixar o detonador — Hunter pede.

— Eu poso fixar.

Hunter me olha.

— Esta era a minha incumbência — ele diz. — Anna confiou em mim pra fazer tudo direito.

— Você conhece essa terra melhor que eu — digo. — Conhece os agricultores. Se alguma coisa der errado com o detonador você pode levar todo mundo embora daqui.

— Isso não é algum tipo de autopunição, é? — ele pergunta. — Por você ter tentado queimar o mapa?

— Não — respondo. — É só a verdade.

Hunter me olha e depois assente.

Ajusto o timer do detonador e saio correndo. É instinto — devo ter bastante tempo. Meus pés batem no chão perto do riacho e vou a toda velocidade na direção dos outros. Pouco antes de chegar, ouço a explosão.

Não posso evitar — eu me viro e olho.

As poucas e pequenas árvores agarradas ao penhasco parecem ser as primeiras a ser arrancadas do solo; suas raízes levam junto terra e pedras. Por um momento vejo as nítidas e escuras massas entrelaçadas de cada vida e então me dou conta de que o penhasco inteiro também está deslizando. A trilha se racha em diversos fragmentos e vira do avesso, soterrada debaixo de água, lama, rocha.

E o deslizamento segue em frente.

Mais longe do que devia, penso. Está indo longe demais, chegando perto demais. Vai alcançar o município.

Uma das casas é desmantelada e dá passagem à lama.

Outra.

A terra avança e rasga o município, rachando assoalhos, estilhaçando vidros, quebrando as árvores.

E então entra no rio e para.

O deslizamento abriu uma clareira lisa e escorregadia de lama vermelha e pedras município adentro, e represou parte do riacho. A água vai subir e o cânion talvez inunde. Enquanto penso nisso, vejo os outros saindo às pressas da casa correndo na direção da trilha.

Corro para ajudar Hunter com o bote. É para ela. Se o que ela quer é a Insurreição, vou ajudá-la a chegar lá.



Capítulo 42

Cassia

A CAMINHADA É LENTA E PENOSA; NÓS ESCORREGAMOS, CAÍMOS E NOS levantamos de novo, inúmeras vezes. Já totalmente cobertos de lama, encontramos uma caverna suficientemente grande dentro da qual conseguimos nos amontoar. O bote não cabe. Temos que deixá-lo do lado de fora, na trilha, e ouço a chuva tamborilando no plástico. Não é a caverna com as meninas dançando; essa aqui é minúscula e entulhada de pedras e lixo.

Por um momento ninguém tem forças para vencer o cansaço e falar. Nossas mochilas estão no chão ao nosso lado. À medida que fomos caminhando e as mochilas foram ficando mais pesadas a cada passo na lama, me imaginei jogando fora comida, água e até mesmo os papéis. Olho de relance para Indie. Na primeira vez que saímos para a planície, eu estava passando mal. Ela carregou minha mochila por boa parte do caminho.

— Obrigada — eu a agradeço agora.

— Por quê? — Ela parece surpresa, desconfiada.

— Por carregar minhas coisas quando passamos aqui da primeira vez.

Ky levanta a cabeça e me olha. É a primeira vez que ele faz isso de verdade desde a discussão no município. É bom ver os olhos dele de novo. Na escuridão da caverna, são pretos.

— A gente precisa conversar — Hunter. Ele tem razão. O que todos nós sabemos, mas não dissemos, é que não cabe todo mundo no bote. — O que vamos fazer?

— Eu vou achar a Insurreição — Indie diz de imediato.

Eli balança a cabeça. Ele ainda não sabe e eu sei exatamente qual é a sensação. Nós dois queremos a Insurreição, mas Ky não confia nela. E, apesar de tudo que aconteceu com o mapa, sei que ainda podemos confiar em Ky.

— Eu ainda pretendo encontrar os outros agricultores — diz Hunter.

— Você podia ir sem a gente — Indie diz para Hunter. — Mas tá nos ajudando. Por quê?

— Fui eu que quebrei os tubos da Sociedade — Hunter diz. — Se eu não tivesse feito aquilo talvez a Sociedade não viesse tão rápido atrás de vocês. — Embora seja apenas alguns anos mais velho que nós, ele parece bem mais sábio e maduro. Talvez seja o fato de já ser pai; ou talvez Hunter teria sido assim também na Sociedade, levando uma vida tranquila e confortável. — Além disso — ele diz —, enquanto carregamos o bote vocês ajudam com as mochilas. É do nosso interesse mútuo que um ajude o outro até sairmos da Escultura. Depois podemos seguir caminhos separados.

Ky fica em silêncio.

A chuva desaba lá fora e penso na parte da história dele que me contou no Bairro, que dizia: *Quando chove, eu me lembro*. Eu jurei me lembrar também. E eu lembro de como Ky me disse para negociar os poemas. Ele não me advertiu contra o de Tennyson, embora soubesse que eu também o tinha e que o poema poderia me ajudar a descobrir a Insurreição. Ele deixou essas escolhas — o que negociar e o que fazer com o que eu encontrei — para mim.

— Por que você odeia a Insurreição, Ky? — pergunto baixinho. Não quero fazer isso na frente dos outros; mas que outra opção eu tenho? — Preciso decidir para onde ir. O Eli também. Ajudaria muito se você explicasse *por que* odeia tanto a Insurreição.

Ky olha para as próprias mãos e eu me lembro da foto que ele me deu na Sociedade, em que ele aparece segurando as palavras *mãe* e *pai*.

— Eles nunca vieram ajudar a gente — ele diz. — Com a Insurreição, a rebelião acaba em morte, pra você e para as pessoas que você ama. E quem sobrevive é abandonado, deixado pra trás pra se transformar em outra pessoa.

— Mas quem matou a sua família foi o *Inimigo* — diz Indie. — Não a Insurreição.

— Não confio neles — diz Ky — Meu pai confiava. Eu não.

— Você confia? — Indie pergunta a Hunter.

— Não sei ao certo — Hunter responde. — Faz anos que a Insurreição veio ao nosso cânion pela última vez. — Nós todos, inclusive Ky, inclinamos o corpo para ouvir. — Eles nos disseram que tinham conseguido se infiltrar em toda parte, até mesmo na Central, e novamente tentaram nos convencer a juntar forças com eles. — Hunter sorri um pouco. — Anna era teimosa e não se dobrou. Tínhamos vivido por conta própria durante gerações e ela achava que era assim que as coisas deviam continuar.

— Foram eles que mandaram aqueles panfletos — Ky diz.

Hunter assente.

— Mandaram também o mapa que estamos usando. Tinham a esperança de que mudaríamos de ideia e iríamos encontrá-los.

— Como eles sabiam que vocês conseguiriam ler o mapa? — Indie pergunta.

— É o nosso próprio código — Hunter responde — A gente às vezes o usava no município quando não queríamos que um forasteiro soubesse o que estávamos dizendo.

Ele enfia a mão na mochila e tira um dos faróis. Fora da caverna, a noite já caiu de vez.

— Eles aprenderam o código com alguns dos nossos jovens que foram embora pra se juntar a eles. — Hunter acende a lanterna e coloca o farolete no chão para que possamos nos ver. — Os agricultores jamais se juntaram como um todo aos rebeldes, mas de vez em quando alguns dos nossos jovens faziam isso. Uma vez eu mesmo fui embora pra integrar a Insurreição.

— Você? — pergunto, surpresa.

— Nunca cheguei lá — diz Hunter. — Fui até o riacho na planície e voltei.

— Por quê? — quero saber.

— Catherine. — A voz dele fica rouca. — A mãe de Sara. É claro que na época ela ainda não era mãe da Sara. Mas a Catherine não poderia deixar o município, então eu decidi que não podia deixá-la.

— Por que ela não podia ir embora?

— Ela seria a próxima líder. Era filha da Anna, e era igualzinha à mãe. Quando a Anna morresse, haveria uma votação para aceitarmos ou rejeitarmos sua filha mais velha. Todos nós teríamos aceitado a Catherine. Todos a amavam. Mas ela morreu ao dar à luz Sara.

A luz no interior da caverna ilumina nossas botinas enquanto nossos rostos desaparecem na escuridão. Ouço Hunter tirar alguma coisa de dentro da mochila.

— A Anna foi embora — digo, perplexa. — Ela te deixou, e abandonou a própria neta...

— Ela teve que fazer isso — ele alega. — Tinha outros filhos e netos e um município para governar. — Ele faz uma pausa. — Agora vocês entendem por que relutamos em julgar com tanta severidade a Insurreição. Eles querem o bem maior para o grupo deles. Não podemos culpá-los, já que fazemos o mesmo.

— É diferente — diz Ky. — Vocês já viviam aqui desde o início da Sociedade.

Rebeliões vêm e vão.

— Como vocês escaparam, anos atrás? — Indie pergunta, impaciente.

— Não escapamos — Hunter responde. — Eles nos deixaram ir embora. — Enquanto conta a história, ele retraça as linhas azuis nos seus braços com um pedaço de giz que pegou na mochila.

— Vocês precisam lembrar que naquela época as pessoas escolheram a Sociedade e seu controle como maneira de evitar um futuro Aquecimento e como maneira de eliminar as doenças. Nós não escolhemos isso, por isso fomos embora. Não queríamos fazer parte da Sociedade, por isso não receberíamos seus benefícios e nem sua proteção. Cultivaríamos a terra para

garantir nosso sustento, seríamos independentes e eles nos deixariam em paz. Por muito tempo eles fizeram isso, e, quando aparecia alguns deles, nós o derrubávamos.

Hunter continua.

— Antes de morrerem todos, os aldeões originais das Províncias Exteriores costumavam vir ao cânion em busca de ajuda. Eles nos contavam histórias de gente que tinha sido banida e enviada para lá por amar a pessoa errada ou por querer uma ocupação diferente. Alguns vinham se juntar a nós, e outros nos procuravam para negociar. Depois da época das Seleções dos Cem nossos papéis e livros tinham se tornado incrivelmente valiosos. — Ele suspira. — Sempre houve gente como os Arquivistas. Tenho certeza de que ainda há. Mas nós fomos excluídos quando os vilarejos morreram.

— Que tipo de coisas vocês pediam em troca nas negociações? — Eli pergunta. — Vocês tinham de tudo nos cânions.

— Não — Hunter esclarece —. Não tínhamos. Os medicamentos da Sociedade sempre foram melhores, e a gente também precisava de outras coisas.

— Mas, se todos os seus papéis são tão valiosos, como vocês puderam deixar tantos deles pra trás?

— Tem coisa demais — Hunter responde. — Não teríamos como carregar tudo na travessia da planície. Muitas pessoas levaram os livros de que mais gostavam ou arrancaram suas páginas prediletas. Mas era impossível levar tudo. Por isso eu tive que trancar a caverna e esconder o resto. Não queríamos que a Sociedade destruísse ou levasse embora tudo que encontrasse.

Ele termina de desenhar as linhas em um dos braços e faz menção de guardar o giz azul na mochila.

— O que significam essas marcas? — pergunto, ele interrompe o gesto.

— O que elas parecem pra você?

— Rios — respondo. — Veias.

Ele meneia a cabeça, interessado.

— Parecem ambos. Você pode pensar nelas assim.

— Mas pra você elas são o quê? — insisto.

— Teias.

Balanço a cabeça, confusa.

— Qualquer coisa que se conecta — ele explica. — Quando as traçamos, em geral as fazemos juntas. Assim. — Ele estende a mão de modo que nossos dedos se tocam. Tomo um susto e quase dou um pulo para trás, mas me contenho. Ele traça o giz pelos próprios dedos e depois para os meus, e vai delicadamente desenhando a linha azul meu braço acima.

Ele se recosta. Nós nos entreolhamos.

— Depois você mesma pode continuar as linhas — ele diz. — Ao longo do seu corpo, e aí você tocaria outra pessoa e começaria uma linha para ela. E assim por diante.

Mas e se a conexão fosse quebrada?, quero perguntar: Como quando a sua filha morreu.

— Se não houver mais ninguém para as linhas, aí você faz isto. — Ele fica de pé e pressiona com as mãos a parede de arenito da saliência. Imagino uma série de pequeninas rachaduras e esparramando a partir do ponto de pressão. — Você, se conecta com *alguma coisa*.

— Mas a Escultura não se importa... os cânions não dão a mínima.

— Não — ele concorda. — Mas mesmo assim estamos conectados.

— Eu trouxe isto — digo para Hunter, enfiando a mão na mochila e me sentindo tímida. — Achei que você talvez pudesse querer.

É o poema com o verso que usou no túmulo de Sara. O poema que fala como *em junho um vento com seus dedos passa*. Eu o tirei do livro.

Hunter pega e lê em voz alta:

“Caíram como flocos —

Caíram como Estrelas —
Como Pétalas de Rosa —
Súbito, junho adentro,
Um vento com dedos passa”

Ele faz uma pausa.

— Parece o que acontecia com a gente nos vilarejos — Eli diz. As pessoas morriam assim. Caíam feito estrelas.

Ky ampara a cabeça com as mãos.

Hunter retoma a leitura.

”Pecceram na Relva Uniforme —
Nenhum olho encontrou o lugar
Mas Deus chamará cada rosto
Na sua Inapelável — Lista.”

Alguns de nós acreditavam em outra vida um dia — Hunter diz. — Catherine acreditava, e a Sara também.

Mas você não — Indie comenta.

Eu não — ele concorda. — Mas jamais disse isso a Sara. Como poderia tirar isso dela? Ela era tudo para mim. — Ele engole em seco. — Eu a segurava no colo até ela pegar no sono toda noite, durante todos os anos de sua vida. — As lágrimas escorrem pelo rosto dele, do mesmo jeito que aconteceu na caverna — biblioteca. Ele as ignora, como fez naquela ocasião.

"Eu tinha que me mover aos poucos. Erguer o braço. Afastar o rosto de onde eu o tinha aninhado no pescoço dela; prender a respiração para que não soprasse mais no cabelo dela. Eu fazia isso gradualmente, para que quando eu saísse ela não soubesse que eu tinha ido embora. Eu cuidava dela a noite toda."

"Na Caverna achei que quebrar todos os tubos e depois morreria na escuridão", Hunter diz. "Mas não consegui fazer isso."

Ele olha novamente para a página e lê o verso que entalhou para a filha.

— *Quando súbito atravessa junho um vento com dedos* — e passa — ele pronuncia, quase cantando, com voz suave e triste. Ele se levanta e enfia o papel na mochila. — Vou ver como está a chuva — ele avisa e sai para ficar de pé lá fora.

Quando Hunter volta para dentro da caverna, todos já estão dormindo, menos Ky e eu. Posso ouvir a respiração de Ky, do outro lado de Eli. O lugar é apertado, e seria fácil esticar o braço e tocá-lo, mas eu me contenho. É tão estranho embarcarmos juntos nessa jornada quando há tanta distância entre nós. Não consigo esquecer o que ele fez. E também não consigo esquecer o que *eu* fiz. Por que fui classificá-lo?

Ouçõ Hunter se sentando junto à entrada da caverna e me arrependo de ter dado o poema a ele. Não queria lhe causar dor.

Se eu morresse aqui e alguém fosse entalhar meu epitáfio na rocha desta caverna, não sei o que eu gostaria que escrevessem.

O que o Vovô teria escolhido como epitáfio?

Não entre docemente

Ou

Espero ver meu Piloto cara a cara

Vovô, que me conheciam melhor do que ninguém, tornou-se um mistério.

E Ky também.

De repente eu penso naquela vez na exibição, quando ele sentiu toda aquela dor que nenhum de nós conhecia e nós rimos enquanto ele chorava.

Fecho os olhos. Eu amo Ky. Mas não o entendo. Ele não me deixa chegar perto. Eu também cometi erros, eu sei, mas estou cansada de ir atrás dele através de cânions, persegui-lo em meio a planícies, estender a mão para tocá-lo e só conseguir tê-lo às vezes sim, às vezes não. Talvez essa seja a verdadeira razão pela qual ele é uma Aberração. Talvez nem mesmo a Sociedadade fosse capaz de prever o que ele faria.

Quem incluiu Ky na Seleção de Pares, em primeiro lugar? Minha Funcionária fingiu que sabia, mas não sabia. Resolvi que isso não importava mais — *eu* tinha escolhido amá-lo, eu tinha escolhido encontrá-lo —, mas a pergunta retorna à minha cabeça.

Quem pode ter sido? Já pensei em Patrick. Aida.

E então penso em outra coisa, a mais surpreendente, improvável e plausível de todas: *Será que foi Ky?*

Não sei como ele teria feito isso, mas também não sei como Xander pode ter conseguido colocar os papéis dentro do recipiente de comprimidos. O amor muda o que é provável e faz com que coisas improváveis sejam possíveis. Tento me lembrar do que Ky disse no Bairro quando falamos sobre a Seleção dos Pares e o erro. Ele não disse que não importava quem tinha colocado o nome dele, contanto que eu o amasse?

Nunca conheci a história completa dele.

Talvez apenas partes da nossa história possam nos manter a salvo. O todo pode parecer pesado demais para suportar, seja a história da Sociedadade, e uma rebelião ou de uma única pessoa.

É isso que Ky sente? Que ninguém quer o todo? Que a verdade dele é um fardo pesado demais para carregar?



Capítulo 43

ky

TODOS OS OUTROS ESTÃO DORMINDO.

Se eu quisesse fugir, agora seria uma boa hora.

Uma vez Cassia me disse que queria escrever um poema para mim. Será que ela conseguiu passar do começo? Que palavras ela usou no final?

Ela dormiu chorando. Estiquei a mão para tocar as pontas do cabelo dela. Ela não percebeu. Eu não sabia o que fazer. Ouvi-la foi doloroso. Senti as lágrimas escorrendo no meu rosto também. E quando eu acidentalmente rocei meu braço no rosto de Eli, senti as lágrimas *dele*.

Todos nós fomos rasgados pela dor. Cortes fundos, como nas paredes do cânion.

Eu via meus pais se beijando o tempo todo. Me lembro de uma ocasião em que meu pai tinha ido aos cânions e acabara de voltar. Minha mãe estava de pé, pintando. Ele se aproximou. Ela riu e riscou a bochecha dele com água. Ficou brilhando. Quando se beijaram, ela o abraçou e deixou o pincel cair no chão.

Foi gentil da parte do meu pai mandar aquela página aos Markham. Se ele não tivesse feito isso, Patrick talvez nunca soubesse dos Arquivistas e não teria me contado como entrar em contato com eles em Oria. Jamais teríamos arranjado o velho escrevinhador e eu jamais teria aprendido a classificar nem a negociar. Eu não teria como dar a Cassia seu presente de aniversário.

Não posso mais deixar que meus pais passem em branco.

Com cuidado para não pisar em ninguém, vou tateando e abro caminho até os fundos da caverna. Não demoro muito para encontrar o que estou procurando dentro da mochila — as tintas que Eli pegou para mim. E um pincel. Fecho a mão em torno das cerdas.

Abro os potes de tinta e os organizo em uma fileira. Estico a mão novamente e me certifico de que a parede está à minha frente.

E então eu molho o pincel e aplico uma pincelada na parte de cima da parede da caverna. Sinto um pingo de tinta salpicar meu rosto.

Eu pinto o mundo, e depois meus pais no meio dele, enquanto espero pela chegada da luz. Minha mãe. Meu pai. Um retrato dela contemplando o pôr do sol. Uma imagem dele ensinando um menino a escrever. Talvez seja eu. No escuro não tenho certeza.

Pinto o riacho de Vick.

Por último, pinto Cassia.

Quanto temos que mostrar às pessoas que amamos?

Que partes da minha vida devo revelar, destrinchar e colocar diante dela? Foi suficiente ter apontado o caminho para quem eu sou?

Será que dizer a ela que no Bairro eu às vezes sentia inveja e amargura por ser tão diferente? Que eu queria ser Xander ou qualquer um dos meninos que podiam ir à escola e que pelo menos tinham uma chance de ser o Par dela?

Preciso contar a ela sobre a noite em que virei as costas a todos os outros falsos aldeões e só levei comigo Vick e Eli? Vick porque eu sabia que nos ajudaria a sobreviver, e Eli para aplacar a minha culpa?

Preciso dizer a ela a verdade, mas ainda não falei a verdade nem para mim mesmo.

Minhas mãos começaram a tremer.

No dia em que meus pais morreram, eu estava sozinho no planalto. Vi o fogo descer do céu. Depois corri para encontrá-los. Essa é a verdade.

Quando vi os primeiros corpos, passei mal. Vomitei. E depois vi que outras coisas tinham sobrevivido. Não pessoas, mas objetos. Um sapato. Uma refeição intacta numa embalagem de alumínio perfeita e ainda fechada. Um pincel com cerdas limpas. Eu o peguei.

Agora eu me lembro. A mentira que venho contando a mim mesmo esse tempo todo.

Depois que peguei o pincel e olhei e vi meus pais mortos no chão, eu não tentei carregá-los. Não os encontrei.

Eu os vi e fugi.



Capítulo 44

Cassia

SOU A PRIMEIRA A ACORDAR. Um raio de luz entra através da porta da caverna e eu olho para os outros, surpresa, me perguntando como ainda não perceberam a luz brilhante e a ausência da chuva.

Olhando para Ky e Eli e Hunter, penso em quantos machucados invisíveis são possíveis. Feridas suturadas no nosso coração, no nosso cérebro, nos nossos ossos. *Como é que ainda ficamos de pé?, eu me pergunto. O que será que nos mantém vivos?*

Quando saio da caverna, o céu me cega. Levo a mão aos olhos para bloquear o sol, como Ky costuma fazer, e quando volto a abaixar a mão, por um momento penso que deixei uma impressão digital, uma marca de linhas escuras e onduladas borrando o sol. Então a impressão se desloca e gira, e vejo que não são as curvas da minha digital, mas os rodopios de um bando de pássaros, minúsculos, ao longe. E rio de mim mesma por pensar que conseguiria alcançar o céu.

Quando me viro para acordar os outros, por um momento eu perco o ar.

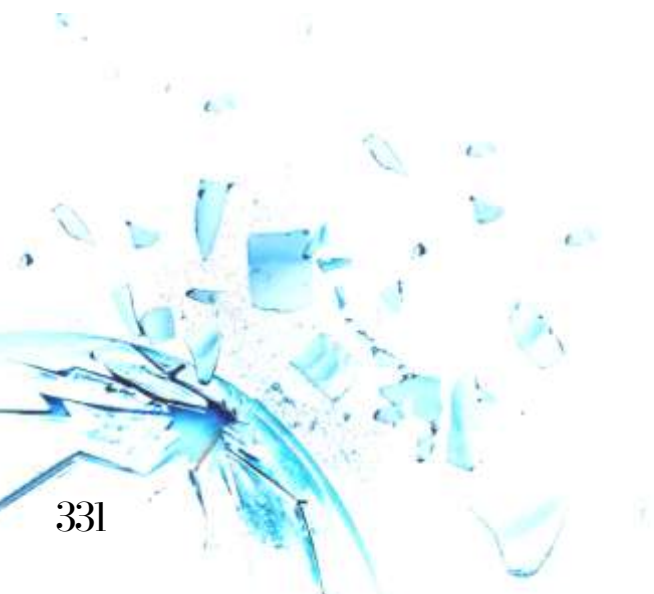
Enquanto dormíamos, ele pintou. Com pinceladas ágeis, leves; uma pressa de pingos de tinta.

Ele cobriu os fundos da caverna com rios de estrelas. Fez as pedras e árvores e colinas do mundo. Pintou um riacho também, morto e vivo com pegadas ao longo das margens e uma sepultura marcada com um peixe de pedra cujas escamas não conseguem refletir a luz.

No centro, ele pintou seus pais.

Pintando no escuro, ele não conseguia enxergar. As cenas se mesclam e sangram uma dentro da outra. Às vezes as cores são estranhas. Um céu verde, pedras azuis. E eu, ali de pé, de vestido.

Que ele pintou de vermelho.





Capítulo 45

ky

Por causa do sol abrasador o bote fica quente demais. Minhas mãos estão avermelhadas e espero que ela não perceba. Não quero mais pensar no dia em que ela me classificou. O que passou. Está feito. Temos que seguir em frente.

Espero que ela sinta a mesma coisa, mas não pergunto nada. Primeiro porque não posso — estamos andando em fila única pela trilha estreita e os outros ouviriam —, e depois porque estou cansado demais para articular as palavras. Cassia, Indie e Eli ajudam a mim e a Hunter com as mochilas, mas meus músculos queimam e doem.

O sol segue fustigando e nuvens se acumulam no horizonte.

Não sei o que seria melhor para nós — seca ou chuva. A chuva dificulta a caminhada, mas cobre nossas pegadas. Estamos pisando numa tênue linha de sobrevivência. Mas fiz o que pude para assegurar que Cassia fique do lado certo dessa linha. É para isso que serve este bote.

De vez em quando ele é útil em terra firme — quando a trilha fica enlameada demais e atravanca nosso avanço, colocamos o bote no chão, caminhamos sobre ele depois erguemos de novo. O bote deixa pegadas compridas e profundas na trilha. Se não estivesse tão cansado, eu talvez sorrisse. O que a Sociedade vai pensar quando encontrar essas marcas? Que alguma coisa enorme surgiu e nos carregou no colo até sairmos da Escultura?

Hoje à noite vamos acampar. Aí eu vou falar com ela. À noite saberei o que dizer. Agora estou cansado demais para pensar em algo — o que quer que seja — que possa consertar as coisas.

Compensamos o tempo perdido na noite anterior. Ninguém descansa. Seguimos em frente, tomando golinhos de água e comendo pedaços de pão ao longo do caminho. Já estamos quase chegando à Escultura quando a luz se transforma em lusco-fusco anunciando a noite e a chuva começa a cair.

Hunter para e alivia sua parte do peso do bote no chão. Ele olha para a Escultura atrás de nós.

— É melhor continuarmos agora — ele diz.

— Mas já é quase noite — argumenta Eli.

Hunter balança a cabeça.

— Nosso tempo está se esgotando — ele diz. — Não tem nada que os impeça de vir da Caverna pra cá assim que descobrirem o que aconteceu. E se eles tiverem miniterminais? Podem contatar outras pessoas e ordenar que nos peguem na planície.

— Cadê o nosso miniterminal? — pergunto.

— Joguei no rio assim que saímos do município — Cassia responde. Indie suspira.

— Que bom. Não queremos nada que possa nos rastrear — diz Hunter.

Eli estremece.

— Você consegue continuar? — Cassia pergunta a Eli, e parece preocupada.

— Acho que sim — Eli responde, olhando para mim. — Você acha que a gente deve?

— Acho — respondo.

— A gente tem os faróis — Indie acrescenta.

— Vamos — Cassia nos ajuda a levantar o bote.

Apressamos o passo até a margem do riacho, caminhando o mais rápido que podemos. Sob os pés sinto as pedras arrastadas pelas águas do rio. Eu fico imaginando qual desses é o peixe que marca a sepultura de Vick. No escuro tudo parece diferente, e não tenho certeza se sei onde jaz o corpo dele.

Mas sei o que Vick teria feito se ainda estivesse vivo.

Qualquer coisa que achasse que o levaria para mais perto de Laney.

Nas árvores, à luz de um farolete posicionado no chão, Hunter e eu tiramos o bote do invólucro e encaixamos a bomba. Rapidamente o bote inflável vai tomando forma.

— Cabem dois aí dentro — diz Hunter. — Os demais que quiserem chegar à Insurreição terão que margear o riacho a pé. Assim vai ser bem mais lento e demorado.

O ar suspira dentro do bote.

Por um momento, fico completamente imóvel.

A chuva desaba novamente, em ferroadas geladas e limpas. É diferente da tempestade — é um aguaceiro, não um massacre. Vai passar logo.

"Em algum lugar mais alto, esta água é neve" minha mãe costuma dizer, abrindo as palmas das mãos para pegar as gotas.

Penso nas pinturas dela e na rapidez com que secavam.

— Em algum lugar — digo em voz alta, na esperança de que ela ouça, —, esta água não é nada. É mais leve que o ar.

Cassia se vira para me olhar.

Imagino essas gotas de chuva batendo nas escamas do peixe de arenito que esculpi para Vick. *Cada gota ajuda o riacho envenenado*, eu penso, abrindo bem

as mãos. Não para pegar as gotas ou tentar segurá-las. Quero que deixem sua marca para depois me desvencilhar delas.

Me desvencilhar. Esquecer. Os meus pais e a dor do que aconteceu com eles. Os meus fracassos. O que eu não consegui fazer. Todas as pessoas que não consegui salvar ou enterrar. Meu ciúme de Xander. A minha culpa pelo que aconteceu com Vick. A minha preocupação com o que eu não posso ser e quem eu nunca fui.

Tudo

Não sei se consigo, mas dá uma sensação boa tentar. Então eu deixo a chuva bater nas palmas das minhas mãos. Escorrer entre meus dedos e cair na terra. *Cada gota me ajuda*, eu penso. Jogo a cabeça para trás e tento me abrir para o céu.

Talvez meu pai tenha sido o causador da morte de todas aquelas pessoas. Mas ele também ajudou a tornar a vida delas suportável. Ele deu a elas esperança. Antes eu pensava que isso não tinha importância, mas tem.

Bom e ruim. Bom no meu pai, ruim em mim. Nenhuma chuva de fogo caindo sobre mim é capaz de apagar isso. Eu mesmo tenho que me livrar disso tudo.

— Desculpa — digo para Cassia — Eu nunca devia ter mentido para você.

— Eu também tenho que pedir desculpa — ela diz — Foi errado ter te classificado.

Nós nos entreolhamos na chuva.

— O bote é seu — Indie diz para mim — Quem vai nele?

— Eu negocieei ele pra você — digo para Cassia — Você escolhe quem vai com você.

Eu sinto a mesma coisa que sentia antes do Banquete do Par. Esperando. Imaginando se o que eu tinha feito seria suficiente para que ela quisesse me ver



Capítulo 46

Cassia

— KY — EU DIGO. — Não posso classificar as pessoas de novo. —
Como ele pode me pedir uma coisa dessas?

— Rápido — pede Indie.

— Você acertou da última vez — Ky diz. Meu lugar é esse aqui.

É verdade. Ele pertence a este lugar. E mesmo que tentar encontrá-lo
tenha sido a coisa mais difícil que já fiz na vida, agora sou mais forte por causa
disso.

Fecho os olhos e penso nos fatores relevantes.

Hunter quer ir para as montanhas, não para o rio.

Eli é o mais jovem.

Indie sabe pilotar o barco inflável.

Eu amo o Ky.

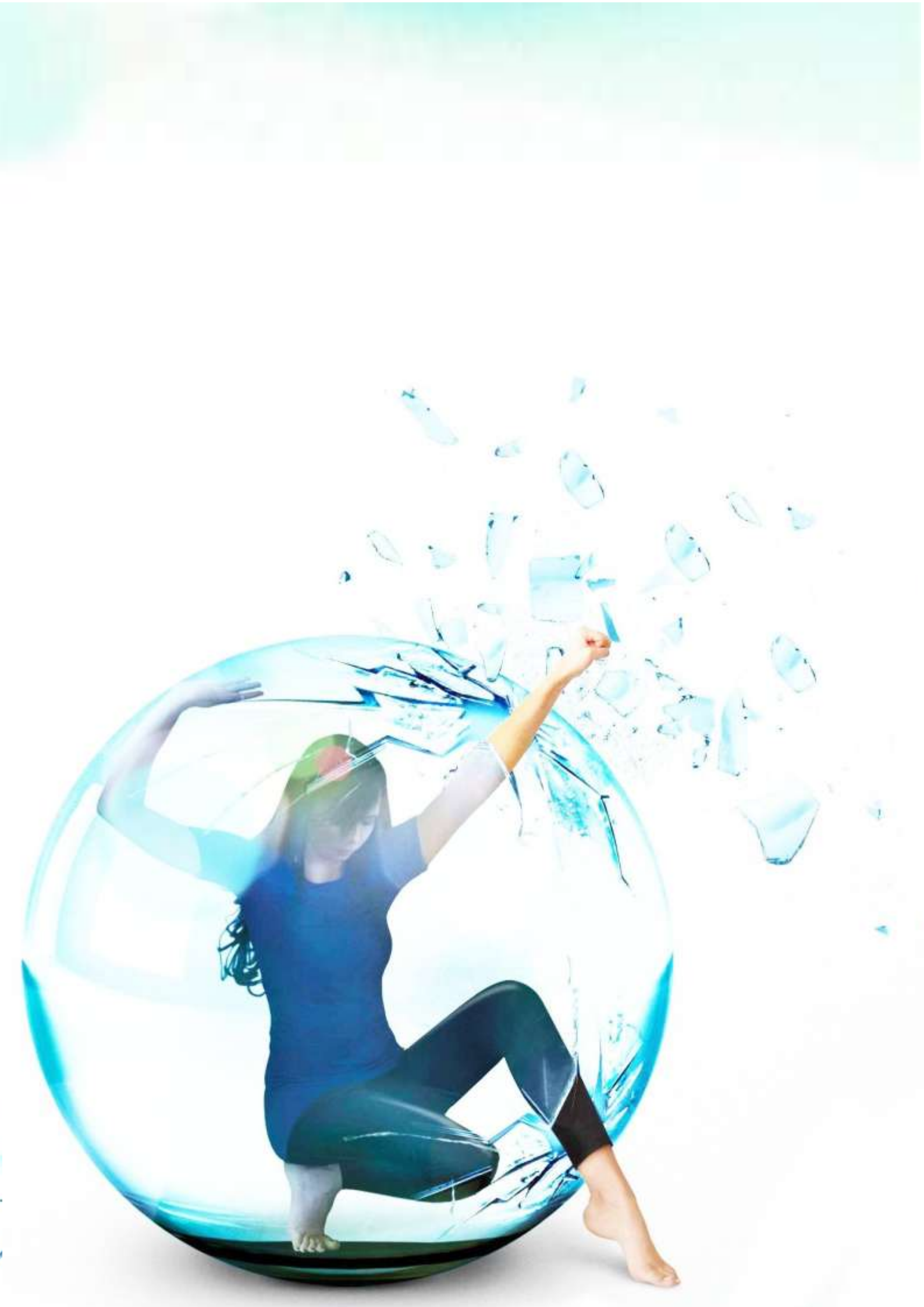
Quem deve ir?

Dessa vez é mais fácil, porque só há uma escolha — uma configuração
— que me parece certa.

— Tá na hora — diz Hunter — Quem você escolhe?

Olho para Ky na esperança de que ele entenda. Ele vai entender. Ele
faria o mesmo.

— Eli — respondo.



Capítulo 47

ky

ELI PISCA, ESPANTADO.

— Eu? — ele pergunta. — E o KY?

— Você — diz Cassia. — E a Indie. Não eu.

Indie está surpresa.

— Alguém tem que levar o Eli rio abaixo — diz Cassia — O Hunter e a Indie são os únicos que sabem alguma coisa sobre esse tipo de água, e o Hunter vai pras montanhas.

Hunter verifica o bote.

— Já está quase pronto — ele avisa.

— Você dá conta disso, não dá — Cassia pergunta a Indie. — Consegue levar o Eli até lá? É o jeito mais rápido de levar ele pra um lugar seguro.

— Eu dou conta — Indie responde, sem o menor indício de dúvida na voz.

— Um rio é diferente do mar — Hunter alerta Indie.

— Tínhamos rios que corriam pro mar — Indie responde. Ela pega um dos remos que vieram embrulhados dentro do bote e encaixa uma parte na outra. — Eu tinha o hábito de descer os rios à noite, pra treinar. A Sociedade só me viu quando eu fui pro mar.

— Esperem — diz Eli. Todos nos viramos para olhar. Ele ergue o queixo e me encara com expressão séria, solene. — Quero atravessar a planície. É o que você queria fazer primeiro.

Hunter me olha de relance, surpreso. Eli vai atrás. Mas Hunter não é o tipo de pessoa que deixa alguém para trás.

— Posso ir com você? — Eli pergunta — Vou correr o mais rápido que eu puder.

Pode — responde Hunter — Mas temos que ir agora.

Agarro Eli e dou nele um abraço apertado.

— A gente vai se ver de novo — ele diz. — Eu sei disso.

— Vai, sim. — digo. Eu não devia prometer uma coisa dessas. Meus olhos encontram os de Hunter e eu me pergunto se ele fez o mesmo com Sara quando disse adeus a ela.

Eli se separa de mim e joga os braços em volta de Cassia e depois de Indie, que parece surpresa. Ela retribui o abraço e endireita o corpo.

— Estou pronto — ele diz. — Vamos nessa.

— Espero que a gente se veja de novo — diz Hunter. Ele ergue a mão em um tipo de saudação e, à luz do farolete, vejo as marcas azuis ao longo de seus braços. Por um momento todos nos entreolhamos, então Hunter se vira e sai correndo e Eli o segue. Por alguns instantes ainda vejo as luzes de seus faróis em meio às árvores, e depois ambos desaparecem.

— O Eli vai ficar bem — diz Cassia. — Não vai?

— Foi escolha dele — respondo.

— Eu sei — ela diz. Sua voz é suave. — Mas aconteceu tão rápido.

Foi mesmo. Como naquele dia em que fui embora do Bairro. E no dia em que meus pais morreram, e quando Vick atravessou para o outro lado. Despedidas são assim. Nem sempre dá para distingui-las muito bem no momento da separação — por mais fundo que seja o corte.

Indie tira o casaco; com um movimento certo de sua pedra-faca, arranca o disco escondido na parte de dentro e, com um floreio, joga-o no chão ao lado dela. Depois se vira e me diz:

— O Eli decidiu o que fazer. E você?

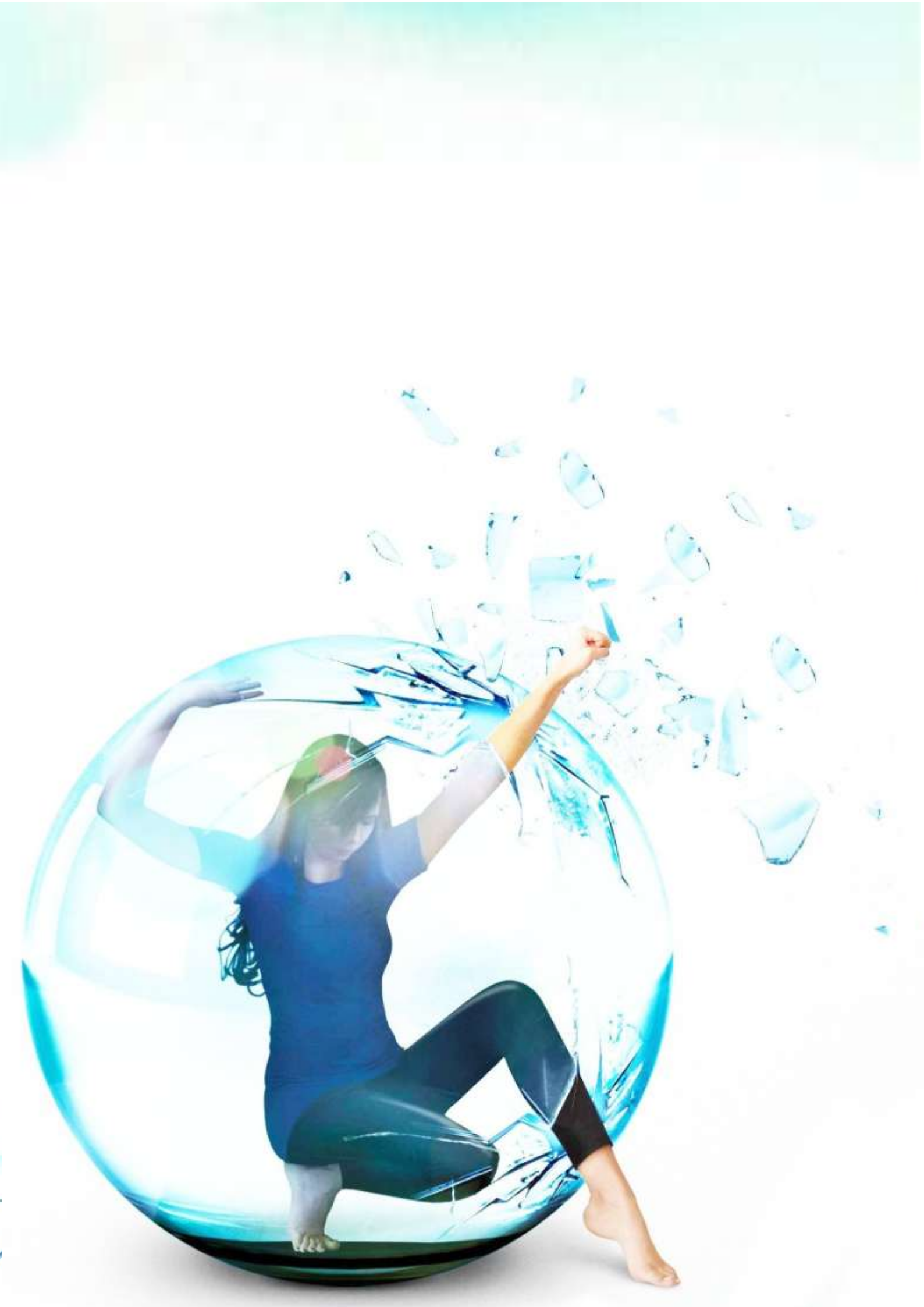
Cassia me olha. Ela leva a mão ao rosto para tirar dos olhos a chuva e as lágrimas.

— Vou seguir pela margem do rio — digo. — Não vou ser tão rápido quanto vocês duas no barco, mas no final a gente se encontra.

— Tem certeza? — Cassia sussurra.

Tenho.

— Você percorreu um longo caminho pra me procurar. Eu posso ir com você pra Insurreição — eu digo.



Capítulo 48

Cassia

A CHUVA FICA MAIS CLARA, VIRA NEVE. E eu tenho a sensação de que ainda não chegamos, de que ainda estamos tentando alcançar. Um ao outro. Quem estamos fadados a ser. Olho para ele, sabendo que nunca verei tudo, compreendendo isso agora, e mais uma vez faço a escolha.

É difícil fazer essa travessia — digo a ele, com voz trêmula.

— Que travessia? — ele pergunta.

— Pra ser a pessoa que eu preciso ser.

E então começamos a nos preparar.

Ambos estávamos errados; nós dois vamos tentar consertar as coisas. É tudo o que podemos fazer.

Ky se inclina para me beijar, mas mantém as mãos coladas ao lado do corpo.

— Por que você não quer me tocar? — pergunto, recuando um pouco.

Ele esboça um sorriso e mostra as mãos, como se tentasse se explicar. Estão cobertas de terra e sangue.

Pego a mão dele, encosto a minha palma na dele. Posso sentir os grãos de areia, a viscosidade da tinta, e os cortes e arranhões que falam de sua própria jornada.

— Vai ficar tudo claro e limpo — digo a ele.



Capítulo 49

ky

QUANDO EU A PUXO PARA JUNTO DE MIM, SEU CORPO ESTÁ ÁVIDO, QUENTE E AFETUOSO, MAS ENTÃO ELA HESITA, SE RETRAI E RECUA.

Desculpa, eu esqueci ela diz e tira um pequeno tubo de dentro da blusa. Ela percebe o susto em meu rosto e se apressa em se justificar: — Não pude evitar.

Ela me mostra o tubo para que eu o veja, tentando explicar. O tubo reluz sob o facho dos nossos faroletes e demoro alguns segundos para ler o nome:

Reyes, Samuel. O avô dela.

— Peguei quando vocês estavam olhando pro Hunter, depois que ele quebrou aquele tubo.

— O Eli roubou um também — digo. Ele me deu.

— De quem é? — ela pergunta.

Olho para Indie. Ela poderia entrar no barco agora e deixar Cassia para trás. Mas não faz isso. Sei que não faria. Não dessa vez. Se você quiser ir para onde Indie quer ir, não vai encontrar um piloto melhor. Ela vai carregar sua mochila e te conduzir em segurança em meio a águas turbulentas. Ela dá as costas para nós e fica de pé, completamente imóvel, debaixo das árvores, junto ao barco.

— Do Vick — respondo.

De início fiquei surpreso pelo fato de ele não ter escolhido o dos próprios pais, e então lembrei que eles não estariam lá. Eli e sua família eram Aberrações fazia muito anos. Vick devia ter sido Reclassificado recentemente, razão pela qual a Sociedade ainda não tivera tempo de excluir seu tubo.

— O Eli confia em você — ela diz.

— Eu sei.

— Eu também confio. O que você vai fazer? — ela pergunta.

— Escondê-lo — respondo. — Até saber quem estava guardando os tubos e por quê. Até saber se a gente pode confiar na Insurreição.

— E os livros que você trouxe da caverna dos agricultores? — ela pergunta.

— Eles também. Vou procurar o lugar certo enquanto margeio o rio — Faço uma pausa. — Se você quiser que eu guarde as suas coisas também, pode deixar comigo. Dou um jeito de fazer elas chegarem a você.

— Não vai ficar muito pesado pra você carregar? — ela pergunta.

— Não — respondo

Ela me entrega o tubo e enfia a mão na mochila para me mostrar um calhamaço de papéis soltos que pegou na caverna.

— Não escrevi nenhuma dessas páginas — ela diz, com dor na voz. — Algum dia eu vou escrever. — Depois ela levar a mão ao meu rosto. — O resto da sua história — ela diz. — Você pode me contar agora? Ou quando eu te reencontrar?

— Minha mãe — eu começo — Meu pai. — Fecho os olhos, tentando explicar. O que eu digo não faz sentido. É uma mera sequência de palavras.

Quando meus pais morreram, eu não fiz nada

Por isso eu queria fazer

Eu queria fazer

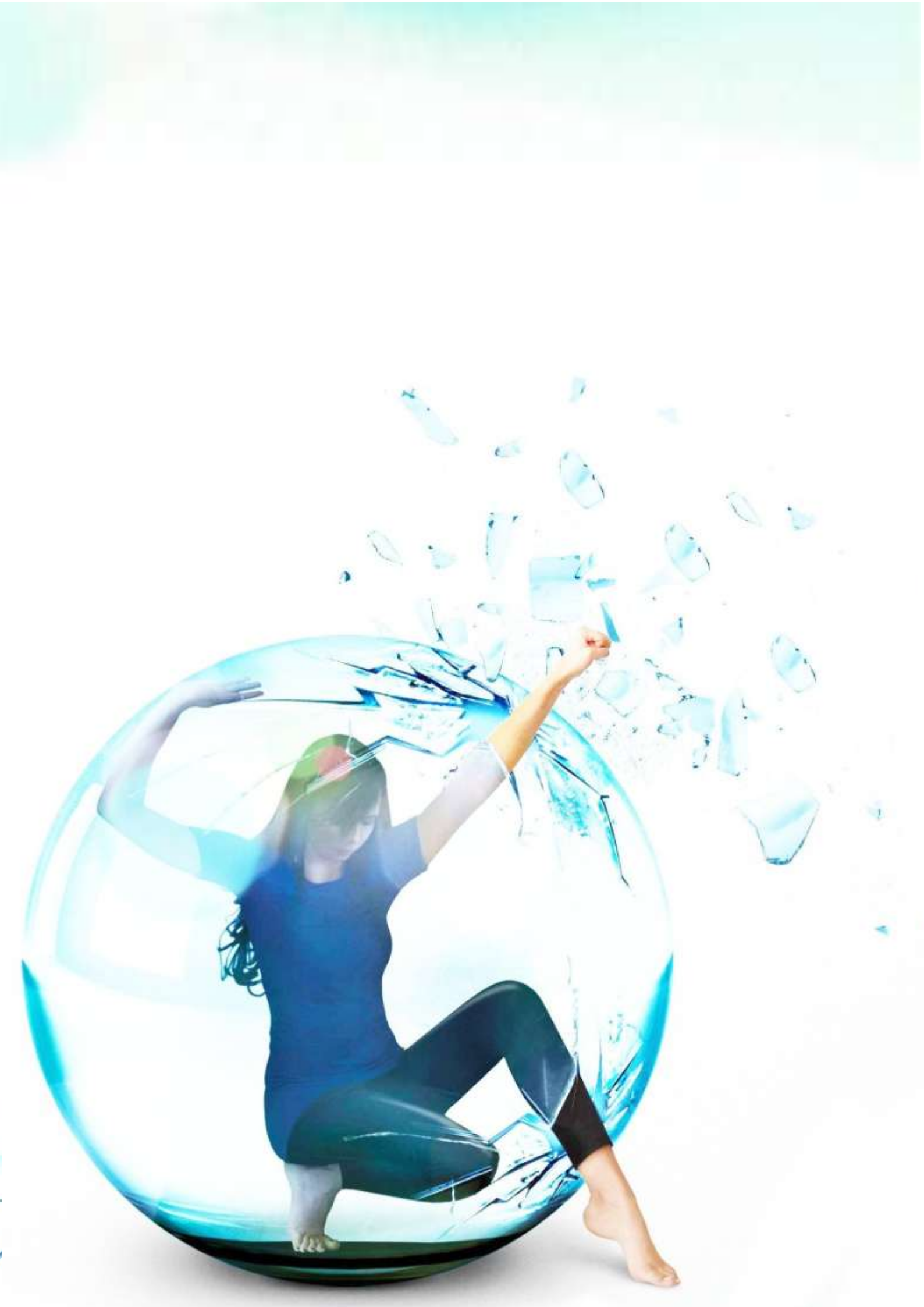
Eu queria fazer

— Alguma coisa — ela diz, baixinho. Ela segura minha mão de novo e a vira, olhando a confusão de cortes, arranhões e tinta e terra que a chuva ainda não conseguiu limpar. — Você tem razão. Não dá pra passar a vida inteira

sem fazer *nada*. E, Ky, você fez alguma coisa quando seus pais morreram. Eu me lembro do retrato que você desenhou pra mim lá em Oria. Você tentou carregar eles.

— Não — eu digo, com a voz trêmula — Eu deixei os dois lá caídos no chão e fugi.

Ela me abraça e sussurra no meu ouvido. Palavras só para mim — a poesia do eu te amo — para me manter aquecido no frio. Com elas Cassia me transforma de cinzas e nada e em carne e sangue.



Capítulo 50

Cassia

— NÃO ENTRE DOCEMENTE — DIGO A ELE, UMA ÚLTIMA VEZ, POR ENQUANTO.

Ky sorri, um sorriso que eu nunca tinha visto antes. É o tipo de sorriso audacioso e despreocupado que seria capaz de fazer as pessoas o seguirem para enfrentar um tiroteio, uma enchente.

— Não tem perigo de isso acontecer — ele garante.

Toco seu rosto, passo as mãos em suas pálpebras, encontro seus lábios, beijo sua boca. Beijo seu rosto. O sal das lágrimas dele tem gosto de mar, e eu não vejo a praia.

Ele se foi, desapareceu entre as árvores, e estou no rio, e não há tempo.

— Faz o que eu te mandar — ordena Indie, jogando um remo nas minhas mãos e berrando por cima do barulho da torrente de água. — Se eu disser esquerda, rema pra esquerda. Se eu disser direita, rema pra direita. Se eu disser abaixa, você abaixa. O facho de luz do farolete dela ofusca meus olhos, e fico aliviada quando ela se vira para olhar para a frente. Lágrimas escorrem por meu rosto, por causa da despedida e da luz.

— Agora — Indie diz, e juntas empurramos o bote para tirá-lo da margem. Por um momento ficamos suspensas, e por fim o riacho nos encontra e nos leva. — Ótimo ela diz. Flocos de neve esparsos salpicam nosso rosto, pequenos riscos brancos na luz dos faroletes. — Se a gente virar, gruda no barco — ela me instrui, aos berros.

À frente, Indie só consegue enxergar o suficiente para ter tempo de tomar uma decisão rápida; ela está classificando de um jeito que eu seria capaz

de fazer, com borrifos no rosto e a água brilhando prateada, galhos escuros nas margens roçando e cortando nossa pele, árvores caídas surgindo de repente no meio do riacho.

Eu a imito, a sigo, faço sombra a suas remadas. E me pergunto como a Sociedade conseguiu capturá-la no mar. Hoje à noite, neste rio, ela *é* um Piloto.

As horas ou minutos não importam, só as mudanças e guinadas na água, os gritos de Indie e os remos batendo na água enquanto os movemos de um lado para o outro.

Olho para cima, uma única vez, ciente de que há alguma coisa acontecendo acima de mim; a noite vai se erguendo, a primeira parte da nova manhã que ainda é negra, mas de um negrume que parece estar desgastando nas pontas, e perco o momento em que Indie grita para que eu reme à direita, então o barco vira, vira no meio do riacho.

Um jorro de água escura e envenenada das esferas da Sociedade desaba sobre mim. Não vejo coisa alguma e sinto tudo, água congelante, pedaços de madeira batendo no meu corpo. É o momento da minha morte, e então alguma outra coisa atinge o meu braço.

Gruda no barco.

Meus dedos tateiam e arranham a beirada, encontro uma alça e me seguro, impelindo meu corpo para a superfície. A água tem um gosto amargo; eu cuspo e me agarro com firmeza. Estou dentro do barco, debaixo dele, presa e salva numa bolha de ar. Alguma coisa cutuca a minha perna. Meu farolete sumiu.

É como a Caverna. Estou presa, mas viva.

"*Vai em frente*", Ky me disse naquele dia, mas ele não está aqui agora.

De repente eu me lembro do dia em que o conheci, aquele dia na piscina azul, quando ele e Xander ficaram debaixo d'água mas depois voltaram à tona.

Cadê a Indie?

O bote emborca de lado e a água se acalma.

Surge uma luz. Indie empurrando o barco. Ela se segura na parte de fora e, sei lá como, ainda está com seu farolete.

— A gente tá num trecho tranquilo — ela diz, sua voz firme. Não vai durar muito. Vem cá e empurra.

Nado até o lado. A água é preta e vítrea. Empoçada numa parte larga do rio, represada por alguma coisa debaixo.

— Você conseguiu ficar com o seu remo? — ela me pergunta e, para minha surpresa, consegui. — No três — ela diz, e conta; viramos o bote e nos agarramos às laterais. Ela pula, rápido, feito um peixe, para dentro do bote e agarra meu remo para me puxar para dentro também.

— Você aguentou firme ela diz. — Achei que eu tinha finalmente me livrado de você — ela ri, e eu também, nós duas gargalhando até que o bote enfrenta a onda seguinte e Indie berra, frenética e triunfante. Eu me junto a ela.

— O perigo pra valer começa agora — Indie me avisa assim que o sol surge, e sei que ela tem razão. As águas do rio ainda correm ligeiras; agora podemos ver melhor mas também podemos ser vistas, e estamos exaustas. Aqui os choupos mais troncados foram sufocados por árvores mais finas e menos frondosas, cujos troncos altos e delgados são cinza-esverdeado e cobertos de espinhos entrançados. — A gente tem que ficar perto das árvores pra se esconder — Indie diz —, mas se formos rápido demais e batermos naqueles espinhos o bote já era.

Passamos por um enorme choupo morto com tronco escamoso amarronzado que desabou no rio, cansado depois de anos agarrado à margem.

Espero que Hunter e Eli estejam nas montanhas, eu penso, e que Ky se esconda nas árvores.

E então ouvimos. Alguma coisa sobrevoando.

Sem dizermos uma palavra, ambas impulsionamos o bote para mais perto da margem. Indie estica o remo até os galhos espinhentos, mas ele escorrega e não se fixa. O bote fica à deriva e eu enfio o meu remo na água, empurrando o barco de volta.

Acima de nós a nave sobrevoa mais perto.

Indie estende o braço e agarra com as próprias mãos um dos galhos espinhentos. Perco o fôlego. Ela segura firme, eu pulo para a água e empurro o barco para o lado, ouvindo o ruído rascante do galho espinhento raspando a lateral do bote. *Por favor não rasgue*, penso. Indie solta o galho, as mãos sangrando, e nós duas prendemos a respiração.

A nave passa. Não nos viram.

— Eu queria um comprimido verde agora — Indie diz, e começo a rir, aliviada. Mas os comprimidos se foram, junto com tudo que a gente tinha, levados pelas águas quando o barco virou. Indie tinha amarrado as mochilas as mochilas a uma das alças do bote, mas a água arrancou tudo apesar dos nós cuidadosos; algum galho ou árvore cortou a corda, e eu devia me sentir agradecida por não ter sido a nossa pele ou o plástico do bote.

Assim que entro de novo no barco, seguimos viagem junto à margem. O sol brilha alto. Ninguém voa no céu.

Penso na minha segunda bússola perdida afundando no rio, como a pedra que era antes de Ky transformá-la.

Anoitece. Os juncos da beira do riacho sussurram e silenciam na brisa, e nos resquícios do pôr do sol em um céu alto e lindo avisto a primeira estrela da noite.

Depois a vejo brilhando no chão também. Ou não no chão, mas na água que se estende, escura, à nossa frente.

— Isso — diz Indie — não é o mar.

A estrela bruxuleia. Alguma coisa passou sobre ela, ou no céu ou na água.

— Mas é tão imenso — digo. — O que mais pode ser?

— Um lago — ela responde.

Um zumbido estranho vem da água.

É um barco, vindo em alta velocidade na nossa direção. Não há como ir mais rápido que ele, e ambas estamos tão cansadas que sequer tentamos. Ficamos sentadas juntas, famintas, com o corpo dolorido, à deriva.

— Espero que seja a Insurreição — Indie diz.

— Tem que ser — digo.

De repente, à medida que o zumbido vai chegando mais perto, Indie agarra o meu braço.

— Eu teria escolhido azul pro meu vestido — ela me diz. — Teria olhado bem nos olhos dele, quem quer que fosse. Eu não teria sentido medo.

— Eu sei — digo

Indie assente e se vira para encarar de novo o que se aproxima. Ela se senta com as costas retas. Imagino a seda azul — a mesma cor do vestido da minha mãe — esvoaçando em torno de Indie. Imagino-a de pé junto ao mar.

Ela é linda.

Todo mundo tem algo de bonito. No início, a primeira coisa que notei em Ky foram os olhos, e ainda hoje eu os adoro. Mas o amor faz você olhar, olhar e olhar de novo. Você repara nas costas das mãos, no jeito de virar a cabeça, na maneira de andar. Quando você ama pela primeira vez, fica cega e vê apenas o glorioso e amado todo, ou a bela soma de todas as partes bonitas. Mas quando vê a pessoa amada como uma série de partes, de por quês — *por*

que ele anda dessa forma?, por que ele fecha os olhos assim? —, pode amar essas partes também, e é um amor ao mesmo tempo mais complicado e mais complexo.

O outro barco chega mais perto e vejo que as pessoas a bordo estão vestindo um traje impermeável. É para não se molharem? Ou será que sabem que o rio está envenenado? Lanço os braços em volta do meu próprio corpo, subitamente sentindo-me contaminada, embora a pele não tenha queimado nos nossos ossos e tenhamos resistido à tentação de beber a água.

— Ponha as mãos pra cima — Indie me instrui. — Assim eles vão ver que a gente não tem nada. — Ela pousa o remo sobre o colo e ergue as mãos para o ar. O gesto é tão vulnerável, tão pouco característico dela, que demoro um pouco para obedecer.

Ela não espera que eles falem primeiro.

— A gente fugiu — ela grita. — Viemos nos juntar a vocês.

O barco chega mais perto. Olho para eles, examinando suas roupas pretas e contando o número de pessoas: são nove deles. È duas de nós. Eles também nos encaram. Será que repararam em nossos casacos da Sociedade, nosso bote estropiado, nossas mãos vazias?

— Vieram se juntar a quem? — um deles pergunta.

Indie não hesita.

— A Insurreição — ela responde.



Capítulo 51

ky

EU CORRO. Durmo. Como um pouco. Bebo água de um dos cantis. Quando ele esvazia jogo fora. De nada adianta encher com água envenenada.

Corro de novo. Sempre em frente, ao longo das margens do rio, mantendo-me sob o abrigo das árvores quando possível.

Corro por ela. Por eles. Por mim.

O sol brilha e reluz no riacho. A chuva parou, mas as poças intercaladas se uniram de novo.

Meu pai me ensinou a nadar num verão em que choveu mais que o normal e alguns buracos na terra viraram piscinas por uma ou duas semanas. Ele me ensinou a prender a respiração, a boiar e abrir os olhos debaixo da água verde-azulada.

Em Oria a piscina era diferente. Feita de cimento branco em vez de rocha vermelha. Dava para ver o fundo na maioria dos lugares, a menos que o ângulo do sol ofuscasse seus olhos. A água e as beiradas se encontravam em linhas precisas e nítidas. As crianças pulavam do trampolim. Parecia que o Bairro todo tinha ido nadar naquele dia. Mas foi Cassia, sentada na beira da cimentada da piscina, quem chamou minha atenção.

Foi seu jeito de estar sentada, tão quieta. Ela parecia quase suspensa no ar, enquanto todo mundo gritava e corria. Por um momento pela primeira vez desde que eu tinha chegado à Sociedade — eu me senti livre de dúvidas e preocupações. Descansado. Quando a vi lá, alguma coisa dentro de mim voltou a parecer certa.

Então ela se levantou, e pela tensão em suas costas pude ver que ela estava preocupada. Ela observa fixamente um ponto específico da piscina, onde um menino nadava debaixo da água, bem no fundo. Caminhei na direção dela, o mais rápido que pude, e perguntei: "Ele está se afogando?"

"Não sei", ela respondeu.

Então mergulhei para tentar ajudar Xander.

Os produtos químicos da água queimaram meus olhos e por um momento tive de fechá-los. No começo a dor e o modo com que a luz ofuscante parecia deixar tudo vermelho atrás das minhas pálpebras me fizeram pensar que eu estava sangrando e ficando cego. Levei as mãos ao rosto para checar, mas senti apenas água, não sangue. Meu pânico me deixou constrangido. Lutando contra a dor, afastei as mãos e abri os olhos de novo para olhar em volta.

Vi pernas e corpos e gente nadando e depois parei de procurar alguém se afogando. Tudo que pensei foi...

... não tem nada aqui.

Eu sabia que a piscina era limpa e impecável, mas vê-la lá de baixo foi tão estranho. Mesmo nas piscinas de água da chuva que só duravam alguns dias a vida tomava conta. Crescia musgo. Insetos aquáticos deslizavam na superfície iluminada pelo sol até que os lagunhos secavam. Mas ali, no fundo daquele lugar, não havia outra coisa a não ser cimento.

Eu esqueci onde estava e tentei respirar.

Quando voltei à superfície, tossindo, pude notar que ela viu as diferenças em mim. Os olhos dela se demoraram no arranhão vermelho em meu rosto, herança das Províncias Exteriores. Mas era como se ela se parecesse um pouco comigo. Ela percebeu as diferenças e decidiu o que era importante e o que não era. Ela riu junto comigo e adorei o jeito como a risada chegou até os seus olhos verdes, enrugando a pele em volta.

Eu era uma criança. Eu sabia que a amava, mas não sabia o que isso significava. Ao longo dos anos tudo mudou. Ela mudou. Eu mudei.

Escondo os tubos e os papéis em dois lugares diferentes. É impossível saber se os tubos ainda tem alguma utilidade fora de seus receptáculos na Caverna — mas Eli e Cassia confiaram em mim. Como precaução caso haja enchentes, eu coloco os tubos num lugar bem alto, no nó de um velho choupo.

Os papéis não vão ter de ficar escondidos por muito tempo, então eu os enterro no chão e marco o local com uma pedra que eu entalho. Fico feliz com o desenho. Podem ser as ondas do oceano. As correntezas de um rio. As sinuosidades que a água do mar desenha na areia.

As escamas de um peixe.

Fecho os olhos por um momento e me permito lembrar das pessoas que se foram.

O arco-íris brilhou no riacho. A grama dourada se entrançou ao longo da margem onde Vick correu e pensou na menina que ele amava. Suas botinas deixaram na terra pegadas sem sulcos.

O sol se põe sobre uma terra que minha mãe achava linda.

Seu filho pintava ao lado dela com as mãos imersas na água.

O marido a beijava na nuca.

Meu pai voltava de um cânion. Enquanto estava lá, tinha visto pessoas crescendo e colhendo lavouras que elas mesmas tinham plantado. Elas sabiam escrever. Ele queria trazer tudo isso para as pessoas que ele amava.

O lago está a apenas poucas centenas de metros saio do abrigo das árvores.



Capítulo 52

Cassia

DEPOIS DE VER TANTOS MORTOS NA ESCULTURA E DE ME DEPARAR COM TANTOS TUBOS IMÓVEIS E SILENCIOSOS NA CAVERNA, A IMAGEM DE VIDA NO ACAMPAMENTO À MINHA FRENTE FAZ MEU CORAÇÃO DAR PULOS DE ALEGRIA. Todas essas pessoas vivendo, se movimentando. Na Escultura cheguei quase a acreditar que éramos as últimas pessoas do mundo. Enquanto somos rebocadas pelo outro barco até a margem do lago, olho de relance para Indie e ela também está sorrindo. Nosso cabelo esvoaça no vento e nossos remos estão pousados sobre nosso colo. *Conseguimos*, eu penso. *Finalmente*.

— Mais duas — anuncia um dos homens no barco da frente, e apesar da minha felicidade por ter encontrado a Insurreição, eu gostaria que ele pudesse ter dito *três*. Logo Ky estará aqui, penso comigo mesma.

Nosso barco raspa a margem e percebo que não é mais *nosso* barco; agora pertence à Insurreição.

— Vocês chegaram bem na hora — diz um dos homens que nos rebocaram. Ele estende a mão coberta por uma luva preta para nos ajudar. — Estamos prestes a nos mudar. Aqui não é mais seguro. A Sociedade sabe onde estamos.

Ky. Será que vai chegar a tempo?

— Quando? — Pergunto.

— O mais rápido que pudermos — o homem responde. Venham comigo. Ele nos conduz até um pequeno prédio de blocos de concreto na beira da água. A porta de metal está trancada, mas ele bate e ela se abre imediatamente.

— Encontramos duas no lago — ele diz, e as três pessoas ali dentro se levantam; o metal das velhas cadeiras da Sociedade raspa o chão quando elas

se afastam da mesa abarrotada de mapas e miniterminais. Usam roupas comuns verdes e seus rostos estão cobertos, mas posso ver os olhos.

— Classifique-as — ordena uma delas, uma Oficial. Vocês estiveram no rio? — ela pergunta.

Assentimos.

Vamos ter de descontaminar vocês. Leve-as lá antes de mais nada. — Depois ela sorri para nós. — Bem-vindas à Insurreição.

Os três Oficiais nos observam enquanto saímos do prédio. Dois homens e uma mulher. Dois têm olhos castanhos, um tem olhos azuis. Todos com marcas de cansaço ao redor dos olhos. Por trabalharem demais? Por desempenharem papéis duplos, um na Sociedade outro na Insurreição?

Eles vão me classificar, mas posso fazer a mesma coisa.

Depois que tomamos banho, uma jovem esfrega nossos braços em busca de sinais de contaminação.

— Vocês estão limpas — ela nos diz. Que bom que choveu, assim o veneno foi diluído. — Depois ela nos leva ao acampamento. Tento assimilar tudo que posso enquanto caminhamos, mas não vejo muita coisa além de outras estruturas de blocos de concreto, pequenas barracas e um edifício enorme, que deve abrigar algo imenso.

Assim que adentramos outro prédio pequeno, a mulher abre uma das portas do corredor.

— Você ficará aqui — ela diz para Indie —, e você, aqui. — Ela abre uma segunda porta para mim.

Vão nos separar. E estávamos tão concentradas em sobreviver que sequer pensamos no que falar.

Eu me lembro do dilema do prisioneiro. É aí que te pegam; é como reconhecer se a sua história é ou não verdadeira. Eu devia ter presumido que a Insurreição também podia usar este recurso.

Não há tempo para tomar decisões. Indie me olha e abre um sorrisinho, e eu me lembro de quando ela me ajudou a esconder os comprimidos na nave.

Já conseguimos esconder as coisas antes. Podemos fazer isso de novo.
Retribuo o sorriso.

Só espero que pensemos em manter as mesmas coisas em segredo.

— Diga seu nome completo, por favor — diz um homem de voz agradável.

— Cassia Maria Reyes.

Nada. Nenhum tremor no rosto, nenhuma hesitação. Nenhum sinal de ter reconhecido meu nome, nenhuma menção ao vovô ou ao Piloto. Eu sabia o que esperar, mas ainda assim sinto uma pontinha de decepção.

Status na Sociedade.

Decida, rápido, o quanto vai contar.

— Cidadã, até onde eu sei.

— Como você veio parar nas Províncias Exteriores?

Vou deixar Vovô e os poemas fora disso; os Arquivistas também.

— Fui mandada pra cá por engano — minto — Um Oficial no meu campo de trabalho me deu ordens de embarcar numa nave com outras meninas e não quis me ouvir quando eu disse que era uma Cidadã.

— E depois? — pergunta o homem.

— Depois fugimos pra Escultura. Um menino foi com a gente, mas morreu. — Engulo em seco. — Chegamos a um assentamento, mas estava vazio.

— O que vocês fizeram lá?

— Encontramos um bote. E um mapa. Decifrei o código. Ele nos ensinou a chegar até vocês.

— Como você ficou sabendo da Insurreição?

Através de um poema. E depois lá no assentamento.

— Alguém mais saiu com vocês da Escultura?

As perguntas são rápidas demais e não me dão tempo de pensar. É melhor que saibam é melhor que saibam da existência de Ky? Ou não? Minha hesitação, embora pequena, já ficou evidente, e respondo com sinceridade porque estou me preparando para mentir sobre outra coisa.

— Outro menino — respondo. — Ele também era dos vilarejos. Não cabíamos todos no bote, por isso ele está vindo a pé.

— O nome dele?

— Ky — respondo.

O nome da sua outra companheira, que está aqui agora?

— Indie.

— Sobrenomes?

— Não sei. O que é verdade no caso de Indie e parcialmente verdade no caso de Ky. Qual *era* o sobrenome dele quando viveu aqui da primeira vez?

— Você encontrou algum sinal indicador de para onde as pessoas do cânion possam ter ido?

— Não.

— O que fez você tomar a decisão de se juntar à Insurreição?

— Não acredito mais na Sociedade depois do que eu vi.

Por enquanto, é só — diz o homem com voz afável, desligando o miniterminal. — Acessaremos seus dados da Sociedade descobriremos o melhor lugar para colocar você.

— Vocês têm os dados da Sociedade? — pergunto, surpresa. — Aqui?

Ele sorri.

— Sim. Constatamos que embora nossas interpretações muitas vezes sejam divergentes, os dados são invariavelmente sólidos e confiáveis. Por favor, aguarde aqui.

Na pequena sala de cimento com paredes completamente desprovidas de vida, penso na Caverna. Lá havia Sociedade por toda parte — nos tubos, na organização, nas portas camufladas. Até mesmo a rachadura em sua estrutura, a entrada secreta que Hunter conhecia, era como as frestas da Sociedade. Eu me lembro de outras coisas. Poeira nos cantos da Caverna. Uma das luzinhas azuis no chão, que estava queimada e não tinha sido substituída. Será que a sociedade ficou sobrecarregada por tudo que tentava controlar e refrear?

Imagino uma mão se soltando, recuando, cortando uma conexão e a Insurreição entrando em cena.

No fim, a Sociedade decidiu que não valia apenas me salvar. Minha Funcionária achava que eu era um experimento interessante. Ela permitiu que eu não tomasse o comprimido vermelho e queria ver o que eu faria. Confundi o interesse pessoal dela com o interesse da Sociedade — achei que talvez me julgassem especial —, mas parece que nunca passei de uma excelente classificadora, um projeto de pesquisa que podia ser jogado fora a qualquer momento porque, no fim das contas, eu acabaria fazendo o que eles já tinham previsto.

O que a Insurreição vai pensar de mim? Terão uma visão diferente dos meus dados? Eles têm que ter. Eles têm mais dados. Sabem da minha fuga para a Escultura e da minha jornada rio abaixo. Corri tantos riscos. Eu mudei. Eu sinto isso. Sei disso.

A porta se abre.

— Cassia — diz o homem. Analisamos as suas informações.

— Sim? — *Para onde eles vão me mandar?*

— Concluimos que a melhor maneira de você servir à Insurreição é atuando dentro da Sociedade.



Capítulo 53

ky

— Diga seu nome completo, por favor.

Que nome devo usar?

— Ky Markham — respondo.

— Status na Sociedade?

— Aberração.

— Como você ficou sabendo da Insurreição?

— Meu pai foi membro dela, muito tempo atrás — respondo.

— Como você nos encontrou?

— Por meio de um mapa que encontramos na Escultura.

Espero que as respostas que estou dando sejam as mesmas que ela deu. Como sempre, não tivemos tempo suficiente. Mas eu confio nos meus instintos e nos dela também.

— Havia mais alguém viajando com vocês além das duas meninas que chegaram mais cedo no bote?

Não — respondo. Essa é fácil. Eu sabia que Cassia jamais entregaria Hunter e Eli, por mais que queira acreditar na Insurreição.

O homem se recosta na cadeira. Sua voz é impassível.

— Então — ele diz. — Ky Markham. Conte-nos mais sobre as razões pelas quais você veio se juntar a nós.

Assim que termino de falar, o homem agradece me deixa sozinho por alguns minutos. Quando volta, fica de pé na porta.

— Ky Markham.

— Sim?

— Parabéns. Você foi escolhido para desempenhar a função de piloto de aeronave e será enviado à Província de Camas para treinamento. Você será de grande valia para a Insurreição.

Obrigado — agradeço.

— Você embarcara hoje no final da noite — ele diz, abrindo a porta. — Coma e durma no saguão principal, com os outros. Ele aponta para uma das barracas maiores. Estamos usando este acampamento para reunir fugitivos como você. A bem da verdade, uma das meninas, com quem você veio ainda deve estar aqui.

Eu o agradeço mais uma vez e me dirijo ao saguão o mais rápido que posso. Quando abro a porta da barraca, ela é a primeira pessoa que eu vejo.

Indie.

Não fico surpreso — achei que isso pudesse acontecer, mas mesmo assim meu coração se enche de decepção. Eu esperava ver Cassia aqui. Agora.

Eu *vou* vê-la de novo.

Indie está sentada sozinha. Quando me vê, vai mais para o final da mesa de forma a abrir espaço para mim. Passo pelos outros, que comem e conversam sobre suas respectivas missões. Há algumas meninas, mas em sua maioria são garotos; aqui somos todos jovens e usamos roupas comuns pretas. Na extremidade oposta da barraca formou-se uma fila para a comida, mas quero falar com Indie. Eu me sento ao lado dela e minha primeira pergunta é a mais importante.

— Cadê a Cassia?

— Mandaram ela de volta pra Sociedade — Indie responde. — Pra Central. Onde o Xander também tá. — Ela espera com o garfo um pedaço de carne. — A Cassia ainda não sabe o segredo dele, não é?

— Ela logo vai descobrir — respondo. — Ele vai contar pra ela.

— Eu sei — Indie diz.

— Como foi que mandaram ela de volta? — pergunto.

— De aeronave. Ela foi mandada pra um campo de trabalho onde alguém da Insurreição pode recolocar as pessoas na sociedade usando o trem de longa distância. É provável, que agora ela já esteja a caminho da Central. — Indie inclina o corpo. — Ela vai ficar bem. A Insurreição verificou os dados dela. A Sociedade ainda nem tinha Reclassificado ela.

Faço que sim com a cabeça, me recostando. Cassia deve estar decepcionada. Eu sei que ela esperava ficar na Insurreição.

— Como foi a viagem? — Indie pergunta.

— Longa — respondo. E o rio?

— Envenenado — ela diz.

Então começo a rir, aliviado por ouvir a confirmação de que Cassia está bem de alguém em que apesar de tudo eu confio. Indie ri também.

— Conseguimos digo. — Nenhum de nós morreu.

— A Cassia e eu caímos no rio — Indie diz —, mas parece que estamos bem.

— Graças à chuva — comento.

— E à minha pilotagem — ela diz.

— Eles vão reparar em você, Indie. Você vai ser importante pra eles. Toma cuidado. — Ela assente. — Ainda acho que você vai fugir — eu digo a ela.

— Talvez eu te surpreenda — ela responde.

— Não seria a primeira vez. Qual é a sua missão de trabalho?

— Ainda não me disseram — ela responde. — Mas vamos partir hoje à noite. Você sabe qual é a sua missão? Para onde você vai?

— Camas. — Se eu tivesse que ir para algum lugar longe de Cassia, Camas seria minha primeira escolha. A terra natal de Vick. Quem sabe eu

possa descobrir o que aconteceu com Laney. — Aparentemente meus dados indicam que eu também seria um bom piloto.

Indie arregala os olhos.

— De aeronaves, nada mais — explico.

Indie me encara por alguns segundos.

— Bem — ela diz, e ouço um tom zombeteiro em sua voz. — *Qualquer um* pode ser piloto de uma aeronave. É só você apontar a nave na direção certa e apertar um botão. Não é como manobrar, num rio. Até mesmo alguém jovem como o Eli poderia... — Ela para, o tom brincalhão em sua voz desaparece, ela abaixa o garfo.

— Também sinto falta dele. — ponho a mão por cima da mão dela e por um momento seguro com força.

— Não mencionei ele em nenhum momento — Indie sussurra. — Nem o Hunter.

— Eu também não falei nada — digo.

Fico de pé. Estou com fome, mas há outra coisa que preciso fazer.

— Sabe a que horas vocês vão partir hoje? — pergunto. Ela nega com um gesto de cabeça. — Vou tentar voltar a tempo de me despedir — digo.

— A Cassia não queria ter ido embora sem te dar tchau — Indie diz. — Você sabe disso.

Faço que sim com a cabeça.

Ela pediu pra eu te dizer que sabe que vai te ver de novo. E que ama você.

— Obrigado.

Fico esperando que a nave da Sociedade sobrevoe o lago, pairando negra e baixa, mas isso ainda não aconteceu. Embora eu saiba que não é isso que

Cassia queria, parte de mim não consegue evitar a sensação de alegria por saber que ela está longe do foco da Insurreição.

Para se integrar aqui, não há problema em mostrar urgência e senso de propósito. Vejo gente embarcando com aeronaves carregando barracas. Não tenho de manter os olhos abaixados. Cumprimento com um aceno de cabeça as pessoas que passam.

Contudo, uma coisa que eu não posso demonstrar é desespero. Por isso, mesmo que a noite caia e eu ainda não tenha encontrado o que quero, não posso permitir que meu rosto dê sinais de preocupação.

Então finalmente vejo alguém que parece ser adequado.

Cassia não gosta de classificar pessoas. Eu faço isso muito bem, e me preocupa a ideia de que posso acabar gostando até demais. É um talento que compartilho com meu pai. E bastam um ou dois passos em falso para que um talento se torne uma arriscada desvantagem em vez de um trunfo.

Ainda assim, preciso arriscar. Quero que Cassia tenha aqueles papéis para negociar lá na Sociedade. Talvez ela precise deles.

— Olá — digo.

O homem ainda não está de malas prontas — alguém que tem de ficar até o final, mas cuja patente é suficientemente baixa para que não participe das reuniões que varam a madrugada junto aos responsáveis pelas decisões estratégicas. Alguém que consegue ser útil e furtivo, competente sem ser excelente. É a posição perfeita para alguém que é — ou era — um Arquivista.

— Olá — ele responde, com expressão vazia e educada, a voz agradável.

— Eu gostaria de saber mais sobre a Gloriosa História da Insurreição — digo.

Ele é rápido para esconder sua surpresa, mas não rápido o bastante. E é experto. Ele sabe que eu vi.

— Não sou mais Arquivista — ele diz. — Estou com a Insurreição. Não negócio mais.

— Negocia, sim — digo.

Ele não é forte o bastante para resistir.

— O que você tem? — ele pergunta, olhando de soslaio ao redor, de maneira quase imperceptível.

— Papéis de dentro da Escultura — respondo. Acho que vejo um brilho nos olhos dele. — Estão aqui perto. Vou te dizer como encontrá-los, e depois preciso que você os faça chegar a uma menina chamada Cassia Reyes, que acabou de ser mandada pra Central.

— E a minha taxa?

— Você escolhe. — É o pagamento a que nenhum Arquivista de verdade consegue resistir. — Você pode escolher uma das coisas, o que você quiser é seu. Mas sei o que tem lá e vou descobrir se você pegar mais que uma. Nesse caso, te denuncio pra Insurreição.

— Os Arquivistas devem ser honestos na negociação — ele diz. Faz parte do nosso código.

— Eu sei. Mas você me disse que não era mais Arquivista.

Então ele sorri.

— Uma vez Arquivista sempre Arquivista.

O encontro com o Arquivista faz com que eu me atrase e não consigo me despedir de Indie. A aeronave em que ela embarcou começa a levantar voo nos últimos raios de sol, e vejo que a parte de baixo da nave está queimada e danificada. Como se tivesse tentado aterrissar em algum lugar onde não era bem-vinda e acabasse sendo recebida com disparos. As armas dos falsos aldeões não conseguiriam ter feito isso.

Acho que estou olhando para uma das naves que os agricultores tentaram derrubar.

— O que aconteceu com aquela nave? — pergunto para um sujeito de pé ao meu lado.

— Não sei — ele responde. — Saiu uma noite dessas e voltou assim. — Ele dá de ombro. — Você é novo, não é? Vai aprender que aqui a gente só fica sabendo das próprias missões. É mais seguro caso a gente seja capturado.

Isso é verdade. E mesmo que eu esteja certo sobre como aquela nave foi queimada pode ter sido outra coisa. Talvez a Insurreição tenha descido para tentar ajudar os agricultores, mas foi confundida com uma nave da Sociedade.

Talvez não.

A única maneira de descobrir como isto aqui funciona é vivendo do lado de dentro.

O Arquivista me encontra horas depois, quando já estou prestes a ir embora. Eu me afasto do meu grupo para conversar brevemente com ele.

— Está confirmado — ele diz. — Ela já chegou à Central. Vou efetuar a negociação imediatamente.

— Ótimo — digo. Ela está a salvo. Disseram que a levariam de volta e levaram. Um ponto para a Insurreição. Você teve algum problema?

— Absolutamente nenhum — ele responde. Depois me entrega a pedra em que entalhei escamas. — Me pareceu uma pena deixar esta pedra aqui para trás, mesmo sabendo que você não vai poder levá-la com você — ele diz. A Insurreição tem regras parecidas com as da Sociedade. Nada de posses materiais desnecessárias. — É uma bela obra de arte.

— Obrigado — agradeço.

— Nem todo mundo sabe fazer letras assim.

— Letras? — pergunto. Então vejo o que ele está querendo dizer. Eu achava que tinha entalhado ondas. Ou escamas. Mas parece mesmo a letra C, repetidas vezes. Ponho a pedra no chão para cara marcar outro lugar em que nós dois estivemos.

— Você já ensinou alguém? — ele pergunta.

— Só uma vez — eu digo.





Capítulo 54

Cassia

É INÍCIO DA PRIMAVERA AGORA, E O GELO NA BEIRA DO LAGO NA CENTRAL COMEÇOU A DERRETER. Às vezes enquanto sigo a pé para o trabalho, olho por cima do trilho no ponto do trem aéreo para ver a água cinza ao longe e os galhos vermelhos dos arbustos ao longo da margem. Eu gosto de parar aqui. Ver o vento balançar a água e roçar os galhos me faz lembrar que, antes de retornar à Sociedade, cruzei rios e cânions.

Mas apreciar a paisagem não é a única razão para eu fazer uma pausa aqui. A Arquivista com quem negocio manda alguém para me observar e ver quanto tempo eu fico parada. É assim que ela sabe se concordei ou não com os termos da nossa próxima troca. Se eu ficar aqui até a chegada do próximo trem — daqui a mais alguns segundos —, significa que aceitei. Ao longo dos últimos meses, os Arquivistas acabaram constatando que sou uma pessoa que não costuma negociar com frequência, mas que possui itens de valor.

Eu desvio o olhar e agora vejo a cidade, sem edifícios brancos e massas de pessoas de roupas pretas caminhando em meio a eles. Isso me faz pensar em quando entrei na Escultura, e mais uma vez me lembro de quando, muito tempo atrás, no Bairro, vi o diagrama do meu corpo, aqueles rios de sangue e aqueles ossos brancos e fortes.

Pouco antes de o trem chegar deslizando, começo a descer as escadas.

O preço está baixo demais. Não aceito. Ainda.

Eu não sabia que tinha isso dentro de mim.

Eu não sabia que tudo aquilo estava dentro dele, também. Eu achava que sabia, mas as pessoas são profundas e complicadas como rios, mantêm sua forma e são entalhadas como pedras.

Ele me mandou uma mensagem. Isso é uma coisa difícil de fazer, mas ele está na Insurreição e já conseguiu o impossível antes. A mensagem me diz onde posso encontrá-lo. Assim que eu sair do trabalho, vou vê-lo.

Hoje à noite. Hoje à noite vou vê-lo.

Ao longo da parede de cimento ao pé das escadas o gelo traçou um desenho. Imagino que é como se alguém tivesse pintado estrelas ou flores exatamente na hora certa; um registro momentâneo de beleza que vai desvanecer rápido demais.

Atenção.

Esta obra foi digitalizada pelo Grupo As Valkirias para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Por favor prestigie o autor e incentive a editora comprando o livro.



Na mitologia nórdica, as **valquírias** eram deidades menores, servas de Odin. O termo deriva do nórdico antigo *valkyrja* (em tradução literal significa "as que escolhem os que vão morrer.")

As valquírias eram belas jovens mulheres que montadas em cavalos alados e armadas com elmos e lanças, sobrevoavam os campos de batalha escolhendo quais guerreiros, os mais bravos, recém-abatidos entrariam no Valhala. Elas o faziam por ordem e benefício de Odin, que precisava de muitos guerreiros corajosos para a batalha vindoura do Ragnarok.

As valquírias escoltavam esses heróis, que eram conhecidos como Einherjar, para Valhala, o salão de Odin. Lá, os escolhidos lutariam todos os dias e festejariam todas as noites em preparação ao Ragnarok, quando ajudariam a defender Asgard na batalha final, em que os deuses morreriam. Devido a um acordo de Odin com a deusa Freya, que chefiava as valquírias, metade desses guerreiros e todas as mulheres mortas em batalha eram levadas para o palácio da deusa.

As valquírias cavalgavam nos céus com armaduras brilhantes e ajudavam a determinar o vitorioso das batalhas e o curso das guerras. Elas também serviam a Odin como mensageiras e quando cavalgavam como tais, suas armaduras faiscavam causando o estranho fenômeno atmosférico chamado de Aurora Boreal.